

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

Devani Tomaz Domingues

**EFEITO DA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA INTERNACIONAL NO MERCADO DE
TRABALHO NA ORIGEM: EVIDÊNCIAS PARA BRASILEIROS/AS DE RETORNO
AO ESTADO DE MINAS GERAIS COM ÊNFASE NA MICRORREGIÃO DE
GOVERNADOR VALADARES**

Belo Horizonte

2017

Devani Tomaz Domingues

**EFEITO DA EXPERIÊNCIA MIGRATÓRIA INTERNACIONAL NO MERCADO DE
TRABALHO NA ORIGEM: EVIDÊNCIAS PARA BRASILEIROS/AS DE RETORNO
AO ESTADO DE MINAS GERAIS COM ÊNFASE NA MICRORREGIÃO DE
GOVERNADOR VALADARES**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Sociologia, sob orientação da Profa. Dra. Elaine Meire Vilela e coorientação do Prof. Dr. Marden Barbosa de Campos.

Belo Horizonte

2017

301

D671e

2017

Domingues, Devani Tomaz

Efeito da experiência migratória internacional no mercado de trabalho na origem: [manuscrito]: evidências para brasileiros/as de retorno ao estado de Minas Gerais com ênfase na microrregião de Governador Valadares / Devani Tomaz Domingues. - 2017.

174 f.: il.

Orientadora: Elaine Meire Vilela.

Coorientador: Marden Barbosa de Campos.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia

1.Sociologia – Teses. 2.Renda - Teses. 3. Trabalho – Teses. I. Vilela, Elaine Meire. II. Campos, Marden Barbosa de. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.



Programa de Pós Graduação em Sociologia
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais

ATA DA DEFESA DE TESE

DEVANI THOMAZ DOMINGUES

Aos 14 (quatorze) dias do mês de julho de 2017 (dois mil e dezessete), reuniu-se a Banca Examinadora de Defesa de Tese de Doutorado, intitulada: **"Efeito da experiência migratória internacional no mercado de trabalho na origem: evidência para brasileiros/as de retorno ao Estado de Minas Gerais com ênfase na microrregião de Governador Valadares"**. A banca foi composta pelos professores doutores **Elaine Meire Vilela** (Orientadora - DSO/UFMG), **Marden Barbosa de Campos** (Coorientador - DSO/UFMG), **Jorge Alexandre Barbosa Neves** (DSO/UFMG), **Dimitri Fazito de Almeida Rezende** (DSO/UFMG), **Sueli Siqueira** (UNIVALE) e **Durval Fernandes** (PUC-Minas).

Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da Banca Examinadora reuniram-se para deliberar, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação
Reprovação da Tese ()

Para constar foi lavrada a presente ata, datada e assinada pelos examinadores.
Belo Horizonte, 14 de julho de 2017.


Profa. Dra. Elaine Meire Vilela (Orientadora - DSO/UFMG)


Prof. Dr. Marden Barbosa de Campos (Coorientador - DSO/UFMG)


Prof. Dr. Jorge Alexandre Barbosa Neves (DSO/UFMG)


Prof. Dr. Dimitri Fazito de Almeida Rezende (DSO/UFMG)


Profa. Dra. Sueli Siqueira (UNIVALE)


Prof. Dr. Durval Fernandes (PUC-Minas)

Av. Antônio Carlos, 6627 - Pampulha - 31.270-901 / Belo Horizonte - MG - Tel. (31) 3409 5031 - e-mail: ppgs@fafich.ufmg.br

Aos meus avós (*in memoriam*) Joaquim e Vicência Verônica, do lado paterno, e Pedro e Jovelina (dona Alzira), do materno. Os primeiros, afro-brasileiros na luta da vida na cidade. Os segundos, na luta da roça, em busca da terra. Pedro, artesão indígena (redes de pesca, arco, peneiras, cuias, gamelas, pilão, dentre outros), e ela a parteira da região do Ibituruna, do Rio Traíra. Aprendi com eles e meus pais, João e Joaquina, que tudo passa. A vida é simples e se traduz no amor e respeito às diferenças, principalmente, vividas no seio de uma família de nove irmãos, além daquela estendida, com tios, tias, agregados, primos naturais e adotivos. Alguns desses ainda no exterior (EUA, Portugal e Espanha) e um querido primo, Genário Vaz, que lá jaz, enterrado em Portugal.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal de Juiz de Fora pela bolsa concedida, por meio do Programa de Apoio à Qualificação para servidores do quadro de pessoal ativo da UFJF (PROQUALI/UFJF), tendo sido importante no custeio de minhas atividades de pesquisa.

À Universidade Federal de Viçosa pelo total apoio ao meu estudo no período em que ainda pertencia ao seu quadro de servidores, facilitando meu deslocamento entre Viçosa e Belo Horizonte, no segundo semestre de 2013 e primeiro de 2014.

Ao Programa de Pós-Graduação de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais pela disponibilização de uma estrutura técnica e pedagógica que foi fundamental para o aprimoramento dos meus conhecimentos, principalmente no campo de estudos sobre metodologia, teoria sociológica e desigualdades sociais. Em especial, destaco o seminário de estudos sobre desigualdades sociais: classe, gênero e raça, ministrado pelo professor Dr. Jerônimo Oliveira Muniz. Importante foram, também, os preciosos momentos de debate e reflexões compartilhados no grupo de estudos em metodologia do Centro de Pesquisas Quantitativas em Ciências Sociais (CPEQS). Carinhosamente, agradeço aos meus colegas de grupo, Leonardo e Alexandre Silva Nogueira. Nessa área de metodologia quantitativa, meu aprendizado deve-se muito aos ensinamentos do professor Dr. Jorge Alexandre, a quem agradeço pelas recomendações apresentadas na minha banca de qualificação do doutorado, além de sua compreensão, paciência e respeito ao meu ritmo e tempo de aprendizado, nas aulas de estatística com análise multivariada, por ele ministradas. Quanto ao estudo da teoria social, devo ressaltar a generosidade e desprendimento do professor Dr. Antônio Augusto Pereira Prates, que se dispôs a ensinar, participar e coordenar produtivos debates sobre as teorias sociológicas, envolvendo-nos enquanto estudantes interessados na preparação para a qualificação do doutorado. E como ajudou-me! Nessa etapa, particularmente agradeço a presença e força das colegas Luciana Alves Drumond Almeida e Flávia Cristina Soares.

À minha orientadora, professora Dra. Elaine Meire Vilela, por proporcionar uma liberdade de produção na mesma medida apontando críticas e sugestões para estruturar e fundamentar minha tese face aos referenciais teóricos e metodológicos. Buscou articular um intercâmbio com outras áreas e profissionais inseridos na discussão do tema e dos conceitos articulados à proposta de pesquisa. Assim, pude contar com contribuições importantes para a conclusão da pesquisa, dispensadas pelos participantes na banca de qualificação do meu projeto de doutorado: professor Dr. Duval Magalhães Fernandes, da Pontifícia Universidade

Católica de Minas Gerais; professora Sueli Siqueira, da Universidade Vale do Rio Doce; professores Dr. Dimitri Fazito Almeida Rezende e Dr. Jorge Alexandre Barbosa Neves, ambos do Departamento do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMG.

Ao meu coorientador, professor Dr. Marden Barbosa de Campos, que desde o primeiro contato, prontamente se colocou à disposição para esclarecimento de dúvidas nos aspectos teórico e metodológico e se fez presente até os acertos finais e conclusão da tese.

À professora Dra. Sueli Siqueira pela longa data de incentivo e presença na minha vida de estudante e pesquisadora, instigando meus questionamentos e auxiliando-me na busca por respostas. Sempre contribuiu com seu conhecimento, disponibilidade e amizade. Apesar dos diversos trabalhos acadêmicos e intensas atividades de pesquisa sobre a migração internacional brasileira, não tem medido esforços para se colocar acessível a todos os interessados nesse campo de estudo. Suas críticas foram importantes para a melhoria da estrutura do meu trabalho. Oportunizou espaços para debate e reflexão sobre meu objeto de pesquisa, além de disponibilizar os bancos de dados de suas pesquisas de campo.

Aos amigos e amigas que me auxiliaram nessa jornada, sendo fundamentais na qualificação e debate teórico, organização da escrita, estruturação dos dados e apresentação das tabelas estatísticas – Cristina Petersen Cypriano, Cláudia Lima Ayer de Noronha, Leonardo Souza Silveira, Matheus Costa Monteiro Lopes e André Araújo Luchine. Nessa rede de amizade, companheirismo e apoio, pude contar também com minha irmã Ana Maria dos Santos Moreira e seu esposo Robson Ubirae Moreira; minha afilhada, Ana Letícia Pastore Trindade, minha filha Junielly e meu filho Mateus – que, à noite, alegrava-me com seu violão.

Aos colegas de trabalho da Universidade Federal de Juiz de Fora – *Campus Avançado de Governador Valadares*, que generosamente ministraram aulas e trouxeram luz aos meus conhecimentos sobre os modelos econométricos e uso do programa *Stata* – professor Dr. Thiago Costa Soares, professora Dra. Juliana Gonçalves Taveira e professor Dr. Hilton Manoel Dias Ribeiro. Ao colega, técnico em tecnologia da informação, Matheus Martins Santos, que me auxiliou, adequando centros de processamento de informática, principalmente para rodar o modelo hierárquico *logit* multinomial e executar o programa *Stata GLLAMM – generalized linear latent and mixed models*.

A toda a minha família pela paciência, carinho e suporte emocional e afetivo. Inspiração maior que pode ser sintetizada no companheirismo de meu marido, José Luiz e na constante oração e delicada presença da minha mãe, Joaquina. Sem esse aconchego não teria alcançado meus objetivos.

E, sobretudo, agradeço a Deus, pela vida, saúde e força. “*Pois tudo passa!*”

RESUMO

O objeto central desta tese é compreender o efeito do processo migratório sobre a inserção do migrante internacional de retorno no mercado de trabalho do país de origem. Tem como foco os brasileiros de retorno ao Estado de Minas Gerais e, particularmente, à Microrregião de Governador Valadares. As questões norteadoras do estudo são: a experiência migratória internacional tem impacto para o indivíduo quanto a sua inserção no mercado de trabalho no país de origem? Se sim, esse impacto é positivo ou negativo? Quais fatores ligados à experiência migratória afeta a situação socioeconômica do indivíduo no mercado de trabalho de origem? A proposta é identificar se o migrante de retorno está em vantagem ou em desvantagem no mercado de trabalho brasileiro em comparação aos nacionais não migrantes e migrantes interestaduais. Ou se ele se encontra em iguais condições aos demais. Para isso, além do fato de ser retornado ou não, investiga-se também quanto os efeitos do destino da emigração, do tempo de residência após o retorno e do fato de professar crença religiosa predominante ou não na comunidade sobre a situação no mercado de trabalho. Por fim, verifica-se o efeito das redes sociais sobre a situação socioeconômica do retornado. A situação socioeconômica no mercado de trabalho é mensurada por meio da renda, da probabilidade de estar empregado e da posição ocupacional. O estudo fundamenta-se nas metodologias quantitativa e qualitativa, explorando uma amostra dos microdados do Censo Demográfico de 2010 (IBGE) e dados secundários provenientes de duas pesquisas realizadas na Microrregião de Governador Valadares, no Estado de Minas Gerais, entre os anos de 2012 e 2015. Além disso, retoma dados primários da pesquisa qualitativa realizada por mim, entre os anos de 2006 e 2007. Na análise da amostra do Censo 2010, utilizam-se técnicas estatísticas de modelagem hierárquica – linear, *logit* binomial e *logit* multinomial com interceptos aleatórios, via GLLAMM (*generalized linear latent and mixed models*). Os resultados mostram que, comparados aos não migrantes e migrantes interestaduais, os retornados de uma migração internacional têm rendimentos médios maiores. Entretanto, quanto estar ou não empregado verifica-se que eles estão em desvantagem, uma vez que os mesmos apresentam menores chances de estarem ocupados se comparados aos não migrantes. Quanto à posição ocupacional, evidencia-se uma razão relativa de risco superior para o retornado, destacando propensão a estar na condição de empregador ou trabalhador por conta própria, em relação a estar empregado. Pode-se afirmar que o destino da emigração afeta o rendimento no mercado de trabalho, evidenciando que os retornados dos Estados Unidos possuem renda média superior aos demais retornados de Portugal e Itália. Ademais, a participação em instituição religiosa e tempo de residência no Estado de Minas Gerais se mostraram com forte poder explicativo no aspecto da empregabilidade, permitindo-nos argumentar sobre a importância das interações e fortalecimento dos laços sociais para a reinserção produtiva. Os relatos evidenciam várias dificuldades enfrentadas no processo de readaptação e empregabilidade na origem, perda de referenciais socioculturais e queda na qualidade de vida econômica. Apesar de apontarem para as dificuldades, os entrevistados manifestam satisfação de estarem de volta e enfatizam a importância dos laços sociais, reafirmando ter sido primordial o apoio da família e dos amigos para a readaptação e inserção no mercado de trabalho.

Palavras-chave: migrante internacional de retorno, renda, empregabilidade, posição ocupacional.

ABSTRACT

The central objective of this thesis is to understand the effect of the international migration process on the insertion of the return migrant into the labor market of the country of origin. Its focus is the Brazilians returning to the State of Minas Gerais and, particularly, the Microregion of Governador Valadares. The guiding questions of the study are: does the international migratory experience have an impact on the individual about their insertion in the labor market in the country of origin? If so, is this impact positive or negative? Which factors related to the migratory experience affect the socioeconomic situation of the individual in the labor market of origin? The proposal is to identify whether the returnees is at an advantage or at a disadvantage in the Brazilian labor market in comparison to non-migrants and interstate migrants. Or whether the returnees are in the same conditions as the others. For this, besides the fact of being returnee or not, it is also investigated the effects of the destiny of the emigration, the time of residence after return and the fact of professing religious belief predominating or not in the community about the situation in the labor market. Finally, the effect of social networks on the socioeconomic situation of the returnee is verified. The socioeconomic situation is measured by means of income, the probability of being employed and the occupational position. The study is based on quantitative and qualitative methodologies, exploring a sample of Minas Gerais microdata from the Brazil Demographic Census of 2010 (IBGE) and secondary data from two surveys carried out in the Microregion of Governador Valadares, Minas Gerais, between the years of 2012 and 2015. In the analysis of the 2010 Census sample, we use statistical techniques of hierarchical modeling – linear, binomial logit and multinomial logit with random intercepts, using GLLAMM (generalized linear latent and mixed models). The results show that, compared to non-migrants and interstate migrants, returnees have higher average incomes. However, in terms of whether employees, they are disadvantaged. Because they are less likely to be employee compared to non-migrants. Regarding the occupational condition, there is a relative higher risk ratio for the returnee is evident, highlighting the propensity to be in the condition of a self-employed - entrepreneurship or worker on own account, in relation to being employee. It can be stated that the destination of emigration affects labor income in the labor market, evidencing that the returnees of the United States have an average income higher than the other returnees of Portugal and Italy. In addition, to participate in a religious institution and the time of residence in the state of Minas Gerais showed strong explanatory power in the employability aspect, allowing us to argue about the importance of interactions and strengthening of social ties for productive reintegration. The reports show several difficulties faced in the process of readjustment and employability at the origin, loss of sociocultural references and decline in the quality of economic life. Despite pointing to the difficulties, the interviewees report satisfaction of being back homeland and emphasize the importance of social ties, reaffirming that it was essential the support of family and friends for the readjustment and insertion in the job market.

Keywords: return migration, income, employability, occupational position.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Modelo adaptado por Yendaw (2013, p. 4)	57
Figura 2 – Divisão das microrregiões no mapa de Minas Gerais, destacando as dez microrregiões com as maiores densidades de migrantes internacionais de retorno a cada 1.000 habitantes, Censo 2010.	106
Gráfico 1 – Distribuição percentual dos brasileiros retornados para as dez microrregiões mineiras com maior presença de migrantes internacionais de retorno por grupo de idade selecionado – Minas Gerais, 2010	107

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 – Variáveis a serem usadas na estimação dos modelos Hierárquico Linear e Hierárquico Logístico Binomial e Multinomial quando comparando migrantes internacionais de retorno, não migrantes e migrantes interestaduais.....	82
Quadro 2 – Variáveis a serem usadas na estimação dos modelos, envolvendo somente os migrantes internacionais de retorno.....	84
Quadro 3 – Variáveis a serem usadas na regressão linear de mínimos quadrados ordinários, envolvendo os migrantes internacionais de retorno, com base na PQ2_EUA_GV.....	103
Tabela 1 – Proporção de presença dos brasileiros/as de retorno do exterior, nas dez principais microrregiões do Estado de Minas Gerais, contrastando à proporção de emigrantes internacionais	105
Tabela 2 – Distribuição percentual de não migrantes, migrantes interestaduais e migrantes internacionais de retorno segundo variáveis selecionadas	110
Tabela 3 – Estimação GLLAMM com a amostra total para análise da probabilidade de o brasileiro retornado estar empregado ou não no mercado de trabalho do Estado de Minas Gerais	113
Tabela 4 – Resultado do GLLAMM para a análise da probabilidade do(a) brasileiro(a) de retorno estar empregado(a) ou desempregado(a) no estado de Minas de Gerais, somente com a amostra dos migrantes internacionais de retorno	115
Tabela 5 – GLLAMM – Resultado para a análise da probabilidade de o migrante internacional de retorno estar ocupado em trabalho por conta própria ou na condição de empregador, envolvendo todos os grupos da amostra.....	118
Tabela 6 – GLLAMM – Resultado para a análise da probabilidade de o migrante internacional de retorno estar ocupado em trabalho por conta própria ou na condição de empregador, segundo o país de procedência do retorno.....	119
Tabela 7 – Resultado para o Modelo Hierárquico do Logaritmo da Renda com toda a amostra	121
Tabela 8 – Resultado para o Modelo Hierárquico do Logaritmo da Renda, somente para os migrantes internacionais de retorno.....	123
Tabela 9 – Migrantes internacionais de retorno segundo a renda do domicílio	129
Tabela 10 – Características dos retornados de Portugal e dos Estados Unidos à MG.....	134
Tabela 11 – Resultado MQO do logaritmo da renda dos migrantes internacionais de retorno dos EUA para a MG.....	138

LISTA DE APÊNDICES

Tabela A1 – Estimção GLLAMM com a amostra total para análise da probabilidade de o brasileiro retornado estar empregado ou não no mercado de trabalho do Estado de Minas Gerais	154
Tabela A2 – Resultado do GLLAMM para a análise da probabilidade de o brasileiro retornado ao Estado de Minas Gerais estar empregado ou desempregado, somente com a amostra dos MIR	155
Tabela A3 – GLLAMM – Resultado para a análise da probabilidade de o migrante internacional de retorno estar ocupado em trabalho por conta própria ou na condição de empregador, envolvendo todos os grupos da amostra.....	156
Tabela A4 – GLLAMM – Resultado para a análise da probabilidade de o migrante internacional de retorno estar ocupado em trabalho por conta própria ou na condição de empregador, somente com a amostra dos retornados, comparando os destinos da emigração em relação aos EUA	157
TABELA A5 – Resultado para o Modelo Hierárquico do Logaritmo da Renda, com todos os grupos – brasileiros retornados do exterior, não migrantes e migrantes interestaduais	159
Tabela A6 – Resultado para o Modelo Hierárquico do Logaritmo da Renda, somente para os migrantes internacionais de retorno, comparando os destinos da emigração em relação aos EUA	160

LISTA DE ANEXOS

PESQUISA – Análise comparativa EUA / Portugal	161
Perfil de saúde dos imigrantes brasileiros retornados a Governador Valadares.....	166

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – O RETORNO COMO OBJETO DE ESTUDO NAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL	20
1.1 – Migração internacional de retorno como problema de pesquisa nas Ciências Sociais ..	20
1.2 – O retorno nas perspectivas teóricas da migração internacional.....	27
CAPÍTULO II – A INSERÇÃO SOCIAL E PRODUTIVA DO MIGRANTE INTERNACIONAL DE RETORNO	44
CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA.....	77
CAPÍTULO IV – MIGRANTES INTERNACIONAIS: BRASILEIROS E BRASILEIRAS DE RETORNO NO ESTADO DE MINAS GERAIS.....	104
4.1 – Características sociodemográficas dos grupos de pesquisa no total da amostra	107
4.2 – Efeito da experiência migratória: empregabilidade, posição ocupacional e renda....	111
4.2.1 – Empregabilidade: análise com todos os grupos da amostra e estritamente com o grupo de migrantes internacionais de retorno	111
4.2.2 – Posição ocupacional comparada entre os grupos da amostra total e sob o efeito do destino, somente no grupo de migrantes internacionais de retorno	117
4.2.3 – Renda envolvendo os grupos de migrante internacional de retorno, não migrante e migrante interestadual	121
4.2.4 – Análise da renda do migrante internacional de retorno comparada aos destinos da emigração	122
4.3 – Migrantes internacionais de retorno na Microrregião de Governador Valadares	124
4.3.1 – Percepções e perspectivas.....	125
4.3.2 – Migração <i>versus</i> dificuldades enfrentadas no retorno de Portugal ou Estados Unidos ..	131
CONCLUSÃO.....	140
REFERÊNCIAS	145
APÊNDICE A – Tabelas completas com os resultados das análises estatísticas referentes a renda, empregabilidade e posição ocupacional com base nos microdados do Censo Demográfico 2010	154
ANEXOS.....	161

INTRODUÇÃO

A migração internacional de retorno como parte constituinte do processo migratório traz para o campo de estudo problemas estruturais e contextuais do mundo contemporâneo, podendo explicitar as desigualdades socioeconômicas nos e entre os países de destino e origem, bem como sintetizar essas mesmas desigualdades no grupo dos próprios atores do processo – os emigrantes que retornam a casa. Significa entender que o processo de retorno, tal como o fenômeno da migração internacional, se caracteriza pela sua complexidade, heterogeneidade e caráter multifacetado (SAYAD, 2000; CASSARINO, 2004)¹. Nesse sentido, torna-se relevante pensar os efeitos da experiência migratória à luz do fenômeno em toda sua completude. Isso exige aprofundamentos teóricos, empíricos e metodológicos, primando por abordagens micro e macrosociológicas para uma melhor compreensão do fenômeno.

O objeto desta pesquisa é a análise do efeito do processo migratório, sobre a inserção do migrante internacional de retorno no mercado de trabalho, na origem². O intuito é responder as seguintes questões centrais: a experiência migratória internacional tem impacto para o indivíduo quanto a sua inserção no mercado de trabalho no país de origem? Se sim, esse impacto é positivo ou negativo? Quais fatores ligados à experiência migratória afeta a situação socioeconômica do indivíduo no mercado de trabalho de origem? A proposta é identificar se o migrante de retorno está em vantagem ou em desvantagem no mercado de trabalho brasileiro ou se ele se encontra em iguais condições em comparação aos nacionais não migrantes e migrantes interestaduais. Para isso, além do fato de ser retornado ou não, investiga-se também os efeitos do destino da emigração, do tempo de residência após o retorno e do fato de professar crença religiosa predominante ou não na comunidade sobre a situação no mercado de trabalho. Por fim, verifica-se o efeito das redes sociais sobre a situação socioeconômica do retornado. A análise comparativa com os nacionais não migrantes e migrantes interestaduais é feita considerando as variáveis referentes ao processo de migração.

¹ Jean-Pierre Cassarino é Ph. D. em Ciências Sociais e Políticas pelo *European University Institute* (EUI). Atuou como professor e pesquisador no *Robert Schuman Centre for Advance Studies* (Florence, Itália). Atualmente é pesquisador do *Research Institute on the Contemporary Maghreb* (IRMC - Tunes). Trabalha, também, no Centro Internacional de Formação da Organização Internacional do Trabalho e para o projeto *Borderlands*, financiado pelo Conselho Europeu de Pesquisa (ERC). Tem feito consultoria para o Parlamento Europeu (Comissão LIBE) e cooperado com a Comissão Econômica da Nações Unidas para a África (ECA) e com o Clube da África Ocidental e da OCDE Sahel (SWAC). O artigo citado foi primeiro publicado na língua inglesa e, no ano de 2013 republicado em português na Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana (REMHU).

² Vale destacar que a origem aqui não se refere ao local de nascimento, mas ao local de retorno após a migração internacional dentro dos limites do território da nacionalidade do emigrado.

No que diz respeito às variáveis referentes ao processo migratório, pretendemos responder às seguintes questões: o local de destino (EUA ou países da Europa, por exemplo) para onde foi o(a) emigrante brasileiro(a) tem efeito sobre a situação dele(a) no mercado de trabalho quando retorna ao país de origem? Há diferenças na situação de mercado de trabalho para aqueles(as) que têm mais tempo de residência em Minas Gerais, comparados aos que têm menos tempo de residência após o retorno? Quem não possui crença ou professa crença religiosa não predominante no contexto comunitário está em uma situação melhor ou pior de quem professa uma religião predominante na comunidade? Como o tempo de emigração afeta na situação de mercado na sociedade de origem? Quais as dificuldades e facilidades encontradas para o alcance da inserção no mercado de trabalho? E o quanto os laços sociais podem contribuir no processo de adaptação e inserção do retornado? Pretendemos responder as questões colocadas acima a partir da mensuração da situação socioeconômica do indivíduo por meio da renda, empregabilidade³ e posição ocupacional.

Para esse fim, apoiamos em uma abordagem sociológica que reconhece a importância do diálogo com outras áreas de conhecimento que se preocupam com o fenômeno e suas dimensões humana, geográfica, econômica, social, cultural e política. Essa abordagem tem como principal referência o pensamento de Abdelmalek Sayad⁴ (1998), que conduziu suas pesquisas dando ênfase à migração internacional como um *fato social total*. Ele observa que essa característica sobre o fenômeno é a única que está em concordância na comunidade científica, devido aos diversos problemas (dificuldades) advindos do próprio processo e, por certo, com maior visibilidade, nos países da imigração (SAYAD, 1998). Contudo, a migração encerra um espaço qualificado com vários sentidos, tanto físico/geográfico, quanto social, cultural, econômico, político, entre outros, propiciando o encontro de diversas áreas que levam a inúmeras possibilidades para produção de saberes específicos, em campos especializados (SAYAD, 1998).

³ Utilizamos o termo *empregabilidade* para nos referirmos à condição de trabalho do indivíduo, focando na situação de sua ocupação quanto ao fato de estar ocupado ou desocupado (em situação de desemprego, em busca de ocupação) no mercado de trabalho.

⁴ Abdelmalek Sayad, sociólogo argelino, foi um importante estudioso do problema da imigração. Suas pesquisas têm como interlocutores os migrantes argelinos radicados na França, em Paris, Nanterre ou Saint-Denis. Ao mesmo tempo, dialoga com os retornados na origem, aldeias de Cabília, na Argélia. Por meio dos interlocutores –e/ emigrantes e retornados –, Sayad (1998) aborda a centralidade do trabalho na imigração, falando dos vestígios da colonização, do processo de modernização e da imigração argelina na França (desde o início do século XX) que, segundo ele, possui um “caráter *exemplar*”, pois, entre outros aspectos, “ela foi, ao que parece, a mais antiga de todas as imigrações originárias dos países que hoje chamamos de países do Terceiro Mundo” (p. 19, grifo do autor), ou países subdesenvolvidos. Conforme nota do próprio autor, essa temática é tratada em “L’immigration algérienne, une immigration exemplaire.” (In: *Les Algériens en France, gèneses el devenir d’une migration*. Paris: Ed. Publisud, 1985. p. 19-49).

Com base nessa linha de pensamento, consideramos importante incorporar as contribuições oriundas de diversos campos de saberes que ora se distanciam e ora se complementam no debate sobre o problema. Ao ressaltar essa ideia, compartilhamos das palavras de Pierre Bourdieu⁵ ao afirmar que com Sayad (1998) “o sociólogo torna-se escrivão público. Ele dá voz àqueles que dela são mais cruelmente despossuídos” (p. 9). Pois Sayad (1998) analisa seus interlocutores em face dos paradoxos e da ambiguidade do fenômeno. Em sua obra, ao explorar seus escritos produzidos entre 1975 e 1988, Sayad (1998) ensina-nos a estudar o fenômeno levando em conta seu caráter de fato coletivo e de itinerário individual. De forma expressa e no seu modo de *fazer ciência*, ele busca elucidar questões relacionadas à migração internacional, entrelaçando os três atores envolvidos no processo – o país de origem, o país de destino e os próprios e/imigrantes.

Categorias como imigrante/emigrante e estrangeiro/nativo só existem sob a perspectiva do processo migratório. Um único sujeito pode ser ao mesmo tempo *imigrante* no destino e *emigrante* na origem, que concretiza o retorno, ou idealiza o plano do retorno, alimentando uma nostálgica ilusão da volta ao lugar de partida. Enquanto se mantém a condição de i/emigrante, o *trabalho* torna-se um forte álibi para a justificativa da presença e ausência que se prolongam no tempo, tanto no estrangeiro quanto na origem (SAYAD, 1998; 2000). Com a concretização do retorno e a residência na origem, seja ela temporária ou mais duradoura, temos o *sujeito retornado* e todas as nuances e os efeitos do processo migratório tanto para esse agente quanto para seus familiares e comunidade. Com um caráter transversal, o trabalho se apresenta, certamente, como um forte sustentáculo para a inserção social e produtiva do retornado na origem. A noção de *reinserção* enquanto pensamento do Estado-Nação reporta à política de incentivo ao retorno de migrantes à origem em contraposição ao processo de adaptação e inserção no mercado de trabalho do país de imigração, sendo, portanto, o termo álibi do processo de retorno e servindo como um elemento de mediação que justifica e legitima as relações de forças entre os países recebedores e emissores de migrantes (SAYAD, 2000).

Além dessa perspectiva, o termo *reinserção* aparece de diferentes formas na literatura estudada (SIQUEIRA, 2006; RIVERA-SÁNCHEZ, 2013). Ele abrange o processo de readaptação e investimento produtivo na origem, indo desde o debate sobre o uso das remessas e dinheiro ‘economizado no exterior’ na abertura de negócios com investimentos de médio ou grande porte, ou na ‘criação do próprio posto de trabalho’ (trabalhador por conta

⁵ Autor do prefácio da obra de Sayad (1998), intitulado “Um analista do inconsciente”, p. 9-12.

própria), até o processo de reestabelecimento dos laços sociais e a reinserção na condição de empregado no mercado de trabalho formal. Aqui, com o emprego do termo, nos interessa investigar na literatura todas as formas encontradas pelo migrante internacional de retorno para a obtenção de emprego e renda no país de origem.

Como problema de estudo, o processo migratório se apresenta como um caleidoscópio que requer cuidadosa análise das suas múltiplas dimensões. Assim, estudar conjuntamente ideias paradoxais objetivadas em termos como *individual-coletivo*, *natural-estrangeiro*, *presença-ausência*, *passado-presente*, *eu e o outro*, *inserção/reinserção*, dentre outros, torna-se um empreendimento desafiador e ao mesmo tempo instigante. É justamente a complexidade do estudo e o diversificado pensamento teórico sobre o fenômeno que servem como base e motivação para delimitar nosso objeto de estudo, voltando o olhar para o sujeito retornado e o efeito da experiência migratória em seu itinerário laboral na origem.

É nosso interesse também *dar voz* aos retornados e desenvolver uma análise que contribua no aprofundamento sobre questões pertinentes à presença deles entre os demais nacionais, trazendo reflexões para se pensar nas políticas públicas frente ao problema. Por outro lado, a significativa participação do Estado de Minas Gerais no fenômeno da migração internacional brasileira, a disponibilidade e potencial de informações contidas nos microdados do censo demográfico brasileiro (IBGE, 2012), bem como o acesso aos bancos de dados de estudos coordenados pela pesquisadora Sueli Siqueira⁶, justificam nosso plano de limitar o estudo ao Estado de Minas Gerais e, em seguida, focar na Microrregião de Governador Valadares (MGV)⁷. Portanto, o presente estudo pretende preencher algumas lacunas, testar hipóteses de pesquisa e abrir espaço para outras problematizações sobre o fenômeno.

No levantamento bibliográfico sobre os estudos de teses e dissertações brasileiras, defendidas entre 1995 e 2009, voltados ao fenômeno do retorno, Vilela e Lopes (2011) mostram a contribuição das pesquisas desenvolvidas por Catanio (2000), Esteves (2000), Hirano (2005), Peres (2006), Nunan (2006), Siqueira (2006) e Domingues (2008). São estudos que se destacam pela relevância e diversidade das temáticas analisadas em cada um deles. Eles trazem ao debate acadêmico questões sobre motivações, dificuldades e iniciativas dos migrantes de retorno no processo de adaptação ao meio social e inserção produtiva

⁶ Pesquisadora sobre a emigração e retorno de brasileiros. Coordenou diversos projetos de pesquisas, desenvolvendo trabalhos de campo nos Estados Unidos, Portugal, Reino Unido e várias localidades mineiras. Atualmente, exerce suas atividades de docência e pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – UNIVALE.

⁷ No decorrer deste trabalho utilizaremos a sigla MGV para identificar a Microrregião de Governador Valadares, sendo essa uma a se destacar entre as 66 (sessenta e seis) microrregiões que integram o Estado de Minas Gerais – Brasil.

(VILELA; LOPES, 2011). Apesar de não citada pelas autoras, a dissertação de Weber Soares (1995) foi preponderante na discussão sobre os efeitos do processo migratório na origem, envolvendo os investimentos de emigrantes e retornados no setor imobiliário da cidade de Governador Valadares, no Estado de Minas Gerais.

Posteriormente, o campo de estudo na academia brasileira ampliou-se, trazendo questões relacionadas a aspectos teóricos e empíricos dos fluxos de emigração e de retorno (SOARES, 2009; FAZITO, 2010; FUSCO; SOUCHAUD, 2010; NUNAN, 2012; SOUSA, 2016; SOUSA; FAZITO, 2016), além das análises e evidências empíricas, discutindo sobre autosseleção dos migrantes internacionais brasileiros (RIBEIRO, 2013), a crise financeira, motivações para o recente aumento do fluxo de retorno de brasileiros e o perfil dos retornados em determinadas localidades (FERNANDES *et al.*, 2010; FERNANDES; CASTRO, 2013; PEREIRA; SIQUEIRA, 2013; SILVA; FERNANDES, 2014b), bem como a situação social e econômica em que se encontram os retornados em alguns lugares brasileiros, como, por exemplo, no Estado de Rondônia, nas cidades de Anápolis e Goiânia (Goiás), Criciúma (Santa Catarina), Teófilo Otoni (MG) e Poços de Caldas (MG) (ANÍCIO, 2011; CARDOSO, 2011; ALVARENGA, 2014; SILVA; FERNANDES, 2014a; BOTEGA, 2015). Essa produção em curso demarca a relevância do tema e nos instiga a explorar novos aspectos e problematizar sobre o efeito da experiência migratória no mercado de trabalho, buscando avançar no estudo sobre o fenômeno.

Especificamente em relação aos efeitos da experiência migratória na situação socioeconômica do retornado, a literatura internacional tem investido em estudos sobre diversas questões. Entretanto, a literatura brasileira ainda é incipiente sobre o tema. Nesses estudos, há um debate em voga que divide duas perspectivas com relação ao migrante internacional de retorno – uma mais otimista e outra mais pessimista. Há estudos que colocam esse indivíduo como estando em vantagem no mercado de trabalho na origem comparado aos não retornados, devido ao *status* sociocultural adquirido, aos capitais econômico, social e humano acumulados/aprimorados no exterior, à sua capacidade empreendedora e de liderança, entre outros fatores. Nessa corrente de pensamento sobressai-se o *sucesso* do projeto migratório diretamente atribuído à agência individual num mercado que valoriza os atributos adquiridos, dando destaque ao potencial de inovação e mobilidade social do migrante no país de origem (DURAND, 2006). Nessa direção, estudos no campo das ciências econômicas focam na propensão de os retornados se tornarem empreendedores ou trabalhadores por conta própria, estabelecendo relação entre migração e escolha ocupacional (PIRACHA; VADEAN, 2010) e migração e desenvolvimento.

Do outro lado, estão aqueles estudos que fazem sobressair as dificuldades de readaptação à comunidade de origem, perda de referenciais simbólicos e/ou enfraquecimento dos laços sociais, estagnação no processo formal de escolarização, deterioração da saúde física e psicológica. Soma-se, ainda, a perda de foco nas trajetórias laborais (NUNAN, 2006). Desse modo, a experiência migratória se traduz em custos individuais e coletivos, desfavorecendo a inserção social e produtiva do indivíduo – nesse caso, contrariamente sobressai o *fracasso* (MUSCHKIN, 1993; CONNELL *et al.*, 2009; RIVERA-SÁNCHEZ, 2013; SABAR, 2013; SIQUEIRA; BRANDES, 2015).

Entre os referenciais teóricos que direcionam a esse pensamento mais pessimista, podemos citar a perspectiva histórico-estrutural, situando a migração no contexto contemporâneo e colocando os deslocamentos de trabalhadores fundamentalmente relacionados às desigualdades no mercado de trabalho e à circulação de mão de obra de países em desenvolvimento para os países de economia central. Além disso, esses referenciais fundamentam-se em pesquisas que colocam em evidência que a maioria dos emigrantes passam um tempo, longo ou curto no exterior, ocupando postos de trabalhos segmentados ao setor secundário – caracteristicamente precários, com baixos salários e indesejados pelos nativos (PIORE, 1979) –, não adquirindo diferencial (qualificação) para uso no retorno à terra natal (NUNAN, 2006).

Trabalhando ao mesmo tempo com *sucesso e fracasso*, alguns estudos têm desenvolvido formas interseccionadas de análise, mostrando possibilidades de mudanças, aumento do bem-estar e mobilidade social de retornados combinadas com os entraves e dificuldades como um efeito paralelo. Destacando outros fatores, além daqueles estritos ao pensamento econômico, essas abordagens estabelecem limites e possibilidades do sucesso (SIQUEIRA, 2009; ALVARENGA, 2014).

Os elementos transversais dessas abordagens podem ser situados nos próprios estudos que evidenciam diferentes territórios e contextos sociais, a agência humana, a heterogeneidade do processo e a diversidade da experiência migratória. Nessa perspectiva, o impacto do processo migratório se difere e depende tanto da capacidade de preparação para o retorno e acesso às informações sobre o mercado e a sociedade quanto do contexto do lugar para onde se volta (CASSARINO, 2004; HIRANO, 2005; SIQUEIRA, 2009; ALVARENGA, 2014; BOTEAGA, 2015). Portanto, um fator preponderante seria a estrutura social, imperando a dificuldade de aproveitamento da experiência migratória, mesmo quando logram sucesso com a acumulação de capitais humano, econômico e social. Pois aspectos estruturais (fatores econômicos, culturais, históricos, entre outros) do país e da comunidade de origem tendem a

constranger a otimização da experiência migratória. Normalmente, mudanças não são bem-vindas e há resistência às inovações vindas do estrangeiro, planejadas e propostas por investidores retornados (CERASE, 1974).

Tornando mais complexa essa abordagem, ainda, apresenta-se evidências da participação dos retornados no *mercado da migração*, em que se aproveita a experiência do retornado, seus laços sociais e aprendizagem da língua estrangeira e de conteúdos culturais para envolver-se no sistema migratório, próprio de comunidades onde se constitui uma cultura migratória (SOUSA, 2016; SOUSA; FAZITO, 2016).

Assim, para buscar respostas às questões de pesquisa, propomos trabalhar conjuntamente essas diversas abordagens teóricas (as quais serão desenvolvidas posteriormente) e com metodologias quantitativa e qualitativa para aprofundar conhecimento e possibilitar uma análise mais detalhada acerca do fenômeno. Embora esta tese tenha um capítulo exclusivamente para explicitar os procedimentos metodológicos da pesquisa, vale pontuar aqui sobre o desafio e a importância do trabalho com os dois métodos de maneira combinada. O esforço se traduz em ganho ao possibilitar a análise do objeto de estudo de forma mais ampla e fertilizada por duas vias. Apesar das particularidades de cada método, ambos possuem formas padronizadas de coleta e análise de dados e têm como finalidade uma produção mais precisa do conhecimento científico.

Dessa forma, a pesquisa tem como unidade de análise o/a brasileiro/a que retornou do exterior e estava residindo no Estado de Minas Gerais. Essa declaração foi dada à época da realização do censo demográfico 2010 (IBGE, 2012) e das pesquisas de campo realizadas na cidade de Governador Valadares entre 2006 e 2007 (DOMINGUES, 2008) e em cidades da MG⁸ – Governador Valadares e Alpercata, entre 2012 e 2015, sob a coordenação da pesquisadora Sueli Siqueira. Portanto, além de a pesquisa restringir-se ao Estado de Minas Gerais, foi feito um recorte para abarcar o fenômeno, de forma mais pormenorizada, os casos das cidades selecionadas. Estas específicas pesquisas complementam o estudo, contribuindo com a análise mais minuciosa do fenômeno pela apreensão dos conteúdos sociais e subjetivos presentes nas entrevistas estruturadas e em profundidade. Através dos questionários e relatos, os retornados salientam percepções e experiências vividas e sentidas, bem como esclarecem sobre maneiras, dificuldades e facilidades encontradas para a inserção social e produtiva.

⁸ A MG⁸ é formada por 25 municípios, a saber: Alpercata, Campanário, Capitão Andrade, Coroaci, Divino das Laranjeiras, Engenheiro Caldas, Fernandes Tourinho, Frei Inocêncio, Galiléia, Itambacuri, Itanhomi, Jampruca, Marilac, Matias Lobato, Nacip Haiddan, Nova Módica, Pescador, São Geraldo da Piedade, São Geraldo do Baixio, São José do Divino, São José do Safira, Sobrália, Tumiritinga, Virgolândia e a cidade de Governador Valadares, como polo da microrregião.

Assim, pretendemos explorar dados censitários para uma análise mais geral e dados secundários de pesquisas de campo para uma análise mais específica. Além disto, revisitamos também dados primários de entrevistas feitas entre 2006 e 2007⁹ com retornados na cidade de Governador Valadares, visando aprofundar e trazer novos conteúdos ao debate desse estrito campo de estudo. O interesse específico é complementar o estudo, trabalhando a temática à luz dos avanços teóricos.

Com a finalidade de prosseguir o debate e desenvolver o tema de estudo, apresentamos, a seguir, no capítulo I uma revisão da literatura com reflexões sobre o retorno nas perspectivas teóricas da migração internacional e alguns estudos com produção de evidências sobre o fenômeno. Também, evidenciamos o processo migratório e as tipificações das experiências, individuais e coletivas, realçando teses importantes para o debate sobre o fenômeno e a familiaridade com as abordagens.

No segundo capítulo perfazemos a produção bibliográfica sobre a inserção social e produtiva do migrante internacional de retorno ao país de origem, com o intuito de aprofundar o estudo e expor as questões da tese, seguidas pelas hipóteses de pesquisa. Assim, trazemos para o debate algumas categorias teóricas e conceituais que tomaremos como referência ao longo deste estudo e nas análises a serem desenvolvidas. No terceiro capítulo especificamos e detalhamos a metodologia da pesquisa, procurando esclarecer sobre a estrutura teórica dos modelos estatísticos adotados, bem como sobre a estrutura e organização dos estudos específicos desenvolvidos na MG. No quarto capítulo discutimos os resultados desta pesquisa por meio de análises específicas para o Estado de Minas Gerais e a MG. Por último, expomos a conclusão com as considerações finais da tese.

⁹ As entrevistas foram por mim realizadas à época da preparação da dissertação de mestrado, defendida em março de 2008. Agradeço pelos comentários e sugestões da banca de defesa, em particular, pelas orientações recebidas do professor Jorge Alexandre Barbosa Neves e da professora Sueli Siqueira, ao longo do processo da dissertação. Intitulada *Dos Estados Unidos para Governador Valadares: conexões e desconexões*, a pesquisa mostra os impactos da reentrada ao país de origem para o emigrante que retorna – como ele idealiza e em quais condições e de que forma ele viabiliza o projeto de retorno.

CAPÍTULO I – O RETORNO COMO OBJETO DE ESTUDO NAS PERSPECTIVAS TEÓRICAS DA MIGRAÇÃO INTERNACIONAL

Nosso objetivo neste capítulo é apontar a singularidade e a importância do retorno, no contexto da migração internacional contemporânea, bem como o processo de migração afetando o retorno. Com essa finalidade, buscamos refletir sobre a temática do retorno e a experiência migratória com base nas diferentes abordagens teóricas e conceituais sobre o fenômeno da migração internacional, levantando alguns pontos do debate teórico evidenciados na literatura brasileira e internacional.

1.1 – Migração internacional de retorno como problema de pesquisa nas Ciências Sociais

No campo das ciências sociais, o tema sobre o retorno ao país de origem vem ocupando um importante espaço na agenda de pesquisas das universidades brasileiras e internacionais. Em que pese a evidência de um menor volume de produção científica com esse foco em relação à centralidade de estudos sobre a imigração e a emigração para o exterior, os estudos têm levantado diferentes questões em diversas localidades. A literatura brasileira vem contribuindo no avanço teórico com uma aprimorada análise do fenômeno em suas diversas dimensões (ASSIS; SASAKI, 2001; VILELA; LOPES, 2011).

As razões da reduzida produção bibliográfica sobre o retorno podem ser explicadas, dentre outros fatores, pela ausência ou insuficiência de dados quantitativos para subsidiar estudos comparativos, e pelo fato de o fluxo de retornados ser geralmente menos volumoso – a quantidade de pessoas na condição de retornado em relação ao número daqueles que emigram ou imigram é menor (JIMÉNEZ *et al.*, 2002; CASSARINO, 2004). Mesmo em menor volume, toda a produção em curso tem contribuído para a compreensão de aspectos estruturais e singulares do fenômeno, como, por exemplo, o silêncio dos interlocutores quanto aos aspectos negativos do processo migratório, a construção de novos arranjos familiares, a cumplicidade dos atores¹⁰ (consciente ou inconscientemente), bem como a naturalização do fenômeno e a invisibilidade das dificuldades, objetivas e subjetivas, de todo o processo.

Adicionalmente, observa-se que o retorno de migrantes laborais se presta ao ajustamento de questões, além das pessoais, de ordem política e econômica entre os países de origem e destino, denunciando uma relação de forças e dominação (SAYAD, 1998; 2000; FAZITO, 2010). Ele ocorre muitas vezes de forma forçada, com base em interesses

¹⁰ Conforme Sayad (1998, 2000) os atores são os e/imigrantes e os países de destino e origem.

econômicos e em políticas de imigração mais duras e restritivas, implementadas nos países hospedeiros. Ou seja, imigrantes não documentados podem ser constrangidos ao retorno, sem planejamento e a devida preparação, por meio da deportação ao país de origem. Nesse sentido, o elemento característico do retorno não desejado é a objetiva falta de escolha entre regressar ou não – o migrante é constrangido a mudar os planos, por exemplo, devido a conflitos, deportação e crises econômicas no país receptor (RICHMOND, 1988). Por outro lado, o retorno voluntário se caracteriza pela busca e/ou aceitação de incentivo para adesão aos chamados programas de retorno voluntário, geralmente implementados pelo país de imigração com a tutela do país do emigrado. Outros fatores de motivação ao retorno são os acontecimentos sociais e/ou imprevistos, pessoal ou familiar, como, por exemplo, doença, morte, nascimento, casamento e separação. Entre estes, incluem-se também (ou se destacam como justificativa central) aqueles de ordem econômica estampados na crise financeira, a partir de 2008, que assola diversos países receptores, como, por exemplo, Portugal e Estados Unidos (FERNANDES *et al.*, 2010; SIQUEIRA; SANTOS, 2012; BALLESTEROS *et al.*, 2014). De forma mais positiva e com caráter voluntário, o retorno se concretiza pelo fato de o migrante laboral ter alcançado seus objetivos e, por decisão própria e/ou familiar, retoma o caminho de casa.

O sujeito retornado em seu país de origem não representa uma anomalia ou ameaça aos outros nacionais, porque regressar muitas vezes faz parte do processo migratório em sua forma paradoxal da alteridade, naturalizada e desprovida do caráter político que ele possui (SAYAD, 1998; 2000). Esse fato, aparentemente natural e normal, nos conduz a reflexões relacionadas à produção científica e às restritas políticas de apoio e assessoria ao retornado. Quais as implicações desse retorno, tanto para esse sujeito quanto para o país e a comunidade local? Na condição de emigrante, o sujeito demanda políticas de seu país de origem, contando com o apoio das redes consulares no exterior. Geralmente são formadas comunidades no destino da imigração. No país de origem o emigrante, muitas vezes, assume um valor simbólico de *herói*, no sentido de representação para seus familiares e comunidades como aquele que, mesmo ausente, assume os riscos, contribui para o sustento e a melhoria das condições da família, impactando positivamente a comunidade de origem com suas remessas de dinheiro. A personificação do “herói” e do *sucesso* é propagada pelos meios de comunicação, consolidando-se como referência na cultura local (PINTO, 2011).

Porém, o problema permanece – quem é o sujeito que retorna e quais efeitos da experiência migratória? Se, por um lado, ele pode personificar o *fracasso* e representar um problema para o lugar de origem por não contribuir com aqueles que ficaram ao voltar

desprovido de recursos econômicos, por outro, geralmente, ele é o sujeito que figura como um *herói*, que traz recursos econômicos e pode gerar empregos na comunidade, investindo na abertura de novos negócios. Mesmo com uma supervalorização ou não, o migrante precisa ter disposição e empenho na preparação do retorno, acessar todas as informações disponíveis (antes e depois do retorno) e mostrar criatividade para lograr êxito no retorno, garantir seu lugar e reinserir-se no meio produtivo (CASSARINO, 2004; 2008).

No processo da emigração, o sujeito já se mostra como um agente criativo ou figura como líder entre seus pares ao assumir o desafio de sair de seu lugar para o estrangeiro, visando buscar melhores condições de vida para si e sua família. Alguns saem de pequenas cidades para grandes centros de produção e consumo, tendo que se situar nesse novo meio social. Politicamente, ao retornar ao seu lugar de origem, como um nacional, ele não incomoda frontalmente os conterrâneos, pois volta para o lugar dele, não estando mais na condição de estrangeiro e tampouco na condição de emigrante, mesmo levando em conta os relatos individuais que desnudam sentimentos de estranhamento do seu próprio lugar de origem.

Ademais, geralmente, o migrante de retorno não busca ou não encontra ações políticas de assessoramento ao regresso, tendo que assumir novos desafios, que exige despreendimento, resiliência e adaptação ao ritmo de vida do ambiente familiar e comunitário (BRANDES; SIQUEIRA, 2015). A justificativa da dificuldade de readaptação ao lugar de origem deve-se, em parte, pelo fato de que o migrante laboral, quando volta a casa, perde a centralidade da vida, antes fundada no trabalho, com a perspectiva de conhecer uma nova cultura e com a meta de ganhar dinheiro e poupar para garantir alguma compensação no retorno. O retorno aliado ao processo migratório como um todo, ao invés de fechar um ciclo e concretizar um projeto, pode significar novas escolhas e situações, tendo que conciliar memórias e otimizar experiências para viabilizar a ambientação ao cotidiano, à estrutura familiar e ao mercado laboral. Nessa situação, muitos se reencontram (ou se desencontram) em constantes trânsitos, entre idas e vindas (ASSIS, 2011).

No levantamento bibliográfico internacional sobre a migração de retorno realizado por Jiménez *et al.* (2002)¹¹, nas décadas de 1980 e 1990, foram selecionadas ao todo 383

¹¹ Os autores buscaram dar uma ampla visão ao tratamento científico da migração de retorno através do levantamento da produção bibliográfica dos anos oitenta e noventa, numa escala internacional. Nesse levantamento incluíram a bibliografia tanto do retorno voluntário quanto a de outras formas de retorno, como, por exemplo, o retorno de exilados, refugiados e demais processos de repatriação e perda da condição de exilado. A pesquisa foi sistematizada em três bases de dados bibliográficos, sendo duas de língua inglesa – Popline e Population Index – e uma espanhola – ISSO – Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid. Por

referências bibliográficas, destacando um volume maior a partir de 1984, em que se registraram 15 publicações, mantendo no período de 1985 a 1990 uma média de 21 publicações por ano. Já no período de 1991 a 1999 a média de publicação foi em torno de 26. Esse aumento da produção científica internacional, segundo os autores, está correlacionado ao fluxo de retorno de europeus devido à crise mundial de 1973, que demandou a atenção de pesquisadores e dos agentes da política pública. Até essa data a migração europeia se caracterizava pela saída massiva de pessoas para países de destino que, comparativamente ao país de origem, demandavam mão de obra, sem necessariamente exigir qualificação, e ofertavam melhores expectativas sociais e laborais (JIMÉNEZ *et al.*, 2002). Um fato que realça essa preocupação com o retorno foi a publicação das Atas da Primeira Conferência Internacional sobre a Migração de Retorno em 1984, que foi realizada em Roma em 1981.

Ao demarcar uma crescente agenda de importantes pesquisas no âmbito internacional, o estudo de Jiménez *et al.* (2002) aponta, também, para os principais temas e unidades espaciais investigadas. Na literatura analisada, o retorno é abordado, em alguns casos, como um fenômeno interno e em outros como um fenômeno interestatal. Os autores observam que, dentre os países europeus, o maior número de referências bibliográficas corresponde à Espanha. Já dentre os países da América Latina, há predominância de referências ao Uruguai, Porto Rico, México e Argentina. No caso da Argentina e do Uruguai, os estudos analisados focam no retorno da população exilada durante as respectivas ditaduras militares. Por outro lado, os estudos relativos a Porto Rico e México trazem uma abordagem da emigração voluntária que é, geralmente, justificada por motivos econômicos e pela expectativa de melhora do *status social*. Quanto à Região Asiática, há predominância de estudos sobre a Índia, China, Paquistão e Turquia. Na América do Norte se registra igual interesse realçando a quantidade significativa de emigrantes recebidos na região e a relevante atenção dispensada pelo Instituto Econômico Nacional de Investigação dos Estados Unidos, que empreendeu estudos sobre o retorno em cinco países, no início do século XX: Espanha, Grã-Bretanha, Itália, Suíça e Finlândia. Em contraste, com um menor número de trabalho, observam-se os estudos sobre a África e em último lugar, a Oceania (JIMÉNEZ *et al.*, 2002).

Preocupados com o retorno dos migrantes espanhóis, Garrido e Olmos (2005) argumentam que o retorno é um movimento complexo que não pode se circunscrever a um só aspecto ou teoria, pois as motivações para o retorno são multicausais e envolvem fatores de ordem individual, familiar e contextual. Os estudiosos analisam comparativamente as

motivo de interesse focado no retorno de espanhóis, os pesquisadores priorizaram, também, as publicações sobre a migração de retorno para a Espanha, mesmo estando fora dessas bases de estudo.

diferenças e similitudes entre aqueles que retornam a Andaluzia (Espanha) a partir de dois lugares de destino: Bélgica e Argentina. Caracterizam a emigração para a Bélgica como uma migração circular porque os espanhóis que partiram contavam com o alcance de objetivos e retorno mais rápido. Já a emigração para a Argentina foi caracteristicamente marcada por um projeto de permanência por longo prazo no destino.

Quanto ao projeto de emigração para a Bélgica, a pesquisa mostra que nem todos que lá se estabeleceram foram bem-sucedidos no alcance dos objetivos. E, no caso do insucesso, os migrantes tendem a regressar para lugar diferente daquele da partida, geralmente para grandes centros da Espanha. Vale destacar que o estudo aponta, também, para um aspecto novo do retorno dos espanhóis, que corresponde aos aposentados cujos filhos permaneceram no destino. Em função deste laço familiar, muitos aposentados tendem a emigrar em determinados períodos para se encontrarem com os filhos, mesmo que a residência principal deles continue sendo Andaluzia.

Para os autores, é a combinação de elementos que explica as diferenças e as similitudes entre os retornados que residiam na Bélgica ou na Argentina. Assim, enquanto os retornados da Bélgica centram no alcance dos objetivos do projeto da emigração, a particularidade do retorno de espanhóis da Argentina apoia-se em outras motivações. Dado que a emigração para a Argentina tinha uma característica de duração por longo prazo no destino, a motivação para o retorno pode ser explicada por fatores contextuais, como a crise econômica e a falta de expectativas no lugar de destino (GARRIDO; OLMOS, 2005).

As similitudes nos dois processos de retorno, segundo os autores, estão relacionadas: a) ao fato de ambas se apresentarem como uma nova migração, caracterizando-se por múltiplas inquietudes, expectativas e medo, tal como se apresentava no processo da primeira emigração; b) às motivações para o não retorno apoiadas nos laços familiares traduzidos pela presença de filhos e netos no local de destino e nos interesses econômicos lá construídos, que se mostram como principais empecilhos para a decisão de retornar.

Com relação à ideia do processo de retorno como “uma nova migração”, verificamos que outros autores também assim a descreveram para enfatizar diversos fatores desafiadores para o migrante quando volta ao país de origem. Um exemplo é o uso do termo pela pesquisadora DeBiaggi (2004, p. 162), concluindo “que o retorno à terra natal constitui uma experiência de grande estresse para os membros da família que não estão cientes de que a volta para o país de origem constitui uma nova migração, com as implicações deste novo deslocamento”.

Em vários estudos, dentre os quais citamos aqueles de Siqueira (2006; 2009) e Pereira e Siqueira (2013), é consenso o reconhecimento das dificuldades de readaptação, estranhamento e dificuldades para a inserção social e produtiva, comumente ressaltando as incertezas e os constrangimentos e comparando o retorno a uma nova migração. Pois, apesar de o sujeito estar voltando para seu local de origem, ao lugar de partida, ao espaço geográfico e social já conhecido, ele sempre cria no imaginário a ideia de que se volta ao tempo e lugar da partida, o que de fato não acontece, e causa a percepção de estranhamento das coisas, pessoas e lugares conhecidos.

Similarmente em outros estudos, como teremos oportunidade de verificar mais adiante nos escritos de Cerase (1978), Siqueira (2009) e Rivera-Sánchez (2013), encontram-se formas diversas e singulares no pensamento e tratamento do tema sobre o retorno, que pode significar que

não há um único modelo de emigração e, portanto, de retorno, existindo muitos tipos de acordo com as características dos indivíduos que o protagonizam e variando de acordo com a cultura, a economia e a sociedade do país no qual se produz o movimento, da sociedade de acolhida, e, do que é mais importante, da experiência do indivíduo que realiza o deslocamento (JIMÉNEZ *et al.*, 2002, p. 160).¹²

Os lugares de destino e partida figuram ambientes sociais de referência no imaginário e nas experiências individuais e coletivas, do discurso e da vivência do homem e da mulher e/imigrante. O retorno como problema de estudo requer o aprendizado da escuta e do aprofundamento da análise social. Torna-se fundamental pensar nas diversas possibilidades de abordagem do fenômeno, como, por exemplo, pelas perspectivas do fluxo, das diferentes categorias envolvidas ou do processo de saída e chegada para inserção no mercado de trabalho na origem, além de outras. Entendemos ser elementar para a delimitação do problema do retorno a sua contextualização na sociedade contemporânea, levando em conta as mudanças sociais e econômicas, as transformações do mundo do trabalho e, de forma específica, aquelas relacionadas aos processos de globalização e individualização. Pois, apesar da distância dos conceitos teóricos – no que concerne ao global e ao local, à socialização e à individualização –, estes processos ensejam um elo com as características da sociedade ocidental contemporânea com ênfase nas ideias liberais, na economia global de produção e no

¹² Y que no hay un único modelo de emigración y por lo tanto de retorno, existiendo muchos tipos de acuerdo con los rasgos de los individuos que los protagonizan y variando de acuerdo a la cultura, economía, sociedad del país en el que se produzca el movimiento, de la sociedad de acogida, y, de lo que es más importante de la misma experiencia del individuo que realiza el desplazamiento.

consumo cada vez mais estruturado em redes (CASTELLS, 1999; BECK, 2006; SIQUEIRA, 2009).

Nessa perspectiva, seguindo Patarra e Baeninger (2006), reconhece-se que mesmo não se constituindo como teorias migratórias faz-se necessário compreender os efeitos e as implicações da sociedade global sobre o movimento populacional na sociedade contemporânea. Essa postura tem como contrapartida a defesa da tese pela qual a governabilidade da questão migratória passa, necessariamente, pelos movimentos sociais e traz os direitos humanos como instrumento legítimo para o diálogo nas esferas nacional e internacional (PATARRA; BAENINGER, 2006). Acrescentamos a isso as implicações do fenômeno nas questões socioeconômicas e nas desigualdades múltiplas, pois o processo insere e realça mecanismos de crises e conflitos, racismo, xenofobia e diferenciação social – divisão racial e étnica/classe social, gênero e posição no ciclo na vida (RICHMOND, 1988; VILELA, 2008; OLIVEIRA, 2013).

Essa complexidade e as particularidades do fenômeno da migração internacional direcionaram o estudo a uma tradição teórica independente e diretamente relacionada com os desenvolvimentos teóricos da sociologia econômica, pois a problemática, inicialmente centrada na adaptação do imigrante no país de destino, tem oferecido um conjunto distinto de material empírico que ajuda a generalizar e refinar conceitos gerais e hipóteses (PORTES, 1995). De fato, mesmo com os avanços teóricos, em pleno século XXI ainda não se construiu uma teoria geral para a migração internacional, incorporando nela a temática da migração de retorno (FERNANDES; CASTRO, 2013). Porém, é salutar destacar que permeia na literatura um corpo teórico mais voltado a teorias de médio alcance para dar conta da diversidade presente na temática e dos limites das teorias generalistas, aproximando da perspectiva teórico-metodológica de Robert Merton (1967; 1970).

Contudo, fundamentados nas contribuições teórica e empírica, podemos argumentar que a estrutura teórica acerca da migração internacional de retorno constitui-se como parte do pensamento sobre o processo da migração internacional como um todo, trazendo como maior desafio desvendar e compor os pressupostos nos quais se embasam as abordagens sobre o retorno (CASSARINO, 2004). Significa dizer que o tema da migração de retorno se inclui como um subcomponente dos aprofundamentos teóricos, em vários níveis e que as diferenças das abordagens dependem do nível de análise e da importância a ele atribuída nos esquemas analíticos de cada teoria (CASSARINO, 2004).

Independentemente do modelo explicativo, busca-se dar conta da complexidade do tema e se faz necessário conhecer quem são os agentes, os motivos que explicam a decisão

de retornar e como mobilizam e potencializam seus capitais quando voltam ao país de origem, incluindo as condições para a inserção social e produtiva na comunidade e mercado de trabalho local. Dessa forma, importantes questões têm sido levantadas pela literatura científica, nacional e internacional, com um produtivo debate com repercussão numa agenda multidisciplinar de pesquisas acadêmicas, de reflexões e de tomada de decisões políticas frente aos desafios da problemática envolvendo os migrantes de retorno, os países de destino e de origem. Uma agenda política que expressa a preocupação com o tema são os programas fomentados para o retorno voluntário¹³ e de controle formal das remessas de dinheiro, numa perspectiva neoliberal voltada para a otimização do desenvolvimento econômico na comunidade de origem frente ao contexto político e econômico do mundo global.

Acentuando essas especificidades da temática do retorno, retomamos a questão da base teórica em que se sustentam as análises sobre a migração internacional de retorno para pontuar sobre o aprimoramento teórico e os novos esquemas analíticos que vêm se despreendendo das formas rígidas da perspectiva sociológica sobre a economia e a migração, que em geral, de um lado, se concentrava nas versões do estruturalismo, de base marxista, e, de outro, no funcionalismo (PORTES, 1995). Essa renovação no pensamento sociológico tem permitido uma reconexão com as raízes clássicas e a superação, em partes, dos limites do arcabouço teórico da teoria neoclássica na explicação de diferentes aspectos do mundo contemporâneo, e particularmente na área de estudo da migração internacional.

1.2 – O retorno nas perspectivas teóricas da migração internacional

O pensamento sobre a migração de retorno, juntamente com o pensamento sociológico, se renova e reproduz os contrastes das diversas perspectivas sobre o fenômeno da migração internacional, fluindo das teses da economia neoclássica às novas teorias econômicas sobre a migração do trabalho, até as abordagens mais sociológicas do estruturalismo, do transnacionalismo e da teoria da rede social (SOARES, 2002; CASSARINO, 2004; SIQUEIRA, 2009; FAZITO, 2010). Na medida em que as discussões teóricas se confrontam e aprimoram-se, tornam-se mais visíveis a magnitude e a configuração

¹³ Os programas de retorno voluntário têm uma característica ambígua, pois são bem aceitos pelos imigrantes que não possuem recursos para o retorno e que os veem como um canal de promoção de direitos humanos. No entanto, também se apresentam, caracteristicamente, como um instrumento de “retirada” de imigrantes cujo custo social e econômico para o país receptor pode ser superior àquele que se emprega para o apoio ao retorno assistido. Apesar dessa ambiguidade, eles têm sido importantes para assegurar um retorno sustentável e se apresentam como um canal transversal para as ações de políticas migratórias (FERNANDES; CASTRO, 2013; BALLESTEROS *et al.*, 2014).

do fenômeno da migração e, com isso, demonstram a necessidade de novas abordagens e pesquisas que envolvam outros fatores que têm sido negligenciados, como a migração de estudante, o aumento e a manutenção da participação das mulheres na migração internacional. As características dessa migração focada na mulher e/imigrante, por exemplo, foram analisadas de forma pioneira por Morokvasic (1984), Bilac (1995), Pessar (1995), Debiaggi e Assis (2003). E, atualmente, têm gerado muito debate entre pesquisadores participantes de uma agenda profícua de pesquisas em andamento (PERES, 2014).

Com uma postura reflexiva acerca das abordagens sobre os migrantes de retorno, Cassarino (2004) mostra que é fundamental reconhecer o caráter inovador e as evidências empíricas produzidas por diversas pesquisas qualitativas que têm se mostrado úteis para melhor entendimento da migração de retorno como um fenômeno heterogêneo e multifacetado. Para avanço das bases teóricas que fundamentam algumas categorizações do migrante de retorno, Cassarino (2004; 2008) traz como contribuição uma abordagem conceitual revisitada que prima por um conjunto de critérios de distinção que leva em conta os diferentes níveis de preparação para o retorno (*return preparedness*) e a mobilização de recursos. Antes de discutir sobre os retornados e a otimização dos recursos, tangíveis e intangíveis, após a volta ao país de origem, vamos desenvolver uma apresentação panorâmica das teorias basilares que amparam a temática do retorno.

Sob o olhar da teoria neoclássica, o retorno se apresenta como um fato anômalo ou uma demonstração de falha no alcance do objetivo pelo migrante, destacando que os rendimentos e os benefícios almejados foram menores do que os custos do processo migratório, pelo fato de o migrante não efetuar adequadamente os cálculos dos custos da migração ou porque o capital humano (retorno financeiro a seus investimentos em estudo e qualificações técnicas) não foi recompensado como ele esperava, tendo que retornar ao seu país de origem. Ademais, conceitos como assimilação, adaptação e integração ao país da imigração são essenciais para entender e analisar se os objetivos foram alcançados ou não, a fim de avaliar o sucesso do processo. Segundo essa teoria, o migrante que retorna é percebido como malsucedido, pois não pôde maximizar sua experiência no exterior, sendo o tempo de trabalho no país de destino um investimento fracassado, não representando ganho que justifique a permanência e a reunificação de sua família num país estrangeiro (CASSARINO, 2004).

Essa ideia do retorno como anomia ou fracasso no alcance de objetivos se assenta em uma estrutura teórica que prioriza o fator econômico e a ação racional individual. Pois, na perspectiva tanto da teoria neoclássica quanto da nova teoria econômica da migração do

trabalho, o cerne do problema da migração internacional está na diferença de renda entre os países de origem e destino de migrantes. Nessa estrutura de pensamento, é justamente esse diferencial de renda que impulsiona o deslocamento porque cria a expectativa nos migrantes de que eles vão alcançar altos ou melhores salários nos países industrializados (BORJAS; BRATSBURG, 1996; CASSARINO, 2004). Significa dizer que os indivíduos migram em busca do aumento da renda do trabalho e que essa escolha se realiza pelo cálculo dos custos e dos benefícios. Essa ideia perpassa pelo estudo de Ravenstein ([1885] 1980), realizado no Reino Unido, e se consagra no seu ensaio “Sobre as leis da migração”, entre as quais se destaca aquela concepção de que a maioria dos homens possui uma vontade inerente de superar-se em todos os aspectos materiais, e que isso o impulsiona a migrar. Nesse sentido, a migração serve como um mecanismo de transferência de trabalhadores que se movem, de regiões com menos oportunidades, para áreas industrializadas, alimentando o desejo pelo alcance de melhores condições materiais. Na condição de historiador econômico, Ravenstein ([1885] 1980) reconhece a migração como fator de estímulo de crescimento industrial, e a migração de retorno se apresenta como uma contracorrente do processo.

A nova teoria econômica da migração do trabalho acrescenta a essa perspectiva da diferença da renda um componente fundamental no cálculo dos custos e dos benefícios que é a incorporação de uma perspectiva familiar ao estudo da migração. Isso implica dizer que faz parte do projeto do emigrante a saída e o retorno ao país de origem porque esse projeto é compartilhado com a família. Portanto, condiz com a perspectiva de uma ação econômica socialmente orientada que envolve o núcleo familiar e as interações sociais nas comunidades de origem e destino. Aliada à estrutura do diferencial da renda está a expectativa de ganhos maiores pelo trabalho em menos tempo. Assim, o tempo representa uma variável primordial a ser considerada em relação às oportunidades diferenciadas nos países de origem e destino. O cálculo é acompanhado pela definição do tempo de permanência necessário no país estrangeiro para o alcance do objetivo.

Dessa forma, aquele que retorna ao país de origem pode ser considerado como bem-sucedido ao sinalizar que concretizou com sucesso o projeto emigratório (CASSARINO, 2004). Nessa situação, significa reconhecer que o migrante, na sua experiência no país de destino, cumpriu as etapas por ele planejadas, dentro de um determinado tempo, sendo essa uma história de sucesso ou um resultado lógico do processo (CASSARINO, 2004). Nessa estrutura analítica, a migração de retorno, ao contrário de representar um erro de cálculo, como na teoria neoclássica, apresenta-se como investimento de capital humano, como parte

do projeto e como um resultado natural de uma estratégia racionalmente calculada (BORJAS; BRATSBURG, 1996).

A abordagem dos novos economistas faz um deslocamento da perspectiva da escolha individual para contextualizar o ato e envolver outros atores de forma interdependente, porque envolve o grupo familiar. Nesse sentido, é justamente a forma diferenciada de conceber a migração de retorno que distancia o pensamento desses teóricos da perspectiva neoclássica. Vale ressaltar que se, por um lado, pela teoria neoclássica o retorno materializa o fracasso do projeto migratório, por outro, os teóricos da nova economia do trabalho entendem que a duração da permanência no exterior entra no cálculo, de acordo com as necessidades do grupo familiar e em termos da busca de melhores condições de vida, poder aquisitivo e poupança, e que, por conseguinte, o retorno integra o próprio projeto da emigração e se traduz em sucesso com a sua concretização.

Nessa perspectiva, as remessas em dinheiro são efetuadas aos familiares, dando-lhes assistência e visando uma poupança para evitar riscos e garantir uma segurança para viver melhor em seu país, à época do retorno. Elas podem representar o grau de esperança do retorno, na medida em que representam a ligação com o país de origem. Com referência a essas variáveis, Cassarino (2004) cita o estudo de Amelie Constant e Douglas Massey (2002), que, ao analisarem documentos sobre a migração de retorno dos *guest-workers* na Alemanha no período de 1984 a 1997, observaram que aqueles que enviavam dinheiro tinham as taxas mais altas de empregos nos países receptores e possuíam cônjuge nos países de origem, e isso aumentava a probabilidade de retornarem ao seu país. O capital humano, como aquisição de habilidades específicas, também reforça o investimento do migrante, que varia de acordo com a probabilidade do retorno (CASSARINO, 2004). Apesar disso, observamos que ambas teorias apresentam o projeto da emigração como resultado de uma “estratégia calculada” pelos atores sociais, sejam eles o indivíduo ou o grupo familiar. Elas fornecem observações valiosas sobre as motivações de emigração e retorno e demonstram que, independentemente de falhas no mercado e diferencial de rendas entre os países de origem e destino, os migrantes possuem características que comprovam capacidade de iniciativa e planejamento frente às incertezas do mercado (CASSARINO, 2004).

Contudo, outras motivações não relacionadas ao aspecto econômico podem orientar o retorno, e, também, podem ocorrer mudanças no plano inicial, levando o migrante a empreender novas escolhas como, por exemplo, redefinir o tempo de estadia, diminuir as remessas de dinheiro ao país de origem e decidir pelo estabelecimento permanente com a reunificação da família no país de destino (SALES, 1999); ou ser levado a experimentar o

retorno por diferentes formas, incluindo a possibilidade da vivência e trocas culturais entre dois lugares (SASAKI; ASSIS, 2000; SIQUEIRA, 2009; LEVITT; LAMBA-NIEVES, 2011).

De fato, estudos evidenciam que muitas vezes o plano emigratório ganha novos contornos em razão de situações não planejadas ou de consequências (in)desejadas de determinada ação em função das relações sociais lá estabelecidas e as relações mantidas no país de origem (DOMINGUES, 2008; SIQUEIRA, 2009). Mesmo quando os emigrantes investem no controle do plano inicial, a interferência relacionada ao tempo, ao lugar, aos vínculos e aos investimentos no país de origem e/ou destino acabam provocando mudanças.

Sob outras perspectivas mais distanciadas de uma visão centralmente econômica, aparecem abordagens que buscam focar no contexto mais macro e social. Na teoria estrutural, a migração de retorno não pode ser analisada somente com base em uma experiência individual. Ela se constitui, sobretudo, de aspectos sociais, institucionais e contextuais. A sua compreensão requer uma estrutura analítica que considere fatores macro tanto na sociedade quanto na economia dos países de origem e destino. Como na nova teoria econômica do trabalho, nessa abordagem teórica os fatores cruciais para o retorno são os recursos financeiros e econômicos acumulados e encaminhados ao país de origem durante o período da experiência migratória. Para analisar se a trajetória do migrante de retorno foi bem-sucedida ou não, deve-se observar a correlação desse processo à situação econômica e social do país de origem, pois o foco são as estruturas de poder nas quais o migrante de retorno pode ser ou não constrangido para a otimização dos seus recursos pessoais e de capital acumulado. Pois, se houver limitações estruturais, seus recursos acumulados e habilidades podem ser desperdiçados e não ocorrer mudança de *status* (CASSARINO, 2004).

O artigo de Francesco Cerase (1974), que trata dos migrantes de retorno na Itália após experiência migratória nos Estados Unidos, apresenta muitos exemplos para ressaltar a complexa relação entre as expectativas dos migrantes de retorno e o contexto econômico e social do país de origem. Isso é demonstrado pelo pesquisador ao identificar quatro diferentes tipos de migrantes de retorno – o fracassado, o conservador, o aposentado e o inovador. A descrição de cada tipo faz sobressair de que forma a experiência do retorno se relaciona às expectativas, desejos e necessidades em dado contexto.

O retorno de fracasso tem como referência o país de destino, sendo o migrante representado como aquele que não assimilou a cultura e sistema do país estrangeiro, não se integrou e, devido a preconceitos presentes na cultura daquele país, sente dificuldades para se expressar de forma ativa e se adaptar à sociedade. Esses são motivos fortes e suficientes para levá-lo a retornar ao seu país de origem. É, portanto, um retorno forçado e se dá antes de

alcançar os objetivos. Richmond (1988), também, dá destaque a esses fatores rígidos, críticos e de conflitos que levam a um retorno de fracasso e forçosamente induzido.

O retorno conservador se refere aos migrantes que assumem o retorno como parte do projeto que consistia em levantar dinheiro o suficiente para comprar terra e liberar-se de trabalhos subalternos e da dependência dos proprietários de terra. São migrantes conservadores porque essas aspirações e estratégias somente tendem a satisfazer as necessidades pessoais deles e dos seus familiares. Eles não almejam mudar o contexto social do local onde estavam antes de migrar, ao contrário, auxiliam na manutenção da estrutura.

O retorno de aposentadoria se refere àqueles migrantes que decidem retornar ao seu país após a aposentadoria, comprar um pedaço de terra e uma casa para passar o resto da sua vida.

O retorno de inovação está relacionado à visão do migrante de retorno de se perceber em condições diferenciadas dos não migrantes no país de origem, e que isso o ajudaria a alcançar seus objetivos em seu próprio país. Acredita que os recursos adquiridos no país estrangeiro, tais como os recursos financeiros e aprendizagem de uma nova língua, dentre outros, favorecem e aumentam sua chance de sucesso. No entanto, Cerase (1974) expressa uma perspectiva pessimista ao ressaltar a improbabilidade dos migrantes de retorno de serem agentes de mudança no país de origem devido à resiliência das relações de poder revestidas de interesses, pelos quais se previnem de empreendimentos inovadores e quaisquer iniciativas que colocariam em risco as situações locais estabelecidas e a estrutura tradicional de poder. Ao enfatizar aspectos estruturais, a teoria fortalece o argumento de que a experiência migratória, bem como o retorno e a inserção social e produtiva do migrante de retorno na comunidade de origem, não poderia ser analisada nem como um fator de sucesso nem como fracasso, mas como um processo dependente de fatores estruturais e contextuais.

Nesse aspecto, em particular, Siqueira (2009) traz uma perspectiva mais otimista. Em seu estudo sobre os investimentos de emigrantes na MGTV, ela observa que o sucesso dos empreendimentos depende da capacidade deles como investidores, exigindo planejamento e busca de informações qualificadas sobre a situação econômica local, do setor onde se investe e do ramo de negócio. Ela verifica que permanecer menos tempo na condição de imigrante (entre 2 e 4 anos) se traduz em melhor resultado para os investimentos dos migrantes de retorno. Isso ocorre porque, nessa fração de tempo, eles não perdem os vínculos sociais e se mantêm, ainda, conectados à realidade do mercado brasileiro, o que reforça a tese de que a ausência por um longo período no destino distancia o imigrante da realidade social e econômica do seu país de origem e, portanto, dificulta sua reinserção local. Outro fator

positivo que se destaca na pesquisa é a decisão de se associar a pessoas que conhecem o mercado e o ramo do negócio em que se investe.

Não obstante, face ao problema, Siqueira (2009) aponta para a necessidade de políticas públicas que auxiliem o emigrante no seu retorno e nos seus investimentos visando diminuir os índices das reemigrações devido ao fracasso nos investimentos ou à dificuldade do migrante de retorno de readaptação à realidade do seu país de origem.

Muitos migrantes, para se reinserirem na comunidade de origem tendem a orientar seus padrões de consumo com investimentos improdutivos e consumo conspícuo (BYRON; CONDON, 1996). Nesse sentido, segundo os autores, os recursos tendem a ser monopolizados pelos membros da família que investem a poupança em grandes construções e na compra de carros de luxo, ao invés de usar a poupança para investimento e retorno monetário. Esse padrão de consumo reproduz e mantém as relações desiguais entre o centro (países receptores) e a periferia (países expulsos) – conceitos fundamentais na abordagem estrutural para a compreensão do problema da migração internacional (CASSARINO, 2004).

Por outra perspectiva, reforçando uma abordagem política e antropológica, Sayad (2000) analisa o fenômeno do retorno como produto do pensamento do Estado. Sua atenção se direciona ao aspecto de reinserção do migrante no país de origem, dentro de uma visão fundada na relação de forças entre países receptores e emissores de migrantes, comparando as relações centro e periferia e reafirmando como condição constante do processo de emigrações e imigrações as relações de dominação existentes no mundo social. Isso porque na concepção política do Estado-Nação qualquer presença estrangeira é tida necessariamente como provisória, imperando o sentimento de provisoriedade mesmo quando a presença se faz duradoura.

O pesquisador reforça o caráter dessa presença imigrante justificada pelo *trabalho* e nos leva, através dos seus escritos, à reflexão de um constante mecanismo de privação e negação de direitos ao estrangeiro, que é objetivado numa estrutura política de distinção de privilégios voltados aos residentes nacionais. E isso está inconscientemente (ou não) presente nos discursos e na relação com o outro, de tal forma que se torna ainda mais eficaz o processo de a-politização do fenômeno. Essa forma de pensamento reforça a ideia de um processo centralmente restrito às regularidades econômicas (SAYAD, 2000). Contudo, um fator constante do processo da migração internacional são as relações de dominação (SAYAD, 2000).

No artigo “O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante”, Sayad (2000)¹⁴ concebe o retorno sob a perspectiva de uma antropologia total do ato de migrar¹⁵. Esta perspectiva, além de situar o retorno no âmbito do processo migratório, em toda sua complexidade e particularidades, faz sobressair a singularidade da experiência do sujeito, individual e coletiva, no processo em que ele está inserido. Um sujeito preso à sua condição humana e submetido a um *tempo* restrito de vida, e por isso

é a sua finitude que está em causa: não se pode estar presente simultaneamente em dois lugares diferentes, mas se pode ir de um lugar a outro, o espaço se deixa percorrer e permite, assim, uma multipresença sucessiva no tempo. Não se pode estar e ter estado ao mesmo tempo. O passado, que é o “ter estado”, não pode jamais tornar-se novamente presente e voltar a estar-no-presente, a irreversibilidade do tempo não o permite (SAYAD, 2000, p. 11).

Desenvolvendo as perspectivas antropológica e sociológica do fenômeno do retorno, Sayad (2000) eleva a discussão para a contemporaneidade do processo migratório ao ressaltar que o estudo do retorno envolve múltiplas variáveis e categorias como o tempo, o espaço geográfico e o espaço social e político (relação com o grupo). O agente emigrante/imigrante incorpora uma dualidade insistentemente anunciada pelo teórico para acentuar os aspectos da ‘ambiguidade’ e ‘ilusão’ do fenômeno da migração internacional, num contexto onde impera relações desiguais e forças dominantes da sociedade.

Abordagens conceituais acerca de redes sociais, circulação de capital social e capital cultural têm apresentado novas possibilidades de análise do retorno. Ampliando a perspectiva estrutural, verifica-se que ações inter-relacionadas e centradas no projeto da emigração e do retorno podem desencadear fatores diversos e significativas alterações no contexto social. Essas mudanças tornam-se concretas através dos impactos do processo no mercado imobiliário, nos rearranjos familiares, no mercado de trabalho e na configuração de novos empreendimentos no país de origem, conforme demonstrado nas pesquisas de Soares (1995), Assis (1995; 2003) e Siqueira (2009).

¹⁴ Texto publicado na revista *Migration Societé* em 1998, em homenagem a Sayad após sua morte no início do mesmo ano. O trabalho completo juntamente com uma carta de Sayad foi recebido pela Revista Travessia, via CIEMI – Centre d’Information et Études sur les Migration em 1995. Por dificuldades na revisão e tradução do texto a revista não pôde obter exclusividade na publicação do original, mas retomou a tradução após a divulgação do texto na revista francesa que já havia feito a revisão do original. Esse último escrito de Sayad foi considerado um presente valioso pela *Travessia – Revista do Migrante*, que o publicou em janeiro de 2000 numa edição especial: “O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante”.

¹⁵ Antropologia total do ato de emigrar e imigrar, ou o que desejaria ser essa antropologia, teria como centro a noção de retorno (segundo nota do autor na obra de Leon e Rebecca Grinberg (1986)). Essa antropologia envolve a dimensão social, cultural, política, nas quais se introduz eficazmente o estudo da dimensão universal do fenômeno migratório.

Em função da diferença nas abordagens teóricas, Siqueira (2009), por exemplo, ao estudar sobre brasileiros migrantes de retorno dos Estados Unidos, elabora uma tipificação de retorno que apresenta contrastes em relação à de Cerase (1974). Enquanto Cerase (1974) fundamentalmente foca na perspectiva estrutural, Siqueira (2009) utiliza o arcabouço teórico e conceitual das redes sociais e do transnacionalismo, classificando o retorno como: permanente, temporário, continuado e retorno do transmigrante. As categorias explicitam o movimento de ida e vinda realizado pelo emigrante e seu projeto de retorno idealizado, contínuo, concretizado ou não.

O retorno permanente refere ao emigrante que retornou, readaptou-se e estabeleceu-se na sua cidade ou país de origem e não pretende emigrar novamente. No estudo de Siqueira (2009), essa categoria representa o emigrante que se tornou empreendedor na MGv e considera que a sua condição de empreendedor bem-sucedido se deve ao seu projeto migratório.

O retorno temporário compreende os emigrantes que definem o destino como seu local de moradia, modificam seu padrão de consumo, e ali investem, reorganizam sua família e temporariamente voltam ao país de origem para férias, visitas e participação de eventos festivos e familiares, estando eles documentados ou não no país da imigração. Além disso, não estão preocupados em mobilizar recursos financeiros para investir e morar em seu país de origem.

O retorno continuado agrega os emigrantes que fracassam em seu primeiro investimento na cidade de origem e que reemigram com a intenção de novamente fazer uma poupança, mantendo o projeto de voltar. Alguns fazem esse caminho por várias vezes. Restringem seu padrão de vida e de consumo no destino para tornar a investir em sua cidade de origem¹⁶. Neste grupo, depois de algumas tentativas frustradas, alguns desistem e passam a pertencer ao grupo do retorno temporário.

O retorno do transmigrante refere ao emigrante que vive nos dois lugares, está sempre retornando ao país de origem e ao de destino. É documentado, tem vida estabilizada no destino. Possui casa, faz investimento e trabalha nos dois lugares. Passa parte do ano na origem e outra parte na sociedade hospedeira. Participa ativamente da vida social das duas sociedades. Alguns são membros de associações no destino (câmara do comércio, grupo de escoteiros, brigada de incêndio) e no Brasil (associações de classe, cargos públicos como de

¹⁶ Margolis (1994) denomina os vários retornos ao país de origem de migração como *iô-iô*.

vereador ou prefeito). Para Siqueira (2009), é possível afirmar que eles são transmigrantes, porque transitam, têm visibilidade e são atores sociais nos dois lugares.

A tese do transnacionalismo se constitui numa tentativa de formulação de uma estrutura teórica e conceitual para melhor entendimento da forte relação entre os países de origem e destino dos migrantes. Está intimamente relacionada à circulação de capitais econômico, social, cultural e humano. Nesse sentido, o retorno não constitui o fim do ciclo da migração. Ao contrário, na visão dos transnacionalistas a migração de retorno é uma parte constitutiva de um sistema circular de trocas e relações sociais e econômicas, o qual facilita a reintegração dos migrantes e, ao mesmo tempo, transfere conhecimentos, informações e facilita a movimentação de pessoas entre as fronteiras. Os migrantes de retorno preparam sua reintegração ao lar através de visitas periódicas e regulares ao seu país. Eles mantêm fortes ligações com os países de origem e enviam periodicamente dinheiro aos seus familiares para auxílio, poupança e investimento. A estrutura conceitual é baseada em dois campos inter-relacionados de investigação: identidade transnacional e mobilidade transnacional.

Nessa perspectiva, torna-se fundamental analisar os aspectos identitários, percebendo a identidade transnacional como resultante da combinação da origem dos migrantes com as identidades que eles adquirem nos países receptores. De acordo com a teoria transnacional, essa combinação conduz ao maior desenvolvimento de ‘identidades duplas’ do que ao conflito de identidades. Migrantes são vistos como tendo a capacidade de negociar seu lugar na sociedade, nos países receptores ou no seu próprio país com a perspectiva de assumir seu papel em dada situação. Ao contrário dos estruturalistas que preferem falar em ajustamento, os transnacionalistas reconhecem a necessidade de “adaptação” ao retornar ao país de origem. O processo de adaptação não se faz pelo abandono das identidades adquiridas na experiência migratória. Embora se admitam as dificuldades encontradas pelo migrante de retorno no nível profissional e social, observa-se o contato regular por eles mantido com sua família nos países de origem, bem como o movimento de retorno, de ida e vinda que ilustra a mobilidade transnacional (PORTES, 1999), permitindo que o retorno seja mais bem preparado e organizado. Enquanto migrantes são vistos como bem-sucedidos no cálculo dos custos e benefícios no retorno, o atual impacto com a realidade local – social, econômica e política – pode conduzir à emergência e consolidação das identidades transnacionais que modelam o comportamento e as expectativas dos migrantes de retorno (SIQUEIRA, 2009).

O transnacionalismo não se refere apenas à manutenção de ligações entre migrantes e seus familiares ou seu lar nos países de origem, mas também às formas

multivariadas, pelas quais os migrantes se sentem conectados a um outro lugar de origem étnica comum e a grupos de solidariedade. Portanto, isso indica características fundamentais do pensamento do mundo globalizado e das inúmeras possibilidades de acionar tecnologias, capital social e uma rede social que mantém a estrutura e facilita a mobilidade espacial e social (LEVITT; LAMBA-NIEVES, 2011).

Essa estrutura analítica rompe com conceitos centrados no país de destino, como o de integração e assimilação de novos valores, e introduz um importante instrumental para entender os *grupos étnicos*, a mobilidade entre fronteiras origem-destino e um conjunto de relações e conexões entre os dois pontos. Nesse processo, os considerados *transmigrantes* representam uma significativa categoria de emigrantes que desenvolvem a possibilidade de vivência e visibilidade social na comunidade de origem e no país de escolha da emigração. Essa análise engloba, portanto, o discurso do local e do global e repensa o mercado de trabalho, os sistemas econômico e sociocultural (BECK, 2006; LEVITT; LAMBA-NIEVES, 2011; SABAR, 2013).

Por outro lado, o conceito de rede social para a compreensão do retorno traz um novo olhar para os migrantes de retorno e os coloca como atores sociais que encontram formas para garantir seus retornos ao país de origem e de participar de uma dinâmica rede que ultrapassa as fronteiras (CASSARINO, 2004). Essa rede envolve relações entre os membros participantes, que reciprocamente exercem influência ou relações entre grupos seletivos de atores que definem sua atuação em termos dos membros associados. Ou seja, são relações entre pessoas ou relações associativas, entre os membros de um grupo específico. Nesse sentido, a teoria da rede social consegue articular os atores sociais, que interagem dentro da rede, à estrutura organizacional (CASSARINO, 2004). Ao analisar a prática de membros na rede, pode-se encontrar novos elementos que mostram os múltiplos envolvimento desses atores e os tipos de organizações que são influenciadas pelo comportamento dos integrantes. Além dessas ramificações relacionais, diferentes estruturas de rede oferecem diferenciadas oportunidades em um dado contexto econômico, social e cultural. Ao ator social são disponibilizadas, dessa forma, condições de diversificar estratégias entre diferentes orientações da estrutura. Os interesses dos atores podem provir desse mecanismo, e o próprio funcionamento da rede pode ser pensado como base para sua própria manutenção.

É constante, no discurso do migrante, a referência à importância da ajuda recebida no país de destino e, principalmente, o apoio da família quando retorna ao país de origem (DOMINGUES, 2008). Muitos migrantes no país de destino continuam mantendo contatos com não migrantes no país de origem. Essa forte ligação e relações sociais diversas através

das redes são mecanismos que auxiliam o projeto de retorno do migrante (CASSARINO, 2004, 2008; LEVITT; LAMBA-NIEVES, 2011). Dessa forma, as relações estabelecidas envolvem migrantes e não migrantes e, na perspectiva das redes sociais, o contínuo reflexo de uma experiência migratória serve como um importante suplemento para as iniciativas do migrante de retorno no país de origem (CASSARINO, 2004).

Ao apresentar os migrantes de retorno como sendo portadores de recursos tangíveis e intangíveis, os teóricos das redes sociais aproximam-se da abordagem transnacional. Similarmente, reforçam a capacidade dos migrantes de tecer e manter laços com a comunidade de origem. No entanto, para os teóricos das redes sociais esses laços sociais, além de não serem atribuídos ao compartilhamento de atributos, também “não dependem necessariamente das diásporas, como sustentam os transnacionalistas” (CASSARINO, 2004, p. 38). E, mesmo sendo difícil avaliar, *a priori*, o impacto desses recursos nas decisões do migrante, estes parecem ser elementos essenciais nas análises sobre a migração de retorno (CASSARINO, 2004; 2008).

O conceito de rede social não pode ser compreendido como algo dado por direito – primeiro porque redes são seletivamente organizadas, e associar-se a elas requer um ato voluntário do próprio ator, bem como o consentimento de outros membros que compartilham da ideia de garantia da circulação de recursos, eficácia e manutenção da ligação entre fronteiras. Ademais, há uma distinção entre os que estão dentro da rede e os que estão fora (CASSARINO, 2004).

Todos os recursos possíveis são acionados pelo migrante como garantia de sucesso no retorno, tais como capital financeiro, capital humano, capital social e capital cultural. No conjunto da revisão da literatura apontamos para esses capitais sem aprofundar os conceitos. No entanto, faz-se necessário, sinteticamente, esclarecermos os significados a eles atribuídos no presente contexto.

O termo *capital financeiro* está relacionado à acumulação de dinheiro proveniente do trabalho no exterior – remessas de dinheiro do exterior para a administração de familiares, bem como todo dinheiro que o emigrante conseguiu poupar e trazer à época do retorno. *Capital humano* é um conceito originário nas ciências econômicas e representa o investimento em habilidades individuais como, por exemplo, escolaridade, treinamentos técnico e artístico, aprendizagem de uma língua estrangeira, migração. *Capital social* tem abordagens teóricas diversas, mas vale destacar um ponto comum entre elas que se refere à vinculação desse capital às relações sociais, atribuindo importância à manutenção, fortalecimento e ampliação de laços sociais que podem representar ganhos futuros para os indivíduos (BOURDIEU,

1999). Ou seja, na concepção de Bourdieu (1999), essa vinculação pode trazer benefício econômico pelo fato de o migrante estar associado a alguma instituição, cultivar laços de amizade e confiança com vizinhos, colegas de trabalho e/ou escola, por exemplo, uma riqueza de (ativo, que, por ser acumulado, pode ser chamado de “Capital”) trocas/obrigações possíveis para resolução de problemas individuais e coletivos, sendo, portanto, um capital passível de converter-se em um recurso econômico. Por outro lado, o *capital cultural* na perspectiva de Bourdieu (1999), além de representar o acesso à educação com a formalização de títulos e diplomas, está relacionado ao conjunto de valores, ideias, gostos e conhecimentos possuídos e adquiridos a partir da origem (núcleo familiar) de cada indivíduo e, também, no poder de distinção que passa pela posse de bens culturais valorizados na sociedade e pela frequência aos ambientes de produção e disseminação cultural – posse de obras artísticas/literárias, frequência a teatros, concertos, dentre outros.

Nas acepções bourdianas as diversas formas de capitais possuem um caráter de conversibilidade entre si, incluindo a possibilidade das trocas mercantis. Ou seja, uma perspectiva de capital estritamente voltada àquele recurso econômico das trocas mercantis limita a compreensão do mundo social que envolve diversas formas de trocas. Assim, é importante pensar que os capitais econômico, social e cultural são recursos/propriedades que refletem os mecanismos distintivos e assimétricos entre grupos e indivíduos no mundo social.

Certamente, a compreensão da importância das diferentes formas de capitais e suas possibilidades de conversibilidade são importantes para o processo migratório. Emigrar e retornar ensejam oportunidades para ampliar ou melhorar vários tipos de trocas. Por exemplo, as remessas e ajudas, aperfeiçoamentos técnicos, aprendizagem de uma nova língua, experiências laborais, novos valores, ideias e práticas culturais são fatores importantes e contribuem na recolocação do migrante após o retorno. Nesse aspecto, retornar ao país de origem pode se constituir somente em mais uma etapa no processo da migração internacional (DOMINGUES, 2008; SIQUEIRA, 2009; LEVITT; LAMBA-NIEVES, 2011).

Nessa revisão literária, buscamos verificar as tentativas de explicação e inclusão da perspectiva da migração de retorno na estrutura teórica da migração internacional. Particularmente, consideramos que a tese das redes sociais e do transnacionalismo ampliam a possibilidade de compreensão de variáveis envolvidas no processo e não observáveis por outras perspectivas, como a questão dos valores sociais que orientam os projetos da emigração e das idealizações e renegociações do migrante, frente ao projeto de retorno concretizado ou não.

Portanto, apesar de úteis na compreensão de vários fatores macro do fenômeno da migração internacional, as perspectivas neoclássica e histórico-estrutural, isoladamente, não sustentam aspectos que consideramos relevantes na análise do processo. Ampliando o poder de explicação, a abordagem das redes sociais traz para o centro da análise a estrutura das relações sociais como fundamentais para entender o processo de início e a manutenção de fluxos de saída, entrada e retorno, buscando respostas a questionamentos como, por exemplo: por que determinadas comunidades na origem e no destino tendem a um maior deslocamento e, geralmente, se concentram em determinadas localidades?

As redes sociais se apresentam como forma de conciliar macro e microanálises, na medida em que compreendem os atores inseridos num contexto que possibilita as escolhas com mais segurança e menos riscos através de trocas e utilização do capital social. Essas redes ultrapassam as fronteiras e servem como instrumento para se pensar questões relativas à migração no país de destino e no país de origem, na concretização do retorno ou nas redefinições do projeto da emigração.

A estrutura traduzida como laços sociais pode se configurar como o apoio moral e afetivo recebido no seio da rede familiar no local de origem. Na falta desse tipo de apoio outros mecanismos de ajuda poderiam ser acionados como ações institucionais vinculadas às políticas públicas locais. No entanto, ou as ações são reduzidas para esse fim ou os retornados desconhecem sua existência. Nota-se uma tendência à construção de discursos negativos sobre o retorno por aqueles que experimentam perdas financeiras após o retorno e realizam nova emigração. Assim, não se espera incentivo de amigos e parentes nos países de destino pois, geralmente, compartilham experiências negativas em tentativas de retorno.

As pesquisas de Domingues (2008) e Siqueira (2009) evidenciam que há muitos emigrantes no destino que experimentaram o retorno, mas não tiveram sucesso e reemigraram. Outros, após curtas permanências na origem, pesam as dificuldades de adaptação e invalidam o projeto de retorno. Por fim, há aqueles que alegam não ter poupado o suficiente para o retorno e sentem-se envergonhados de voltar à comunidade. Nesse sentido, o discurso predominante entre os imigrantes nos EUA é a dificuldade da volta e, portanto, serve como desestímulo ao retorno. Entre aqueles que retornaram e não foram bem-sucedidos por diversos motivos, acentuam-se os pontos negativos da volta, o que alimenta significativamente a possibilidade da reemigração, como observado no grupo de retornados da Alemanha em Andaluzia (Espanha), por Garrido e Olmos (2005).

Podemos afirmar, com base nessas pesquisas, que as escolhas relacionadas ao projeto da emigração e do retorno são socialmente orientadas. Nesse sentido, cabe a

comunidade de origem estar atenta aos mecanismos existentes de reintegração do migrante internacional de retorno e as políticas voltadas para o crescimento econômico e desenvolvimento social.

No aspecto político, observa-se, desde o final da década de 1990, um maior investimento e mudanças no tratamento dado à questão da emigração internacional brasileira¹⁷, incluindo a agenda e os desafios impostos para se pensar num aparato legal inovador para dar conta, tanto do fenômeno imigratório quanto emigratório que emerge a partir da década de 1980 - desafios que se avolumam no processo de regulamentação e efetiva implementação da nova lei de migração, Lei n. 13445/2017 (BRASIL, 2017).¹⁸ No entanto, a questão das dificuldades enfrentadas pelos migrantes brasileiros para o retorno do exterior e reinserção social e produtiva tem demandado apenas, recentemente, ações das instituições governamentais – Ministério do Trabalho e Previdência Social e Ministério das Relações Exteriores. Como exemplo, podemos citar os acordos para os programas de apoio ao retorno voluntário, a disponibilização de informações digitais no sítio dos ministérios, a elaboração da “cartilha do migrante brasileiro regressado do exterior”, o Núcleo de Informação e Apoio a Brasileiros retornados do Exterior – NIATRE, em São Paulo, e a Casa do Migrante, na Foz do Iguaçu, estado do Paraná. Vale ressaltar que o NIATRE atende especialmente os retornados do Japão e que os serviços de apoio direto ao migrante brasileiro regressado ainda se encontram nos grandes centros e fronteira, não estando ao alcance de muitos que se encontram no interior dos estados brasileiros.

Na agenda acadêmica brasileira, estudos com centralidade na migração de retorno dos brasileiros passam a despertar a atenção de pesquisadores voltados ao problema dos decasségus na década de 1990 e posteriormente ao retorno de brasileiros para a MG e cidade de Criciúma (ASSIS; SASAKI, 1995; VILELA; LOPES, 2011). No levantamento

¹⁷ As ações governamentais focam na segurança nacional e nas garantias de direitos humanos, tendo na pauta os direitos dos imigrantes no Brasil e emigrantes brasileiros no exterior. Nessa direção, ações específicas são desenvolvidas pelos Ministério das Relações Internacionais, Ministério do Trabalho e Previdência Social e Ministério da Justiça. Visíveis foram o aumento do número de funcionários nos consulados brasileiros, a preocupação em melhorar a comunicação e disponibilizar informações nos sítios eletrônicos dos ministérios e os eventos produzidos para a discussão da migração internacional de brasileiros e diálogo sobre a política governamental para as comunidades brasileiras no exterior como, por exemplo, a realização da Primeira Conferência dos Brasileiros no Mundo em 2008, estando na quinta edição, no ano de 2016.

¹⁸ Cabe destacar que no processo de elaboração e aprovação da nova lei se registra disputas e posições conflituosas, explicitando diferentes perspectivas em relação ao tratamento da questão migratória e avanços necessários na anterior Lei n. 6815/1980, Estatuto do Estrangeiro. A nova lei foi sancionada, mas veio acompanhada por 18 (dezoito) vetos a importantes dispositivos. No entanto, segundo Oliveira (2017), apesar dos entraves e vetos, houve um crucial avanço em direção à garantia dos direitos das pessoas migrantes e, nesse sentido, torna-se fundamental que os atores da sociedade civil, que defendem essa conquista, fiquem atentos na regulamentação e efetiva implementação da nova lei.

bibliográfico de teses e dissertações, com base no período de 1995 a 2009, as pesquisadoras Vilela e Lopes (2011) identificam apenas sete trabalhos dentre 123 teses e dissertações¹⁹ focando na temática de retorno dos migrantes e apontam para a importância teórica e conjuntural do fenômeno da migração internacional de retorno (devido à crise financeira nos Estados Unidos e Europa), bem como para a qualidade e diversificação dos conteúdos analisados em cada um dos trabalhos identificados. Os principais assuntos abordados nesses estudos são: o sofrimento subjetivo vivenciado pelos retornados do Japão (CATANIO, 2000); o mito do retorno no imaginário dos migrantes a partir dos relatos de mulheres portuguesas em São Paulo (ESTEVES, 2000); caracterização sócio demográfica dos migrantes brasileiros retornados, os impactos do retorno para o migrante que volta a casa, o processo de inserção produtiva, laços sociais e as motivações para o regresso (HIRANO, 2005; PERES, 2006; DOMINGUES, 2008); a reinserção dos retornados no mercado de trabalho com base na migração como capital humano (NUNAN, 2006); e as relações entre migração internacional e empreendedorismo, com o estudo dos empreendedores retornados dos Estados Unidos, na MG (SIQUEIRA, 2006).

Essa reflexão literária, bem como as contribuições empíricas, discutidas neste capítulo, nos fazem entender melhor as dificuldades conceituais e práticas que se apresentam no estudo do problema da migração internacional de retorno, demonstrando a necessidade de se reconhecer as diversas dimensões do fenômeno incorporadas na categoria geral de *migrante internacional de retorno*. É importante para o propósito de nossa pesquisa ressaltar que, dentre as várias motivações para o retorno – que podem envolver filhos e/ou filhas de emigrantes brasileiros que retornam e estudantes –, procuraremos tratar com cuidadosa atenção da categoria do retorno de migrantes laborais, tendo em vista os vários aspectos que os diferenciam. As tipologias mostram a existência de características internas e diferenciadoras entre os próprios migrantes de retorno, além de salientar os pressupostos teóricos que as fundamentam. Nesse sentido, consideramos ser relevante ponderar que, devido aos limites impostos pela pesquisa qualitativa de campo e dados quantitativos, não será possível medir essas tipologias. No entanto, tomando-as como pontos referenciais, buscamos aprofundar o estudo objetivando reunir dados e testar hipóteses sobre o efeito da experiência

¹⁹ Com base no banco de teses da Coordenação de Apoio à Pesquisa – CAPES, Vilela e Lopes (2011) produziram um balanço das defesas de teses e dissertações nas instituições de ensino superior (IES) brasileiras, sobre os migrantes internacionais do e para o Brasil, no período de 1995 a 2009, identificando a metodologia e as questões centrais abordadas por elas em relação ao tema. A estratégia adotada pelas pesquisadoras foi primar pelo levantamento na Área de Ciências Sociais, divididas nas subáreas de Sociologia, Antropologia, Ciência Política, Demografia e Ciências Sociais de modo geral, por região geográfica do país e por instituição universitária. Por meio de palavras-chave e excetuando as referências cujo tema era as migrações internas, elas identificaram 123 teses e dissertações com foco na migração internacional no contexto brasileiro.

migratória e o processo de reinserção social e produtiva da mulher e do homem trabalhador que retorna ao seu país de origem.

CAPÍTULO II – A INSERÇÃO SOCIAL E PRODUTIVA DO MIGRANTE INTERNACIONAL DE RETORNO

Neste capítulo, utilizamos o termo *reinserção*²⁰ para se pensar nas diversas formas encontradas pelo migrante de retorno em seu processo de readaptação e (re)inserção no mercado laboral na origem. Por outro lado, referimo-nos ao migrante internacional de retorno – MIR, compreendendo o indivíduo que residiu um determinado tempo no exterior, longo ou curto (independente do motivo – voluntário ou compulsório – que o levou a isso, como, por exemplo, estudo, casamento, trabalho entre outros), e que retornou ao seu país de origem, ali voltando a residir, mesmo que possam ocorrer novas emigrações.

Partindo desses termos vamos discutir o processo de (re)inserção no mercado de trabalho, identificando a literatura pertinente sobre o assunto que fundamenta a pesquisa e que norteia as hipóteses a serem testadas no trabalho. As hipóteses são construídas com base nas seguintes abordagens teóricas: i) aquelas que veem os migrantes internacionais de retorno em vantagem no mercado de trabalho, comparados aos não migrantes, dado a sua capacidade de mobilizar e utilizar os recursos possuídos e aqueles adquiridos no exterior, tais como o capital humano, o capital cultural, o capital social, o capital financeiro e outros tipos de ganhos sociais e culturais no exterior; ii) aquelas outras que os classificam em desvantagem porque eles perdem os vínculos sociais e culturais na sociedade de origem, modificam a trajetória da migração laboral de maneira forçada e/ou por diversos outros motivos não conseguem se readaptar ao cotidiano e ao ritmo de vida e de trabalho na comunidade; iii) e outras que afirmam que, dependendo das condições sociais e econômicas no mercado de origem, há também a probabilidade de esse migrante de retorno não estar em vantagem nem em desvantagem em relação aos não migrantes, competindo entre si, sob um mesmo contexto.

Certamente, ao mudar o foco para os efeitos da migração internacional no país de origem do migrante, novas contribuições foram incorporadas ao debate, incluindo os estudos sobre a reinserção produtiva e a relação entre migração e desenvolvimento. Um ponto recorrente nesses estudos tem sido as remessas de dinheiro enviadas pelos migrantes aos seus familiares, fazendo sobressair o fator econômico sem pesar outros fatores envolvidos no

²⁰ Vale destacar novamente que o termo *inserção social e produtiva* aparece de diferentes formas na literatura estudada. Ele abrange o processo de readaptação e investimento produtivo, indo desde o debate sobre o uso das remessas e dinheiro ‘economizado no exterior’ na abertura de negócios com investimentos de médio ou grande porte, ou na ‘criação do próprio posto de trabalho’ (trabalhador por conta própria), até o processo de reinserção pela escolha ocupacional no mercado de trabalho. Aqui, com o emprego do termo, nos interessa assinalar todas as formas encontradas pelo migrante internacional de retorno para a obtenção de emprego e renda no país de origem. Em especial, pretendemos fundamentar as questões colocadas para se pensar a situação desse migrante de retorno com base na experiência migratória e seus efeitos sobre a situação socioeconômica dele, medidas por meio da empregabilidade, ocupação e renda.

processo. Apesar de as remessas não serem nosso tema de estudo, vale ressaltar que o estudo de Siqueira (2009) nos proporciona uma reflexão sobre essa questão, mostrando tanto o potencial quanto os impedimentos para que as remessas de dinheiro se transformem em investimentos produtivos na comunidade de origem e evitem a reemigração. Nesse sentido, a pesquisadora se posiciona frente aos limites do foco nas remessas, argumentando que “os investimentos dos emigrantes, bem como o fluxo de remessas [...] não será nunca um elemento fundante do desenvolvimento econômico da região” (SIQUEIRA, 2009, p. 145).

Privilegiar apenas um aspecto do fenômeno migratório nos distancia da riqueza e da complexidade que envolvem a temática. É necessário reconhecer que há muito a investigar, aprofundar e apreender sobre o tema. Dessa forma, torna-se relevante destacar o avanço teórico e as contribuições de diversas áreas de conhecimento que vêm produzindo evidências que realçam a especificidade do caráter da migração internacional de retorno na sociedade contemporânea. De forma particular, é importante para nosso trabalho a significativa contribuição da área de estudos sobre o processo de inserção social e produtiva dos migrantes internacionais de retorno, as formas de capitais envolvidas na experiência migratória, as escolhas ocupacionais e as desigualdades sociais e econômicas no mercado de trabalho, configuradas num mesmo ambiente e vivenciadas por cada agente – migrante e não migrante.

Nesse sentido, consideramos que as remessas e o *dinheiro economizado* como fruto do trabalho no exterior são elementos importantes no planejamento do retorno ao país de origem com vistas ao investimento e à inserção produtiva bem-sucedida. Porém, esses elementos estão intimamente interconectados a outros fatores, relacionados à experiência migratória e às remessas/assimilações sociais e culturais, às questões estruturais do mercado de trabalho e às políticas públicas intergovernamentais (local e global), que interferem e são igualmente importantes para a produção de efeitos positivos e, conseqüentemente, ganhos para os atores individual e coletivo, impactando a comunidade e dinamizando setores da economia local (SOARES, 1995; LEVITT, 1998; CASSARINO, 2004, 2008; SIQUEIRA, 2009; LEVITT; LAMBA-NIEVES, 2011; ALVARENGA, 2014).

Esse entendimento reforça a argumentação de que os impactos na origem podem ser ambíguos e contraditórios – ocasionar ganhos e perdas, ou nenhum nem outro, em relação às ideias e práticas sociais e culturais no contexto individual e coletivo (LEVITT; LAMBA-NIEVES, 2011). Otimizar setores econômicos e gerar, ao mesmo tempo, problemas estruturais e de ordem individual, como, por exemplo, o aumento desproporcional do preço de imóveis e a inadaptação no próprio país, conforme assinalado nas pesquisas de Soares (1995) e Siqueira (2009). Além disso, muitos jovens passam a contar com o apoio financeiro de pais

e parentes no exterior. Isso os leva à construção de expectativas positivas do processo e à demonstração de desinteresse para os estudos e trabalho num contexto direto da cultura da emigração. Pois emigrar para outro país passa a ser percebido como uma vantajosa alternativa para melhoria de vida (SIQUEIRA, 2009; LEVITT; LAMBA-NIEVES, 2011; ALVES, 2013).

É fundamental esclarecer que, além do caráter multifacetado e multidisciplinar dos deslocamentos humanos, entendemos que a experiência migratória se mostra como um fator diferencial no próprio grupo de migrantes de retorno devido ao seu caráter cumulativo, envolvendo recursos materiais e não materiais, já possuídos e/ou incrementados ou não pelos agentes por via da experiência migratória. Significa dizer que os efeitos contextuais da ‘experiência migratória’ embasam a análise sobre as múltiplas desigualdades, nos níveis micro e macrosociais, pois envolvem um conjunto complexo de capitais, não se limitando apenas ao econômico.

Nesse sentido, para organizarmos o debate sobre o problema de pesquisa, a fim de especificar os fatores a serem analisados na abordagem de vantagens e desvantagens dos migrantes internacionais de retorno (MIR)²¹ na comunidade e mercado de trabalho local, pensamos ser útil, inicialmente, explicitar alguns posicionamentos teóricos acerca das formas de capitais, trazendo para nosso campo de trabalho as teses do capital social e das redes sociais, e apontando a centralidade do conceito de capital humano para o estudo do processo de inserção no mercado de trabalho e como ele se funda na tese da modernização da sociedade.

Nessa perspectiva, a base teórica do capital humano²² remete ao pensamento de um dos primeiros estudiosos sobre o tema – professor Theodore Schultz, para o qual “as pessoas valorizam as suas capacidades quer como produtores, quer como consumidores, pelo auto-investimento, e [...] que a instrução é o maior investimento no capital humano” (SCHULTZ, [1963] 1973, p. 13). No entanto, esse mesmo teórico ressalta que essa preocupação com o capital humano não é novidade na economia, pois já estava presente na

²¹ Com essa abreviação nos referimos ao migrante internacional de retorno (MIR), compreendendo os indivíduos que residiram um determinado tempo no exterior, longo ou curto, e que retornaram ao seu país de origem, ali voltando a residir, mesmo que possam ocorrer novas emigrações. Nosso estudo, com base no Censo 2010, detém atenção sobre os brasileiros natos, entre 25 anos e mais, que responderam que residiram no exterior, tendo retornado ao Brasil e declarado residência no Estado de Minas Gerais.

²² A primeira análise do efeito do capital humano sobre os rendimentos, tendo como centralidade a experiência no mercado de trabalho, foi feita em 1957 com a tese de doutorado de Mincer e posteriormente, em 1958, publicada no artigo intitulado “Investment in Human Capital and Personal Income Distribution” (CHISWICK, 2006). Após, Schultz se destaca pelo aprimoramento do conceito e inserção de outros fatores de capital humano, como migração e investimento na saúde.

clássica obra de Adam Smith — *A Riqueza das Nações*, publicada em 1776. Nela se reconhecia a importância das habilidades adquiridas e utilizáveis de todos os habitantes de um país, como parte do capital desse país.

Além dessa obra, Schultz (1973) destaca as contribuições de Irving Fischer e H. Von Thünen, apontando que Alfred Marshall, mesmo percebendo a relevância do capital humano em seus escritos, não pactuava da incorporação do investimento nos seres humanos como forma de capital, pois “tratá-los como capital era inconcebível para a efetivação das análises práticas” (SCHULTZ, 1973, p. 34).

Portanto, a tese de Schultz (1973), ao mesmo tempo em que realça um corpo de estudos sobre o capital humano²³, defende que para entender o crescimento econômico de um país é fundamental ir além dos fatores da produção advindos do pensamento da economia clássica – terra, trabalho e produção. Ir, também, além das críticas atribuídas a esses fatores, reconhecendo ser central o investimento no homem, na educação e na pesquisa, tanto no plano privado quanto no plano público, para o aumento marginal observado na produção. Isso implica atribuir central importância ao processo de modernização da economia com foco no crescimento econômico. Significa reconhecer que aquilo que se compreendia como gasto, de fato, se constitui como investimento, pois “os gastos diretos com a educação, com a saúde e com a migração interna para a consecução de vantagens oferecidas por melhores empregos são exemplos claros” (SCHULTZ, 1973, p. 31). Além desses exemplos, inclui-se o treinamento no local de trabalho e a melhoria de capacidades técnicas e de conhecimentos com base no esforço dos indivíduos como fatores de investimento. Um objetivo desse estudioso foi explicitar a heterogeneidade e outras formas de capitais, determinando seu valor econômico. Embora esse posicionamento assinalasse um avanço na teoria econômica, posteriormente, a tese do capital humano suscitou vários debates e pesquisas, confrontando o ideal neoliberal de crescimento econômico e a reprodução de desigualdades.

Contudo, a perspectiva do capital humano nos permite inferir que as variáveis relacionadas à educação, à aprendizagem de uma língua estrangeira e à própria migração são

²³ O conceito de capital humano não está concernido numa única tese, ele compreende diversos estudos se constituindo num programa que, a partir das suas raízes clássicas, foi desenvolvido na escola de Chicago por teóricos da economia, nominalmente, Schultz ([1963]1973), Gary Becker (1964) e Jacob Mincer (1958). Este último, sob uma perspectiva econométrica, preocupou-se em investigar a correlação entre o investimento na formação do trabalhador e a distribuição de renda pessoal. Seu estudo enfatizou o capital humano como resultante de uma escolha racional realizada pelo indivíduo que, gastando mais tempo com treinamento, lograva renda e ocupação diferenciada. Também, com base nos estudos, o autor acrescentou ao conceito de capital humano o fator da experiência no emprego para explicar as diferenças ocupacionais em função de diferenças no treinamento, estabelecendo uma primeira análise da correlação positiva entre capital humano e dispersão de rendimentos entre as diferentes posições ocupacionais.

medidas importantes para a análise da situação dos migrantes de retorno no país de origem. Ou seja, com essa ferramenta conceitual podemos investigar se os retornados teriam vantagens em relação aos não migrantes a partir do próprio investimento na migração internacional. Isso porque o deslocamento envolve longas distâncias, tem custos altos, exige organização, construção de metas e aprendizado contínuo na prática laboral e produtiva, bem como pode trazer ganhos futuros (CASSARINO, 2008; 2013; FERNANDES; CASTRO, 2013). Ademais, o conceito de capital humano tem como pressuposto a tese da modernização, que passa a ideia da tendência das sociedades industrializadas para a valorização das características adquiridas em detrimento daquelas relacionadas à origem, como cor da pele, sexo e etnia (BLAU; DUNCAN, 1967), podendo ser um referencial para testar hipóteses de pesquisa.

No cerne do pensamento dos teóricos da modernização está a visão otimista de que o processo de industrialização nas sociedades modernas conduz à diminuição da influência dos critérios centrados em características atribuídas ao indivíduo com base na origem (*ascription*) como raça, gênero e classe de origem sobre a realização (*achievement*) de *status* dos indivíduos, primando, portanto, por critérios universalistas no sistema de estratificação social²⁴ (BLAU; DUNCAN, 1967; PARSONS, 1970; FEATHERMAN; HAUSER, 1994; DAVIS; MOORE, [1945] 2008; TREIMAN, [1970] 1994). Nesse sentido, a educação e o investimento pessoal do indivíduo em treinamentos, aperfeiçoamentos, qualificação e migração tornam-se centrais no paradigma funcionalista porque fornecem os meios para a realização individual e, principalmente, porque promovem a produção de habilidades técnicas e cognitivas para alocação no mercado de trabalho. Nessa perspectiva, o acesso à educação seria ampliado ou até mesmo universalizado para atender às demandas por profissionais qualificados e treinados para as novas ocupações e crescentes ofertas de emprego. De forma otimista, passaram a ideia de que a modernização seria responsável por

²⁴ Por estratificação social entende-se um sistema organizacional e hierárquico de distribuição dos indivíduos na sociedade em grupos (estratos) que possuem determinadas características comuns quanto a valores, interesses e estilo de vida, sendo essas relacionadas às condições desiguais de suas participações no processo de distribuição dos recursos socialmente valorizados, como, por exemplo, a riqueza, o poder e o prestígio. Significa dizer que os indivíduos e grupos têm acessos assimétricos aos recursos valorizados na sociedade que dependem de sua posição na estrutura socioeconômica e política do sistema de estratificação. Analiticamente, a estratificação social pode ser pensada pelas dimensões relacionadas ao conteúdo (riqueza, poder e prestígio) e à estrutura (análises estatísticas sobre o estado dos conteúdos). Essas dimensões são ferramentas que esclarecem a principal diferença entre os mecanismos substantivos da estratificação e seus institutos estatísticos (HALLER; SARAIVA, 1991). Ou seja, por meio das análises e modelos estatísticos se esclarece como as unidades estão organizadas no interior de cada dimensão, explorando as diversas medidas estatísticas como o grau de dispersão, o grau de correlação e o grau de cristalização, conforme nos ensinam Haller e Saraiva (1991).

uma crescente diminuição das desigualdades. Em contraste, várias pesquisas têm evidenciado desiguais oportunidades de acesso aos bens e ao mercado de trabalho, fundamentadas em atributos de origem, mostrando que eles ainda são fatores determinantes de tais desigualdades (BOURDIEU, 2007; VILELA; COLLARES, 2009).

No campo do estudo das desigualdades e da reprodução social, o sociólogo Bourdieu (1999; 2007) analisa criticamente os conceitos difundidos pela teoria econômica neoclássica e mostra que o cenário da competição perfeita ou de perfeita igualdade de oportunidades não corresponde ao processo presente na história acumulada da humanidade. Para ele, compreender o mundo social requer pensar o capital em todas as suas formas. Nesse sentido, Bourdieu (1999; 2007) rechaça a concepção de capital reduzido ao universo das trocas mercantis, que de forma objetiva e subjetiva se orienta à maximização dos lucros.

Para esse teórico, dependendo do campo em que o capital atua e do preço mais ou menos custoso do processo da conversão desse capital, que são pré-condições para sua eficácia no campo em questão, ele pode apresentar-se de três formas: capital econômico, capital cultural e capital social. Segundo o autor, o capital econômico é direto e imediatamente convertido em dinheiro, podendo ser materializado na forma de direito de propriedade. Já o capital cultural pode se apresentar de três formas – no estado *incorporado*, *objetivado* e *institucionalizado*; e, sob certas condições, pode ser convertido em capital econômico e materializado na forma de qualificações educacionais (BOURDIEU, 1999; 2007). Nessas formulações, Bourdieu (1999) se afasta e se opõe à perspectiva do ‘capital humano’ e da escola de Chicago, mostrando que os fatores estruturais constroem a realização dos indivíduos e encerram assimetrias sociais.

O capital cultural no estado *incorporado* predispõe a funcionar como capital simbólico e distintivo, pois representa as formas de disposições duráveis da mente e do corpo. Tem uma íntima relação com o investimento de tempo e com o capital simbólico possuído e compartilhado no espaço social de origem – família, classe social. Nesse sentido, as condições sociais de aquisição e transmissão dessa forma de capital cultural tendem a ser mais dissimuladas que as do capital econômico. Simbolicamente representado, ele não se reconhece como capital e se reveste como competência legítima do possuidor. No entanto, a sua lógica simbólica realça a distinção e adicionalmente assegura benefícios materiais e simbólicos para os possuidores de um grande capital cultural.

Bourdieu (1999; 2007) assinala que, nesse estado incorporado do capital cultural, qualquer competência cultural, como por exemplo ser capaz de ler em um mundo de

analfabetos, torna-se valioso devido à escassez de sua posição na distribuição do capital cultural e produz ganhos de distinção para seu dono.

O capital cultural no estado *objetivado* pode ser representado pelos bens culturais, tais como: quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas dentre outros. Ou seja, são produtos culturais materializados pela implementação de conhecimentos teóricos e práticos de dada sociedade. Por último, o capital cultural *institucionalizado*, apesar de representar, também, uma forma de objetivação ao conferir completa garantia e propriedade original ao capital cultural, ele assume sua particularidade porque tanto a garantia (convencional, constante e legal) quanto a propriedade são sancionadas e reconhecidas coletivamente e, portanto, independente da pessoa que o possui, como, por exemplo, as qualificações educacionais e acadêmicas. O valor e o processo da conversão dessa forma de capital em ganhos econômicos têm relação com a escassez e a garantia institucional de reconhecimento sobre a posse. Isso implica a possibilidade de comparar as qualificações dos possuidores nas relações de trocas (BOURDIEU, 1999; 2007). Nessa direção, ao contrário do capital humano, o capital cultural reforça que a origem social impacta na obtenção de *status* e renda. Assim, variáveis de origem – classe social, *background* da família e etnia – e de significado social, como, por exemplo, raça, gênero, estado civil, devem ser consideradas nas análises das desigualdades socioeconômicas (VILELA, 2008).

A terceira forma é o capital social que se constitui pelos recursos reais ou potenciais possuídos e disponíveis para os atores numa rede duradoura de relações de conhecimento e reconhecimento mútuos (BOURDIEU, 1999). Esses recursos são mais ou menos institucionalizados entre os componentes do grupo que formam as redes de relacionamento. Esta rede não é dada, requer estratégias de investimentos individual e coletivo, podendo estas estratégias serem conscientes ou não. Assim, os recursos e o volume de capital social pertencente a um agente dependem do tamanho da rede e dos laços sociais que ele efetivamente pode mobilizar e utilizar a curto ou a longo prazo. Na perspectiva de Bourdieu (1999), as relações contingentes, tais como as de vizinhança, de ambiente de trabalho e as relações de parentesco implicam obrigações duráveis subjetivamente sentidas (gratidão, respeito, amizade, solidariedade etc.) ou institucionalmente garantidas, como normas e direitos. Assim, esse conceito se torna uma ferramenta útil para o estudo do mundo social.

Portanto, devemos sinalizar que capital social, neste presente trabalho, centra na postura teórica de Bourdieu e nas discussões posteriores relativas à relação de capital social e redes sociais, ampliando o seu poder explicativo. Cabe, também, ressaltar que o conceito de

capital social está sendo largamente utilizado nas Ciências Sociais, e Higgins (2005) e Portes (2000) chamam atenção para as implicações práticas em sua utilização, bem como para a necessidade de atentarmos para os pressupostos teóricos que o fundamentam. Apesar das aproximações, há vários teóricos que trabalham com esse conceito desenvolvendo ideias que se diferem substantivamente umas das outras. Coleman (1993), por exemplo, ao mapear o declínio das instituições primordiais (perda do capital social) frente às mudanças e ao processo de modernização da sociedade, destaca a importância do processo de reconstrução racional da sociedade pela posse do capital social como um mecanismo de grupo, de controle social e ação racional coletivamente ordenada. Por outro lado, Bourdieu (1999), preocupado com os mecanismos de reprodução de desigualdades na sociedade, percebe o capital social como construído e possuído pelo indivíduo e grupo; podendo, portanto, ser valorizado diversamente no mundo social em relação a outros grupos e indivíduos, pois, para Bourdieu (1999; 2007), o capital social vincula-se à sua forma de aquisição, às origens do indivíduo e à sua relação e formação distintiva com o capital cultural. Em síntese, vale destacar que há outras abordagens para capital social que não discutiremos, em face da delimitação da pesquisa.

Destacamos que o tempo gasto no ambiente social para a formação de capital cultural, bem como para a construção e manutenção de laços sociais não é desperdício, ele representa um investimento que se traduz em futuros benefícios que podem se constituir de forma monetária ou não. Portanto, no nosso entendimento, a migração internacional pode contribuir para a ampliação e melhoria do capital humano, capital cultural e das redes sociais, pois o migrante tem possibilidade de incorporar novas ideias, habilidades e práticas sociais e culturais, além da oportunidade de ampliar os laços sociais no país de destino, estabelecer novos contatos, além de manter e fortalecer laços na comunidade de origem. Os mecanismos de manutenção de laços na comunidade de origem são viáveis, mesmo considerando o problema da distância e da ausência vivenciada com a emigração internacional. A experiência migratória sendo contextual e específica para cada indivíduo (ao considerar o ambiente social, os capitais anteriores à emigração e o nível de preparação para o retorno) pode representar, para alguns migrantes de retorno, ganhos positivos, incluindo o acesso às redes sociais ampliadas a partir do destino, além daquelas mantidas e melhoradas na comunidade de origem.

Por outro lado, em contraste, essa mesma experiência pode significar a deterioração ou a perda, o declínio ou a fragmentação dos laços sociais. Por essa perspectiva, ironicamente, a experiência migratória pode acentuar as desigualdades internas da categoria

(por exemplo, diferenças de origem, não documentação para viagens de visita e contatos diretos), causando a exclusão e dificuldades de acesso às oportunidades na comunidade e no mercado local.

Em ambos casos, a fragmentação dos laços sociais é potencializada pelo distanciamento da família e do país de origem. No entanto, o primeiro caso aproxima-se da representação do tipo *return preparedness*, sugerido por Cassarino (2004; 2008), em que se valorizam tanto os capitais quanto a capacidade dos atores em acionar e mobilizar as redes social e informacional, visando o retorno e potencialização dos ganhos advindos da experiência laboral e migratória no exterior.

Nesta direção, torna-se importante o pensamento de Granovetter (1973), atribuindo um papel central das relações sociais em todas as dimensões da vida na sociedade. Ele traz a perspectiva da estrutura de redes sociais com base na noção de que a força dos laços está na combinação de uma quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua) e serviços recíprocos, que caracteriza esses laços – cada um independente do outro, estão altamente intracorrelacionados. A análise de rede, segundo esse autor, deve considerar a conexão entre os laços e se esses são os laços fortes ou fracos. A sobreposição do círculo de amizade é prevista para ser menor quando os laços inexistem, maior quando os laços são fortes e intermediária se são fracos.

Granovetter (1973) utiliza o conceito de ponte como uma linha na rede que apenas viabiliza o trajeto entre dois pontos e potencializa o estudo da difusão. Ele afirma que toda ponte são laços fracos e que a significância desses laços é que cria mais e menores trajetos. Nesse sentido, seu estudo enfatiza a natureza dos laços fracos entre a troca de emprego e o contato entre as pessoas que buscam as informações necessárias sobre o mercado de trabalho. Seu argumento é que sendo os laços da conexão fracos, torna-se mais provável a movimentação em diferentes círculos, alcançando outras redes. Essa disposição leva o agente a adentrar em outras redes para buscar as informações. Nesse sentido, os laços fracos tendem a aumentar a possibilidade de ampliar o capital social. Em outras palavras, significa dizer que os laços fracos são recursos que alavancam a oportunidade de mobilidade social. Aprofundando essa perspectiva, Granovetter (2007) argumenta que a concepção de mercado está intrinsecamente vinculada ao mundo social, destacando que as relações sociais estão imersas na esfera econômica e impacta todos os processos e mecanismos de mercado. Essa abordagem teórica tem orientado pesquisas empíricas sobre o potencial dos laços fracos para a obtenção de emprego.

Por outra perspectiva, mas de forma complementar à ideia da centralidade das relações sociais na dimensão da vida em sociedade, Erickson (2001) destaca que a variedade de rede ou a quantidade e a diversidade de pessoas que alguém conhece é uma forma de capital social que, no mercado de trabalho, e, principalmente, no processo de contratação, se mostra valioso tanto para o empregador quanto para o empregado. Ele reforça o aspecto dual do capital social na perspectiva da demanda e da oferta na contratação. Na demanda, os empregadores valorizam o potencial dos empregados que possuem capital social porque podem converter o capital social individual em capital social para a organização, através da contratação e do mecanismo de mobilizar os contatos do empregado, em direção aos objetivos organizacionais.

Nessa perspectiva, capital social torna-se um diferencial positivo para alguns empregados direcionando-os para ocupações de mais alto nível, na medida em que atende aos interesses demandados pelos empregadores. Isso implica que, pelo lado da oferta, boas redes sociais são valiosas para potenciais empregados porque elas aumentam as chances de se conseguir uma ocupação melhor. No entanto, Erickson (2001) argumenta que o capital social não possui apenas um lado benigno, porque representa, também, um importante papel no cenário da exploração e da desigualdade: os empregadores se apropriam do poder das redes dos empregados bem como do trabalho deles e os empregados se beneficiam do desigual capital social que possuem em relação a outros que disputam a mesma oportunidade.

Dessa forma, Erickson (2001) realça as conexões entre diferentes formas de capital social no processo de contratação. Uma possibilidade é que pessoas com melhor capital social ocupem os melhores postos de trabalho por serem aquelas que participam de uma diversidade maior de redes. Esse conceito de redes sociais, bem como os conceitos de capital social e capital humano estão presentes na literatura sobre as desigualdades socioeconômicas e têm servido como ferramenta de análises sobre as condições dos migrantes de retorno no país de origem.

Investigações realizadas em determinadas localidades, no Brasil e no mundo, têm fomentado novas questões teórico-metodológicas para o problema da inserção produtiva do MIR e colocado desafios para as políticas públicas direcionadas à redução de desigualdades sociais e econômicas, promoção de direitos e oportunidades de emprego e renda no território nacional. Basicamente, a partir da revisão da literatura sobre essa temática, podemos assinalar que os marcos explicativos para o estudo da inserção produtiva dos MIR fundamentam-se nas dimensões: a) Temporal – duração da permanência no país de destino; b) Espacial – envolve o território na conjuntura econômica e social do país de destino e do país de origem; c) Social –

incorpora a análise de origem do indivíduo (família e comunidade) e capitais a serem convertidos para a recolocação no mercado de trabalho; d) Individual – criatividade do sujeito frente aos desafios na comunidade de origem que contempla a capacidade de cada um em potencializar e mobilizar os capitais possuídos e adquiridos no exterior e na origem. A unidade de análise perpassa por três níveis: o individual, o familiar/domiciliar e o outro mais amplo, envolvendo os países de origem e destino (YENDAW, 2013). A maioria das pesquisas traz a perspectiva a partir dos países considerados em processo de desenvolvimento. Dessa forma, os estudos discutidos neste capítulo seguem essa estrutura.

No campo de estudos africanos tem se reconhecido a importância da migração interna e internacional como um importante mecanismo para o enfrentamento da pobreza nos países em desenvolvimento (YENDAW; TANLE; KUMI-KYEREME, 2013). Com esse olhar, Yendaw, Tanle e Kumi-Kyereme. (2013) investigaram sobre as condições socioeconômicas de migrantes de retorno, por meio da técnica de entrevista estruturada, com questões abertas e fechadas, aplicada a 120 migrantes que retornaram para o município de Berekum (Gana/África)²⁵. Tomando esse município como um estudo de caso, os pesquisadores produziram sugestivos resultados, com base na análise descritiva e de estatística inferencial da amostra.

Em relação ao total da amostra, 99 eram homens e praticamente metade (59) dos respondentes declararam estar casados. A maioria (82) dos migrantes de retorno eram jovens, de 20 a 39 anos. Destacadamente, encontravam-se ocupados no comércio ou em atividades empresariais (43) e na condição de artesão (28). Assim, os resultados sugerem uma alta probabilidade de encontrar 6 a cada 10 migrantes de retorno atuando como comerciante/empresário e desenvolvendo atividades de artesanato em Gana (YENDAW; TANLE; KUMI-KYEREME, 2013).

Para avaliar o *status* socioeconômico dos retornados, os autores consideraram a estrutura de causas e efeitos desenvolvida por King (2000). Essa estrutura foca basicamente em dois fatores: o capital humano acumulado no exterior e o capital financeiro – conhecido nos países de origem como ativos relacionados às remessas de dinheiro e à poupança acumulada no exterior. Com um olhar sobre essa estrutura, Yendaw, Tanle e Kumi-Kyereme (2013) buscam articular e adaptar um modelo com variáveis relacionadas ao *status* socioeconômico que não haviam sido incluídas naquela estrutura. Assim, o estudo traz como

²⁵ A unidade de análise da pesquisa refere-se aos migrantes de retorno com a idade de 18 anos ou mais e se utilizou a estratégia da técnica da bola de neve e sorteio para a realização do *survey*. Foram feitas análises descritivas e estatística inferencial – como, por exemplo, a análise do *chi-square*, tendo como ferramenta o programa *Statistical Product and Service Solution* (SPSS) versão 16.

variável independente o tempo de permanência no estrangeiro e como variável dependente a situação do ativo/recurso antes da emigração e após o retorno, levando em conta a formação do capital humano (habilidades adquiridas²⁶) acumulado no exterior e a formação do capital financeiro. Sendo este último medido pelas condições da moradia, situação de ocupação da residência (própria, alugada, cedida etc.), situação no mercado de trabalho (comerciante, artesão, agricultor, desempregado etc.) e os bens de consumo duráveis adquiridos, medindo a capacidade de consumo antes e depois da emigração (televisão, geladeira/freezer, computador, automóvel, trator etc.). Em especial, como *proxy* de capital humano foi perguntado aos entrevistados se eles tinham feito alguma formação técnica, especialização/treinamento, aperfeiçoamento artístico antes da partida e, também, se eles tinham feito alguma formação técnica, treinamento/especialização no estrangeiro.

Pelo aspecto econômico, entre outros resultados, a pesquisa mostra que, com o plano de retorno, muitos migrantes economizaram uma soma significativa de dinheiro. Além disso, uma larga porcentagem dos migrantes de retorno tem tido acesso ao crédito financeiro formal obtido principalmente nos bancos, contrastando com o fato de que antes da partida era quase impossível essa alternativa. Embora esse fato possa ser considerado promissor, identifica-se que há maior *status* financeiro para aqueles cujo destino foi a Alemanha, seguidos por aqueles que viveram em Israel. Verificou-se, ainda, que 84% dos entrevistados se especializaram no exterior, destacando a aquisição de habilidades técnicas (44%) e mais da metade (68,3%) dos migrantes de retorno compraram imóveis. Também, muitos adquiriram bens de consumo duráveis, como, por exemplo, a compra de automóvel e trator. Comparando os recursos econômicos obtidos e os destinos da emigração, os resultados mostram que os respondentes que viveram e trabalharam em países europeus estão em vantagem em relação aos seus conterrâneos que permaneceram e aqueles que trabalharam em destinos americanos e africanos (YENDAW; TANLE; KUMI-KYEREME, 2013).

Por outro aspecto, em relação à formação de capital social dos migrantes de retorno, os resultados revelam que a maioria tem adquirido importantes valores no estrangeiro – traduzidos em atitudes e ideias. Em função disso, o pesquisador sugere que eles têm se inserido em redes sociais melhoradas em consequência do processo emigratório e de retorno.

²⁶ As habilidades e/ou competências no contexto do estudo se referem a qualquer esforço formal ou informal para adquirir conhecimento, melhorar a capacidade e especializar em algo particular relacionado a profissão ou vocação – aquisição de habilidades, como, por exemplo, artísticas – concepção/projeto, alfaiataria, competências técnicas especializadas – construção e trabalho com metal, treinamento nos serviços domésticos – lavanderia, cuidado com crianças e idosos, limpeza e governança doméstica, especialização industrial – processamento e empacotamento, especialização empresarial e gestão – investimento, *marketing* e gestão hoteleira.

Foi ainda observado que muitos dos migrantes de retorno se destacam na tomada de decisões nas comunidades de origem quando se compara com a situação no período anterior à emigração. Segundo Yendaw Tanle e Kumi-Kyereme (2013), esta atitude de liderança, no entanto, está correlacionada ao tempo de permanência no país de destino, produzindo uma simetria positiva para aqueles cuja estadia no estrangeiro foi mais longa. Ou seja, a pesquisa aponta que os migrantes de retorno que ficam mais tempo no exterior apresentam um nível mais alto de influência na tomada de decisão quando comparados àqueles que ficam menos tempo. Nesse sentido, o estudo recomenda que o governo, por meio da atuação de diversos setores, deve buscar equacionar o problema investindo na implementação de programas de apoio, tais como assessoria à pós-chegada, dando suporte para o recomeço e visando a utilização adequada dos recursos financeiros e do capital social, pois os recursos financeiros e de capital social podem impactar positivamente o desenvolvimento local (YENDAW; TANLE; KUMI-KYEREME, 2013).

No artigo “*Does international migration represent a mechanism for a status enhancement or status loss? A study of international return migrants to Ghana*”, Elijah Yendaw (2013) explora o mesmo banco de dados ao qual nos referimos acima. Porém, nesse artigo ele busca entender se a migração internacional representa um mecanismo para o aumento ou a perda de *status*. Para responder à questão colocada, Yendaw (2013) faz uma adaptação da estrutura teórica e conceitual do modelo explicativo.

Para o estudo da situação socioeconômica, no modelo anterior, proposto por Yendaw, Tanle e Kumi-Kyereme (2013), se analisava o *status* econômico a partir das variáveis de fator econômico que abrangiam: a mudança ocupacional, capital financeiro (poupança, ganhos etc.), posse de recursos ou consumo de bens duráveis (carros, móveis, equipamento, investimento e negócios etc.), domicílio/habitação (tipo de moradia, lugar e *status* da ocupação, outros). Por outro lado, se analisava o *status* social considerando as variáveis referentes à formação do capital humano – especialização/habilidades, treinamento, educação e experiência no trabalho. Já no modelo adaptado, Yendaw (2013, p. 4) enfatiza a formação do capital social, incluindo outras variáveis para analisar as condições socioeconômicas, conforme esquema que segue:

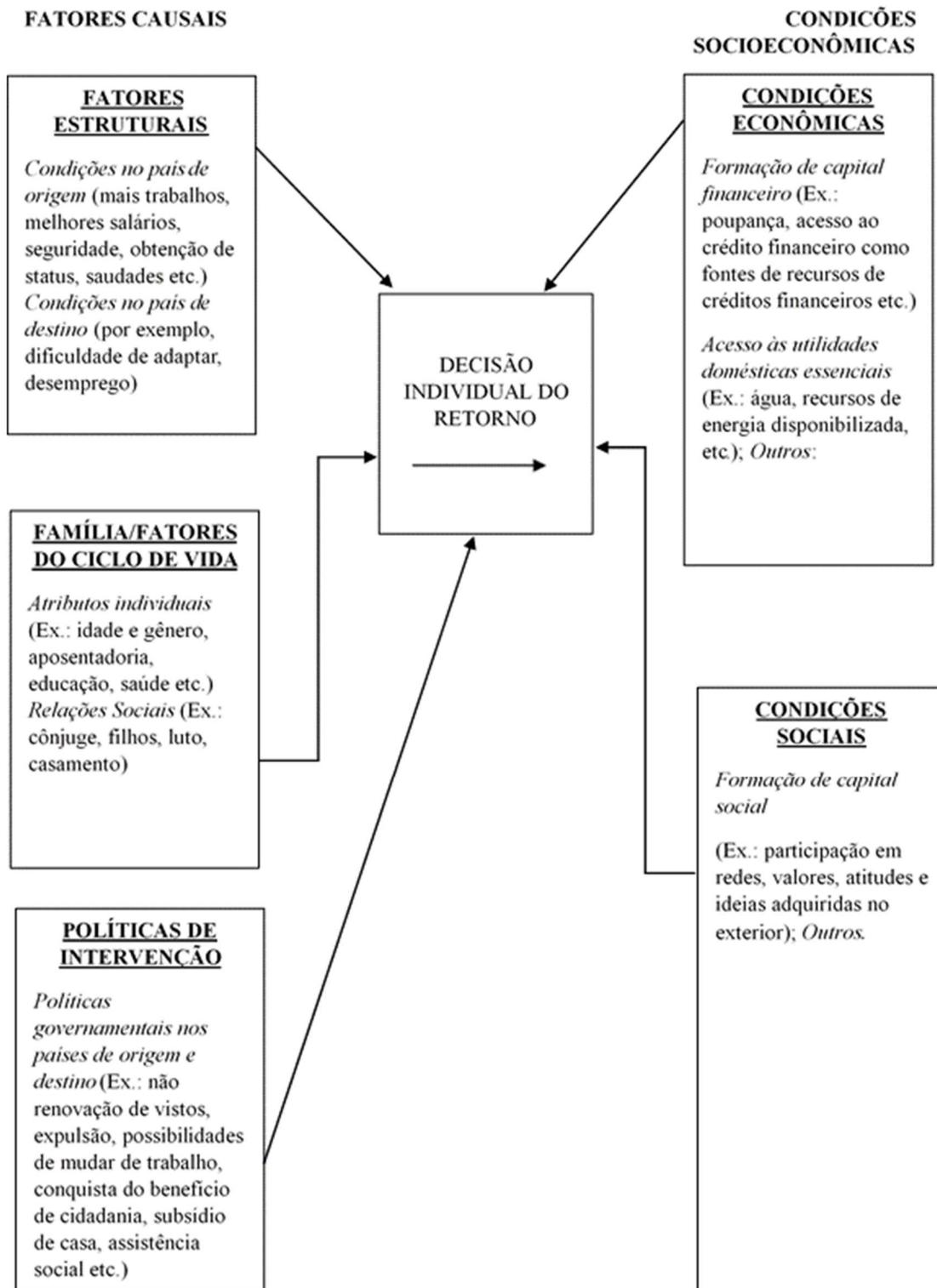


Figura 1 – Modelo adaptado por Yendaw (2013, p. 4)²⁷

Dessa forma, o autor traz para a análise as variáveis relativas às condições socioeconômicas, sendo elas representadas pela formação dos capitais financeiro e social. Além do dinheiro poupado, ele considerou também o acesso e a origem dos créditos, o

²⁷ Tradução livre.

investimento do migrante de retorno para proporcionar mais conforto na moradia (fornecimento/origem da água, fonte de energia para cozinhar etc.) e as condições sociais observadas na formação do capital social (nível de participação em redes sociais e associações, valores, atitudes e ideias estrangeiras).

Para identificar o capital social com foco nas redes sociais foi perguntado aos migrantes de retorno se participavam de algum grupo social ou associação ou se tinham alguns amigos e vizinhos com os quais podiam contar durante os períodos de crise e dificuldades, demarcando a situação antes da emigração e depois do retorno. Os dados evidenciam uma melhora nas redes sociais após o retorno. Pois, antes da partida, 78,6% dos migrantes de retorno disseram não participar de grupo social ou associação, além de não poderem contar com amigos e vizinhos em períodos de crise. Depois do retorno, 70,6% dos respondentes já afirmaram positivamente a questão, enquanto os demais 29,4% disseram não pertencer a grupos sociais e associações e nem poderem contar com amigos e vizinhos nos momentos de crise.

Como parte de medida da formação de capital social e cultural do migrante de retorno foi considerado o fator da assimilação de atitudes e ideias, significando valores estrangeiros compreendidos como valiosos no meio social. Essa medida foi obtida pela afirmação positiva ou negativa dos entrevistados, respondendo se tinham assimilado importantes valores no estrangeiro. Para esse fim, era possível estabelecer indicação múltipla de específicos valores, listando: a ética de trabalho, confiança/otimismo, valorização do trabalho em equipe, valorização de saberes distintos, consciência do tempo, habilidade na linguagem/comunicação, valorização do trabalho duro, normas de direito humano, normas de saúde e outros. A maioria dos respondentes afirmou ter adquirido valores estrangeiros (88,3%), e, como a questão recebia múltiplas respostas, dentro de um total de 214 indicações observou-se a predominância do aprendizado da consciência de tempo (20,6%), a valorização do trabalho duro (17,8%) e da ética do trabalho (15%). Com menor indicação, os respondentes disseram ter aprendido a ter confiança (11,9%), valorizar as normas aplicadas ao direito humano (8,9%) e normas de saúde (1,9%). Esses valores são recursos humanos altamente desejados pelo fato de serem considerados primordiais para o desenvolvimento social e econômico de qualquer sociedade. No entanto, o impacto deles no país de origem depende de como e de que forma eles são utilizados pelos migrantes de retorno e de que tipo de estrutura social se dispõe na localidade para o afloramento desses novos valores, atitudes e ideias (YENDAW, 2013).

Abordando a mesma temática, mas, por outra perspectiva, a pesquisa de Galia Sabar (2013)²⁸ analisa a experiência de retorno do migrante laboral africano que vivia em Israel. A autora traz para o estudo a distinção entre os fatores material e não-material com o correspondente efeito deles sobre o sucesso relativo dos migrantes de retorno. Ela usa o termo *não-material* se referindo aos ativos não quantificáveis, principalmente aqueles relacionados a valores, ideias, estilo de vida e redes sociais e os efeitos deles sobre a situação dos migrantes de retorno e seus familiares e amigos. Nesse sentido, ela tem como base o conceito de “remessa social” desenvolvido por Peggy Levitt em 1998, que chama a atenção para o fato de que, além das remessas de dinheiro e da poupança acumulada, os migrantes de retorno trazem ideias e comportamentos apreendidos no exterior para a comunidade de origem. Basicamente, Levitt (1998) trabalha com quatro tipos de remessa social: normas, práticas, identidades e capital social. É com essa visão que Sabar (2013) desenvolve o modelo explicativo da sua pesquisa. É necessário destacar que as remessas sociais podem ser individuais, conforme acima tipificadas, e podem também se apresentar por remessas sociais coletivas quando tendem a impactar valores, ideias e práticas no âmbito das organizações, de maneira positiva ou não (LEVITT; LAMBA-NIEVES, 2011).

O argumento de Sabar (2013), a partir da análise sobre os efeitos distintos dos fatores material e não-material, fundamenta-se no entendimento de que as experiências dos migrantes de trabalho na volta para o país de origem podem ser tipificadas por aqueles que estão “satisfeitos”, “readaptando-se” ou “perdidos”.

A categoria dos “satisfeitos” representa o grupo daqueles migrantes que retornaram à África e avaliam que obtiveram sucesso tanto com a emigração quanto com o retorno, conseguindo enviar dinheiro, poupar, comprar ou construir uma casa, montar um negócio e trazer um aprendizado valioso do estrangeiro. A categoria “readaptando-se” envolve aqueles que estão em processo de ambientação familiar e reconhecimento do local de origem para garantir um uso mais eficiente dos recursos e evitar perdas e gastos desnecessários, cuidando por observar e não agir como muitos migrantes de retorno que ostentam por meio do consumo e perdem muito dos recursos, tendo que reemigrar. Já a categoria “perdido” inclui os migrantes de retorno que têm dificuldades para a readaptação, tornando latente o problema na solução de atitudes sociais divergentes (gosto por estilos de

²⁸ Galia Sabar é historiadora e coordena o programa de estudos africanos da Universidade de Tel Aviv, Israel. Em relação à pesquisa em foco, ela explica que vem trabalhando com o método comparativo constante e que os achados apresentados são produto de 15 anos de pesquisa sobre o migrante de trabalho africano em Israel e de um estudo mais recente na África Ocidental entre os migrantes retornados de Israel por meio da realização de 50 entrevistas em profundidade, bem como centenas de horas de observação participante.

vida baseados na modernidade). Essa categoria traz percepções sobre a falta de apoio e os encargos pelas remessas de dinheiro aos familiares sem o devido cuidado de pensar em si próprio para garantir o sucesso do retorno. Embora a ‘pouca economia obtida no exterior’ represente um obstáculo para o sucesso do retorno, essa categoria do “perdido” parece atribuir mais importância à perda do capital humano e capital social, demonstrando uma mistura de sentimentos que perpassa pelo desgosto, raiva e impotência frente à percepção da existência de um obstáculo entre as competências adquiridas em Israel e a realidade da localidade (Gana). Algumas críticas, formuladas pelos próprios ‘perdidos’ são direcionadas ao Estado pela incapacidade de cuidar dos cidadãos e por ser um corpo político de corrupção e exploração.

Dialogando com a tese de Ulrich Beck (2006) sobre o cosmopolitismo²⁹, a autora sugere que essas categorias “retratam espaços significantes da nova vida que não são o que eles deixaram nem o que eles reencontraram e são dinâmicos, frágeis e estão constantemente em mudança” (SABAR, 2013, p. 66).

O estudo mostra que em muitos casos a influência dos recursos econômicos sobre a experiência dos migrantes retornados ao local de origem trouxe vantagens, sendo profundamente crucial no processo de readaptação. Por outro lado, muitos outros casos evidenciaram que o efeito da variável econômica (ter ou não ter capital econômico) se mostrou mínimo frente aos desafios para a reinserção na comunidade e o restabelecimento de relações com a casa, a família, as normas e os costumes. Ou seja, o aspecto não-material se mostrou muito mais influente sobre a experiência deles na volta a casa, incluindo seu senso de bem-estar. Porque a maioria dos entrevistados tinha pelo menos um pouco de dinheiro poupado, mas a capacidade de cada um fazer uso dessa poupança variava dependendo do seu nível de preparação prévia e das expectativas e demandas da família deles.

Assim, alguns dos fatores não materiais, tais como a individualização, a responsabilidade pessoal e o período do planejamento, provaram ser úteis no processo de retorno. Outros, tais como as relações de confiança, fundamentalmente em relação à família, foram prejudicados. Há relatos de migrantes de retorno que se veem como sacos de dinheiro e

²⁹ A tese do cosmopolitismo propõe uma nova abordagem frente as contínuas mudanças da vida moderna que, de formas interconectadas, envolve profundas alterações na ordem ambiental e nas relações sociais no âmbito da comunidade global, impondo à sociologia novas categorias para compreender as questões relacionadas aos riscos e à dimensão de incerteza do mundo social. Como um novo paradigma para as ciências sociais, o cosmopolitismo abarca como atores os migrantes internacionais que por diferentes razões se deslocam e interagem de diferentes formas entre as fronteiras (pois as fronteiras territoriais, econômicas, culturais e políticas já não coincidem) e diversamente, também, usam o aprendizado de regras e vivência cultural para construir sua própria forma de vida. Traz como problemas a questão de se pensar a agência e os espaços transnacionais como novas formas de ser e atuar.

que percebem a supervalorização do dinheiro acumulado no exterior em detrimento de outros recursos lá adquiridos. A pesquisa mostra, ainda, que as restrições impostas sobre a migração de não judeu para Israel é um fator que leva muitos migrantes africanos à condição de ilegal no destino e, por conseguinte, promove o distanciamento social pelo impedimento à visita aos familiares. Fato que prejudica o processo de reconhecimento, readaptação e inserção no meio ambiente e cotidiano da comunidade local (SABAR, 2013).

Um importante ponto levantado pela estudiosa, que ajuda a entender outros fatores relacionados à situação dos migrantes de retorno em desvantagem no mercado de trabalho, refere-se ao fato de que as habilidades adquiridas em Israel se provaram inúteis no processo de reinserção social e produtiva devido às dificuldades de adaptação na comunidade de origem. Segundo a pesquisadora, uma das dificuldades pode estar associada ao problema de impedimento para as visitas de retorno, pelo motivo anteriormente mencionado, relativo ao *status* de ilegal dos imigrantes laborais africanos em Israel. As visitas de retorno (BALDASSAR, 2007; LEVITT; LAMBA-NIEVES, 2011) têm sido apresentadas como produtivas e importantes para as trocas culturais, o restabelecimento de laços sociais, a obtenção de informações diretas e o desenvolvimento do senso de pertencimento para fundamentar e concretizar o retorno ao país de origem.

Observamos que o *status* de ilegal dos imigrantes africanos se assemelha à condição de muitos imigrantes brasileiros, indocumentados em países estrangeiros, o que os diferencia daqueles outros imigrantes que possuem documentação e podem transitar entre os dois espaços – origem e destino, estabelecendo, em alguns casos, uma migração circular (DOMINGUES, 2008; SIQUEIRA, 2009).

A condição de privação às visitas aos familiares – que se estende ao longo do tempo, dentre outras dificuldades próprias do processo de retorno à terra natal (que representa nova tomada de decisão) – gera, em muitos casos, desgastes emocionais e necessidade de enfrentamento dos problemas encontrados para a readaptação ao cotidiano familiar, comunitário e produtivo. Esses desgastes podem desencadear fatores causadores de estresse que ameaçam a saúde física e psíquica do migrante de retorno, prejudicando sua reinserção produtiva (SIQUEIRA; BRANDES, 2015).

Esses fatores constituem a Síndrome de Ulisses (em alusão à odisséia de Ulisses – herói grego) ou Síndrome do Imigrante com Estresse Crônico e Múltiplo, conforme denominação atribuída pelo psiquiatra espanhol Joseba Achotegui (2008) quando desenvolveu seu estudo com os emigrantes na Espanha (SIQUEIRA; BRANDES, 2015). Com base nessa abordagem, essas pesquisadoras estenderam o conceito de Achotegui (2008), deslocando o

olhar para a análise dos migrantes de retorno. Dessa forma, puderam identificar, também, fatores capazes de desencadear a Síndrome de Ulisses no processo de readaptação do retornado, tais como: o estranhamento, o medo, a saudade do estrangeiro/ do estilo de vida do país da emigração e o desapontamento.

Apesar disso, segundo Siqueira e Brandes (2015), os migrantes de retorno buscam estratégias para lidar com a situação, seja por meio da religião, da resiliência ou mesmo do retorno à escola e o investimento na qualificação para melhorar as condições no mercado de trabalho. Por certo, as autoras verificam que a fé e a religiosidade se apresentam como sustentáculos na garantia de forças para o propósito do retorno, indo além da dimensão material: “Onde eu for Ele vai me ajudar, se eu sou filho Dele, Ele vai me acalantar [...]” (SIQUEIRA; BRANDES, 2015, p. 187).

O estudo de Siqueira e Brandes (2015)³⁰ mostra que as estratégias de enfrentamento às dificuldades são diferenciadas e dependem de cada um, conforme se apresenta nos relatos dos entrevistados, ressaltando a percepção da realidade local, os dilemas e as escolhas. Como exemplo, verificamos o discurso de retomada do foco no mercado de trabalho, exposto por Humberto, 40 anos: “Aí você fica naquela ‘fazer o que?’ Eu tenho que esquecer desse trem³¹, eu não ganho mais dólar, tem que esquecer logo. Muita dificuldade, tive que começar do zero, do nada. Tive uma dificuldade para me colocar de novo no mercado, tive que fazer curso, correr atrás” (SIQUEIRA; BRANDES, 2015, p. 187).

Analisando esses fatores, Siqueira e Brandes (2015) salientam sobre a importância dos programas de apoio aos investimentos dos migrantes de retorno, à qualificação e à inserção deles no mercado de trabalho. Porém, além disso, argumentam que é fundamental a implementação de ações e políticas que auxiliem no enfrentamento das dificuldades de readaptação na comunidade e que isso passa, também, pela ajuda psicológica ou mesmo a criação de um espaço de sociabilidade para troca de experiências.

Com um olhar sobre a contemporaneidade do debate sobre o conceito de retorno³², Rivera-Sánchez (2013) estuda o processo de reinserção social e produtiva em áreas metropolitanas do México, dando destaque à larga história de deslocamento de mexicanos

³⁰ Foram realizadas 10 entrevistas com homens e mulheres maiores de 18 anos, residentes em Governador Valadares, que permaneceram no exterior por, no mínimo, quatro anos ininterruptos e retornaram entre janeiro de 2008 e janeiro de 2013. Os entrevistados foram encontrados por meio de contatos e indicações.

³¹ A palavra *trem* é usada na fala coloquial dos mineiros com o significado de “coisa” ou “qualquer objeto ou situação”. No caso do relato, *trem* é qualquer coisa/situação do tempo vivido em outro país.

³² A autora busca contextualizar o retorno para além da perspectiva de que ele ocorre necessariamente para o lugar de origem. Ela traz o conceito para o debate sobre as experiências de reinserção em zona metropolitana da Cidade do México.

para os Estados Unidos e no volume de migrantes que de lá retornam³³. Com base em dados do Censo de População dos anos 2000 e 2010, a autora analisa dados sociodemográficos para salientar o volume do fluxo migratório de retorno dos Estados Unidos, com um incremento de 40% quando comparado ao quinquênio 1995-2000. Por outro lado, por meio de fragmentos de relatos biográficos sobre a experiência de retorno da última década, a pesquisadora revela como os mexicanos encontram estratégias para recolocação, tanto social quanto produtiva, nos contextos urbanos de retorno. Dá ênfase à experiência de retorno como parte do processo migratório e ao papel dos migrantes de retorno como agentes sociais que atuam sob condições estruturais e subjetivas/objetivas que se entrelaçam impactando as diferentes formas encontradas para a inserção.

Em consequência, reconhece-se que as experiências de retorno são diferenciadas para os migrantes de retorno, ainda que num mesmo contexto. Nesse sentido, para melhor entender a experiência de retorno, a autora considera central levar em conta o aparato conceitual de capital social, a posição nos campos sociais e a relação com os contextos e as condições que motivam o retorno (repatriados, deportados ou ‘voluntários’), dentre outros fatores de diferenciação social. Além disso, levanta a complexidade na compreensão do que vem a ser a ideia do retorno ao município de *Nezahualcóytl*. Essa localidade onde se desenvolve o estudo pode ser apenas o lugar de retorno ou um itinerário dos migrantes, ser o lugar de origem ou o lugar de saída (migração interna ou internacional). Ou pode ainda ser o lugar de escala temporal antes de regressar a sua localidade de origem ou reemigrar (destino interno ou internacional).

Considerando o contexto político, social e econômico do município de *Nezahualcóytl*, no México, Rivera-Sánchez (2013) desenvolve a discussão dos resultados da pesquisa por meio da abordagem de casos protótipos de inserção social e produtiva entre os migrantes de retorno recente na localidade (últimos cinco anos) – *reinserção com reemigração e reinserção com estabelecimento*. Por meio dos casos, a autora ilustra com detalhes a trajetória dos migrantes de retorno, desvendando o caráter da experiência migratória e da experiência de retorno de forma tipificada. Porém, ela busca distanciar de termos, usualmente empregados na literatura, como ‘sucesso’ e ‘fracasso’. A partir dos relatos, podemos destacar alguns pontos de nosso interesse e pertinentes ao processo de reinserção produtiva desses entrevistados em *Nezahualcóytl*:

³³ Conforme nota da autora, os dados da investigação apresentados no artigo são resultados do projeto CONAYTY N.º 105357 intitulado “*Movilidades e establecimiento. Migrantes retornados em Nezahualcóyot. ¿Quemar las naves o re-emigrar?*” (2010-2013).

Caso 1 – Luiz. Filho de imigrantes internos, procedentes do Estado de *Michoacán*. Contava com 8 anos de escolaridade. Estava solteiro e tinha 35 anos na data da entrevista (fevereiro de 2011). Emigrou para Nova York com 27 anos e retornou em 2008, trazendo consigo uma poupança e o plano de estabelecer um negócio. Por decisão própria, ficou um mês e meio sem trabalhar e depois conseguiu emprego numa companhia de embutidos, no mesmo posto de trabalho em que ele ocupava antes de emigrar. Quando foi entrevistado já estava fazendo planos para reemigrar para os Estados Unidos, dentro de um mês, com o objetivo de trabalhar por dois anos em Nova York e voltar para *Nezahualcóytl*. Contava com recursos próprios para a viagem e planejava levar um amigo, que emigraria para os Estados Unidos pela primeira vez (amigo residente num município vizinho, Los Reyes La Paz, na área do Distrito Federal).

Caso 2 – Roberto. Imigrante de *Michoacán* em *Nezahualcóytl*. Chegou nessa localidade aos 4 anos com seus pais. Tinha 48 anos na data da entrevista (maio de 2012) e era casado. Emigrou com sua família (esposa e um filho) para a Califórnia, com 28 anos (1990). Em 2005, ainda nos Estados Unidos, converteu à religião Testemunha de Jeová. Residiu 20 anos nos Estados Unidos e retornou em janeiro de 2010. O motivo do retorno foi associado à crise nos Estados Unidos, doença da esposa, dificuldade de arranjar emprego, não possuir documentação e a ética religiosa que o leva a não falsificar documento para conseguir emprego e se manter nos Estados Unidos. Atualmente é trabalhador por conta própria e tem um pequeno negócio de ferragens e carpintaria, em *Nezahualcóytl*. Além de dinheiro e uma caminhonete, trouxe ferramentas para realizar o trabalho de ferragens e carpintaria, porém a maior parte das ferramentas e das técnicas aprendidas não puderam ser utilizadas, devido a fatores contextuais³⁴. Roberto enfrenta algumas dificuldades de adaptação, percebendo que a comunidade e o grupo familiar o veem como ‘diferente’, pois participa de uma nova religião e adota uma forma de relacionar-se com os vizinhos ‘mais respeitosa e distante’. Ademais, não participa das festividades cívicas e religiosas da comunidade. Apesar das dificuldades, Roberto assegura que não voltará para os Estados Unidos, no entanto seu sonho era regressar sendo um ‘imigrante legal’ e não sem documentos, mas não conseguiu alcançar essa meta.

Na análise geral dos protótipos, Rivera-Sánchez (2013) assegura que eles permitem observar as condições em que certos eventos não esperados, pessoais e familiares, definem o momento do retorno, sem, contudo, serem isolados, pois são mediados pelas

³⁴ Por exemplo, as técnicas apreendidas atendiam a um padrão de construção que não correspondia àquele costumeiramente usado em *Nezahualcóytl*, pois nesse lugar se preferia colocar portões “praticamente blindados” na entrada das casas.

condições do mercado de trabalho do país de destino. Da mesma forma, realça que a experiência de reinserção social e produtiva são produtos da intersecção entre as lógicas local/familiar e global/transnacional. Por meio do segundo protótipo, a pesquisadora mostra a adoção de uma ‘forma ética e moral de vida’ que norteia a trajetória do migrante no destino e impacta a reinserção social em *Nezahualcóytl*. No caso analisado o migrante de retorno ingressou no grupo religioso (Testemunha de Jeová – religião que já frequentava nos Estados Unidos) que se localiza na comunidade onde reside, possibilitando construir e ampliar uma nova rede de relações. Nesse caso, a inserção social está mediada pela dinâmica das religiões globais que tem alcançado as localidades, estendendo as opções religiosas e introduzindo novas formas de vida (RIVERA-SÁNCHEZ, 2013).

Sob a perspectiva do mercado de trabalho, Piracha e Vadean (2010) investigam o impacto da migração de retorno através da análise da escolha ocupacional dos migrantes retornados para a Albânia (Europa). A pesquisa³⁵ vai em direção a uma agenda de estudos que buscam explicar a propensão de o migrante de retorno optar pelo trabalho por conta própria. Os argumentos usados, por exemplo, apontam para os fatores que impulsionam essa escolha, sendo eles representados pela acumulação de capital humano: desenvolvimento de habilidades de planejamento, gestão de negócios e ideias, remessas de dinheiro ao país de origem, poupança acumulada para a superação de dificuldades e a formação de capital financeiro. Assim, com o foco na análise da relação entre migração de retorno e escolha ocupacional, os autores destacam as diferenças existentes na categoria de auto emprego. Pois nessa categoria se inclui qualquer trabalho por conta própria e empreendedorismo. Para os autores, um elemento-chave ausente na literatura é a distinção entre diferentes tipos de auto emprego e, portanto, sustentam ser necessário tratar o trabalho por conta própria e o trabalho empresarial como duas formas distintas no contexto do auto emprego.

Para fortalecer o argumento, apresentam os resultados da pesquisa de Mel; McKenzie; Woodruff ([2008] 2010), que mostra que os dois grupos de trabalhadores são

³⁵ A pesquisa baseia-se no banco de dados do *Survey* de Medição do Padrão de Vida dos Albaneses – *Albanian Living Standards Measurement Survey* (ALSMS), sendo esse *survey* conduzido pelo Instituto de Estatística da Albânia – *Albanian Institute of Statistic* (INSTAT), com o suporte técnico do Banco Mundial. Os dados são resultados de uma amostra representativa de 3.640 domicílios (17.302 indivíduos) e contêm informações detalhadas sobre características individual, sociodemográfica, regional e local (rural-urbana, acesso a serviços bancários, eletricidade e água) e de atividade empresarial não agrícola, como, por exemplo, tipo de negócio, emprego de agregado, familiar e trabalho não doméstico. A ocupação principal foi autodeclarada e distribuída em cinco (5) grupos ocupacionais, dos quais um foi excluído – a dos “trabalhadores não remunerados”, que ocasionou uma diminuição de 459 observações na amostra. Dois grupos – “empregado de alguém não integrante do agregado familiar” e “trabalhador pago na atividade agrícola do domicílio ou num negócio não agrícola de um membro do agregado familiar” – foram fundidos na categoria de *trabalhador assalariado*. Os outros dois constituíram as categorias de “empregador/empreendedor” e “trabalhador por conta própria”.

distintos também em termos de características observadas. De acordo com essa pesquisa, verifica-se que 2/3 dos trabalhadores por conta própria no Sri Lanka têm características assemelhadas às de trabalhadores assalariados e não às de empresários na condição de donos de empresas com empregados pagos. Além disso, destaca-se que, apesar da igualdade de acesso ao microcrédito, apenas uma minoria de trabalhadores por conta própria consegue expandir contratando trabalhadores. A principal razão para isso, segundo Mel; McKenzie; Woodruff (*apud* PIRACHA; VADEAN, 2010), é a falta de ambição e de competências empresariais. Esses autores observam, também, que os trabalhadores por conta própria compõem cerca de um terço da força de trabalho não agrícola nos países de baixa renda, com a maioria deles trabalhando sozinha. Piracha e Vadean (2010) adicionam a isso o fato de a maioria das atividades por conta própria nos países em desenvolvimento serem de ordem precária e inseridas, principalmente, no setor informal de trabalho, conforme argumentos apresentados no estudo de Ilahi (1999).

Dessa forma, para a análise da escolha ocupacional dos migrantes de retorno eles consideram como trabalhador por conta própria aquele de gestão individual sem qualquer outro trabalhador remunerado envolvido na atividade ou negócio. Já o trabalho empresarial insere empreendedores na condição de donos de empresas com trabalhadores remunerados. A estratégia empírica dos autores foi permitir aos entrevistados a escolha entre quatro alternativas: não participação no mercado de trabalho, trabalho assalariado, trabalho por conta própria e o empreendedorismo. Além de ampliar o processo de escolha ocupacional, a inclusão das outras duas alternativas – não participação e trabalho assalariado – também se justifica pela relevância política. Pois, para os autores, ao considerar que os emigrantes trazem consigo o dinheiro que ganharam no exterior e consomem na Albânia, o fato de não participarem do mercado de trabalho pode ocasionar um resultado positivo marginal na economia com o aumento da demanda, impactando a produção local. Esse mesmo fato pode gerar inflação, caso a capacidade de produção não se ajuste ao aumento da demanda ou ter um efeito adverso sobre a conta corrente. Por outro lado, aqueles que optam pelo trabalho assalariado podem agregar novos conhecimentos adquiridos no exterior e suprir as carências que dificultam o desenvolvimento da economia (PIRACHA; VADEAN, 2010). Dentro desse esquema, as principais questões norteadoras da pesquisa foram:

Como a migração internacional afeta a escolha ocupacional do retornado? Como é o efeito cumulativo de auto emprego representado pelas categorias de trabalho por conta própria e de empreendedorismo? Qual destes dois efeitos é mais forte? Quais são as diferenças de características entre os migrantes de retorno nos diversos grupos

profissionais e como é que estes diferem em comparação com os não migrantes? (PIRACHA; VADEAN, 2010, p. 2)³⁶

Com base na amostra, os autores observam que na Albânia os trabalhadores por conta própria têm características mais similares às de não participantes no mercado de trabalho, revelando níveis de educação mais baixos, enquanto que o empreendedorismo está relacionado com os níveis de ensino secundário e terciário, a meta de poupar e a proficiência em italiano – sendo esta a linguagem de migração principal do parceiro comercial. Ressaltam, ainda, que o trabalhador albanês por conta própria, independentemente da sua experiência de migração, tem média inferior de rendimentos em comparação com ambos – empresários e assalariados. Isto evidencia, por certo, a inserção num segmento marginalizado.

No entanto, os resultados mostram que, com o tempo de permanência na Albânia, os migrantes de retorno que declararam não participar do mercado de trabalho ou que trabalhavam por conta própria tendem a se reintegrar no mercado de trabalho formal, encontrando um caminho para um emprego remunerado, confirmando, segundo os autores, a hipótese “*parking lot*” do modelo dualista de Harris-Todaro (1970). Essa hipótese é direcionada ao mercado de trabalho dos países em desenvolvimento, e a partir dela se argumenta que na ausência de suficientes oportunidades de emprego no setor formal, as atividades de auto emprego – a maioria informal – são desenvolvidas para o uso produtivo do tempo e espera de oportunidades por aqueles que aspiram à mudança e à obtenção de um posto de emprego no setor formal (PIRACHA; VADEAN, 2010).

Piracha e Vadean (2010) destacam que os resultados da pesquisa contribuem, de alguma forma, para a reconciliação de conclusões divergentes de estudos empíricos, no que diz respeito às características dos migrantes de retorno que trabalham por conta própria. Citam, por exemplo, McCormick e Wahba (2001), que encontraram evidências de que os migrantes de retorno no Egito que trabalham por conta própria são alfabetizados, mas com um baixo nível de escolaridade. Por outro lado, observam que, de forma contrária, o estudo de Ilahi (1999) mostra que os retornados para o Paquistão são qualificados e apresentam uma maior propensão para o emprego assalariado, apresentando os salários mais altos no mercado de trabalho. Na contramão, muitos trabalhadores não qualificados são excluídos do mercado de trabalho e se voltam para atividades por conta própria que dispensam as habilidades requeridas pelo mercado de trabalho. Tais atividades podem ser exemplificadas pela condição

³⁶ How does migration affect the occupational choice of returnees? How is the aggregated effect on self-employment divided between own account work and entrepreneurship? Which of these two effects is stronger? What are the differences in characteristics among returnees in the various occupational groups and how do these differ compared to non-migrants?

de ser dono de um pequeno comércio ou oficina. Também, Piracha e Vadean (2010) destacam o estudo de Dustmann e Kirchkamp (2002) que encontra uma relação positiva entre escolaridade e atividades de auto emprego no caso dos migrantes retornados para a Turquia. Explicam isso pelo fato de que a educação pode ter um efeito positivo sobre o retorno à atividade de auto emprego e, portanto, refletir no aumento da probabilidade de essa ser escolhida pelo migrante de retorno mais qualificado.

Piracha e Vadean (2010) argumentam que a reconciliação empírica reside no fato de a existência de uma relação positiva entre escolaridade e auto emprego ser mais provável quando esse auto emprego equivale ao trabalho de empresários em contraste com outros trabalhos por conta própria. Assim, por meio dos resultados da pesquisa, eles confirmam as evidências do mercado de trabalho de outros países em desenvolvimento onde se observa que uma parte importante da força de trabalho corresponde a trabalhadores por conta própria. A pesquisa mostra, ainda, que o ganho médio dessa categoria é, significativamente, menor em comparação com empregados e empresários, apontando para o fato de se constituir um segmento marginalizado.

Por comparação, os resultados da análise mostram que, caso não tivesse migrado, a tendência a ser trabalhador por conta própria é mais provável do que ser empreendedor. Não obstante, a experiência migratória tem um efeito positivo tanto para o trabalho por conta própria quanto para o empreendedorismo. Porém, o efeito positivo é significativamente mais forte em relação ao empreendedorismo. Essa descoberta tem importantes implicações políticas, pois, excluindo as atividades mais precárias de auto emprego, na figura do trabalho por conta própria, destaca-se o impacto da migração sobre o empreendedorismo que pode ser materializado na expansão de um pequeno negócio por conta própria para uma empresa pequena ou de médio porte, com empregados pagos (PIRACHA; VADEAN, 2010).

Ademais, a pesquisa mostra que o impacto da migração de retorno no país de origem precisa ser diferenciado não só por formas de auto emprego, mas também por formas de migração. Porque o investimento numa migração internacional cuja meta é poupar traz contribuições diretas na geração de emprego e crescimento por sugerir que a redução dos constrangimentos financeiros no mercado interno levaria a efeitos positivos para a economia sustentada pelo fato de o migrante de retorno apresentar maior chance de ser empreendedor (PIRACHA; VADEAN, 2010).

Por fim, os resultados do estudo de Piracha e Vadean (2010) – além de evidenciar que o empreendedorismo está positivamente relacionado à escolaridade, proficiência em língua estrangeira e poupança acumulada no estrangeiro – mostram que, em comparação com

o não migrante, o retornado está mais propenso a não participar no mercado de trabalho ou a não empreender no primeiro ano do retorno. No entanto, após esse período de reintegração, o efeito sobre a não participação desaparece e o empreendedorismo torna-se mais forte. Ainda, comparando com o não migrante, a experiência da migração teria aumentado a probabilidade de ser empreendedor, o que mostra positivamente o impacto da migração. Apesar disso, se a capacidade de produção local não consegue ajustar, o aumento da demanda pode gerar inflação e/ou ter um efeito adverso sobre a conta corrente. E, por outro lado, os migrantes de retorno assalariados poderiam impactar positivamente o mercado de trabalho se eles atendessem as carências que dificultam o desenvolvimento da economia e/ou trouxessem consigo habilidades adicionais adquiridas no exterior (PIRACHA; VADEAN, 2010).

O estudo pioneiro realizado por Siqueira (2009)³⁷ analisa essa característica empreendedora dos migrantes internacionais brasileiros de retorno, comparando os tipos de retorno classificados como bem-sucedidos ou fracassados. Segundo a pesquisadora, os migrantes retornados dos Estados Unidos da América (EUA) para a MGv que investem e permanecem no país com os negócios ainda em funcionamento podem ser considerados como bem-sucedidos e têm como diferencial daqueles que reemigram o fato de terem investido em negócios em que tinham experiência ou por se associarem a pessoas com experiência no ramo. Observa, também, uma relação inversa entre o tempo de emigração e o sucesso no investimento. Ou seja, comparando os dois grupos se verifica que o tempo de emigração é maior entre os que reemigraram para os EUA.

Os dados da pesquisa evidenciam que um número significativo (44,5%) de empreendedores que obtiveram sucesso permaneceu nos EUA em torno de 2 a 4 anos, e aqueles que não lograram sucesso lá ficaram em torno de 5 a 10 anos (62,9%). Isto pode ser explicado pelo fato de que a ausência por um longo período distancia muito a pessoa da realidade da comunidade de origem, da ambientação do cotidiano familiar, das relações de trabalho e, de uma forma geral, do sistema social e econômico da sua própria terra natal (SIQUEIRA, 2009). O efeito do tempo da emigração sobre as condições de reinserção do migrante de retorno se evidencia em outros estudos e teoricamente se constitui como o argumento de que a duração da permanência no exterior deve ser otimizada de maneira que

³⁷ O estudo tem como base 25 entrevistas em profundidade realizadas nos Estados Unidos da América (EUA – país de destino) e 23 na MGv, localizada no Estado de Minas Gerais/Brasil (país de origem), bem como a aplicação de 141 questionários na primeira localidade e 173 na segunda. Para fins analíticos, os respondentes foram segmentados em três grupos: I) Retornados dos EUA (1970-2004) que se tornaram empresários de micro, pequenas e médias empresas, continuando no mercado até a data da pesquisa. II) retornados dos EUA (1970-2003) que se tornaram empreendedores, porém fecharam suas portas e retornaram para a condição de imigrante nos EUA. III) Emigrantes nos EUA que planejavam retornar e tornar-se empreendedores na MGv.

não seja muito longa nem tão curta que impossibilite acumular e diversificar os recursos possuídos e adquiridos por meio da experiência migratória (DUSTMANN, 2003; CASSARINO, 2004).

Além do tempo de duração da emigração, aqueles migrantes que retornaram, investiram e não obtiveram êxito nos negócios têm como diferencial a falta de conhecimento sobre o funcionamento do mercado e de como administrar o negócio, sendo esses fatores fundamentais na gestão empresarial (SIQUEIRA, 2009; ALVARENGA, 2014). Para Siqueira (2009), investir na qualificação após o regresso aumenta a possibilidade de o migrante de retorno ser bem-sucedido em seu empreendimento, porque “a emigração possibilita a poupança para iniciar seu empreendimento, porém não os habilita a tornarem-se empresários. O mercado exige racionalidade e conhecimento para que o investimento seja bem-sucedido” (p. 167). Ademais, os laços sociais, o capital humano, o capital cultural mantidos e aprimorados, a criatividade do indivíduo para mobilizar esses recursos, a prontidão e preparação adequada para o retorno (captação de recursos e informações suficientes sobre as condições no país de origem para facilitar o retorno) contam decisivamente no processo de inserção social e produtiva no espaço de origem daquele que regressa do exterior (CASSARINO, 2004; 2008).

Portanto, não somente os fatores econômicos e da experiência são suficientes para ir além da dicotomia entre sucesso e fracasso, vantagens e desvantagens do retorno, mas também aqueles não mensuráveis (muitos são difíceis de serem observados e às vezes nem sempre são reconhecidos e valorizados pelos atores envolvidos) que dependem de apropriação, mais investimento do migrante no pós-retorno (criatividade e mobilização dos recursos) e da estrutura de acolhimento disponível ou não no país de origem. Pois a idealização da terra de origem, a ambiguidade da presença-ausência que se prolonga para além do plano inicial da emigração laboral e do retorno, as conexões e as desconexões com a comunidade, familiares e conterrâneos, as dificuldades e facilidades encontradas para a reinserção social e produtiva quando se retorna a casa são fatores cruciais a serem considerados no debate sobre a experiência migratória e a situação socioeconômica dos migrantes de retorno (SAYAD, 2000; CASSARINO, 2008; DOMINGUES, 2008; SIQUEIRA, 2009; SABAR, 2013).

Siqueira (2009) destaca que, tendo como referência os dados da pesquisa, se pode afirmar que, independentemente do capital de investimento na empresa, os migrantes de retorno empreendedores são agentes de mudança, e os negócios dão dinamismo na economia da MG. Pois, embora a maioria dos empreendimentos se caracterize pelo baixo investimento

e com poucos empregados, os migrantes de retorno empreendedores criam postos de trabalho, formalizam o negócio e recolhem impostos, gerando, portanto, mais riqueza na comunidade. Essa pesquisadora observa, dentre outros resultados, que, levando em conta os 173 casos válidos, quase a totalidade das empresas (88%) são legalizadas e recolhem seus impostos. Além disso, 46,2% são empreendimentos que estão no mercado há mais de 6 anos. Dentre o total de empresas, quase metade emprega de 1 a 4 trabalhadores (48,4%) e outras empregam de 5 a 10 (23%). Destaca, ainda, que 48% contratam seus empregados com base na CLT e pagam um salário mínimo (44%) ou entre 1 e 2 salários mínimos por mês (46%).

Contudo, vários aspectos se confrontam para a obtenção de sucesso e são muitos aqueles que investem e perdem todo o capital, tendendo voltar à condição de imigrantes. Outros, mesmo se considerando bem-sucedidos, não se readaptam na comunidade de origem e reemigram. Podemos exemplificar esse fato por meio do caso relatado a Siqueira (2009, p. 101): “Minha fazenda até que ia bem, mais os aluguéis, dava para manter a família legal [...] o pior era a paradeira, eu não acostumava. A cidade não tinha nada. Depois de viver no corre corre de Nova York, era difícil dá conta da vidinha na cidade [...]”³⁸. Particularmente, esse relato ilustra uma condição de inadaptação no próprio ambiente de origem que, geralmente, contrasta com o ritmo de vida das áreas industrializadas e metropolitanas dos países da emigração, semelhante àquela inadaptação identificada na pesquisa de Sabar (2013) que sustenta sua explicação com base na tese, anteriormente mencionada, de Beck (2006), em que se argumenta que a modernização da sociedade tem como centralidade o cosmopolitismo.

Retomando o debate sobre o investimento empresarial, a pesquisa de Alvarenga (2014)³⁹, estruturada com 52 entrevistas formais e 4 entrevistas em profundidade com migrantes de retorno empreendedores, evidencia que em Teófilo Otoni, município do Estado de Minas Gerais/Brasil, vários migrantes internacionais de retorno buscaram se inserir no mercado de trabalho por meio do empreendedorismo. Os resultados da pesquisa demonstram que o sucesso dos negócios traz melhorias econômicas e sociais na cidade e microrregião de Teófilo Otoni. No entanto, o autor observa que a falta de conhecimento formal dos migrantes de retorno pode limitar o tamanho e a complexidade dos negócios. Identifica, também, que vários deles empreenderam sem planejamento, por impaciência ou urgência de voltar a

³⁸ O entrevistado foi identificado como Dirceu, 41 anos de idade e 24 anos de permanência nos Estados Unidos.

³⁹ O trabalho de campo foi realizado em Teófilo Otoni (Minas Gerais – Brasil) entre maio e novembro de 2010. Adotaram-se as metodologias quantitativas e qualitativas, utilizando amostra não probabilística com migrantes internacionais de retorno que empreenderam no município de Teófilo Otoni. Através da técnica *snowball sampling* foi feita cinquenta e duas entrevistas formais e quatro entrevistas em profundidade com esses empreendedores.

trabalhar. Ademais, em relação ao plano de negócios, os dados da pesquisa apontam que apenas 25% fizeram algum tipo de planejamento ou já tinham experiência no ramo. Daqueles que não planejaram, apenas 11,5% dos entrevistados se declararam arrependidos e, dentre esses, 5,8% informaram que posteriormente fizeram o plano de negócios para a expansão do empreendimento (ALVARENGA, 2014).

Além dos desafios individuais inerentes às atividades empreendedoras, Alvarenga (2014) aponta três problemas estruturais no território que desfavorecem as iniciativas empresariais como um todo e, em especial, criam um ambiente que prejudica a categoria analisada. O primeiro envolve o baixo nível social e econômico do território. O segundo se relaciona à dificuldade dos habitantes em acreditar na inovação trazida pelos migrantes de retorno. O terceiro se constitui pelo reduzido apoio das organizações públicas e privadas ao empreendedorismo na cidade e microrregião de Teófilo Otoni. Em particular, essa análise se aproxima da perspectiva teórica do retorno com base no paradigma estruturalista, afirmando a forte presença das relações de poder na estrutura social e econômica, no âmbito local do retorno, que pode constranger aspectos inovadores trazidos do exterior pelos indivíduos que a casa voltam.

Adicionalmente a essas pesquisas sobre a problemática e a posição ocupacional do retornado como empreendedor, consideramos importante destacar os estudos de Nunan (2006) e Ribeiro (2013), porque eles trazem a abordagem da migração de retorno com foco no capital humano e nos levam a uma discussão interessante sobre o efeito da experiência migratória internacional, no contexto da sociedade brasileira – apesar de ser considerada recente a condição do Brasil enquanto um país de emigração e, conseqüentemente, de retorno dos nacionais. Também, os resultados desses estudos contribuem com nosso objetivo de pesquisa, que propõe avançar nesse campo de estudo, trazendo novas questões e aprofundando sobre a temática a partir de uma perspectiva sociológica.

Nunan (2006), por exemplo, desenvolve um relevante estudo⁴⁰ ao ponderar sobre aspectos primordiais para a reinserção dos migrantes de retorno no mercado de trabalho. Com base no levantamento realizado junto aos demandantes por mão de obra, ela busca identificar

⁴⁰ O estudo utilizou questionário fechado e entrevistas. Estas últimas foram feitas com profissionais responsáveis pelo recrutamento e seleção de empregados (nível operacional, estratégico e tático) para organizações de pequeno, médio ou grande porte, representando a participação de cinco empresas prestadoras de serviços em Recursos Humanos (RH) e uma indústria multinacional de alimentos, todas com sede em Belo Horizonte/Minas Gerais. Já os questionários, apesar de terem sido enviados a 625 empresas (banco de dados da Federação de Indústrias do Estado de Minas Gerais – FIEMG), apenas 7% responderam às questões (NUNAN, 2006). Segundo a autora, algumas empresas justificaram a não resposta aos questionários, alegando não possuir um setor de RH, e a grande maioria não respondeu nem apresentou justificativa.

o efeito da experiência internacional sobre a empregabilidade no mercado formal de trabalho brasileiro. Empiricamente, ela verifica se a experiência internacional impacta no processo de seleção de recursos humanos numa organização – que valoriza a educação formal e experiência de vida –, buscando profissionais capacitados e com predisposição aos desafios impostos na organização, dentro de um contexto global.

Em dados gerais, a pesquisa mostra que o tempo de trabalho no exterior é um importante investimento pessoal, mas pode levar a um período de estagnação do indivíduo, pois, ao se concentrar em trabalhar e ganhar dinheiro, ele gasta tempo com determinadas ocupações que podem não contribuir para o aprimoramento de habilidades que são valorizadas no mercado de trabalho brasileiro. Nesse caso, Nunan (2006) avalia que esse fator seria desvantajoso para a reinserção produtiva do migrante de retorno, fazendo-se necessária mais focalização nas atividades laborais exercidas no país de destino da emigração. Porém, a experiência internacional pode tornar um diferencial positivo se agregar valor a outras competências já possuídas pelo indivíduo, seja no campo técnico e/ou comportamental e relacionadas à atividade anteriormente exercida ou a uma nova escolha ocupacional, desde que essa se justifique por uma mudança estratégica de foco (NUNAN, 2006).

Por outro lado, Ribeiro (2013) explora os microdados do Censo 2010 e analisa a autosseleção de imigração de retorno⁴¹ no Brasil, em termos do cálculo dos custos da migração⁴² e impacto do capital humano mensurado pelo diferencial de renda⁴³ entre migrantes brasileiros retornados e não migrantes. Em outras palavras, ela se preocupa em mostrar as características e habilidades que esses brasileiros (retornados de mais de 120 países para as 27 unidades federativas do Brasil) trazem e que os diferenciam dos demais grupos da população, estimando os rendimentos relativos e analisando o impacto dos custos de migração para o caso brasileiro (taxas de retorno às habilidades, como, por exemplo, a escolaridade e experiência migratória). Portanto, estrategicamente baseia-se na metodologia empregada por

⁴¹ Foi considerado como imigrante de retorno aquele indivíduo de nacionalidade brasileira e que declarou ter morado em outro país anteriormente, estando ele residindo no seu estado de nascimento, no momento da pesquisa. O que significa que se excluíram do cálculo de imigrantes de retorno indivíduos que residiram fora do país, mas retornaram a um estado diferente. Utilizou-se a amostra de indivíduos (homens e mulheres) de 25 a 64 anos de idade (RIBEIRO, 2013, p. 34-35).

⁴² Como medida de custo de migração foi utilizada uma variável de distância geográfica dos países cujos emigrantes retornaram disponível no banco de dados do Centro de Estudos e Investigação da Economia Internacional – CEPPI. Para o cálculo fez-se a diferença de latitude e longitude das principais cidades dos países de retorno e capitais dos estados brasileiros (RIBEIRO, 2013, p. 35).

⁴³ Foi utilizada a renda domiciliar *per capita*, pois se sugere que esta reflita melhor impacto dos rendimentos no modelo de seleção de imigração, conforme proposto pela autora.

Borjas e Bratsberg (1996)⁴⁴ e questiona a validade da hipótese de autosseleção negativa de Borjas (1987), em que se sustenta que os migrantes menos hábeis (com reduzido capital humano) têm mais probabilidade de migrar de países com altos retornos para habilidades para países com baixos retornos para habilidades.

Em posição contrária à Borjas (1987), Ribeiro (2013) testa a hipótese para a realidade brasileira e verifica que o fluxo migratório de retorno no Brasil é positivamente selecionado, demonstrando que, em geral, o grupo de migrantes de retorno é formado por indivíduos que possuem habilidades acima da média brasileira e que apresentam um diferencial médio positivo nos salários quando comparados com os salários médios dos nacionais não migrantes. Demonstra que essa autosseleção se apresenta positiva para quase todos os estados brasileiros, com exceção apenas para os estados do Acre e Roraima, onde os emigrantes de retorno apresentam salários menores do que os não migrantes. Ademais, a autora identifica para os migrantes de retorno relações diferenciadas entre a renda e os respectivos países da emigração.

À respeito da seletividade positiva de migrantes, esse achado corrobora estudo anterior com migrantes interestaduais brasileiros realizado por Santos-Júnior, Meneses-Filho e Ferreira (2005), no qual se identifica que os migrantes internos brasileiros compõem um grupo que possui características que os diferenciam na sociedade, pois o grupo percebe uma renda média maior, demonstra ser em média mais produtivo, motivado, ambicioso, apto e empreendedor, destacando-se entre os demais grupos da população brasileira.

Nessa direção, o estudo de Ribeiro (2013) demonstra que os migrantes de retorno têm escolaridade média de 11,8 anos, enquanto a população não migrante possui escolaridade média de 8,8 anos. São em sua maioria homens e mais jovens (média de 37 anos) do que os brasileiros (as) não migrantes (média de 40 anos), predominando a autodeclaração da cor branca (66,4%).

Numa perspectiva estritamente econômica, Ribeiro (2013) fundamenta-se nos custos da migração e enfatiza o capital humano para evidenciar a autosseleção positiva dos migrantes de retorno. Em contraste, nosso esforço é investigar outros fatores do fenômeno, analisando as características socioeconômicas do retornado e aspectos relacionados à posição

⁴⁴ Borjas e Bratsberg (1996) adaptaram o modelo clássico formulado por Borjas (1987), incluindo a escolha pela migração de retorno a partir da abordagem dos custos e benefícios com foco no capital humano. De forma teórica-empírica, estabeleceram inter-relações entre autosseleção dos migrantes laborais que empreendem a migração de retorno em relação à determinação dos salários, tendo como referência aqueles pagos nos Estados Unidos. Assim, tendo como base esse modelo explicativo, Ribeiro (2003, p. 24-28) estrutura seu estudo, introduzindo variáveis pertinentes ao contexto brasileiro, como por exemplo os salários relativos dos brasileiros retornados do exterior, conforme declarados no Censo Demográfico de 2010.

dele no mercado de trabalho para ampliar o campo de análise com outras abordagens teóricas e propostas metodológicas. Portanto, delineamos como problema de pesquisa compreender em que medida a experiência da migração internacional representa ou não um diferencial positivo para o alcance socioeconômico do migrante de retorno e a inserção produtiva dele no mercado de trabalho.

Para isso, no plano de pesquisa propomos desenvolver análises feitas a partir de dois processos: i) O primeiro foca no Estado de Minas Gerais, baseando-se nos dados quantitativos do Censo 2010 sobre as microrregiões mineiras. ii) O segundo centra nos dados quantitativos e qualitativos de três específicas pesquisas realizadas na cidade e MG, usando amostras não probabilísticas. É nesse momento que se dedica uma especial atenção à localidade da MG, que se mostra como um cenário imbricado na proposta de pesquisa.

Iniciamos com a investigação da relação entre o fenômeno do retorno e a situação socioeconômica das trabalhadoras e dos trabalhadores que viveram e ocuparam postos de trabalho no exterior e estão de volta a “casa”. A situação socioeconômica é mensurada a partir das seguintes variáveis: empregabilidade, rendimentos⁴⁵ e a posição ocupacional no mercado de trabalho. A posição ocupacional é mensurada pela análise da probabilidade de o retornado estar empregado ou trabalhando por conta própria ou estar na condição de empregador, comparando essa situação aos grupos de migrantes interestaduais e não migrantes. O objetivo é responder as seguintes questões: (1) o indivíduo possuidor de experiência migratória internacional, quando comparado com o outro nacional não migrante e migrante interestadual, apresenta um diferencial positivo em relação à renda, à probabilidade de estar empregado e ao posto de trabalho que ocupa – empregado ou trabalhador por conta própria ou empregador? Considerando só os migrantes internacionais de retorno, (2) há correlação entre destinos da emigração e situação socioeconômica daqueles ou daquelas que retornam, e, se caso positivo, qual o efeito da escolha do país da emigração em dada situação? (3) O quanto os laços sociais afetam o retornado no mercado de trabalho, tendo como medidas aproximadas o fato de pertencer/professar ou não uma religião considerada predominante na comunidade de origem, o fato de voltar a residir numa localidade com uma densidade maior da presença de retornados do exterior e o tempo de residência na UF (entre menos de 1 ano a 9 anos)? Nessa questão, busca-se averiguar se há diferenças na situação de mercado de trabalho para aqueles que têm menos tempo de residência de retorno em Minas Gerais e/ou não possuem crença ou professam uma crença religiosa fora do contexto comunitário e familiar. Como controle de

⁴⁵ Na análise, considera-se apenas a renda individual – renda no trabalho principal.

segundo nível observamos o impacto do contexto socioeconômico sobre as outras medidas de análise, tendo como referência os dados do PIB *per capita* e da proporção de migrantes de retorno na microrregião.

Em seguida, a partir do trabalho de entrevistas estruturadas e de entrevistas em profundidade, realizadas na MGV, pretende-se investigar: (4) como o tempo de emigração afeta na situação de mercado no retorno? (5) quais as dificuldades e as facilidades encontradas para o alcance da inserção no mercado de trabalho na origem? Nessa investigação exploram-se as entrevistas estruturadas e relatos, além da adoção de medidas *proxy* de capital social, buscando complementar resposta à questão três (3) da pesquisa com relação ao impacto dos laços sociais.

Fundamentando-se na literatura exposta acima, estabelecemos algumas hipóteses a serem testadas: 1) A experiência migratória, considerada tanto como capital humano quanto uma *proxy* de capital social, representa um diferencial positivo para a inserção produtiva do migrante internacional de retorno (isto é, o retornado, comparado ao não migrante, teria maior probabilidade de estar empregado, melhor salário e maior propensão a ser empreendedor), como preconizado pelas teorias do capital humano, da seletividade positiva do migrante e do capital social. 2) Ter emigrado para países de economias centrais comparados a outros emigrados para países de economias periféricas pode representar um diferencial positivo em relação à renda, empregabilidade e posição ocupacional. 3) Utilizando como *proxy* de capital social ser membro/frequentar uma instituição religiosa predominante e tempo de residência na unidade espacial, conjecturamos que o(a) migrante de retorno que é membro de alguma religião predominante (católica ou protestante), bem como tem maior tempo de retorno, está em melhor condição no mercado de trabalho quando comparado com aquele(a) que não pertence a nenhuma religião e tem menos tempo de retorno. 4) Esperamos encontrar que o efeito da experiência migratória pode ser minimizado ou potencializado pelo contexto social na origem, sendo essa estrutura medida pelo PIB *per capita* e pela densidade da presença de retornados na localidade do retorno. 5) O tempo de permanência no exterior pode impactar positivamente a renda e a empregabilidade, caso não seja nem muito longo e tampouco muito curto, sendo ideal um tempo de emigração em torno de 2 e 4 anos.

Para testarmos tais hipóteses, utilizamos a metodologia de pesquisa apresentada no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III – METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo o objetivo é descrever os procedimentos metodológicos quantitativos e qualitativos para a realização da pesquisa. Nesse sentido, busca-se primeiramente fundamentar as estratégias para o desenvolvimento dos testes das hipóteses, anteriormente descritas, especificando as variáveis a serem inseridas para a estimação dos modelos explicativos. Para esse fim, iniciamos apresentando a perspectiva quantitativa com base nos dados do Censo Demográfico 2010. Depois, introduzimos a abordagem complementar, quantitativa e qualitativa de pesquisas realizadas na MG, visando o aprofundamento e melhor entendimento das questões colocadas.

Na análise quantitativa utilizamos dados secundários com base no Censo 2010, desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012). Utilizamos, também, dados secundários de amostras não probabilísticas provenientes de duas pesquisas com migrantes de retorno na MG. No primeiro caso, a partir do Censo 2010, o estudo centra numa amostra de indivíduos (homens e mulheres) residentes no Estado de Minas Gerais, na faixa etária entre 25 e 65 anos. Essa faixa etária foi definida em função de se encontrar na literatura, como dado predominante, o retorno de migrantes internacionais, ainda em idade laboral – retratando indivíduos em fase produtiva, apesar do tempo gasto no exterior para posterior retorno ao país de origem (IBGE, 2012; OLIVEIRA, 2013). Dessa forma, a idade mínima se justifica pelo fato de que o perfil inicial do fluxo de emigrantes brasileiros para o exterior se caracteriza, em geral, pela idade em fase laboral, tendo a maioria o segundo grau completo (IBGE, 2012; OLIVEIRA, 2013). Logo, pessoas a partir de 25 anos têm mais chance de terem concluído os estudos secundários, emigrado, retornado do exterior e estarem inseridas (ou não) no mercado de trabalho. Além disso, os dados do Censo 2010 mostram significativos percentuais de brasileiros e brasileiras que retornaram do exterior e se encontravam na faixa etária entre 30 e 39, residindo nas microrregiões mineiras.

Elegemos três subgrupos de estudo. Um representa a amostra de *migrantes internacionais brasileiros retornados ao Estado de Minas Gerais/Brasil*. Considera-se migrante internacional brasileiro retornado (MIR) o indivíduo nascido no Brasil (brasileiro nato) que declarou residir em algum país no exterior antes de estabelecer residência na localidade – denominado no campo de estudos demográficos como “migrante de última etapa” (RIGOTTI, 1999; RIGOTTI; RANGEL, 2011). Esse ponto é importante porque nos permite identificar os brasileiros retornados, bem como os países de procedência desse retorno, sendo esse nosso interesse.

Tendo esse entendimento, definimos a amostra de migrantes internacionais de última etapa como representativa do grupo de migrantes de retorno laborais com experiência migratória. No entanto, vale ressaltar o viés amostral porque entre estes classificados como migrantes laborais retornados podem ser encontrados indivíduos que por outros motivos não laborais se deslocaram para o exterior, como, por exemplo, estudantes e avós acompanhando os filhos e netos.

O segundo grupo representa a amostra dos *não migrantes*, formada por *aquele* indivíduo nascido no Brasil que não realizou mudança de residência entre unidades da federação (migrante interestadual), nem tampouco residiu no exterior (migrante internacional), no período censitário. Da mesma forma, cabe pontuar as limitações dessa definição, pois o *não migrante* pode em algum outro momento de sua vida ter feito deslocamentos estaduais ou internacionais, ou seja, ter sido migrante. Esse grupo é constituído como referência nesta pesquisa, assumindo o valor zero (0) nas análises estatísticas.

O terceiro grupo são os nacionais *migrantes interestaduais* que experimentaram a migração entre unidades da federação brasileira. Com a inclusão desse grupo diferimos de outros estudos que geralmente comparam os migrantes de retorno somente com os não migrantes (ou não migrantes internacionais, incluindo em um mesmo grupo os migrantes interestaduais e não migrantes). O propósito é considerar as possíveis aproximações entre aquele grupo e os retornados internacionais, pois a literatura nacional tem apresentado desigualdades entre migrantes interestaduais e não migrantes, como, por exemplo, o estudo de Santos-Júnior, Meneses-Filho e Ferreira (2005), Vilela (2011), dado uma autosseletividade positiva.

Nosso esforço consiste em buscar respostas para as perguntas de pesquisa, bem como testar as hipóteses que foram propostas, utilizando técnicas estatísticas, quais sejam: (a) Modelo Hierárquico de Regressão Linear. (b) Modelo Hierárquico de Regressão Logística Binomial. (c) Modelo Hierárquico de Regressão Logística Multinomial.

Para a definição dos modelos hierárquicos de regressão (logístico e linear), apoiamos na ideia de que o efeito da experiência migratória na situação de mercado de trabalho dos brasileiros retornados do exterior deve ser fundamentado pelo contexto socioeconômico do território de retorno. Ou seja, a renda do indivíduo, ou o fato de estar empregado ou não empregado, ou estar na ocupação de empregador ou trabalhador por conta própria ou na condição de empregado são afetados pelo ambiente socioeconômico estrutural de inserção dos indivíduos. No caso do nosso estudo, o contexto é o âmbito do território

mineiro. As microrregiões encerram a estrutura social e espacial do local de residência. Nesse ambiente os grupos de indivíduos retornados, migrantes interestaduais e não migrantes interagem e compartilham características comuns. Eles vivenciam e experimentam situações que envolvem questões de ordem política, social e cultural, incluindo a estrutura relativa às desigualdades socioeconômicas presentes na localidade e que afetam as oportunidades no mercado de trabalho. De maneira especial, os retornados, além das vivências contextuais comuns a todos, compartilham a experiência da migração internacional com outros que também emigraram e retornaram para Minas Gerais.

O fator contextual permite um cálculo mais eficiente dos estimadores ao considerar as associações entre as variáveis de primeiro nível – características individuais – e aquelas do segundo nível – variáveis estruturais (RAUDENBUSH; BRYK, 2002). Dessa forma, o uso do modelo hierárquico possibilita controlar a heterogeneidade quanto à situação no mercado de trabalho que se observa entre os indivíduos, heterogeneidade essa que é explicada pelo contexto estrutural e não pelas características individuais. Assim, o modelo hierárquico permite compreender a distribuição da variabilidade da variável resposta pertinente a cada nível, incluindo controles específicos para o nível agregado.

Conforme argumenta Hox (2002), analisar variáveis de diferentes níveis em um único nível em comum se mostra inadequado, resultando em dois problemas distintos. O primeiro deles se trata de um problema estatístico. Caso os dados sejam agregados, o resultado é que diferentes valores de muitas subunidades são combinados em poucos valores, o que resulta em muita perda de informação e poder para a análise estatística. Se os dados são desagregados, ocorre que poucos valores de um número pequeno de unidades do nível maior são transformados em um número bem maior. Assim, a estimação apresenta testes com bom nível de significância e que rejeitam frequentemente a hipótese nula, porém que se constituem resultados espúrios, uma vez que tratam os valores desagregados como informação independente de uma amostra de unidades de certo nível, ao passo que o tamanho amostral correto seria o número de unidades do nível superior. Esta abordagem gera incorreta separação da variância entre as variáveis, dependência nos dados e maior probabilidade de decidir rejeitar a hipótese nula quando de fato ela é verdadeira, implicando na ocorrência do erro do tipo I, apontado por Gill (2003) e Osborne (2000).

Ainda, existe outro problema conceitual. Se a análise não for minuciosa na interpretação dos resultados, pode acontecer de se cometer a falácia do nível errado, o que consiste em analisar os dados de um determinado nível e, por outro lado, tomar conclusões acerca de outro. Ou seja, o erro consiste em interpretar dados agregados ao nível do indivíduo

(falácia ecológica), ou adotar um caminho oposto – inferir sobre um nível mais alto fundamentando-se numa análise de um nível mais baixo (falácia atomística) (HOX, 2002).

Na análise multinível, a estrutura de dados na população também é hierárquica, uma vez que os modelos hierárquicos em geral são usados para estudar os dados hierarquicamente organizados, em que as unidades de observação em um nível estão aninhadas às de outro nível superior. Os modelos utilizados para este tipo de análise são também chamados modelos multiníveis e fornecem a estrutura para representar os dados dentro e entre níveis, e podem ser desenhados para analisar variáveis de diferentes níveis simultaneamente, desde que utilizado o procedimento estatístico que inclui a dependência entre as observações, na forma do Modelo Hierárquico de Regressão Linear (HLM).

O modelo hierárquico linear tem sido amplamente aplicado na pesquisa social, dentre outras áreas. Anteriormente ao desenvolvimento do modelo hierárquico linear, os dados hierárquicos eram abordados usando técnicas de simples regressões lineares, entretanto elas se mostraram insuficientes, uma vez que negligenciavam a variância compartilhada. Com o posterior desenvolvimento de algoritmos que visavam preencher esta lacuna, foi permitida a ampla aplicação do HLM para a análise multinível, e assim o método ganhou popularidade, seguindo este avanço na teoria estatística (LINDLEY; SMITH, 1972; RAUDENBUSH; BRYK, 2002).

Estabelecemos, então, dois níveis de análises, sendo o primeiro correspondente às características individuais (tais como sexo, cor declarada, idade, educação entre outras) e o segundo nível referente à densidade de presença de retornados do exterior em cada uma das sessenta e seis (66) microrregiões mineiras (proporção de migrantes de retorno a cada 1.000 habitantes, no ano de 2010) e ao Produto Interno Bruto (PIB) *per capita* de cada microrregião. A variável foco do segundo nível é a presença relativa de retornado que representa uma *proxy* de capital social, que leva em conta o agregado dos migrantes de retorno num dado local. O PIB *per capita* é uma medida de controle para o contexto econômico que interfere na situação dos indivíduos no mercado de trabalho e, portanto, deve ser levado em consideração. Com base na literatura sobre o contexto como fatores que constroem ou não o processo de reinserção social e produtiva, podemos esperar que estar/residir num ambiente com maior presença de pessoas com experiência migratória internacional e maior PIB *per capita* tende a favorecer a reinserção do retornado no mercado de trabalho.

A seguir apresentamos os quadros 1 e 2 com a descrição sintética das variáveis a serem utilizadas para as estimativas, elencando as dependentes e as independentes – variáveis de testes e controle. O primeiro quadro sintetiza as variáveis do estudo geral, envolvendo a

amostra dos três grupos – migrantes internacionais de retorno, não migrantes e migrantes interestaduais. Com essa estrutura voltamos ao objetivo de testar a primeira hipótese estabelecida, de que a experiência migratória do retornado terá impacto positivo quanto à inserção no mercado de trabalho, uma vez que a mesma pode ser considerada *proxy* de capital humano, capital cultural e capital social. Também, buscamos verificar a hipótese sobre os laços sociais compreendendo-os como fator de contexto que potencializa ou inibe o impacto da experiência migratória, sendo para esse fim mensurado pela densidade da presença de migrantes de retorno na microrregião. Buscamos, portanto, alcançar nosso objetivo de desenvolver uma análise comparativa entre os grupos, verificando os diferenciais elencados neste estudo.

O segundo quadro apresenta as variáveis para o estudo específico somente com o grupo dos migrantes internacionais de retorno, objetivando testar as hipóteses quanto ao impacto dos destinos da emigração e dos laços sociais na origem (tempo de residência na unidade federativa, religião e presença de migrantes de retorno na comunidade), pois pensamos que esses fatores podem concorrer para as diferenças na experiência migratória e, portanto, na situação no mercado de trabalho.

Após a apresentação dos quadros, expomos as justificativas teóricas que fundamentam a inclusão das variáveis nos modelos estatísticos.

Quadro 1 – Variáveis a serem usadas na estimação dos modelos Hierárquico Linear e Hierárquico Logístico Binomial e Multinomial quando comparando migrantes internacionais de retorno, não migrantes e migrantes interestaduais

Variáveis dependentes			
Variável	Tipo	Descrição	Modelo
LNREN	Contínua	Logaritmo natural dos rendimentos no trabalho principal	Hierárquico Linear - HLM
Empregado	Binária	1 = empregado 0 = desempregado	Hierárquico Logístico Binomial
Posição ocupacional Conta Própria Empregador	Binária	1 = Conta própria 2 = Empregador 0 = Empregado	Hierárquico Logístico Multinomial
Variáveis de teste			
Retornado	Binária	1 = retornado do exterior 0 = não migrante	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Migint2	Binária	1 = migrante interestadual 0 = não migrante	
Variáveis de controle			
Nível individual			
Urban	Binária	1 = Urbano/ 0 = Rural	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Metropol	Binária	1 = Reside em área metropolitana 0 = Não reside em área metropolitana	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Lnhtrab	Discreta	Logaritmo natural das horas trabalhadas	Hierárquico linear
Posição no domicílio Respons	Binária	1 = Responsável 0 = Outra posição no domicílio	Hierárquico linear, binomial e multinomial
ISEI	Discreta	Índice de <i>status</i> socioeconômico Combinação das variáveis de renda, escolaridade e situação ocupacional	Hierárquico linear
Sócio demográfico			
Idadcen	Discreta	Idade do indivíduo no momento da pesquisa, em anos, centralizada na média	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Idad2	Contínua	Idade do indivíduo em anos, centralizada, ao quadrado	Hierárquico linear
Sexo	Binária	1 = masculino / 0 = feminino	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Branc	Binária	1 = branco 0 = não branco	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Casad	Binária	1 = casado (a) 0 = solteiro (a) ou outro estado civil	Hierárquico linear, binomial e multinomial

Educação			
Medinc	Binária	1 = fundamental completo ou médio incompleto / 0 = sem instrução ou fundamental incompleto	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Supinc	Binária	1 = médio completo ou superior incompleto / 0 = sem instrução ou fundamental incompleto	
Supcom	Binária	1 = superior completo / 0 = sem instrução ou fundamental incompleto	
Religião			
CatholicProtestant	Binária	1 = católico ou protestante 0 = sem religião	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Outrasrelig	Binária	1 = outras religiões 0 = sem religião	
Propemp	Discreta	Propensão de estar empregado	Hierárquico linear
Nível estrutural			
PIB	Contínua	Produto Interno Bruto <i>per capita</i> das microrregiões de Minas Gerais	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Txmir	Contínua	Proporção de migrantes internacionais de retorno em cada microrregião mineira, por 1.000 habitantes, no ano de 2010	Hierárquico linear, binomial e multinomial

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012).

Como já mencionado, no quadro seguinte organizamos as variáveis para trabalhar apenas com o grupo principal deste estudo – os migrantes internacionais de retorno. Pretendemos abordar questões relacionadas às possíveis diferenças existentes entre os próprios migrantes de retorno. Nesse sentido, preocupamos em testar: Como o destino da escolha da emigração afeta os migrantes internacionais de retorno no mercado de trabalho na origem. Se há diferenças na situação de mercado de trabalho para aqueles que não possuem religião ou que professam uma religião não predominante, comparados aqueles que seguem as religiões dominantes no país. Se o tempo de moradia na UF e a presença de migrantes de retorno em dada microrregião representam um diferencial de capital social, potencializando uma situação mais otimista para o retornando. Em outras palavras: O capital social, tendo como medidas *proxy* a pertença (ou não) a instituições religiosas predominantes e sendo qualitativamente construído pelo maior tempo de residência na comunidade e pela vivência em localidade com maior densidade de migrantes de retorno (possibilidades de compartilhar experiências, acessar as políticas públicas locais, reconstruir e fortalecer laços sociais, após o retorno), tem algum efeito sobre a empregabilidade, a renda ou a posição ocupacional do retornando que possa traduzir em vantagens (ou não) para ele?

Quadro 2 – Variáveis a serem usadas na estimação dos modelos, envolvendo somente os migrantes internacionais de retorno

Variáveis dependentes			
Variável	Tipo	Descrição	Modelo
LNREN	Contínua	Logaritmo dos rendimentos no trabalho principal	Hierárquico Linear - HLM
Empregado	Binária	1 = empregado 0 = desempregado	Hierárquico Logístico Binomial
Posição ocupacional Conta Própria Empregador	Binária	0 = Empregado 1 = Conta própria 2 = Empregador	Hierárquico Logístico Multinomial
Variáveis de teste			
Dest1Port	Binária	1 = retornado de Portugal 0 = retornado dos EUA	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Dest2Esp	Binária	1 = retornado da Espanha 0 = retornado dos EUA	
Det3ReinoUnid	Binária	1 = retornado do Reino Unido 0 = retornado dos EUA	
Dest4Jap	Binária	1 = retornado do Japão 0 = retornado dos EUA	
Dest5Italia	Binária	1 = retornado da Itália 0 = retornado dos EUA	
Dest6Outr (Demais países e ignorados)	Binária	1 = retornado de outros países/ignorados 0 = retornado dos EUA	
Tempo de residência - UF			
Tresid2	Binária	1 = Entre 1 e 2 anos de residência 0 = Menos de 1 ano de residência	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Tresid4	Binária	1 = Entre 3 e 4 anos de residência 0 = Menos de 1 ano de residência	
Tresid5mais	Binária	1 = De 5 a mais anos de residência 0 = Menos de 1 ano de residência	
Religião			
CatolicProtestant	Binária	1 = católico ou protestante 0 = sem religião	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Outrasrelig	Binária	1 = outras religiões 0 = sem religião	

		Variáveis de controle	
Idadcen	Discreta	Idade do indivíduo no momento da pesquisa, em anos, centralizada na média	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Idad2	Contínua	Idade do indivíduo em anos, centralizada, ao quadrado	Hierárquico linear
Sexo	Binária	1 = masculino / 0 = feminino	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Urban	Binária	1 = Urbano/ 0 = Rural	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Metropol	Binária	1 = Reside em área metropolitana / 0 = Não reside em área metropolitana	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Lnhtrab	Discreta	Logaritmo natural das horas trabalhadas	Hierárquico linear
Posição no domicílio Respons	Binária	1 = responsável 0 = outra posição no domicílio	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Branc	Binária	1 = branco 0 = não branco	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Estado Civil Casad	Binária	1= Casado (a) 0 = solteiro (a) ou outro estado civil	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Educação			
Medinc	Binária	1= fundamental completo ou médio incompleto/ 0 = sem instrução ou fundamental incompleto	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Supinc	Binária	1 = médio completo ou superior incompleto/ 0 = sem instrução ou fundamental incompleto	
Supcom	Binária	1 = superior completo/ 0 = sem instrução ou fundamental incompleto	
ISEI	Discreta	Índice de <i>status</i> socioeconômico	Hierárquico linear
Propemp	Discreta	Propensão de estar empregado	Hierárquico linear
PIB	Contínua	Produto Interno Bruto <i>per capita</i> das microrregiões de Minas Gerais	Hierárquico linear, binomial e multinomial
Txmir	Contínua	Proporção de migrantes internacionais de retorno em cada microrregião mineira, por 1.000 habitantes, no ano de 2010	Hierárquico linear, binomial e multinomial (Teste para o grupo MIR)

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012).

Com esse esquema construído com base nos microdados do Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012) e na literatura pertinente, fundamentamos nossa escolha das variáveis de pesquisa e buscamos especificar o critério e os argumentos teóricos e empíricos que norteiam a inclusão delas nos modelos estatísticos. Abaixo, esquematicamente, apresentamos as abordagens teóricas e empíricas norteadoras da escolha das variáveis.

Variáveis dependentes:

1. *Lnren* (logaritmo natural do valor do rendimento bruto (ou a retirada) mensal no trabalho principal), sendo essa a variável dependente do Modelo Hierárquico Logístico Linear – HLM. É uma variável bastante usada pela literatura sobre estratificação social e desigualdades no mercado de trabalho, bem como no campo de estudos sobre a migração nacional e internacional. Isso porque a produção teórica acompanhada por criativas estratégias metodológicas tem evidenciado diferenciais de renda e de oportunidades entre indivíduos, apontando para a discriminação no mercado de trabalho com base em atributos como cor, sexo, gênero e *status* migratório (SOARES, 2000; SANTOS, 2009; VILELA *et al.*, 2012; VILELA; MONSMA, 2015). No campo dos estudos da migração essas desigualdades têm sido explicitadas tanto na relação entre migrante e nativo, quanto internamente no processo seletivo de migrantes, como, por exemplo, os diferenciais de renda dos migrantes de retorno, conforme levantado no estudo de Ribeiro (2013).

2. *Empregado* (empregado ou desempregado). Variável dependente do Modelo Hierárquico Logístico Binomial. É uma variável qualitativa de medida de condição de emprego, servindo na investigação da probabilidade de estar empregado (1 = *empregado*) ou desempregado (0 = *desempregado*) no mercado de trabalho. A situação de emprego também é uma temática presente na literatura sobre estratificação social e desigualdades no mercado de trabalho, sendo utilizada tanto como controle em desenhos de pesquisa quanto como medida de oportunidade e discriminação no mercado de trabalho.

3. *Posição Ocupacional* (empregador ou trabalhador por conta própria ou empregado). Variável dependente do Modelo Hierárquico Logístico Multinomial, sendo constituída por três categorias qualitativas: 1= *Empregador*, 2= *Conta própria* e 0= *Empregado*. É uma variável que serve como medida de escolha ocupacional. Essa temática está comumente presente na literatura que discute a relação entre mercado de trabalho, migração e desenvolvimento, pontuando sobre a probabilidade de migrantes internacionais de retorno

serem encontrados em trabalhos por conta própria ou na condição de empregadores com trabalhadores pagos (PIRACHA; VADEAN, 2010; YENDAW, 2013).

Variáveis independentes de teste:

1. *Retornado* (migrante internacional de retorno). Variável do grupo principal, que são os migrantes internacionais de retorno, entre 25 e 65 anos de idade e residentes em Minas Gerais.
2. *Nmig2* (não migrante). Variável do grupo de referência, na mesma faixa etária, residentes no Estado de Minas Gerais que declararam não ter emigrado para outro país ou unidade da federação ou residiam há mais de dez anos na cidade mineira.
3. *Migint2* (migrante interestadual). Variável do grupo de análise, contemplando os migrantes interestaduais que declararam ter residido em outra unidade da federação antes de estabelecer residência na microrregião mineira. A inclusão dessa variável se justifica pelo fato de que a literatura tem evidenciado que migrantes, de uma forma geral, possuem características que os diferenciam dos não migrantes, por exemplo, o grupo possui em média renda e escolaridade superior ao grupo não migrante. Adicionalmente observa-se a ausência da análise dessa categoria nos estudos anteriores em que se dedica atenção à comparação entre retornados internacionais e não migrantes (RIBEIRO, 2013) ou se preocupa com a situação do grupo de migrantes de retorno, averiguando fatores que sinalizam mudanças socioeconômicas, individual e/ou coletiva, por meio da comparação entre fatores antes e depois do processo migratório (YENDAW; TANLE; KUMI-KYEREME, 2013).

Variáveis independentes de controle:

1. *Urban* (urbano ou rural). Variável binária de caracterização espaço-social, sendo 1 = *urbano* e 0 = *rural*. É uma variável que controla e agrega características ao indivíduo relativas ao espaço de moradia e trabalho, pois se consideram as desigualdades de oportunidades no meio produtivo e de consumo, bem como o desigual acesso a equipamentos e instituições públicas, como, por exemplo, as unidades de saúde e educação, revelando experiências diversificadas no espaço social e geográfico (HASENBALG; SILVA, 2003).
2. *Metropol* (reside em área metropolitana ou não). Variável binária que permite apenas duas condições de *residência* em área metropolitana – ou a pessoa mora ou não mora na região metropolitana. Semelhante à variável anterior, essa agrega características de um espaço geográfico e social com maior densidade e circulação de bens e serviços, propiciando, também, oportunidades diferenciadas e individuais para aqueles que vivem nas regiões

metropolitanas. Essa condição aliada à literatura que discute sobre a possibilidade de se retornar, preferencialmente, para áreas economicamente mais promissoras justifica a inclusão dessa variável no nível individual (GARRIDO; OLMOS, 2005; RIVERA-SÁNCHEZ, 2013).

3. *Lnhrab* (logaritmo natural das horas de trabalho). Essa medida de controle é comumente utilizada em modelos teóricos que afirmam sobre o impacto das horas trabalhadas, principalmente, sobre a renda do indivíduo no mercado de trabalho.

4. *Respons* (posição no domicílio na condição de responsável pelo domicílio ou não). Variável muito importante no estudo das desigualdades sociais, apresentando-se relevante para a compreensão dos rendimentos e posições dos trabalhadores no mercado de trabalho (SOARES, 2000; SILVA, 2003).

5. *Idadcen* (idade em anos, centralizada na média). Conforme a literatura, a idade é usada como medida de capital humano (uma *proxy* de experiência no mercado de trabalho). Apoia-se na abordagem de Mincer (1974) que sustenta que quanto maior a experiência no mercado de trabalho, maiores as possibilidades de aumento da renda e de ocupação de melhores postos de trabalho, porque mais tempo se teve para investimento na educação formal, qualificação, treinamento e no aprendizado prático.

6. *Idad2* (idade centralizada na média, ao quadrado). Seguindo a mesma abordagem anterior, o quadrado da idade centralizada na média traz a função da equação (parabólica ou convexa) que traduz a diminuição do rendimento com o tempo, sendo fundamental considerar essa situação na análise (MINCER, 1974). A argumentação básica centra no fato de que no decorrer da carreira profissional os acréscimos dos rendimentos tendem a alcançar um determinado limite e, nessa medida, a tendência é o decréscimo de retornos.

7. *Sexo* (homem ou mulher). A literatura no campo das desigualdades sociais aponta para a existência de diferenciais nas relações de mercado com relação a características naturais do indivíduo. Há evidências de assimetrias por gênero, cor/raça, dentre outros, com destaque à pauta de enorme diferença de renda entre homens e mulheres, brancos e não brancos, bem como a segmentação do mercado trabalho – mulheres geralmente ocupam postos de trabalho socialmente menos valorizados e exercem atividades consideradas naturalmente femininas, como cuidado de crianças, idosos e doentes (BIELBLY; BARON, 1994; PESSAR, 1995; SOARES, 2000; HIRATA; KERGOAT, 2008).

8. *Branc* (branco ou não branco). É uma variável com alto significado social que representa cor/raça. Pesquisas evidenciam a possibilidade de discriminação nas relações de mercado ou

impacto negativo de variáveis vinculadas a atributos, nelas incluídas a cor da pele ou raça. As evidências apontam que indivíduo branco tende a ter melhores oportunidades de mercado e apresentar diferencial de renda positivo, em relação ao não branco (SANTOS, 2009; VILELA *et al.*, 2012; VILELA; MONSMA, 2015; HALLER; SARAIVA, 1991; FERNANDES, 2004).

9. *Casado* (casado/a ou outra situação civil). É uma variável de significado social que traz a ideia de que pessoas casadas, ao contrário de outra situação civil, são mais focadas a prover e responsabilizar-se pela família, sendo menos aventureiras e mais propensas a encontrarem/buscarem trabalhos com melhores salários (VILELA *et al.*, 2012; VILELA; MONSMA, 2015).

10. Educação (variável construída com 4 categorias, representando os níveis de instrução). A educação é uma variável de capital humano considerada importante para a inserção e ocupação de posição mais valorizada na estrutura ocupacional do mercado de trabalho. Argumenta-se que quanto mais anos de estudo maiores são as chances para ocupar os melhores postos de trabalho e alcançar salários mais altos (FERNANDES, 2004).

11. *ISEI (International Socio-economic Index)*⁴⁶. É um índice de status socioeconômico que permite medir o *status* ocupacional do indivíduo, a partir da localização da sua posição na hierarquia existente no mercado de trabalho brasileiro – menor escore na escala, 16, compreende as ocupações manuais (serventes, empregados domésticos etc.) e o maior escore, 90, envolve a ocupação de Juiz (GANZEBOOM *et al.*, 1992; GANZEBOOM; TREIMAN, 1996). O ISEI consiste numa combinação entre as variáveis de ocupação, nível educacional e a renda do indivíduo. Significa dizer que quanto mais próximo do menor escore, mais o indivíduo se encontra na base da pirâmide, ocupando uma posição de menor reconhecimento social com menos *status* – reduzido poder de consumo, de liderança, entre outros. Por outro lado, quanto mais próximo a 90, mais se encontra no topo.

12. Propensão de estar empregado. Variável de controle com valor predito após a regressão logística binomial (propensão de estar empregado) que traz para o modelo de análise da renda a medida de probabilidade de emprego para cada um dos indivíduos da amostra. Essa estratégia segue o modelo de Heckman (1979) para controlar o viés de seleção da amostra. A técnica de Heckman (1979) propõe a correção desse viés, caso ele exista, com a aplicação de um modelo de regressão com duas equações simultâneas, *logit* e linear, para uma amostra

⁴⁶ Índice elaborado por Treiman (1977) com base na Classificação Uniformizada das Ocupações (CISCO68 ou ISCO68, na sigla em inglês). Compõe-se de uma escala construída por meio da combinação de dados comparativos sobre educação, renda e ocupações masculinas de 16 países.

aleatória de indivíduos. A partir da estimação dos parâmetros (*logit*), produz-se uma variável *lambda* que cumpre essa finalidade.

13. *Txmir* (Proporção de migrantes internacionais de retorno na microrregião mineira). A inserção dessa variável aproxima do pensamento teórico do capital social, tal como levantado nas outras medidas *proxy* de capital social (frequência religiosa e tempo de residência). É uma variável de controle a ser usada no segundo nível dos modelos adotados. Construída sob a forma de proporção relativa da presença de migrantes de retorno na microrregião, medida a cada 1.000 habitantes do total da população residente no ano de 2010, apoia-se na ideia de que uma maior presença de migrantes de retorno em dada microrregião possa impactar o capital social e a inserção social e produtiva desse indivíduo. Ou seja, um local com maior presença de migrantes de retorno pode trazer visibilidade social e produzir um contexto favorável para novos contatos, reencontro e fortalecimento de amizades (até mesmo aquelas iniciadas no exterior com outros migrantes de retorno) favorecendo o processo de readaptação e recolocação no mercado de trabalho.

14. *PIB per capita*. Variável considerada importante para o controle do efeito contextual devido ao seu forte poder de associação à capacidade do mercado de trabalho em um dado território e que, portanto, interfere na situação socioeconômica dos indivíduos (VILELA; MONSMA, 2015).

Variáveis independentes de teste para o estudo específico com os migrantes de retorno:

1. *destino*. É uma variável usada no modelo somente com os migrantes de retorno objetivando testar se há diferenças quanto ao efeito de ter emigrado para os Estados Unidos ou outro país devidamente categorizado. As categorias representam os seis países predominantes declarados como destino da maioria dos brasileiros retornados que residiam em Minas Gerais, em 2010, tendo uma sétima categoria (outros países) para agrupar aqueles com menor frequência de fluxo de retorno. Tomamos como categoria base os Estados Unidos (*Dest0EUA*, *Dest1Port*, *Dest2Esp*, *Dest3ReinoUnid*, *Dest4Jap*, *Dest5Italia*, *Dest6Outros*). Observamos que alguns estudiosos do campo da migração internacional chamam atenção para o efeito do destino na situação socioeconômica do retornado (como por exemplo, Garrido; Olmos, 2005; Sabar, 2013; Yendaw; Tanle; Kumi-Kyereme, 2013), demonstrando que essa medida pode ajudar na compreensão do processo de reinserção do retornado na origem.

2. *Tempo de Residência na UF* – variável construída com três categorias para serem inseridas nos modelos estatísticos especialmente voltados para o grupo MIR. A categoria base indica

um tempo de residência menor que 2 anos (*Tresid0*), servindo para a análise das demais. Serve como *medida* de laços sociais, pensada como uma forma de aproximação à concepção bourdiana sobre capital social, na qual argumenta ser necessário investimento e dedicação de tempo para a formação e manutenção de laços de amizade, vizinhança, dentre outros tipos de interações sociais, representando uma importante forma de capital, podendo ser aplicada no mercado das trocas simbólicas e transformada em capital econômico (BOURDIEU, 2007). O efeito do tempo de permanência no país da emigração é assunto recorrente na literatura sobre o fenômeno da migração internacional e tem sido destacado por pesquisadores brasileiros no estudo sobre a inserção social e produtiva, como, por exemplo, Siqueira (2009) e Silva e Fernandes (2014b). No entanto, a perspectiva do tempo de residência após o retorno ainda não foi explorada. Partimos da ideia de que, entre os migrantes de retorno, esse fator possa traduzir em mais oportunidade para recuperação e fortalecimento de laços sociais na comunidade, bem como adquirir maior conhecimento sobre o mercado de trabalho e consequentemente melhorar a situação socioeconômica no mercado de trabalho.

3. *Religião*. Trazendo a religião como *proxy* de capital social e com base na literatura, a ideia é que participar/frequentar de um determinado grupo religioso predominante na origem, como a comunidade católica ou protestante, pode impactar positivamente na situação de mercado laboral. Essa perspectiva de capital social atribuída à participação em instituições religiosas foi também abordada nos estudos de Vilela (2008; 2011), que pautou o ambiente como um espaço propício à interação, construção de laços de amizade e solidariedade mútua com possibilidade vantajosa para quem dele participa. Ou seja, fazer parte de uma comunidade religiosa com um número maior de frequentadores e maior inserção social tende a gerar mais contatos, interações e, portanto, impactar na melhoria ou ampliação do capital social (BOURDIEU, 2007; RIVERA-SÁNCHEZ, 2013).

Um conceito geral, inicialmente mencionado, é o de que indivíduos interagem com o contexto social no qual estão inseridos, o que decorre que os indivíduos são influenciados pela estrutura social ou grupos sociais dos quais eles fazem parte. Por outro lado, as estruturas desses grupos também são influenciadas pelos indivíduos. Dessa forma, esta dinâmica pode ser entendida como um sistema hierárquico, o qual envolve indivíduos e grupos em diferentes níveis. Esta possibilidade de análise de interação é fundamental para a perspectiva sociológica porque as variáveis podem ser definidas em cada nível de hierarquia, valorando tanto o agente quanto a estrutura.

Algumas dessas variáveis representam medidas diretas do seu próprio nível natural, enquanto também é possível mover variáveis entre níveis pelo processo de agregação ou desagregação. O primeiro consiste em mover variáveis de um nível mais baixo para um nível mais alto, sendo o segundo o processo inverso. Portanto, existe interação entre variáveis que caracterizam indivíduos com variáveis que caracterizam grupos, ou seja, ocorre uma análise integrada.

Conforme Woltman *et al.* (2012), o modelo linear hierárquico investiga, ao mesmo tempo, as interações dentro e entre níveis hierárquicos de grupos de dados de forma mais eficiente na mensuração da variância entre as variáveis de diferentes níveis do que em outras análises existentes. Assim, a principal distinção entre o modelo hierárquico e um modelo de regressão múltipla que é amplamente conhecida seria que a equação característica do modelo hierárquico linear possui mais de um termo de erro, sendo um ou mais para cada nível (SNIJDERS; BOSKER, 1999). Desta forma, a variável dependente Y tem um aspecto individual e outro do contexto grupal ao qual está inserida, ressaltando que ela sempre é medida no nível mais desagregado, de forma que o modelo deseja explicar o que acontece no nível mais baixo, mais detalhado.

Quando não existem variáveis explicativas no segundo nível, a variável dependente, Y_{ij} , pode ser escrita como a soma de uma parte que contém a combinação linear das variáveis explicativas, e uma parte residual aleatória, o que pode ser representado por:

$$Y_{ij} = \beta_{0j} + \beta_{1i}X_{ij} + e_{ij} \quad (1)$$

Segundo a abordagem utilizada por Hox (2002), a regressão multinível assume que cada unidade do segundo nível também seria representada por uma equação, que é composta de um intercepto β_{0j} e pode ser composta por coeficientes de inclinação β_{1j} diferentes, quando houver a inclusão de variáveis que caracterizem o grupo em questão. Assumindo que o intercepto e os coeficientes de inclinação variam entre as unidades do segundo nível, eles são chamados de coeficientes aleatórios, e a próxima etapa do modelo de regressão hierárquica constrói a formulação também para este segundo nível, visando explicar a variação dos coeficientes de regressão β_{0j} e β_{1j} introduzindo variáveis neste nível.

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + \gamma_{01}Z_j + u_{0j} \quad (2)$$

$$\beta_{1j} = \gamma_{10} + \gamma_{11}Z_j + u_{1j} \quad (3)$$

β_{0j} significa o valor médio da variável dependente numa unidade do segundo nível, dadas as variáveis explicativas deste nível, Z . Os termos u_{0j} e u_{1j} são termos aleatórios do segundo

nível. Assume-se que ambos os efeitos seguem distribuição normal com média 0 e variância σ_{u0}^2 e σ_{u1}^2 , respectivamente, e são independentes.

O modelo pode ser reescrito como uma única e complexa equação de regressão, substituindo (2) e (3) em (1):

$$Y_{ij} = \gamma_{00} + \gamma_{10}X_{ij} + \gamma_{01}Z_j + \gamma_{11}X_{ij}Z_j + u_{1j}X_{ij} + u_{0j} + e_{ij} \quad (4)$$

Sendo que os últimos 3 termos são os chamados termos estocásticos, ao passo que o restante são os termos determinísticos do modelo.

Conforme mencionado anteriormente, modelos multiníveis são muito importantes em dados agrupados quando verificamos que observações de um mesmo grupo são geralmente mais similares que observações de outros grupos distintos, o que viola o pressuposto de independência das observações. O grau de dependência pode ser expresso por um coeficiente de correlação intraclasse. A literatura contém muitas fórmulas para estimá-lo.

Partindo de um modelo sem nenhuma variável explicativa, chamado modelo nulo, ou *intercept-only model*, temos:

$$Y_{ij} = \beta_{0j} + e_{ij} \quad (5)$$

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + u_{0j} \quad (6)$$

u_{0j} = efeito aleatório associado ao nível 2.

γ_{00} = média do resultado para todos os indivíduos.

Realizando a substituição de (6) em (5), obtém-se:

$$Y_{ij} = \gamma_{00} + u_{0j} + e_{ij} \quad (7)$$

Assim, percebe-se que não há variáveis independentes em nenhum dos dois níveis. Portanto, não há explicação da variância de Y. Apenas ocorre a decomposição da variância em dois componentes independentes (σ_e^2), que é a variância associada ao nível mais baixo, e σ_{u0}^2 , que é a variância relativa ao nível mais alto. Definimos a correlação intraclasse como:

$$\rho = \frac{\sigma_{u0}^2}{\sigma_{u0}^2 + \sigma_e^2}$$

O significado desta expressão é a proporção da variância explicada pelo componente de grupo, ou seja, pela estrutura de grupo da população. Simplesmente estabelece que a correlação intraclasse é a proporção da variância de grupo comparada com o total da variância. Este coeficiente também pode ser interpretado como a correlação esperada entre duas unidades escolhidas aleatoriamente no mesmo grupo. Para o caso aplicado ao processo da migração, seria o quanto da variação é explicada por diferenças existentes entre as

microrregiões mineiras onde os migrantes de retorno residem. O modelo de regressão multinível proposto para este trabalho, especificado em dois níveis, trata o indivíduo de cada grupo analisado (migrante de retorno, migrante interestadual e não migrante) como a unidade do nível 1, representado pelo subscrito i , e a microrregião mineira na qual o mesmo está inserido como unidade do nível 2, identificada pelo subscrito j . Considera-se a existência de J regiões, $j = 1, 2, \dots, J$ cada uma delas com n_i indivíduos migrantes os, $i=1, 2, \dots, n_i$.

Assim, com base nesse modelo teórico, temos em nosso estudo como unidade de análise do nível 1 (i) o indivíduo brasileiro dos grupos – migrante internacional de retorno, migrante interestadual e não migrante – entre 25 e 65 anos, que estava residindo em Minas Gerais em 2010, à época do Censo Demográfico, totalizando 1.285.333 unidades amostrais com a frequência de 3.185⁴⁷ brasileiros retornados do exterior e 1.227.145 não migrantes. Apresentamos a equação para aplicar o HLM – renda com todos os indivíduos, assim:

I NÍVEL

$$\begin{aligned} LNREN = & \beta_{0j} + \beta_1 Retornado + \beta_2 Migint2 + \beta_3 Idadcen + \beta_4 Idad2 + \beta_5 Sexo \\ & + \beta_6 Branc + \beta_7 Casad + \beta_8 posicao_domicilio + \beta_9 Medinc + \beta_{10} Supinc \\ & + \beta_{11} Supcom + \beta_{12} Urban + \beta_{13} Metropol + \beta_{14} Lnhtrab \\ & + \beta_{15} CatholicProtest + \beta_{16} Outrasrelig + \beta_{17} Isei + \beta_{18} propemg + \varepsilon \end{aligned}$$

A unidade de análise principal do nível 2 consiste na medida da presença dos indivíduos, migrantes de retorno, do nível 1 (i) em relação à população de cada uma das 66 microrregiões mineiras, a cada 1.000 habitantes. Representa uma medida, aproximada, da densidade dos laços sociais que possa existir na comunidade e entre os próprios retornados, potencializando ou não os efeitos da experiência migratória. O segundo nível é composto, também, pela renda *per capita* da microrregião, no ano de 2010.

II NÍVEL

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + \gamma_{01} Txmir + \gamma_{02} pibpcap_{mic} + u_{0j}$$

Na equação HLM – renda somente com o grupo de retornados internacionais, observamos os efeitos do destino da emigração, tendo como grupo de referência os retornados

⁴⁷ Frequência absoluta, sem o uso do peso amostral.

dos Estados Unidos. Assim, foram incluídas no primeiro nível as categorias com os principais destinos, se constituindo da seguinte forma:

I NÍVEL

$$\begin{aligned}
 LNREN = & \beta_{0j} + \beta_1 Dest1Port + \beta_2 Dest2Esp + \beta_3 Dest3ReinoUnid + \beta_4 Dest4Jap \\
 & + \beta_5 Dest5Italia + \beta_6 Dest6Out + \beta_7 Idadcen + \beta_8 Idad2 + \beta_9 Sexo \\
 & + \beta_{10} Branc + \beta_{11} Casad + \beta_{12} posicao_domicilio + \beta_{13} Medinc \\
 & + \beta_{14} Supinc + \beta_{15} Supcom + \beta_{16} Urban + \beta_{17} Metropol + \beta_{18} Tresid2 \\
 & + \beta_{19} Tresid4 + \beta_{20} Tresid5mais + \beta_{21} Lnhtrab + \beta_{22} CatholicProtest \\
 & + \beta_{23} Outrasrelig + \beta_{24} Isei + \beta_{25} propemp + \varepsilon
 \end{aligned}$$

Modelo Hierárquico de Regressão Logística: binomial e multinomial

No modelo anterior, o objetivo em questão era o de analisar a renda, compreendendo os efeitos de fatores individuais e os efeitos de fatores contextuais/estruturais. Estes últimos são entendidos como impactos relacionais do grupo (contexto socioeconômico e geográfico) no qual os migrantes estão inseridos. Visando ampliar o escopo da análise, pretendemos também analisar fatores individuais e contextuais que afetam as chances de um indivíduo estar empregado. Portanto, neste segundo momento, levantamos a questão da situação de emprego, investigando a possibilidade de o migrante internacional de retorno estar na condição de “empregado” ou “desempregado” no mercado de trabalho. Para tal análise, uma vez que a variável dependente é binária, será utilizada a abordagem *logit* hierárquica. A hipótese é a de que é possível que características geográficas, políticas, econômicas e sociais das microrregiões mineiras, atreladas ao ambiente da ‘cultura migratória’ e associadas às características do indivíduo, possam influenciar as chances desse indivíduo de estar empregado.

De modo semelhante à abordagem anterior, construímos duas equações simultâneas, permitindo uma análise conjunta das variáveis referentes aos indivíduos, nível 1, e a variável de ambiente, nível 2. O primeiro nível é composto por um modelo logístico generalizado, uma vez que, para os casos em que a variável dependente é uma variável binária, a suposição de normalidade feita pela maioria dos modelos é violada, assim como a de homocedasticidade dos erros. O modelo pode ser escrito como:

$$\eta_{ij} = \log\left(\frac{\Phi_{ij}}{1 - \Phi_{ij}}\right) = \beta_{0j} + \sum_q \beta_q X_{qij} + e_{ij}$$

Φ_{ij} representa a probabilidade de o indivíduo i possuir emprego remunerado e η_{ij} a razão de chances, log-odds, representando as chances de sucesso, ou seja, de estar empregado. X_{qij} é o vetor das q variáveis incluídas no modelo, acompanhadas de seus coeficientes e e_{ij} o termo de erro. O segundo nível é representado por:

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + \sum_s \gamma_{0s} W_{sj} + \mu_{0j}$$

Sendo os termos assim definidos:

γ_{00} = Probabilidade média de os indivíduos do grupo de referência das variáveis independentes estarem empregados nas microrregiões.

W_{sj} = Variáveis independentes para cada microrregião j , acompanhada do coeficiente.

μ_{0j} = Incrementos no intercepto associados a cada microrregião j .

Da mesma forma que no modelo hierárquico linear, a primeira etapa é a estimação do modelo nulo, ou *intercept-only model*, a partir do qual é possível analisar o efeito explicativo do segundo nível e, portanto, da validade de sua inclusão. Retirando-se as variáveis explicativas:

$$\eta_{ij} = \beta_{0j} + e_{ij}$$

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + \mu_{0j}$$

O modelo pode ser representado por uma única equação representada a seguir:

$$\eta_{ij} = \gamma_{00} + \mu_{0j} + e_{ij}$$

Validada a inclusão do 2º nível ao modelo, a próxima etapa constitui a estimação do modelo multinível não-condicional, que é o modelo que contém apenas as variáveis do primeiro nível. Este modelo permite a mensuração da variabilidade associada a este nível. Dessa forma, aplicando o modelo hierárquico binomial com todos os indivíduos do nosso estudo, incluímos as variáveis dependentes para a composição dos níveis 1 e 2 da seguinte forma:

I NÍVEL

$$\begin{aligned} \eta_{ij} &= \text{Log} \left(\frac{P(\text{Empregado})}{1 - P(\text{Empregado})} \right) \\ &= \beta_{0j} + \beta_1 \text{Retornado} + \beta_2 \text{Migint2} + \beta_3 \text{Idadcen} + \beta_4 \text{Sexo} + \beta_5 \text{Branc} \\ &\quad + \beta_6 \text{Casad} + \beta_7 \text{posicao_domicilio} + \beta_8 \text{Medinc} + \beta_9 \text{Supinc} \\ &\quad + \beta_{10} \text{Supcom} + \beta_{11} \text{Urban} + \beta_{12} \text{Metropol} + \beta_{13} \text{CatholicProtest} \\ &\quad + \beta_{14} \text{Outrasrelig} + \varepsilon \end{aligned}$$

II NÍVEL

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + \gamma_{01} \text{Txmir} + \gamma_{02} \text{pibpcap_mic} + u_{0j}$$

Em seguida, realiza-se o procedimento de incluir passo a passo as variáveis do segundo nível, ao mesmo tempo em que se observa o quanto cada variável contribui para a redução da variabilidade não-condicional associada ao intercepto estimado do modelo de primeiro nível. Este cálculo é feito por meio do índice de redução proporcional da variância, que representa o percentual da variância do intercepto no modelo nulo, que é explicado pela inclusão das variáveis no segundo nível (De BRITO *et al.*, 2016).

A inclusão e a significância estatística dessas variáveis explicativas significam que a propensão de o indivíduo estar empregado varia entre as microrregiões em decorrência das características do contexto ao qual ele pertence. Silva (2010) ensina que para orientar a inclusão de variáveis contextuais e conhecer sua importância em termos de explicação da variabilidade do intercepto observa-se o índice de redução proporcional da variância, ou da variância explicada, sendo demonstrado na seguinte expressão:

$$\text{Percentual da variância explicada} = \frac{\tau_{00(\text{não-condicional})} - \tau_{00(\text{condicional})}}{\tau_{00(\text{não-condiciona})}}$$

O resultado desta expressão fornece a porcentagem da variância do intercepto do modelo nulo que está sendo explicada pela inclusão de variáveis no segundo nível.

Seguindo a mesma estratégia, para aplicar o Modelo Hierárquico Binomial somente com o grupo de migrantes internacionais de retorno com o objetivo de verificar o efeito do destino e realizar os demais testes de estudo, constituímos a equação da seguinte forma:

I NÍVEL

$$\begin{aligned} \eta_{ij} = \text{Log} \left(\frac{P(\text{Empregado})}{1 - P(\text{Empregado})} \right) \\ = \beta_{0j} + \beta_1 \text{Dest1Port} + \beta_2 \text{Dest2Esp} + \beta_3 \text{Dest3ReinoUnid} + \beta_4 \text{Dest4Jap} \\ + \beta_5 \text{Dest5Italia} + \beta_6 \text{Dest6Out} + \beta_7 \text{Idadcen} + \beta_8 \text{Sexo} + \beta_9 \text{Branc} \\ + \beta_{10} \text{Casad} + \beta_{11} \text{posicao_domicilio} + \beta_{12} \text{Medinc} + \beta_{13} \text{Supinc} \\ + \beta_{14} \text{Supcom} + \beta_{15} \text{Urban} + \beta_{16} \text{Metropol} + \beta_{17} \text{Tresid2} + \beta_{18} \text{Tresid4} \\ + \beta_{19} \text{Tresid5mais} + \beta_{20} \text{CatholicProtest} + \beta_{21} \text{Outrasreelig} + \varepsilon \end{aligned}$$

$$\text{II NÍVEL: } \beta_{0j} = \gamma_{00} + \gamma_{01} \text{Txmir} + \gamma_{02} \text{pibpcap_mic} + u_{0j}$$

No Modelo Hierárquico Logístico Multinomial é empregada, de forma semelhante, as equações logísticas, com a probabilidade de ocorrência dos três eventos no mercado de trabalho – ou seja, estar na condição ocupacional de empregado ou conta própria ou empregador, tendo como categoria de referência a condição de empregado. Semelhante ao caso de resposta binária, o interesse do modelo reside no fato de que, se tudo se mantém constante, uma mudança nos elementos de x , que insere as variáveis de controle das características individuais e variáveis de contexto, afeta a probabilidade de resposta. No estudo com todos os indivíduos da amostra, as duas equações são expressas assim:

Probabilidade de trabalhar por conta própria ou de estar na posição de empregador em relação à posição de empregado:

I NÍVEL

$$\begin{aligned} \eta_{ij} = \text{Log} \left(\frac{P(\text{ContaPrópria} = 1)}{P(\text{Empregado} = 0)} \right) \\ = \beta_{0j} + \beta_1 \text{Retornado} + \beta_2 \text{Migint2} + \beta_3 \text{Idadcen} + \beta_4 \text{Sexo} + \beta_5 \text{Branc} \\ + \beta_6 \text{Casad} + \beta_7 \text{posicao_domicilio} + \beta_8 \text{Medinc} + \beta_9 \text{Supinc} \\ + \beta_{10} \text{Supcom} + \beta_{11} \text{Urban} + \beta_{12} \text{Metropol} + \beta_{13} \text{CatholicProtest} \\ + \beta_{14} \text{Outrasreelig} + \beta_{15} \text{propemg} + \varepsilon \end{aligned}$$

$$\begin{aligned} \eta_{ij} = \text{Log} \left(\frac{P(\text{Empregador} = 2)}{P(\text{Empregado} = 0)} \right) \\ = \beta_{0j} + \beta_1 \text{Retornado} + \beta_2 \text{Migint2} + \beta_3 \text{Idadcen} + \beta_4 \text{Sexo} + \beta_5 \text{Branc} \\ + \beta_6 \text{Casad} + \beta_7 \text{posicao_domicilio} + \beta_8 \text{Medinc} + \beta_9 \text{Supinc} \\ + \beta_{10} \text{Supcom} + \beta_{11} \text{Urban} + \beta_{12} \text{Metropol} + \beta_{13} \text{CatholicProtest} \\ + \beta_{14} \text{Outrasreelig} + \beta_{15} \text{propemg} + \varepsilon \end{aligned}$$

II NÍVEL

$$\beta_{0j} = \gamma_{00} + \gamma_{01} \text{Txmir} + \gamma_{02} \text{pibpcap_mic} + u_{0j}$$

Tal como expresso na equação binomial, as variáveis também mudam e se acrescentam outras, no caso das equações para a análise da probabilidade de estar ou não empregado e, da posição ocupacional, envolvendo somente a amostra dos migrantes internacionais de retorno. Portanto, abaixo expressamos as duas equações *logit* com a omissão das independentes que se apresentam idênticas ao Modelo Hierárquico Binomial.

I NÍVEL

$$\eta_{ij} = \text{Log} \left(\frac{P(\text{ContaPrópria} = 1)}{P(\text{Empregado} = 0)} \right) = (\dots)$$

$$\eta_{ij} = \text{Log} \left(\frac{P(\text{Empregador} = 2)}{P(\text{Empregado} = 0)} \right) = (\dots)$$

II NÍVEL: $\beta_{0j} = \gamma_{00} + \gamma_{01}Txmir + \gamma_{02}pibpcap_mic + u_{0j}$

Os modelos hierárquicos serão desenvolvidos utilizando o *software* estatístico *Stata* para todas as regressões. De forma especial, o *logit* multinomial será estimado a partir de Modelos Lineares Generalizados Mistos com Variáveis Latentes (GLLMM). Dado ser provável a existência de efeitos não observados no desfecho das três respostas categóricas, tem-se que o modelo GLLMM se mostra o mais adequado e favorece um melhor controle da heterogeneidade não observável, não sendo restritivo quanto ao pressuposto da independência das escolhas (RABE-HESKETH *et al.*, 2004). Interessa-nos que o modelo otimize a resposta múltipla para que, mantendo os demais fatores constantes, o efeito da probabilidade de resposta possa ser traduzido, na conformidade da equação apresentada.

Avaliamos que esses métodos de análise quantitativa, com base nos microdados do Censo Demográfico 2010, são úteis para responder parte das questões de pesquisa. No entanto, a pesquisa carece de outras respostas primordiais para o aprofundamento do tema. Nesse sentido, como análise complementar, levantamos dados quantitativos e qualitativos secundários, focando nos migrantes internacionais de retorno para a MG. A estratégia permite observar os fatores referentes ao capital social e às redes sociais em relação às formas encontradas para a inserção produtiva, uma vez que os dados do Censo 2010 não permitem analisar tais questões, de maneira mais detalhada.

Nesse caso, por meio da metodologia quantitativa e qualitativa, nosso objetivo é explorar bancos de dados secundários de entrevistas estruturadas e entrevistas em profundidade como instrumentos necessários para uma compreensão e explanação das singularidades do objeto de estudo, focando em questões de ordem comunitária, percepções, dificuldades e facilidades para a inserção social e produtiva após o retorno, abarcando as

temáticas de laços sociais e capital social. As técnicas da metodologia qualitativa, com base em entrevistas e grupos focais realizados em algumas cidades da MG, nos permitem complementar, detalhar e desenvolver uma análise mais focalizada. O objetivo específico consiste em entender os aspectos relacionados às percepções e às trajetórias desse migrante de retorno e da teia de relações sociais que permeiam o cotidiano, o trabalho, os projetos e expectativas com seus familiares e com a microrregião que o recebe de volta.

Com essa estratégia metodológica também pretendemos identificar os aspectos não materiais e difíceis de serem mensurados, como, por exemplo, os sentimentos, as percepções, os valores e os mecanismos utilizados para a inserção social e produtiva do migrante internacional de retorno, após a sua experiência de trabalho e vida longe de casa e de sua terra natal.

Para esse fim, utilizamos dados provenientes de três pesquisas realizadas em diferentes momentos. Apesar de serem realizadas em momentos distintos e voltadas a objetivos específicos outros que não o nosso de pesquisa, elas se apresentam como fortes instrumentos a serem explorados e convergidos para este estudo. Todas foram realizadas no mesmo ambiente espacial – a MG –, que é considerada um território de referência nacional para o estudo da migração internacional. Possuem um eixo norteador comum que diz respeito ao perfil e às condições sociais e econômicas do migrante de retorno na microrregião. Devido a isso, pensamos ser de salutar importância e efetividade para o propósito deste estudo – complementar e aprofundar questões pertinentes à experiência do retorno com foco nas relações sociais e mecanismos de inserção no mercado de trabalho a partir dos dados gerados pelas investigações. As três pesquisas baseiam-se na técnica da bola de neve⁴⁸, com a aplicação de entrevistas estruturadas e entrevistas em profundidade com migrantes internacionais de retorno dos Estados Unidos e de Portugal para a MG, sendo:

a) Duas pesquisas desenvolvidas pelo NEDER/UNIVALE, sob a coordenação da professora Sueli Siqueira: i) a primeira, realizada em 2012/2013, contou com uma amostragem de 111 migrantes retornados de Portugal, sendo 78 residentes em Governador Valadares e os demais distribuídos pelas cidades de Mantena, Conselheiro Pena, Central de Minas, Alpercata e Água Boa. ii) a segunda, intitulada *Perfil de Saúde dos Imigrantes Brasileiros Retornados a Governador Valadares*, foi realizada em 2014/2015, teve como parceiro a Universidade de Massachusetts – Boston e contou com uma amostra de 124 imigrantes brasileiros retornados

⁴⁸ A técnica da bola de neve consiste em primeiro identificar alguns indivíduos com as características necessárias para a pesquisa e depois estes indicam outros e assim por diante, até a saturação (isto é, quando se notam as repetições das indicações e das informações).

dos Estados Unidos. Respectivamente, com o objetivo de simplificação, adotaremos os termos PQ1_Portugal_GV e PQ2_EUA_GV para referirmos a essas pesquisas.

b) a terceira pesquisa foi por mim realizada nos anos de 2006-2007⁴⁹, envolvendo uma amostra de trinta e um (31) migrantes internacionais de retorno e residentes na cidade de Governador Valadares. Foram feitas vinte e oito (28) entrevistas em profundidade, completando com três entrevistas estruturadas. Como técnica complementar foram realizados quatro encontros com grupos focais. Os 28 participantes das entrevistas em profundidade foram segmentados em função do *status* da experiência migratória, distribuídos em dois grupos. O primeiro reuniu quinze (15) indivíduos que emigraram apenas uma vez e retornaram para o Brasil (G1). O segundo envolveu treze (13) indivíduos que retornaram duas ou mais vezes ao Brasil (G2). Já os grupos focais foram formados com alguns participantes das entrevistas em profundidade que indicaram mais três (03) novos integrantes da pesquisa, que participaram dos grupos focais e de entrevistas estruturadas. Seguindo a estratégia da segmentação por *status* migratório, foram estruturados os encontros com grupos focais, sendo o grupo focal 1 (GF1-emigraram apenas uma vez) e o grupo focal 2 (GF2-emigraram duas ou mais vezes). Foram feitos 4 encontros, envolvendo 6 mulheres e 6 homens, em grupos separados. O objetivo dos grupos focais foi levantar dados que pudessem auxiliar na compreensão do significado sociocultural de dois temas abordados na pesquisa que se relacionavam às percepções/avaliação da experiência do retorno, bem como à avaliação da experiência vivenciada pelos emigrantes nos Estados Unidos.

Com esses dados trabalhamos a categoria do tempo do processo emigratório, levantando as percepções e dificuldades dos atores acerca dos efeitos da experiência de vida e trabalho no exterior. Para fins deste estudo, vamos denominar essa pesquisa de PQ3 para diferenciá-la das anteriores

Com relação à PQ1_Portugal_GV, cabe destacar que foi necessário ajustar a amostra, mantendo somente os dados originários nas cidades da MG – Governador Valadares e Alpercata. Assim, a amostra foi reduzida a 83 pessoas após a exclusão dos respondentes de outras microrregiões. Os dados da pesquisa, bem como suas particularidades,

⁴⁹ Pesquisa realizada para a dissertação de mestrado *Dos Estados Unidos para Governador Valadares: conexões e desconexões*, apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais – FAFICH/UFMG, em março de 2008. O trabalho de campo foi desenvolvido com base na técnica da bola de neve – iniciou-se os contatos com migrantes de retorno que foram indicados por amigos em comum. Após as primeiras entrevistas, foram feitos novos contatos por telefone com outros migrantes internacionais de retorno indicados pelos primeiros. Na primeira abordagem por telefone era apresentado o objetivo do trabalho e feita uma prévia marcação de horário e local para o encontro. Nem sempre as entrevistas foram feitas no primeiro encontro, sendo necessário agendar novo horário para a realização do trabalho. Outras vezes o entrevistado desmarcava o horário e desistia de conceder a entrevista (DOMINGUES, 2008, p. 25).

foram preservados e organizados em conformidade com a estrutura pensada para a busca de respostas aos problemas apresentados.

Por outro lado, organizamos os dados da PQ2_EUA_GV para estrategicamente articular a análise dos problemas deste estudo, por meio de estatísticas descritivas e com o uso do modelo de Regressão Linear de Mínimos Quadrados Ordinários (MQO). Assim, para melhor entendimento, no Quadro 3 apresentamos as variáveis construídas a partir das questões originalmente coletadas no trabalho de campo com os retornados dos EUA para Governador Valadares.

Quadro 3 – Variáveis a serem usadas na regressão linear de mínimos quadrados ordinários, envolvendo os migrantes internacionais de retorno, com base na PQ2 EUA GV

Variáveis dependentes			
Variável	Tipo	Descrição	Variável de origem
LNREN	Contínua	Logaritmo natural da renda informada pelos respondentes	V029 - Quanto ganha por mês? (MGV)
Variáveis de teste			
Temp5a7	Binária	1 = entre cinco e sete anos 0 = menos de cinco	V009.1 - Quantos anos morou nos Estados Unidos (1ª vez)?
Temp8a10	Binária	1 = entre oito e dez anos 0 = menos de cinco	
Tmaisde10	Binária	1 = mais de dez anos 0 = menos de cinco	
Variáveis independentes			
contapropria	Binária	1 = trabalha por conta própria 0 = trabalha para outra pessoa	V028 - Trabalha por conta própria ou para outra pessoa?
Planejou o retorno	Binária	1 = planejou retornar 0 = teve problemas pessoais	Qual o motivo do retorno? (11)
Deportado	Binária	1 = foi deportado 0 = teve problemas pessoais	
Sexo	Binária	1 = masculino / 0 = feminino	V00A1
Educação ¹			
Medinc	Binária	1 = fundamental completo (5ª a 8ª completo) ou médio incompleto 0 = fundamental incompleto	VOO3.2 = nível educacional atual (no momento da pesquisa)
Supinc	Binária	1 = médio completo ou superior incompleto 0 = fundamental incompleto	
Supcom	Binária	1 = superior completo ou pós-graduação 0 = fundamental incompleto	
Língua Estrangeira			
Fala bem	Binária	1 = fala bem inglês 0 = fala muito pouco	V005.1 - Você fala inglês V005.2
Fala regular	Binária	1 = fala inglês razoável 0 = fala muito pouco	

Fonte: Pesquisa NEDER/UNIVALE, 2012-2015.

Nota: ¹ O nível fundamental incompleto inclui os estudos de 1ª a 4ª série incompleta, 1ª a 4ª série completa e 5ª a 8ª série incompleta.

CAPÍTULO IV – MIGRANTES INTERNACIONAIS: BRASILEIROS E BRASILEIRAS DE RETORNO NO ESTADO DE MINAS GERAIS

Neste capítulo analisamos os resultados da pesquisa, buscando responder as questões da tese e discutir sobre o efeito da experiência migratória internacional no mercado de trabalho do Estado de Minas Gerais. Adicionalmente, desenvolvemos uma análise mais qualitativa, trazendo narrativas de brasileiros e brasileiras que retornaram do exterior e residem na MG. Com esse propósito, iniciamos nossa abordagem com dados gerais sobre a presença dos migrantes retornados do exterior no território mineiro, pontuando sobre a concentração deles em determinadas microrregiões. Esse fato reforça nossa proposta de delimitação do território de estudo e leva-nos a afirmar sobre a importância de se pensar os laços sociais e a cultura migratória face ao processo da reinserção produtiva dos migrantes internacionais de retorno no mercado de trabalho de origem.

Nesse sentido, vale destacar que no Estado de Minas Gerais se observa uma significativa frequência relativa de MIR (28,9%) na Microrregião de Belo Horizonte (MRBH), que compõe a Região Metropolitana de Belo Horizonte, incluindo a capital do estado. Esse dado aproxima-se da pesquisa de Rivera-Sanches (2013), que apresenta uma tendência de o MIR optar por residir em grandes centros comerciais. No entanto, a presença dos migrantes de retorno na MRBH não se mostra concentrada quando ela é comparada a outras microrregiões face ao cálculo da proporção dessa presença em relação ao número da população da microrregião. Desse modo, apesar de ser um grande centro comercial, a MRBH não integra o grupo das dez microrregiões com as maiores densidades de migrantes de retorno, a cada 1.000 habitantes. Em evidência estão as microrregiões de Mantena, Governador Valadares, Guanhães, Aimorés, Patos de Minas, Caratinga, Ipatinga, Teófilo Otoni, Bom Despacho e Poços de Caldas. Essas dez, além de se distanciarem significativamente das demais microrregiões mineiras, retratam o fenômeno migratório, no que concerne ao fluxo de ida e retorno, que pode ser observado na Tabela 1.

Além de poder observar a presença dos migrantes de retorno, o estudo nos permite reportar ao campo da literatura científica para perceber que várias cidades integrantes desse território de emigração e retorno têm sido estudadas (SIQUEIRA, 2006; 2009; SOARES, 2010; ANÍCIO, 2011; SIQUEIRA; SANTOS, 2012; ALVARENGA, 2014; FERNANDES; CASTRO, 2013), destacando as singularidades e contextos múltiplos para a análise do processo migratório, em todas suas facetas.

Tabela 1 – Proporção de presença dos brasileiros/as de retorno do exterior, nas dez principais microrregiões do Estado de Minas Gerais, contrastando à proporção de emigrantes internacionais

Microrregião	População (2010)	Proporção de MIR (1.000/hab.)	Proporção de emigrantes (1.000/hab.)
Mantena	63.208	9,6665	32,654
MGV	415.696	9,5695	33,022
Guanhães	130.963	6,6431	26,595
Aimorés	149.404	5,4550	21,559
Patos de Minas	253.241	4,8018	8,810
Caratinga	253.421	4,2656	14,750
Ipatinga	526.781	4,1213	16,196
Teófilo Otoni	266.651	2,9589	9,541
Bom Despacho	165.172	2,0948	3,378
Poços de Caldas	342.055	1,9354	7,803

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012)

Portanto, pensando a importância desse território como um espaço social, cultural e econômico voltado à acolhida de um grande número de migrantes de retorno, na Figura 2 situamos geograficamente as microrregiões de Mantena, Governador Valadares e Guanhães, que detêm, respectivamente, o 1º, 2º e 3º lugar na densidade de presença desse grupo, obtida pela relação entre o total de MIR e o total da população na microrregião, a cada 1.000 habitantes. Nesse ponto observamos, também, uma significativa dispersão de migrantes de retorno pela maioria das microrregiões mineiras, predominando uma densidade de presença entre 0,13 a 0,69 em 42 delas. Essa distribuição é interessante para nosso estudo porque levantamos a questão sobre a possibilidade de impacto positivo ao reestabelecimento de laços sociais quando se retorna para áreas com maior presença de migrantes de retorno. Assim, dando visibilidade aos territórios com maior densidade de migrantes de retorno, apontamos na Figura 2 as microrregiões de maior destaque, colocando em ordem crescente as dez principais microrregiões.

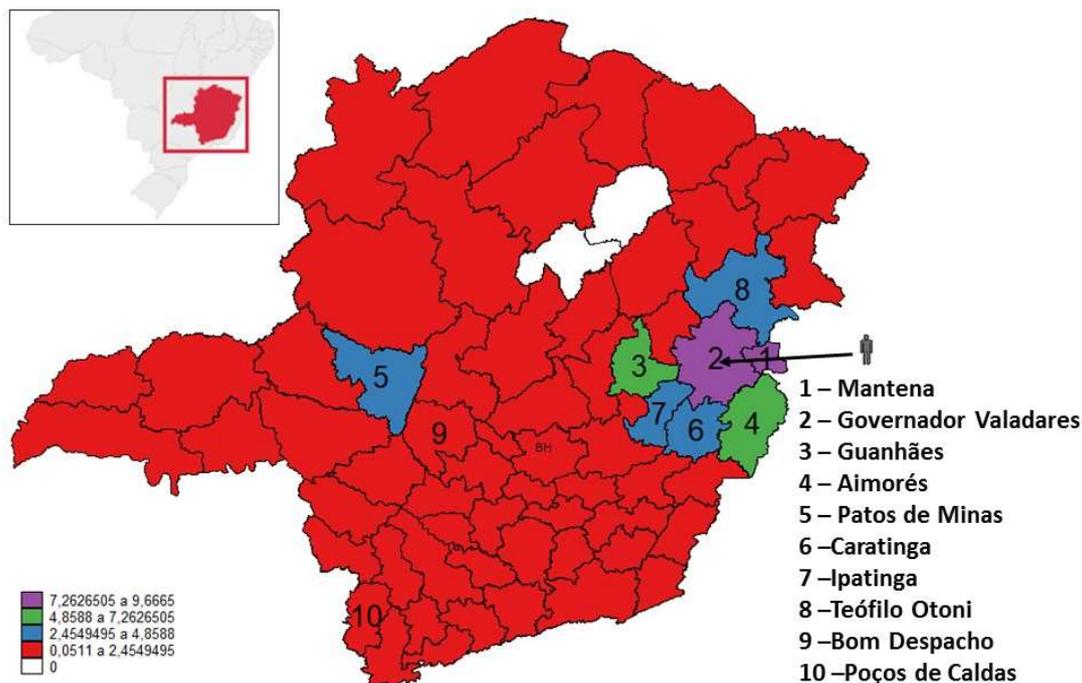


Figura 2 – Divisão das microrregiões no mapa de Minas Gerais, destacando as dez microrregiões com as maiores densidades de migrantes internacionais de retorno a cada 1.000 habitantes, Censo 2010. Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012).

Vale destacar, também, que as microrregiões de Governador Valadares e Ipatinga estão, também, entre as dez mais populosas do Estado de Minas Gerais. E, neste estudo, compete-nos especificar melhor e trabalhar com mais detalhamento os dados da MGTV.

Com base nas informações do Censo 2010, verificamos que entre os 25 municípios que integram a MGTV, dez (10) deles possuem uma proporção de presença de migrantes de retorno superior à encontrada na microrregião de Poços de Caldas, que está entre aquelas com maior presença de migrantes de retorno no Estado de Minas Gerais. Os municípios são: Capitão Andrade, Divino das Laranjeiras, Engenheiro Caldas, Fernandes Tourinho, Itanhomi, Marilac, São Geraldo da Piedade, São Geraldo do Baixio, São José do Divino e Sobrália. Outros treze (13) possuem uma proporção de presença de migrantes de retorno entre 2,6647 a 9,5344. Apenas os municípios de São José da Safira (0,4908) e Mathias Lobato (1,4837) possuem proporções de presença de migrantes de retorno inferiores à microrregião de Poços de Caldas. Observamos, também, que o município de Governador Valadares, cidade polo da MGTV, apresenta uma densidade de migrantes de retorno (9,0903) bem próxima à da própria MGTV e da microrregião de Mantena, que ocupa o primeiro lugar no Estado de Minas Gerais. Além disso, vale ressaltar que, entre as microrregiões destacadas

(Tabela 1), a MGTV apresenta a maior proporção de emigrantes (33,022) do Estado de Minas Gerais.

4.1 – Características sociodemográficas dos grupos de pesquisa no total da amostra

Na análise das características sociodemográficas, observamos que o grupo dos não migrantes apresenta uma idade média, em anos, superior aos demais grupos de estudo, sendo, portanto, a maior da amostra desta pesquisa (42,1). Em seguida, o grupo de migrantes interestaduais apresenta uma idade média de 39,05. Já o grupo de migrantes internacionais de retorno apresenta indivíduos mais jovens, agregando uma idade média de 37,84. Centrando atenção nesse grupo, verificamos que a faixa etária de 30 a 39 anos é predominante entre os indivíduos do grupo residente nas dez microrregiões mineiras com maior presença de migrantes de retorno. No Gráfico 1, registramos essa medida, ilustrando a distribuição dos MIR, por faixa etária.

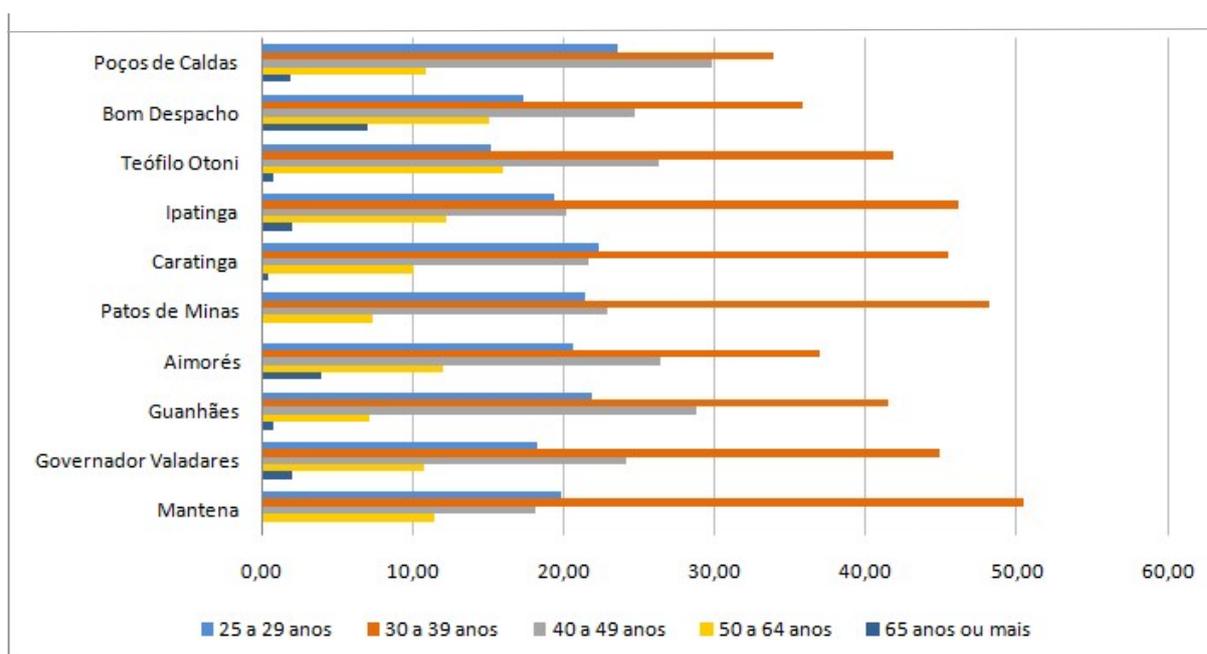


Gráfico 1 – Distribuição percentual dos brasileiros retornados para as dez microrregiões mineiras com maior presença de migrantes internacionais de retorno por grupo de idade selecionado – Minas Gerais, 2010

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012)

Considerando o total da amostra na base de dados, 68,17% das pessoas declararam estar ocupadas e 3,23% informaram que procuraram por emprego no período de referência, compreendido entre 02 a 31 de julho de 2010. Foram considerados inativos os indivíduos que informaram que não trabalharam na semana de referência (25 a 31 de julho de

2010) nem tomaram alguma providência, de fato, para conseguir trabalho no período de 02 a 31 de julho. De acordo com o Censo 2010, também são inativos aqueles que não trabalharam na semana de 25 a 31 de julho, mas procuraram trabalho no período de 02 a 31 de julho de 2010 e não estavam disponíveis para trabalhar. Assim, observando as frequências relativas, verificamos que a condição de emprego e desemprego, bem como de inatividade, é diferenciada para cada grupo.

Entre aqueles na situação de ocupados ou desocupados, o percentual de indivíduos do grupo de MIR na condição de desempregados é ligeiramente maior (7,81%) que os demais grupos, migrantes interestaduais (6,75%) e não migrantes (4,41%). No entanto, é interessante verificar, na amostra total, que o percentual de migrantes de retorno e migrantes interestaduais fora do mercado de trabalho (inativo) apresenta-se inferior ao não migrante. Uma maior busca por ocupação pode estar relacionada às características atribuídas aos migrantes, como, por exemplo, o fato de serem mais abertos ao enfrentamento de riscos e, também, por apresentarem uma idade média mais jovem em relação à idade média da população. Ou, basicamente, pela busca por melhores condições de trabalho e renda, uma vez que podem esperar as oportunidades no setor formal, sustentando-se e participando do setor informal com o uso do dinheiro economizado durante o processo migratório. Essa ideia se aproxima do estudo de Piracha e Vadean (2010) sobre os retornados para a Albânia, observando que aqueles que declararam estar fora do mercado de trabalho ou que trabalhavam por conta própria, com o aumento do tempo de permanência na Albânia, tendem a encontrar oportunidades no trabalho formal. Quanto à situação econômica, observa-se que a renda média com todos os grupos foi de mil e sessenta e cinco reais e setenta e dois centavos (R\$1.065,72), envolvendo a amostra de 831.253 pessoas. Separada por grupos, destaca-se uma renda média de mil e quarenta e nove reais e nove centavos (R\$1.049,09) para os não migrantes, mil e trezentos e oitenta e quatro reais e sessenta e quatro centavos (R\$1.384,64) para os migrantes interestaduais e de mil e oitocentos e sessenta e quatro reais e cinquenta e seis centavos (R\$1.864,56) para os MIR. Vale ressaltar que no ano de 2010 o salário mínimo correspondia a quinhentos e dez reais (R\$510,00).

O ISEI (*International Socio-economic Index*) médio no total da amostra fica em torno da escala 33, enquanto entre os migrantes de retorno se apresenta mais próximo à metade do topo da escala (40).

Caracteristicamente o grupo de MIR tem a maior frequência relativa de homens (59,48%) seguido do grupo de migrantes interestaduais que, também, é composto, em sua maioria, por homens (52,39%). Por outro lado, o grupo dos não migrantes tem 48,65% de

homens. Praticamente metade da amostra de cada grupo é constituída por pessoas casadas, sendo 52,09% no grupo dos migrantes de retorno, 47,68% no grupo dos migrantes interestaduais e 53,66% no grupo dos não migrantes. A cor declarada branca é predominante no grupo dos migrantes de retorno (56,61%). Já no grupo dos migrantes interestaduais a cor não branca é de 50,2% e no grupo dos não migrantes 54%. Quanto ao nível de escolaridade, observamos uma distribuição percentual, concentrando a maioria dos indivíduos sem instrução ou fundamental incompleto no grupo de não migrantes (50,65%) e de migrantes interestaduais (41,41%). O grupo dos migrantes de retorno apresenta o maior percentual de pessoas com o ensino médio completo ou superior incompleto (38,51%).

Quanto à posição ocupacional, verifica-se que o grupo de migrantes de retorno apresenta os maiores percentuais para a ocupação do trabalho por conta própria (37,65%) e empregador (6,85%), em relação aos grupos de migrantes interestaduais e não migrantes que apresentam, respectivamente, 20,5% e 22,47% para conta própria e 2,32% e 1,94% para empregador.

Os dados demonstrados acima sugerem que o grupo de migrantes de retorno está em uma situação de vantagem no mercado de trabalho, pois ele apresenta melhor média salarial, um percentual bem superior de empregadores e um percentual bem menor de inativos, estando em consonância com a perspectiva otimista relativa a esse grupo (DURAND, 2006; SIQUEIRA, 2009; PIRACHA; VADEAN, 2010; YENDAW; TANLE; KUMI-KYEREME, 2013). Situação que se aproxima também dos resultados do estudo de Santos-Júnior, Meneses-Filho e Ferreira (2005), apontando para uma seletividade positiva do grupo de migrantes brasileiros internos em relação a outros grupos da população. Considerando isso, vale ponderar que o fato de ter um maior percentual de desempregados pode não ser algo negativo porque pode expressar o dinamismo do grupo com sua participação no mercado de trabalho, no enfrentamento e busca por emprego. Torna-se interessante, portanto, testar o efeito do tempo que o retornado mora no estado mineiro, na análise do fato de estar empregado ou desempregado. Também, os dados reforçam nossa proposta para o controle de variáveis, pois não se pode dizer que essa vantagem seja pelo fato de ser retornado (experiência migratória internacional) ou pelo efeito de outros fatores, como, por exemplo, o nível educacional dos migrantes de retorno.

As características acima expostas podem ser observadas na Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição percentual de não migrantes, migrantes interestaduais e migrantes internacionais de retorno segundo variáveis selecionadas

Variável	Distribuição percentual (%)		
	Não migrante	Migrante interestadual	Migrante internacional de retorno
Sexo			
Homem	48,65	52,39	59,48
Mulher	51,35	47,61	40,52
	100	100	100
Estado civil			
Casado (a)	53,66	47,68	52,09
Cor auto atribuída			
Branca	46	49,8	56,61
Não branca	54	50,2	43,39
Estudo (níveis)			
Sem instrução ou fund. Incompleto	50,65	41,41	22,78
Fund. completo ou médio incompleto	14,72	16,33	16,87
Médio completo ou superior incompleto	23,5	26,16	38,51
Superior completo	11,13	16,11	21,84
Mercado de trabalho			
Empregado (ocupado)	95,59	93,25	92,19
Desempregado	4,41	6,75	7,81
	100	100	100
Inativo ¹	28,66	27,35	22,38
Posição ocupacional			
Conta própria	22,47	20,5	37,65
Empregador	1,94	2,32	6,85
Empregado	70,37	73,49	51,03
Não remunerado/produção para o próprio consumo	5,22	3,69	4,47
Médias			
Idade (anos)	42,1	39,05	37,84
ISEI	33,21	35,21	39,77
Renda média (Em R\$)	1.049,09	1.384,64	1.864,56

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012)

¹ O percentual é relativo à amostra total da base de dados, que inclui ativos e inativos (Censo 2010).

4.2 – Efeito da experiência migratória: empregabilidade, posição ocupacional e renda

Nesta seção discutimos os resultados da pesquisa, expondo os principais pontos do debate do estudo no que concerne à situação socioeconômica do migrante de retorno em relação aos grupos dos nacionais não retornados do exterior. Focamos nos três eixos de respostas às questões do estudo, iniciando com a análise dos modelos GLLAMM – *logit* acerca da empregabilidade e posição ocupacional, com a posterior análise da renda para todos os grupos e, de forma específica, para o grupo de migrantes de retorno. Assim, concomitante à análise para toda a amostra, fazemos uma abordagem comparativa com os resultados para a amostra do grupo de MIR.

Também, faz-se necessário esclarecer que antes da implementação dos modelos analíticos para o estudo da renda, conforme proposta metodológica, construímos a variável com a probabilidade de estar empregado para cada indivíduo da amostra, no ponto médio. Para isso, inicialmente, foi feita uma regressão logística, incluindo as variáveis explicativas para a situação de estar ou não empregado, além do peso amostral. Após obter essa estimacão, a variável foi inserida na base e mantida no modelo hierárquico da renda. Esse procedimento demonstrou-se importante para o controle de processos não observados na própria dinâmica do mercado de trabalho, pois, conforme descrito no capítulo da metodologia, esse procedimento segue o modelo de Heckman (1979) e foi aplicado para produzir uma variável *lambda* e controlar o viés de seleção da amostra, caso ele exista.

4.2.1 – Empregabilidade: análise com todos os grupos da amostra e estritamente com o grupo de migrantes internacionais de retorno

Na análise da empregabilidade, incluindo toda a amostra, observamos que os coeficientes de primeiro nível foram significantes a 1%, com exceção daqueles referentes à religião – católico ou protestante (significante a 5%) – e outras religiões que não se mostraram significantes. Quanto à densidade de presença de MIR nas microrregiões mineiras, ela não foi significativa, no entanto, consideramos sua relevância enquanto fator estrutural. Isso porque o modelo hierárquico, de um modo geral, provocou uma ligeira redução dos coeficientes quando comparados ao modelo de regressão para análise multivariada. Assim, essa modelagem evitou superestimar o impacto da experiência migratória, mostrando-se sensível aos efeitos do contexto social, representado pela proporção de presença de migrantes de retorno e pelo PIB *per capita* da microrregião.

A partir dos resultados da estimação GLLAMM, verificamos que o retornado, quando comparado ao não migrante, tem menor probabilidade de estar empregado. Essa análise está em conformidade com os coeficientes exponenciais da regressão (Tabela 3) que podem ser interpretados como sendo a razão entre os riscos relativos. Ou seja, para o indivíduo do grupo de MIR, quando comparado a outro do grupo dos não migrantes, diminuiu-se em média a razão do risco relativo de estar empregado, em 0,51. Apresenta, no entanto, uma relativa vantagem comparada ao migrante interestadual que apresenta uma razão de risco de 0,65 em relação ao não migrante, portanto, um risco relativamente maior que o retornado do exterior. Esse achado se aproxima das abordagens sobre as dificuldades dos migrantes de retorno para a inserção produtiva, sustentando que o processo migratório pode ocasionar perda do foco da experiência laboral (o trabalho no exterior, geralmente, concentra-se em atividades diferentes das anteriormente desenvolvidas no Brasil), prejuízos em aspectos da saúde e estagnação na educação formal, dentre outras dificuldades. E, no aspecto da empregabilidade, a escolaridade se mostra com forte efeito positivo. Para cada indivíduo da amostra, quanto mais anos de estudo, maior é a probabilidade de estar inserido no mercado de trabalho (Tabela 3).

Observa-se, ainda, que os atributos relacionados a cor/raça e gênero (Tabela 3) impactam na situação de emprego ou desemprego, conforme constatado em estudos sobre as desigualdades no mercado de trabalho (HALLER; SARAIVA, 1991; FERNANDES, 2004; SANTOS, 2009). Em média, o indivíduo branco tem maior probabilidade de estar empregado em relação ao não branco, na razão de 0,17. Além disso, aumenta-se a probabilidade para os homens em relação às mulheres, na razão de 1,07. Essa vantagem se mantém para o indivíduo casado, na razão de 0,45, em comparação ao solteiro ou aquele que se encontra em outra situação civil.

Em síntese, com base nos resultados, podemos afirmar que o brasileiro MIR no mercado de trabalho do Estado de Minas Gerais está em desvantagem, quanto à empregabilidade, quando comparado ao grupo daqueles não migrantes. Os dados estão explicitados na Tabela 3.

Tabela 3 – Estimação GLLAMM com a amostra total para análise da probabilidade de o brasileiro retornado estar empregado ou não no mercado de trabalho do Estado de Minas Gerais

Variáveis (Categoria base: desempregado)	Exp(b)
Migrante internacional de retorno	0,507*** (0,060)
Migrante interestadual	0,650*** (0,033)
Sexo (masculino)	2,073*** (0,035)
Branco	1,166*** (0,016)
Casado	1,448*** (0,026)
Médio incompleto	1,135*** (0,022)
Superior incompleto	1,385*** (0,034)
Superior completo	2,489*** (0,134)
Católico ou Protestante	1,118** (0,051)
Outras religiões	1,018 (0,034)
Proporção de MIR na microrregião	1,003 (0,004)
PIB <i>per capita</i> da microrregião	1,000*** (0,000)
Observações	917.252

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012). Notas: 1) Desvio padrão entre parênteses; significante a ***1%; **5%; *10%. Erro padrão ajustado para 66 microrregiões (*clusters*). Peso utilizado. 2) Além das variáveis apresentadas, são utilizadas outras variáveis de controle que podem ser conferidas na tabela completa (Apêndice A).

Tendo em vista essa desvantagem, para averiguar essa situação entre os próprios migrantes de retorno, testamos se havia probabilidades diferenciadas para a empregabilidade entre aqueles que emigraram para os Estados Unidos ou outros países europeus, dentre os principais países de residência anterior. Nesse sentido, verifica-se, com base nos resultados (Tabela 4), que o estudo desse aspecto se mostra importante. Observa-se um coeficiente significativo a 1% para a probabilidade de o migrante de retorno da Espanha estar empregado.

Mostra que ser retornado da Espanha diminui a probabilidade de estar empregado, na razão de 0,45, em comparação àquele retornado dos EUA. Por outro lado, apresentando coeficiente significativo a 10%, ser retornado da Itália aumenta a probabilidade de estar empregado na razão de 0,55 em relação aos retornados dos EUA. Para os demais destinos os coeficientes não foram significativos.

Outros resultados significativos que corroboram a tese da importância do capital social no fator da empregabilidade são as medidas *proxies* de tempo de residência na UF e a participação nas religiões predominantes no território. Pois todos os coeficientes exponenciais da variável do tempo de residência na UF se mostraram significantes a 1%, representando um forte poder de explicação para a situação positiva de emprego para os migrantes de retorno. Já o coeficiente da variável católico ou protestante foi significativo a 10%. Por outro lado, a proporção de migrantes de retorno na microrregião não mostrou ser significativa, na explicação desse fator. No entanto, mesmo não sendo significativa, essa variável foi mantida devido ao seu efeito de contexto, inibindo a superestimação dos coeficientes.

Verifica-se que quanto mais tempo de residência na UF maiores são as chances de o migrante internacional de retorno estar empregado. Também, aqueles que se integram às comunidades religiosas predominantes, católicos ou protestantes, apresentam uma vantagem na razão de 0,37, quanto à probabilidade de estar empregado.

Dessa forma, para o caso dos MIR, podemos inferir que o tempo de residência na UF impacta significativamente no aumento da probabilidade de estar empregado. Pois, comparado ao retornado com menos de um ano de residência na UF, aquele que lá reside entre 1 e 2 ou entre 3 e 4 ou cinco ou mais anos tem maior probabilidade de estar empregado em relação à situação de desemprego, na razão de 1,13; 3,22 e 4,90; respectivamente.

Tabela 4 – Resultado do GLLAMM para a análise da probabilidade do(a) brasileiro(a) de retorno estar empregado(a) ou desempregado(a) no estado de Minas de Gerais, somente com a amostra dos migrantes internacionais de retorno

Variáveis (Categoria base: desempregado)	Exp(b) Referência – EUA
Portugal	0,893 (0,247)
Espanha	0,447*** (0,125)
Reino Unido	1,056 (0,271)
Japão	0,402 (0,247)
Itália	1,547* (0,362)
Outros países	0,614* (0,164)
Tempo na UF – entre 1 e 2 anos	2,134*** (0,347)
Tempo na UF – entre 3 e 4 anos	4,222*** (1,059)
Tempo na UF – mais de 5 anos	5,902*** (1,097)
Católico ou Protestante	1,375* (0,257)
Outras religiões	1,022 (0,419)
Proporção de MIR na microrregião	0,988 (0,018)
PIB <i>per capita</i> da microrregião	1,000*** (0,000)
Observações	2.469

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012). Notas: 1) Desvio padrão entre parênteses; significativa a ***1%; **5%; *10%. Erro padrão ajustado para 62 microrregiões (*clusters*). Peso utilizado. 2) Além das apresentadas, são utilizadas variáveis de controle que podem ser conferidas na tabela completa (Apêndice A).

Esse resultado torna-se interessante também na medida em que nos instrumentaliza para entender melhor se, de fato, há desvantagem na empregabilidade do retornado em relação ao não migrante, conforme apreciamos na seção anterior (tabela 3). A partir da análise com o grupo MIR observamos que os coeficientes referentes às variáveis de capital social apresentam-se muito mais significativos, direcionando-nos a apontar para a importância desse capital na empregabilidade dos migrantes de retorno. Ou seja, aumentando o tempo de residência na UF, aumenta a chance de estar empregado para o retornado, mantido

os demais fatores constantes. Na mesma lógica, o fato de pertencer a comunidade religiosa predominante, católica ou protestante, em relação ao fato de não ter religião aumenta a chance de estar empregado. Achado que se volta para a importância do capital social na empregabilidade dos migrantes de retorno, confirmando nossa terceira hipótese de pesquisa – ser membro de ou frequentar uma instituição religiosa predominante (em comparação com o retornado que não pertence a nenhuma religião) e o tempo de residência na UF (ter mais tempo de residência em relação àquele que tem menos de um ano) impactam positivamente e representam uma vantagem para o retornado no mercado de trabalho na origem. Assim, também podemos argumentar que a desvantagem anteriormente observada entre os grupos pode não ser pelo fato de ser retornado ou não, mas pela íntima relação com o capital social – tempo de residência na origem e pertencimento a religiões predominantes. Isso porque esses fatores, além de contribuir para o fortalecimento dos laços sociais, encerram uma melhor ambientação no lugar e, por conseguinte, também uma melhor apreensão dos mecanismos do mercado de trabalho local, aproximando cada vez mais os migrantes de retorno das mesmas condições contextuais do grupo não migrante.

Nesse sentido, dialogamos com alguns pontos apresentados na literatura estudada, que destacam o fator tempo como sendo fundamental para a construção de capital social (BOURDIEU, 1999; YENDAW, 2013), bem como o entendimento da centralidade das relações sociais em todas as dimensões da vida social e, de forma específica, no processo de inserção no mercado de trabalho, caracteristicamente desenvolvido nos estudos de Granovetter (1973, 2007). Dimensão de vital importância para a preparação, adaptação dos migrantes de retorno e potencialização dos recursos ampliados e/ou adquiridos por meio do processo migratório (CASSARINO, 2004; SIQUEIRA, 2009; YENDAW; TANLE; KUMI-KYEREME, 2013; SABAR, 2013).

Complementarmente, a partir da análise dos relatos dos migrantes de retorno, verificamos que esse *tempo*, principalmente nos primeiros anos de retorno, também é qualificado como sendo importante e necessário para a tomada de decisões (investimentos, retomada de estudos, busca ou espera por um melhor posto de trabalho etc.) por aqueles que retornam a casa. Ao invés de distanciar, avaliamos que o resultado se fundamenta também naquele debate sobre as dificuldades enfrentadas pelo retornado para readaptação ao meio social e produtivo, conforme expressas, por exemplo, nos estudos de Sabar (2013) e Siqueira e Brandes (2015). O aumento gradativo da probabilidade de estar empregado em relação ao tempo de residência na UF pode significar uma superação da estagnação na educação formal

com a retomada de estudos e um redirecionamento do foco laboral, em atenção à análise apresentada por Nunam (2006), frente à questão do retornado e sua situação de desemprego.

Em síntese, podemos afirmar que, como medidas instrumentais para o impacto do capital social no processo de inserção produtiva, tanto o tempo na UF quanto o fato de participar ou frequentar instituições religiosas tradicionais se mostraram úteis na análise explicativa do fato de o retornado estar ou não empregado, além de contribuírem para a compreensão da desvantagem do grupo de MIR em relação aos outros grupos de análise. Certamente, espera-se que mais tempo de investimento no reestabelecimento dos laços sociais, retomada de estudos e reconhecimento dos mecanismos presentes nas relações de mercado possam traduzir em melhores condições para aqueles que voltam a casa, conforme também explicitado no estudo de Yendaw, Tanle e Kumi-Kyereme (2013).

4.2.2 – Posição ocupacional comparada entre os grupos da amostra total e sob o efeito do destino, somente no grupo de migrantes internacionais de retorno

Explorando os resultados do modelo GLLAMM na análise da posição ocupacional⁵⁰, verificamos, em aspectos gerais, que os resultados corroboram os estudos que apontam para a propensão maior de migrantes de retorno, comparados aos outros grupos, de estarem ocupados no trabalho por conta própria ou em setores de atividades econômicas na condição de empregador, face ao fato de serem empregados. Essa análise está em conformidade com os coeficientes exponenciais da regressão, na Tabela 5, podendo observar que o indivíduo do grupo de MIR, quando comparado a outro do grupo dos não migrantes, tem como desfecho o aumento na razão de 1,08 para conta própria e 2,17 para empregador, mantendo os demais fatores constantes. Destacamos, ainda, que a proporção de presença dos migrantes de retorno, como variável de controle no segundo nível, foi significativa, apontando para aumento na razão de risco relativo favorável às ocupações de conta própria. Esse dado nos traz à tona relatos de regressados e familiares de emigrantes na cidade de Governador Valadares que pontuam sobre a existência da “moda dos negócios”, moda de *pet shops*, moda dos aluguéis de carro, das quadras esportivas de tapete sintético, moda de carro de cachorro quente, dentre outras modas, se referindo às opções que surgem no mercado valadarense, como trabalho e investimento dos migrantes de retorno e familiares de emigrantes.

⁵⁰ O comando foi executado em um servidor, dedicando 24 núcleos do processador (Intel(R) Xeon(R) CPU E5-2650 v2 @ 2.60GHz) para processamento do modelo estatístico GLLAMM para análise multinomial.

Tabela 5 – GLLAMM – Resultado para a análise da probabilidade de o migrante internacional de retorno estar ocupado em trabalho por conta própria ou na condição de empregador, envolvendo todos os grupos da amostra

Grupos de estudos (Categoria base: empregado)	Conta Própria	Empregador
	Exp(b)	Exp(b)
Não migrante	(.)	(.)
Retornado	2,084*** (0,262)	3,166*** (0,231)
Migrante interestadual	0,982 (0,036)	1,027 (0,043)
Proporção de migrantes na microrregião	1,009*** (0,003)	1,007 (0,015)
PIB <i>per capita</i> da microrregião	1,000*** (0,000)	1,000*** (0,000)
Observações	830.543	830.543

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012). Notas: 1) Desvio padrão entre parênteses; significante a ***1%; **5%; *10%. 2) Além das apresentadas, são utilizadas outras variáveis de controle que podem ser conferidas na tabela completa (Apêndice A).

De forma semelhante à análise da condição de empregabilidade, exclusivamente no grupo dos MIR (Tabela 6), investigamos a probabilidade de o retornado estar ocupado no trabalho por conta própria ou empregador em relação ao fato de estar empregado. Também investigamos o quanto a variável do país de destino da emigração impacta na razão de probabilidade dessas escolhas ocupacionais. Adicionalmente verificamos se há efeito quanto ao tempo de residência na UF, bem como se o pertencimento a religiões predominantes na comunidade impacta o fator da ocupação.

Tendo como referência a categoria dos empregados, observamos que os coeficientes dos destinos da emigração se mostraram significativos a 1% (Portugal) e 5% (Itália) na análise das duas condições ocupacionais, estar trabalhando por conta própria ou na ocupação de empregador em relação a estar empregado. Assim, com base nos resultados da estimação GLLAMM apresentados na Tabela 6, verificamos que ser retornado de Portugal ou Itália comparado àquele retornado dos EUA diminui a razão de risco relativo, respectivamente, em 0,43 e 0,63, do indivíduo inserir-se no trabalho por conta própria em relação a estar empregado. Também, a razão se apresenta diminuída para a ocupação de empregador em relação a ser empregado para os retornados de Portugal (0,20) e Itália (0,38).

Tabela 6 – GLLAMM – Resultado para a análise da probabilidade de o migrante internacional de retorno estar ocupado em trabalho por conta própria ou na condição de empregador, segundo o país de procedência do retorno

Países/Variáveis (Categoria base: empregado)	Conta Própria	Empregador
	Exp(b)	Exp(b)
Portugal	0.427*** (0.052)	0.201*** (0.082)
Espanha	0.792 (0.387)	0.703 (0.271)
Reino Unido	0.889 (0.198)	1.320 (0.231)
Japão	1.012 (0.368)	1.294 (0.496)
Itália	0.632** (0.143)	0.376** (0.144)
Outros países	0.769 (0.152)	0.450* (0.197)
Tempo na UF – entre 1 e 2 anos	0.990 (0.168)	1.117 (0.569)
Tempo na UF – entre 3 e 4 anos	0.747* (0.130)	1.202 (0.572)
Tempo na UF – mais de 5 anos	0.951 (0.158)	1.353 (0.500)
Católico ou Protestante	0.936 (0.141)	1.477* (0.333)
Outras religiões	2.014*** (0.433)	0.651 (0.301)
Médio incompleto	1.421** (0.198)	0.842 (0.242)
Superior incompleto	0.770 (0.139)	0.975 (0.355)
Superior completo	0.402*** (0.115)	0.413* (0.216)
Proporção de migrantes na microrregião	0.983 (0.012)	0.953* (0.027)
PIB <i>per capita</i> da microrregião	1.000*** (0.000)	1.000 (0.000)
Observações	2.175	2.175

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012). Notas: 1) Desvio padrão entre parênteses; significante a ***1%; **5%; *10%. Erro padrão ajustado para 62 microrregiões (*clusters*). Peso utilizado. 2) Além das apresentadas, são utilizadas outras variáveis que podem ser conferidas na tabela completa (Apêndice A).

É interessante observar, na Tabela 6, que o coeficiente exponencial para a variável explicativa instrumental de laços sociais, delimitando a participação em instituições religiosas católicas ou protestantes, se mostra estatisticamente significativa a 10% especificamente quanto à estimação da probabilidade de o retornado estar na condição de empregador e não empregado em comparação àquele que não participa de nenhuma agremiação religiosa (sem religião). Com base nos resultados, observamos um aumento na razão de 0,48 para o retornado estar na condição de empregador, quando comparado à categoria daquele empregado. Ou seja, participar da religião católica ou protestante em relação a não ter religião aumenta a probabilidade de estar ocupado como empregador, em relação a estar empregado. Neste ponto, faz-se necessário também destacar que participar de outras religiões se mostra estatisticamente significativa a 1%. E que essa adesão a outras religiões comparada ao sem religião aumenta a probabilidade de estar ocupado no trabalho por conta própria na razão de 1,0 em relação a estar empregado. Portanto, adicionalmente à nossa proposição inicial, percebemos que há outros elementos a serem analisados nesse determinado aspecto. Pode se pensar que comunidades religiosas não predominantes acolhem grupos menores, e isso deve fazer diferença no contexto da vida social e econômica dos congregados.

Quanto ao tempo de residência na UF, verificamos que residir entre 3 e 4 anos se mostra estatisticamente significativa a 10%, no fator do trabalho por conta própria. Com base nos dados verificamos que a chance da ocupação no trabalho por conta própria diminui na razão de 0,75, em relação a estar empregado. Esse fato é condizente com os resultados desta pesquisa, que aponta que mais tempo de residência na UF impacta de forma positiva na empregabilidade. Fato observado na análise desenvolvida a partir dos resultados já apresentados na Tabela 4.

4.2.3 – Renda envolvendo os grupos de migrante internacional de retorno, não migrante e migrante interestadual

No modelo explicativo para a situação socioeconômica dos migrantes de retorno em relação à renda no conjunto da amostra, verificamos que as variáveis incluídas no HLM se mostraram significativas, ao nível de 1%, no primeiro nível. Já para o efeito estrutural, a densidade de presença de migrantes de retorno não apresentou significância para a explicação da renda, envolvendo todos da amostra. No entanto, semelhante aos modelos anteriores, pontuamos que essa variável no HLM evitou superestimar o impacto da experiência migratória na renda ao considerá-la no efeito das variáveis de contexto social, em que se inclui também o PIB *per capita* da microrregião.

Com base na estimação para o logaritmo da renda (Tabela 7), identificamos que há uma diferença positiva para o MIR em contraste à renda média do não migrante e migrante interestadual, quando tudo mais se mantém constante. Em média, o retornado possui uma renda 10% superior ao indivíduo não migrante, distanciando-se também do interestadual, que possui aproximadamente uma renda média 0,04% superior ao não migrante.

Em consonância com a teoria do capital humano, também se verifica que a escolaridade apresenta um forte impacto na renda. Pois o indivíduo com ensino fundamental completo ou médio incompleto terá uma renda, aproximadamente, 21% maior que aqueles sem instrução ou que possuem apenas ensino fundamental incompleto. Por outro lado, o indivíduo com ensino médio ou superior incompleto terá um aumento médio de 42,8% na renda e os que completaram o ensino superior, em média, 131% a mais. Além disso, o aumento de uma unidade no índice de *status* socioeconômico (ISEI) aumenta, em média, 1,4% a renda. Esses e demais resultados das variáveis de controle se encontram em apêndice, Tabela A5 completa.

Tabela 7 – Resultado para o Modelo Hierárquico do Logaritmo da Renda com toda a amostra

Rendimento	Retornado	Migrante interestadual
(Categoria base: não migrante)	Exp(b)	Exp(b)
	1,101***	1,042***
	(0,031)	(0,008)
Observações	767.545	

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012). Notas: 1) Desvio padrão entre parênteses. Significante a ***1%; **5%; *10%. Erro padrão ajustado para 66 microrregiões (*clusters*). Peso utilizado. 2) As variáveis de controle podem ser conferidas nos modelos completos (Apêndice A).

4.2.4 – Análise da renda do migrante internacional de retorno comparada aos destinos da emigração

Considerando, em separado, o grupo de MIR (Tabela 8), verificamos que o migrante regressado dos Estados Unidos, em geral, apresenta renda média superior aos demais do grupo da experiência migratória que regressaram, por exemplo, de Portugal, Espanha, Reino Unido, Japão ou Itália. Os resultados foram significantes a 1% e 5% para as *dummies* de retornados de Portugal e Itália, mostrando um efeito negativo na renda média, respectivamente, de 15,7% e 21,1%. Esse teste confirma nossa segunda proposição, indicando a existência de diferenças de renda em relação aos destinos da emigração. Certamente, essas diferenças são minimizadas quando comparadas ao conjunto da amostra, porque a renda média geral, para toda a amostra, indica um diferencial positivo para todos os migrantes de retorno, independente da relação com a experiência migratória vinculada ao país de destino.

Contrariamente, no que concerne às medidas *proxies* de capital social, verificamos que os estimadores das variáveis de tempo na UF, de pertença a congregações religiosas predominantes ou de pertença a outras religiões, bem como de proporção de migrantes de retorno na microrregião, não se mostraram significantes para explicar rendimento, embora o tenham para a inserção no emprego e a posição ocupacional. Verifica-se, portanto, que com esses resultados não podemos inferir sobre o efeito positivo dessas medidas para a situação da inserção social e produtiva do retornado, em relação à renda média.

Por outro lado, seguindo o mesmo padrão da amostra total, a escolaridade tem um forte impacto na renda média dos indivíduos do grupo de MIR, evidenciando que mais anos de estudo tendem a aumentar a renda média do indivíduo. Assim, o retornado com ensino fundamental completo ou médio incompleto terá uma renda, aproximadamente, 34% maior que aqueles sem instrução ou que possuem apenas o ensino fundamental incompleto. Já o retornado com ensino médio completo ou superior incompleto terá um aumento médio de 38% na renda e os que completaram o ensino superior, em média, 130% a mais. Além disso, o aumento de uma unidade no índice de *status* socioeconômico aumenta, em média, 1,5% a renda do retornado, tal como observado em toda a amostra.

Em síntese, podemos destacar nesta seção que as variáveis *proxies* de capital social (tempo de residência e pertencimento a religiões predominantes) foram fundamentais na explicação da empregabilidade e até para posição ocupacional no grupo dos MIR. No entanto, como podemos observar na Tabela 8, que segue abaixo, essas variáveis não explicam a inserção produtiva relativa à renda dos MIR no mercado de trabalho na origem.

Tabela 8 – Resultado para o Modelo Hierárquico do Logaritmo da Renda, somente para os migrantes internacionais de retorno

VARIÁVEIS	Exp (b)
Portugal	0,843*** (0,037)
Espanha	0,890 (0,077)
Reino Unido	0,872 (0,095)
Japão	0,933 (0,096)
Itália	0,789** (0,077)
Outros países	1,088 (0,079)
Tempo na UF – Entre 1 e 2 anos	1,002 (0,049)
Tempo na UF – entre 3 e 4 anos	1,009 (0,056)
Tempo na UF – mais de 5 anos	1,069 (0,054)
Médio incompleto	1,340*** (0,089)
Superior incompleto	1,380*** (0,06)
Superior completo	2,300*** (0,371)
Católico ou protestante	0,98 (0,048)
Outras religiões	0,932 (0,079)
ISEI – Índice Status Socioeconômico	1.015*** (0,002)
Propensão a estar empregado	0.036** (0,048)
Proporção de migrantes na microrregião	0.981 (0,012)
PIB <i>per capita</i> da microrregião	1,000 (0,00)
Observações	2.009
Microrregiões	62

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012). Notas: 1) Desvio padrão entre parênteses. Significante a ***1%; **5%; *10%. Erro padrão ajustado para 62 microrregiões (*clusters*). Peso utilizado. 2) Além das apresentadas, são utilizadas outras variáveis de controle que estão inseridas nas tabelas completas (Apêndice A).

Retomando nossas hipóteses de pesquisa, podemos afirmar que há evidências de diferenciais de renda entre os migrantes de retorno em função dos destinos da emigração, demonstrando que a experiência migratória nos Estados Unidos, enquanto país de economia central em relação a outros de economia periférica, impacta positivamente na inserção produtiva relativa a renda do retornado no país de origem. Contrariamente, o teste com as variáveis *proxies* de capital social demonstrou que não se pode dizer que o/a migrante de retorno está em melhor condição no mercado de trabalho quando comparado com aquele/a outro/a que não pertence a nenhuma religião. Nessa mesma direção não se pode falar em vantagem para aquele/a que tem mais tempo de residência na UF em relação àquele/a que tem menos de um ano. Igualmente, o teste com as variáveis contextuais não nos permite argumentar sobre algum impacto positivo delas na renda do grupo MIR. Portanto, em resumo, refutam-se as hipóteses 3 e 4 nesta seção, pois, as variáveis de capital social e as variáveis de contexto não apresentaram poder de explicação no modelo de análise de renda, somente com o grupo de migrantes de retorno.

4.3 – Migrantes internacionais de retorno na Microrregião de Governador Valadares

No âmbito do território mineiro, a partir da amostra do Censo 2010 e das técnicas de modelagem econométrica para as análises estatísticas, levantamos aspectos do efeito do processo migratório e apontamos para os principais diferenciais. Destacamos, com base nos resultados, que a renda se apresenta maior para os migrantes de retorno e que de fato há maior propensão de os migrantes de retorno serem encontrados em trabalhos por conta própria ou na condição de empregadores. Contudo, a probabilidade de empregabilidade foi menor para os migrantes de retorno e pode sinalizar as dificuldades para a reconstrução dos laços sociais e readaptação aos mecanismos de mercado na origem.

Assim, com o objetivo de verificar o efeito da experiência de uma imigração internacional sobre a situação no mercado de trabalho para retornados na MGCV, analisamos três pesquisas realizadas em tempos distintos. Nesta seção discutimos os resultados dessas pesquisas e retomamos nossas questões de pesquisa para ampliar a discussão, complementando a análise do objeto de estudo. Iniciamos com a pesquisa qualitativa, envolvendo 31 brasileiros retornados dos Estados Unidos para a cidade de Governador Valadares. Em seguida, abordamos as pesquisas quantitativas, com amostras não probabilísticas, trazendo dados de mais 124 brasileiros retornados dos Estados Unidos e 85 retornados de Portugal. Concomitantemente, trabalhamos a perspectiva qualitativa com a análise das entrevistas realizadas com os retornados na MGCV.

4.3.1 – Percepções e perspectivas

Segundo Erickson (2001), a escolaridade e as redes de contato têm impacto positivo para a obtenção de emprego e renda. Nessa direção, verificamos entre os entrevistados que a duração do processo emigratório pode representar uma estagnação na educação formal. Observamos que havia um diferencial positivo na renda e emprego para aqueles que buscaram aperfeiçoamento e apoio nos primeiros meses do retorno. Basicamente, 3 (três) retomaram os estudos e alteraram sua condição de escolaridade, após o retorno. Ou seja, aqueles que informaram que emigraram antes de completar o ensino superior, à época da pesquisa, já haviam concluído os estudos e contaram, de forma positiva, com esse diferencial. Marcos⁵¹ (G2, 47 anos, retorno em 1986) conta que quando emigrou deixou pela metade o curso de Administração. Após o retorno fez uma nova escolha optando pelo curso de Psicologia. E, apesar de tê-lo concluído, ele não exerce a profissão porque escolheu investir e gerenciar uma loja de comércio de roupas infantis. Cursar psicologia, para ele, significou um investimento pessoal, um encontro consigo mesmo e, além disso, os conhecimentos adquiridos se mostraram importantes na gestão da sua empresa. Considera que seu empreendimento é lucrativo e bem-sucedido, devido, principalmente, à orientação, apoio e ajuda do pai e do irmão que já conheciam e trabalhavam com aquele ramo de negócios.

O relato de Marcos se aproxima de outros, destacando a importância da ajuda e de se saber onde investir. Porém, nem sempre conhecer o ramo de negócio e contar com o apoio da família levam ao sucesso. Em alguns casos, há conflitos e dificuldades na aplicação do dinheiro poupado e gestão do investimento, além de configurar perdas, novas emigrações, renegociações de papéis no seio familiar. Neste estudo, por exemplo, há relatos de quatro mulheres que regressaram com o companheiro e filhos. E, quando o casal não consegue se readaptar na origem ou lograr sucesso nos negócios, não muito raro, apenas um reemigra, ficando o outro com os filhos, na administração da economia doméstica e do negócio. Taís realça esse aspecto, contando-nos sobre o investimento no Brasil, após 3 anos de permanência nos EUA.

[eu] e meu marido investimos nosso dinheiro em negócio de pedras com os pais dele, eu não queria que ele tivesse esse negócio com a família dele [...] e não deu certo [...] então abriu uma empresa sozinho, mas já tinha pouco dinheiro e teve que voltar para os Estados Unidos para pagar as dívidas [...] fiquei aqui administrando o negócio e já tinha meu filho [...] aprendi muito porque sozinha tinha que fazer tudo e aprendi a ser independente [...] quando ele estava aqui não me deixava trabalhar. Não temos mais a empresa de pedras, hoje tenho meu salão de beleza e tive a ajuda da família. (G1 - Taís, 40 anos, retorno dos EUA em dezembro de 1991)

⁵¹ Utilizamos nomes fictícios em todos os relatos para manter sigilo e preservar a identidade dos entrevistados.

Para Taís, retornar com seu marido significou muitas rupturas, pois, não tendo sucesso com o empreendimento, ele voltou para os Estados Unidos para pagar as dívidas, ficando ela e o filho em Governador Valadares, administrando o negócio e as economias. Assim, o relato, além de indicar a influência da família sobre o investimento, revela uma situação singular da vida das mulheres, relativa à emigração e ao mercado de trabalho na origem. Ao ficar sozinha, ela teve que assumir a direção dos negócios da família e buscar sua inserção produtiva, montando seu próprio negócio: o salão de beleza. Investiu seus recursos econômicos e teve o apoio de seus familiares e amigos, bem como pôde contar com as remessas do marido, no início, para as despesas da família e pagamento das dívidas do negócio malsucedido. Acrescenta, também, que essa reemigração levou à separação do casal, duramente vivenciada por ela e sua família. Os pais do seu ex-marido iniciaram o processo da emigração e investimento em pedras, antes dele e com forte influência sobre ele, sendo essa situação difícil para ela acompanhar. O plano inicial era ficar um tempo lá, construir uma casa e retornar à vida de casal no Brasil, e isso não foi possível.

De fato, no discurso dos entrevistados é comum destacar que o projeto consistia em permanecer determinado tempo nos Estados Unidos, trabalhar, poupar e retornar à cidade. Porém, quando retornam, demonstram-se inseguros acerca do investimento e uso da poupança e recursos acumulados. Buscam e contam com o apoio de familiares e amigos para a inserção produtiva na comunidade de origem. Anita exemplifica essa situação, revelando que imediatamente contou com o apoio de uma amiga para conseguir seu primeiro emprego, após o retorno, estando ela ainda na informalidade, sem carteira assinada, à época da pesquisa: “Assim que voltei, entrei em contato com minha amiga que é *banqueteira*⁵²; ela tinha seu próprio negócio, e ela arranhou uma vaga pra mim. Ela disse que vai assinar minha carteira.” (G1 - Anita, 42 anos, retorno em outubro de 2006).

Para os migrantes de retorno, outro potencial relevante é o domínio de uma língua estrangeira. Tiago (nível superior completo) destaca que saber falar inglês foi um diferencial para sua contratação na empresa multinacional. Por certo, sua experiência e laços no exterior contaram positivamente no processo seletivo, de acordo com os referenciais e exigências que ele pontuou acerca da empresa contratante. No entanto, esse emprego foi posterior à sua primeira inserção no meio produtivo, pois antes

⁵² Refere-se à organização de banquetes para diferentes tipos de eventos: jantar, almoço, churrasco, petiscos e outros. Inclui o fornecimento de utensílios, serviços de cozinha e garçom.

Logo quando eu cheguei eu comecei a vender carro particular, peguei um dinheirinho que eu trouxe e comecei a comprar e vender carro e logo depois de três meses eu estava trabalhando. (G2 - Tiago, 38 anos, 2º retorno em 2004, empregado).

O fato de ter morado lá [nos EUA] me ajudou pelo inglês, pela experiência e tudo. Então foi um processo de seleção bem mais fácil e rápido. Trabalho hoje numa empresa multinacional onde prezam o inglês. (G2 - Tiago).

De uma forma geral, a análise das entrevistas desvenda que a ausência faz o migrante internacional ter dificuldades com a dinâmica do mercado de trabalho brasileiro – ressalta dificuldade com o trabalho assalariado e pagamento mensal, além da baixa remuneração em comparação ao mercado de trabalho no exterior. Assim, quando ele não investe num negócio com o apoio de familiares e amigos, busca ocupações nos serviços autônomos e no trabalho informal. Muitos expressam que se sentem desqualificados em comparação aos outros nacionais, concorrentes a postos de trabalho, na comunidade de origem, corroborando com o estudo de Nunam (2006). Esse sentimento é manifestado por Mauro:

Eu já vim pensando em investir, mexer com alguma coisa, desde que eu não investisse muito dinheiro. Também pensava em trabalhar por conta própria, com representação comercial, com autopeças. Para arrumar *uma pasta*⁵³ não é fácil. É complicado, **tem que mandar currículo; eu vou mandar currículo de quê?** Eu não tinha experiência disso, **então é um amigo que me apresentou a essa firma** [...] aí a gente pega para ter experiência. Fui pegando firma, [representação] como preposto [...] não pagava, atrasava comissão [...] autopeça pra mim é que eu conhecia de carro, como eu tinha feito mecânica [curso técnico], eu conhecia de carros, eu sempre gostei disso [...] Hoje eu trabalho com calçados porque ganha-se melhor. Faço o Vale do Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Sudoeste da Bahia e Sul da Bahia, viajo bastante. (G2 - Mauro, 44 anos, retorno em 1992, trabalhador autônomo – representante comercial).

Ao analisar a força dos laços para a inserção produtiva, conforme proposto por Granovetter (1973), verificamos que os depoimentos indicam a conexão de laços, que servem como pontes para garantir as primeiras ocupações dos migrantes de retorno. Com esse depoimento de Mauro, entre outros, como o de Anita (G1) e sua amiga *banqueteira*, temos também o jovem Hermes (G1), que em 2006 retomou suas aulas como professor de *Muay Thai*, no Clube Recreativo, espaço esse cedido pelo pai (diretor do clube) de um ex-aluno (um amigo). A fala demonstra que muitos contatos e intermediações são provenientes de laços sociais mantidos na ausência e restabelecidos no retorno.

Eu penso em montar um negócio. Mas antes de ir para os Estados Unidos eu dava aula em academia [...]. Agora estou trabalhando no Clube, mas não para o Clube,

⁵³ Ter *uma pasta* significa ser o representante comercial diretamente responsável e contratado pela firma para vender o produto no atacado às empresas de varejo. Já o *preposto* ganha um percentual para ajudar na representação comercial.

mas como não tem carteira assinada no Clube, eu trabalho usando o espaço do Clube [...]. O meu aluno que eu deixei tomando conta aqui pra mim do *Muay-Tai*, pai dele é diretor do clube, e deu esse espaço pra ele, ele falou pra mim voltar que ele dava o espaço pra eu trabalhar. (G1 - Hermes, 30 anos, retorno em nov. 2006).

Para o migrante de retorno os contatos e o apoio da família são fundamentais para o recomeço e a reinserção no mercado de trabalho. A família como formação social é um espaço referencial para se construir o capital social e aumentar as possibilidades de sua conversão em outras formas de capitais, pois pertencer a um grupo familiar ou de outra natureza significa ter acesso aos capitais econômico, cultural e social já possuídos pelo grupo (BOURDIEU, 1999; 2007). Assim, a posição social de uma família e seu apoio ao regressado são fundamentais para a sua recolocação no mercado de trabalho e seu sucesso nos investimentos. Porém, esse capital assinala também desigualdades sociais de origem, porque os recursos são escassos, distintivos e assimetricamente distribuídos na sociedade capitalista. Acerca desses recursos, Maria Lúcia (GF2B) e Maria Antônia (GF2A) ilustram o discurso dos entrevistados, no grupo focal.

É muito importante o apoio da família. [...] Quando se está lá, a gente tem condições de oferecer uma vida melhor para quem está aqui e quando você chega se não tiver preparado, semelhante ao que ele falou [apontando para o outro respondente] financeiramente é lógico que tudo vai acabar e você tem que ter aquele apoio da família pra recomeçar de novo, **recomeçar no trabalho** [...]. Aí, por exemplo, a pessoa ficou fora muito tempo, ele precisa de contatos e do apoio dos amigos e da família. E principalmente da família que está mais próximo da gente. (GF2B - Maria Lúcia, 46 anos, retorno em fevereiro de 2006).

Meus filhos no Brasil cuidavam das minhas coisas. Por fim [depois que os filhos se reuniram nos EUA] ficou [nome de um amigo] e por último a minha irmã. Quando eu retornei, ela estava morando na minha casa⁵⁴ e ficamos morando juntas. Moramos juntas por sete meses. [...] Ela casou e está morando perto da minha casa. Eu tenho também uma filha que foi para os EUA, ficou lá dois anos e **voltou para não perder o trabalho [ela é funcionária pública]**. [...] Ela mora mais longe, mas sempre está em minha casa e junto comigo. Eu tive apoio, principalmente dessa minha irmã. (GF2A - Maria Antônia, 64 anos, último retorno em fevereiro de 2005, investiu em máquinas para prestação de serviços de costura, trabalho por conta própria).

As características do mercado de trabalho apresentadas na análise de Kalleberg (2006) podem ser verificadas na amostra da pesquisa, nas ocupações assinaladas pelos entrevistados basicamente no mercado de trabalho informal, sem carteira assinada, como os casos, já relatados, de Anita, que trabalha com a amiga *banqueteira*, e do Hermes, que trabalha como professor de *Muay Tai*. Também, Cláudio segue esse padrão, prestando serviços de motorista autônomo (planeja comprar um caminhão), além de Bia, que retornou

⁵⁴ Maria Antônia comprou uma casa para ela morar e mais duas para aluguel para garantir o rendimento e sua manutenção no retorno à cidade.

dos EUA para Montes Claros (MG) e depois chegou a Governador Valadares, onde atua como professora particular numa escola de inglês.

Quando retornei eu comecei direto a dar aulas de inglês particular em casa, não no primeiro mês, mas depois de uns 4 meses eu já comecei a pegar alunos para aulas particulares [em Montes Claros] onde meus pais moravam. Minha irmã sempre morou em Governador Valadares e quando o marido dela faleceu em 2001 eu vim para dar apoio pra ela e aí eu consegui emprego numa escola de inglês e decidi ficar aqui, mas não tenho carteira assinada. (G1- Bia, 47 anos, retorno em 1997).

Antes de sair do Brasil trabalhava como motorista numa empresa de ônibus [...]. Meu plano agora é comprar um caminhão para trabalhar. Antes de ir para os Estados Unidos eu tinha um baúzinho (caminhão-baú) e quero comprar uma carreta. Se não sair o serviço que estou esperando [para usar a carreta] eu vou comprar um baúzinho mesmo e ficar por aí, prestando serviços. (G1-Cláudio, 43 anos, retorno em outubro de 2006, motorista autônomo).

A situação dos entrevistados pode ser assim representada: 13 possuem um negócio e/ou renda de aluguel, 5 são trabalhadores autônomos (representação comercial, advocacia, motorista com carro próprio para transporte de mercadorias e professor particular), 4 trabalham com carteira assinada (empresa privada ou como servidor público ou afastado por licença devido a acidente de trabalho no Brasil), 2 trabalham sem carteira assinada e têm renda de aluguel, 4 são aposentados no Brasil ou Estados Unidos e ainda exercem atividade remunerada no Brasil ou recebem remessas de familiares nos Estados Unidos e 3 cuidam do lar, contando com remessas dos Estados Unidos.

A renda do domicílio, para a maioria dos migrantes de retorno, estava acima de dois salários e não mais que sete salários (58,1%). Os demais incluíram-se em três faixas distintas: 19,4% disseram que a renda fica acima de um salário até dois salários; 19,3% assumiram possuir uma renda domiciliar superior a sete até onze salários; e apenas 3,2% declararam uma renda acima de onze até dezesseis salários (Tabela 9).

Tabela 9 – Migrantes internacionais de retorno segundo a renda do domicílio

Renda do domicílio (Salário mínimo = R\$ 350,00)	Migrantes de retorno	
	Absoluto	%
Mais de 1 até 2 salários	6	19.4
Mais de 2 até 4 salários	8	25.8
Mais de 4 até 7 salários	10	32.3
Mais de 7 até 11 salários	6	19.3
Mais de 11 até 16 salários	1	3.2
Total	31	100

Fonte: Entrevistas e grupos focais, 2006/2007.

Uma renda comum entre os retornados do exterior é proveniente do aluguel de imóveis, o que mostra o investimento no setor imobiliário por emigrantes internacionais brasileiros em Governador Valadares, o que foi pontualmente pesquisado por Soares (1995). Pois, desde a década de 1980, tem sido comum na cidade o argumento de que o valadarense vai para os Estados Unidos para trabalhar, economizar e comprar uma casa ou apartamento na cidade. De fato, geralmente o emigrante manifesta o desejo de comprar duas residências, uma para moradia e outra para aluguel, para assegurar uma renda, quando retorna.

Os resultados desta pesquisa apontam que 3 empreendimentos administrados por emigrantes que retornaram contam ainda com investimentos de parentes – irmãos(ãs), filhos(as), esposo(a) – que moram nos Estados Unidos. Os laços continuam, se reforçam e outros são reconstruídos e fortalecidos no retorno.

Pelos relatos da maioria dos migrantes de retorno, podemos concluir que a experiência da migração internacional representa um diferencial positivo para a renda e a inserção produtiva deles na cidade de Governador Valadares. Contudo, considerando a predominância dos trabalhos por conta própria entre os migrantes de retorno, deve-se refletir sobre o processo de aumento do mercado de trabalho informal e os custos dessa situação, que pode traduzir em ocupações com maior instabilidade que dependem muito do nível de preparação e políticas de apoio a empreendimentos individuais para que possam resultar em atividades prósperas. Ou seja, são fatos que parecem evidenciar uma estrutura do mercado de trabalho centrado em empregos flexíveis e informais (KALLEBERG, 2006).

Quando convidados a avaliar o efeito do processo migratório, os entrevistados tendem a comparar de forma positiva os resultados em relação à condição anterior ao projeto da emigração. De fato, verificamos que a renda se eleva com ganhos provenientes de aluguel de imóveis e carros, e que esses entrevistados geralmente estão inseridos no mercado de trabalho informal, na condição de trabalhadores autônomos ou sem carteira assinada. As principais dificuldades encontradas estão relacionadas ao processo inicial de readaptação à comunidade de origem e ambientação ao cotidiano familiar, processo esse que consome um tempo, de três a quatro meses, antes da decisão de retomada da participação no setor produtivo.

A maioria dos migrantes internacionais de retorno (96,8%) contou com ajuda de alguém da família para administrar parte de recursos adquiridos nos Estados Unidos, para compra de imóveis rurais e/ou urbanos, para investimento em negócios na cidade ou para compra de carros, móveis e equipamentos domésticos. Quando regressam, a partir dos laços sociais mantidos e do próprio capital social do grupo do qual fazem parte, buscam a

recolocação no mercado de trabalho e a (re)inserção produtiva. Os relatos apontam que os laços sociais são fundamentais para a obtenção do emprego e (re)entrada no mercado de trabalho, no entanto, eles tendem a se concentrar na rede de amigos, nos chamados laços fracos da tese de Granovetter (1973). Em contraste, verificamos que alguns enfrentam mais dificuldades no processo de readaptação e retomada dos laços sociais para se reposicionarem na comunidade de origem.

Após longo tempo de ausência, além da adaptação ao meio social e à sua própria família, há um esforço redobrado do migrante internacional de retorno para ser bem-sucedido no investimento idealizado e na obtenção de emprego e renda. Daqueles que investem, muitos não possuem experiência no ramo de negócio e fracassam, tendo que novamente aventurar-se numa reemigração, como relatado por Mauro, Tiago, Maria Lúcia e Maria Antônia, que emigraram duas ou mais vezes.

O investimento do retornado no setor imobiliário, em particular, sinaliza a busca por melhores condições de vida. Além da aquisição da casa própria, ele espera poder contar com a renda de aluguel de imóvel (13 pessoas) que viabilize a manutenção do retorno ou diminua o medo das restrições sociais e econômicas em função da incerteza do mercado de trabalho no país de origem.

Ainda, por meio da técnica dos grupos focais, verificou-se que o retornado encontra dificuldade em obter e reunir informações necessárias sobre a economia da cidade e apreender as mudanças ocorridas no período de sua ausência. O sucesso do retorno, aliado à garantia de uma renda, fica comprometido. Geralmente, o MIR investe sem prévio estudo e relata enfrentar uma excessiva burocracia na abertura do negócio, além de não encontrar na cidade nenhum apoio. Com base nas entrevistas, observamos que o migrante regressado sente falta de mecanismos facilitadores e eficientes que possam auxiliar na readaptação e inserção no mercado de trabalho. Certamente, orientação econômico-financeira e atendimentos específicos, dispendo de espaços de sociabilidade, podem facilitar o processo de readaptação do retornado e ajudar no melhor investimento do dinheiro poupado.

4.3.2 – Migração *versus* dificuldades enfrentadas no retorno de Portugal ou Estados Unidos

As histórias dos entrevistados trazem o conteúdo da agência, as percepções, os sonhos e as vivências do processo migratório na sua totalidade. Sendo individual e coletivo, compartilhado em muitos aspectos e, também, silenciado em face das angústias e dissabores

do empreendimento. Pois a experiência migratória é percebida e aproveitada de diferentes maneiras. Cabe-nos trazer para o debate essa experiência revelada verbalmente e registrada nos questionários que nos levam a refletir com mais profundidade sobre as nuances e diversas possibilidades de se pensar o fenômeno e seu caráter de fato social total.

Portanto, a análise qualitativa dos discursos e dos dados quantitativos dos questionários visa retomar o questionamento sobre as vantagens da migração e dificuldades do retorno, apreendendo o potencial das duas pesquisas – retornados de Portugal (PQ1_Portugal_GV) e retornados dos EUA (PQ2_EUA_GV). Para esse fim, consideramos ser necessário apresentar, inicialmente, pontos gerais sobre os estudos, destacando as especificidades de cada um deles.

É importante esclarecer que na PQ1_Portugal_GV, entre os respondentes, apenas 65 informaram sobre a renda média na MG, antes da emigração. Não consta no questionário aplicado informações sobre a condição de emprego e renda individual ou domiciliar após o retorno. Portanto, com foco nas questões da tese, nossa atenção está voltada à dimensão da condição de ocupação desses retornados e dificuldades enfrentadas. Nesse sentido, verificamos questões sobre o tempo da emigração (permanência em Portugal) em relação aos fatores de sociabilidade e percepções do processo migratório,

Os retornados de Portugal reforçam os aspectos positivos da emigração, destacando os investimentos realizados – aquisições de bens imóveis ou abertura de empresas/negócios. Com base nos dados, verificamos que comprar imóveis e/ou investir em empreendimentos produtivos é um resultado positivo do processo de migrar, sendo essa uma resposta de quarenta (40) retornados de Portugal à MG. Dentre esses, sete são proprietários de empresas, informando que o lucro médio do negócio fica entre mil (R\$1.000,00) e treze mil reais (R\$13.000,00). O capital inicial das empresas foi em torno de dez mil (R\$10.000,00) a vinte e cinco mil reais (R\$25.000,00). Para a amostra total, a renda média antes de emigrar apresenta valores entre duzentos (R\$200,00) a cinco mil reais (R\$5.000,00), tendo como referência o salário mínimo de R\$678,00, no ano de 2013.

Na PQ2_EUA_GV, a pergunta sobre a renda, após o retorno, foi abordada no formulário, desvendando que a renda informada pelos entrevistados fica entre 300 a 25.000 reais. Tendo como base o valor do salário-mínimo no ano de 2014 (R\$724,00) e 2015 (R\$788,00), verificamos uma distância significativa da menor renda em relação ao salário-mínimo no mercado de trabalho. Geralmente, respostas sobre renda podem subestimar valores de rendimento. Indivíduos que possuem rendimentos maiores tendem a defasá-lo, podendo, também, ocorrer o inverso.

Analisando as características gerais da amostra, observamos a predominância masculina (65,3%) entre os retornados dos EUA, contrastando com a amostra dos retornados de Portugal, que se apresenta dividida entre homens e mulheres, sendo essas em número ligeiramente superior (51,8%). A idade média é 39,9 anos para o grupo de retornados dos EUA e de 39,2 anos para o grupo dos retornados de Portugal. Essa idade média, em anos, equipara àquela encontrada na amostra para o Estado de Minas Gerais, na amostra dos microdados do Censo Demográfico de 2010.

Quanto à escolaridade, o grupo dos retornados dos EUA apresenta um maior percentual (54,8%) de pessoas com o ensino médio completo ou superior incompleto, seguido pelo ensino fundamental incompleto (22,6%). Por outro lado, o grupo de retornados de Portugal apresenta 40,9% pessoas com ensino médio completo ou superior incompleto, seguido pelo ensino fundamental incompleto (28,9%). A frequência relativa de pessoas com nível superior completo é maior na amostra dos retornados de Portugal (6%), em relação aos EUA (4%). Para ambas amostras, o tempo médio da emigração ficou em torno de 7 anos. Essas características gerais podem ser observadas na Tabela 10.

Tabela 10 – Características dos retornados de Portugal e dos Estados Unidos à MGTV

Características	Frequências absolutas	
	PQ1_Portugal_GV	PQ2_EUA_GV
Emigração		
Período da primeira emigração	Entre 1990-2012	Entre 1985-2010
Período do primeiro retorno	Entre 1994-2014	Entre 2000-2015
Frequências absolutas		
Sexo		
Homem	40	81
Mulher	43	43
Estado civil		
Casado (a)	43	-
Estudo (níveis)		
Fundamental incompleto	24	28
Fund. completo ou médio incompleto	20	23
Médio completo ou superior incompleto	34	68
Superior completo	05	05
Médias		
Quantas vezes emigrou	1,13	1,03
Tempo da 1ª emigração (anos)	7,0	7,0
Idade (anos)	39,2	39,8
Renda média no Brasil (Em R\$)	-	2.170.31
Total da amostra	83	124

Fonte: Pesquisas NEDER/UNIVALE, 2012/2015.

Observando o período em que se deu a primeira emigração e o primeiro retorno dos entrevistados, podemos destacar que os participantes dessas pesquisas inserem suas histórias no fenômeno emigratório brasileiro, muito presente na literatura nacional. De início, predominando o fluxo em direção aos EUA, na década de 1980, com uma posterior configuração de saídas para Portugal, já nos anos de 1990.

A pesquisa com os retornados de Portugal reservou no formulário de entrevista uma seção de perguntas sobre aspectos de sociabilidade, no que diz respeito ao que o retornado fazia antes de emigrar, o que dava para fazer no período de estadia no estrangeiro e o que atualmente faz no Brasil, por exemplo ir ao cinema, ir ao teatro, ir à igreja, visitar amigos ou realizar visitas. Com base nesses quesitos, nos foi permitido verificar a frequência em instituições, ambientes sociais e outros tipos de interações no espaço sociocultural após o retorno. As alternativas ficam em torno da frequência de participação ou realização da atividade – nunca ou frequentemente ou raramente. A essas frequências foram atribuídas uma

escala de pontuação, com os respectivos valores, zero (0), um (1) e dois (2). A pontuação máxima atinge 16 pontos. Assim, a pessoa que mais participa ou faz tal atividade mais pontos possui. A partir dessa escala e comparando a pontuação antes da emigração e após o retorno, verificamos que o fator de sociabilidade (ir ao cinema, teatro, sair com amigos, dentre outros) diminui após o retorno. Por outro lado, o hábito de leitura traz alterações positivas. A partir dessas análises e em consonância com nosso debate, podemos destacar que um tempo mais longo no exterior oportuniza a diminuição nas interações comunitárias ou frequência a eventos e organismos culturais, após o retorno. Isso sinaliza dificuldades no processo inicial de reinserção social na origem. No entanto, certamente esse aspecto requer mais e específicos estudos para aprofundamento e melhor compreensão dessa questão.

Entendendo ser importante as trocas sociais e o fortalecimento dos laços no processo de readaptação, essa diminuição do fator de sociabilidade torna-se desfavorável para a recolocação no mercado de trabalho. Essa dificuldade é apresentada por 34% dos entrevistados, que falam sobre baixos salários e acentuam problemas para encontrar emprego. Outra parcela de 43,53% informa ter dificuldades para a readaptação, destacando a falta de educação no trânsito, falta de segurança, dentre outras em comparação ao local da emigração. Muitos ganhos e perdas após o retorno não são traduzidos em números. Os relatos, geralmente, vêm carregados de sentimentos que salientam o processo de superação das dificuldades, oscilando entre tristeza e felicidade pela busca e alcance de melhorias relacionadas ao bem-estar de si mesmo e da família.

Eu, eu realizei sim, porque quando eu fui para lá [...] fui com um objetivo e esse objetivo eu consegui então [...] quando eu saí daqui o meu objetivo foi construir uma casa pro meu pai, consegui. Foi comprar um carro pra ele, também consegui. Sempre mandava dinheiro que eu achava que não valia a pena comprar presente lá e despachar pra cá então, sempre enviava o dinheiro pra ele mesmo comprar. (Lia, 9 anos em Portugal)

Verificamos, ainda, que a reinserção na comunidade de origem fica comprometida para alguns que voltaram por motivos diversos e ainda buscam por melhores condições de vida para permanência na origem. Rosa relata que ajuda sua mãe na produção de salgados e realiza faxina. Após 4 anos em Portugal engravidou-se de um namorado e, devido a complicações na gestação, teve que retornar à MG, mas sonha em emigrar novamente.

Porque [...] tendo ameaça de aborto aí eu tive que tomar remédio, ficar parada [...], vim embora, fiquei com medo de não ter alguém lá. Minha irmã veio passear aí eu não tinha ninguém lá [...]. Não trouxe nada, nada, nada. Não consegui, dessa vez não consegui trazer nada [...] isso incomodou. E falta trabalho. Trabalhava com a minha mãe [antes da emigração]. [...] tem muita, muitas pessoas trabalhando de

salgado aqui agora. Meu padrasto mexe com salgado, vende salgado na rua, aí ela [mãe] não faz o salgado bastante igual ela fazia, aí pra ela, igual ela, ela faz sozinha. Quando tem muita encomenda que eu ajudo ela. [...] Aqui está muito, tá, tá difícil pra mim porque lá eu trabalho, trabalho, tenho o dinheiro do meu filho. Aqui eu não trabalho, até hoje eu não arranjei serviço. Ah, lavo uma roupinha da minha tia, faço uma faxina, eles [filhos] recebem bolsa família, os dois meninos recebem bolsa família, o pai dele manda a pensão dele todo mês. (Rosa, 4 anos em Portugal)

Por outro lado, a mesma Lia que comprou uma casa e um carro para seus pais conta que antes de emigrar era empregada doméstica. Permaneceu 9 anos em Portugal. Porém um ano antes de retornar para o Brasil abriu um bar, contando com a ajuda do seu namorado de naturalidade portuguesa. Sua ocupação atual é comerciante e desenvolve a atividade juntamente com o companheiro. O local do bar é alugado e eles estão negociando para comprar o estabelecimento.

[...] eu resolvi retornar para o Brasil, por quê? Porque eu cansei e também cheguei a uma conclusão que lá fora não valia tanto a pena, que está aqui no nosso país para mim seria melhor porque [...] se você parar para pensar está lá e está aqui, se dá na mesma e aqui você ainda tem mais um proveito porque tem os parentes, tem amigos e lá não. Lá é serviço, casa e você e não pode estar contando com muita coisa, não tem assim, tanto apoio quanto cá. (Lia, 9 anos em Portugal)

Os investimentos (aquisição de imóveis, chácaras, sítios ou abertura de negócios) trazem maior visibilidade ao processo migratório na comunidade. Entre os retornados de Portugal, 8,2% abriram algum tipo de negócio e 38,8% compraram imóveis.

Analisando os dados da pesquisa com os retornados dos EUA, verifica-se que os homens apresentam um tempo maior de permanência lá. As motivações para o retorno, sinteticamente, podem ser assim representadas: 26 dos respondentes declararam que o retorno foi produto de planejamento; 25 estavam insatisfeitos ou foram deportados. Os outros (73) disseram que vieram por motivos de doença pessoal ou familiar ou devido a outros problemas referenciados como pessoais, tais como falecimento de ente familiar, nascimento, saudades etc.

A maioria que permaneceu mais tempo nos EUA informou que o aprendizado da língua estrangeira foi necessário, principalmente para dar conta das atividades laborais. Já as avaliações e as percepções sobre a vida e mercado de trabalho no Brasil após o retorno tendem, em média, a diminuir quando se fica muito tempo fora. Ou seja, quem ficou menos tempo nos EUA apresentou uma avaliação melhor sobre as condições de vida no Brasil e no ambiente de trabalho. Por outro lado, a ocorrência de modificação no nível educacional, após o retorno (educação nova) está positivamente correlacionada ao aumento do tempo da emigração. De fato, muitos relatos se apoiam na importância da retomada dos estudos para

fixar-se no lugar, aprimorar e retomar a vida no mercado de trabalho e fortalecer os laços sociais. Reforçam sobre a dureza do processo emigratório, buscando dar sentido e destacar os resultados positivos do processo emigratório.

Eu investi na terra do meu pai ali [aponta para a direção da propriedade do pai], mas eu investi fora também, fiz uma casa no alto da cidade, mas há cinco anos atrás eu tinha só um chinelo para pôr no pé, mas nada não, hoje tenho uma moto para andar. [emigrar] valeu com todo o sofrimento. O sofrimento é ficar longe da família, de ter uma filha e o resto da família também pai, mãe e todo mundo e o clima lá é pesado, muito frio. (Zeca, 3 anos nos Estados Unidos)

Além dos investimentos em imóveis, naturalmente enfatizados nos relatos dos entrevistados, buscamos investigar, com base nos dados, o impacto do tempo da emigração sobre a renda atual deles no Brasil. Assim, a partir dos resultados do modelo de regressão linear para a renda (Tabela 11), podemos afirmar que a variável tempo é significativa a 10% e 5%, respectivamente para o período de permanência no exterior entre 5 a 7 anos e 8 a 10. Comparado ao retornado que permaneceu menos tempo (até 4 anos), a renda média daqueles que ficaram mais tempo se apresenta menor. Por outro lado, o trabalho por conta própria está positivamente relacionado à renda. Ou seja, trabalhar por conta própria aumenta em 53% a renda em relação a trabalhar para outra pessoa. São significantes a 10%, também, os estimadores para a variável de planejamento do retorno, em relação a outras motivações pessoais. Também, as variáveis de capital humano, falar bem inglês e ter nível superior completo, possuem o mesmo nível de significância e impactam no aumento de 35% na renda. Em relação ao retorno planejado, vale ressaltar que aquele/a que planejou retornar em relação a outro indivíduo que retornou por outras motivações pessoais apresenta um aumento de 47% na renda.

Tabela 11 – Resultado MQO do logaritmo da renda dos migrantes internacionais de retorno dos EUA para a MG

Renda	Coefficientes	Exp(b)
Temp5a7	-0.352** (0.163)	0.704** (0.115)
Temp8a10	-0.425* (0.238)	0.653* (0.156)
Tmaisde10	-0.274 (0.217)	0.760 (0.165)
Conta Própria	0.428*** (0.145)	1.534*** (0.222)
Planejou retornar	0.384** (0.187)	1.468** (0.274)
Deportado ou insatisfeito	-0.145 (0.150)	0.865 (0.130)
Fala bem inglês	0.303* (0.170)	1.354* (0.231)
Falar regular	0.164 (0.189)	1.178 (0.222)
Sexo (homem)	0.788*** (0.142)	2.200*** (0.313)
Médio incompleto	0.134 (0.202)	1.143 (0.231)
Superior incompleto	0.012 (0.154)	1.012 (0.156)
Superior completo	0.571** (0.276)	1.770** (0.488)
Constante	6.662*** (0.283)	782.461*** (221.376)
Observações	89	89
R²	0.533	0.533

Fonte: Pesquisa NEDER/UNIVALE, 2012-2015. Notas:1) Desvio padrão entre parênteses; significante a *** 1%; **5%; *10%.

Entre as ocupações dos retornados dos EUA, uma parte informou que era empregada para outra pessoa (31%). Já a outra parte disse estar ocupada em negócios próprios, como, por exemplo, nos negócios comerciais, sendo investidores donos de bar, açougue, ótica; loja de venda de artigos diversos; supermercado, padaria; posto de gasolina e papelaria. Alguns possuem empregados e outros trabalham sozinhos ou com apoio de familiares. No entanto, mais da metade (58%) está em trabalho por conta própria, entre os quais inclui o trabalho rural nas chácaras e sítios adquiridos. Dentre os trabalhos, estão aqueles da construção civil (pedreiros, ajudantes, marceneiros, serralheiro, serviços de

terraplanagem etc.), atendente em lanchonete (*free lance*), borracharia, cabeleireiro, chaveiro, cozinheiro, pintor automotivo, manutenção em refrigeração, vendedoras de produtos em domicílio, distribuidor de produtos de cosméticos, distribuidor de produtos químicos, feirante, representantes comerciais, limpeza/faxina, artesã/artesão, contador, advogado. Há, no entanto, alguns que declaram o trabalho rural como serviço por conta própria e demonstram que o tempo ideal da emigração e do projeto, também, se relativiza, dependendo do *status* migratório. Ou seja, aquele ou aquela que possui documentação regular (visto de turista, *green card*, cidadania no país de destino etc.) goza de mais facilidade para o trânsito entre o país de destino e origem. Voltar ao lar se traduz em alegria porque sabe-se que, caso ocorra alguma necessidade na origem, se pode reemigrar para o exterior. Tião nos conta um pouco sobre essa jornada que envolve, muitas vezes, projetos simples, construídos e narrados por muitos trabalhadores, homens e mulheres, inseridos nesse processo.

Mas é aquela história, você sempre quer melhorar um pouco. Então, quando você é pequeno produtor falta apoio, falta incentivo, e aí você tem que começar, correr para os lados, num tá dando aqui, vamos dá um pulinho nos Estados Unidos pra investir aqui. [...] Ah no final teve um saldo positivo, teve, ele não chegou no negativo não, teve um saldo positivo. Por exemplo, lá dentro da fazenda, nós colocamos *sombrite* que é uma tela preta que coloca pra, como é que eu falo... pra melhorar o calor onde as vacas estão, é uma sombra que é feita, então lá não tinha, nós conseguimos colocar um lá no curral e fiz uma garagem lá, do lado da casa do vaqueiro pra guardar o trator e alguns equipamentos que às vezes não tinha o lugar próprio para colocar. (Tião emigrou para os EUA em 2000, 2002, 2003 e 2007, ficando 6 meses no país a cada vez porque possui visto de turista. Apesar de ocorrer uma entrada legal, para a lei de imigração, o visto de turista não permite o exercício de nenhum tipo de trabalho no país de acolhida).

Considerando os relatos dos entrevistados e os resultados das análises estatísticas, podemos argumentar ser fundamental conceber o trabalho como condição necessária para a maioria das pessoas que busca o bem-estar e a superação das desigualdades na distribuição dos bens na vida social. Essa busca comunga com o direito e a possibilidade de circulação de pessoas entre fronteiras, e não exclusivamente de mercadorias no bojo dos preceitos da sociedade global contemporânea, voltada ao mercado de produção e consumo. Nesse sentido, torna-se premente a defesa por investimentos e construção de políticas econômicas e socioculturais que favoreçam as iniciativas empreendedoras e criativas, na comunidade de origem. Ademais, é salutar conhecer e mapear as reais demandas dos migrantes de retorno, garantindo espaços institucionalizados de diálogo e pesquisa direcionados a essa realidade. A ideia centra na busca pela valorização e otimização de todos os tipos de capitais (neles inclusos os não materiais) de forma a impactar a vida dos agentes, interlocutores desta pesquisa, e, sobretudo, o meio social e produtivo, com investimentos na educação, na capacitação, no fomento, diversificação e dinamização da economia local.

CONCLUSÃO

A questão central do nosso estudo dialoga com as abordagens teóricas que ou colocam o migrante internacional de retorno com potencial vantajoso no meio social e produtivo ou assinalam fatores e estruturas que rompem e inibem a utilização dos capitais, que, por ventura, tenha adquirido ou ampliado, por experienciar o processo migratório. Nessa direção, os resultados da pesquisa apontam para a complexidade do fenômeno, traduzida por meio das análises dos dados quantitativos e dos discursos dos interlocutores acerca da própria experiência.

De forma específica, analisando a renda dos migrantes de retorno, podemos concluir que, no ponto médio, o MIR residente no Estado de Minas Gerais está em vantagem em relação aos demais grupos de estudo – não migrantes e migrantes interestaduais. Porém, isso não nos permite afirmar, em aspecto geral, que devido ao processo migratório (considerado como capital humano) eles estariam em melhores condições no fator de empregabilidade. Pois, em contraste, verifica-se uma maior probabilidade de os migrantes de retorno estarem na situação de desemprego em relação aos não migrantes. Apesar disso, vale destacar que o grupo de MIR apresenta, em média na proporção relativa, um índice de *status* socioeconômico (ISEI – *International Socio-economic Index*) e nível de escolaridade superiores aos demais grupos do estudo. Essa variável é significativa a 1% nos HLM – renda aplicados neste estudo. Assim, tendo em vista a vantagem em relação à renda, podemos inferir que aqueles que estão ocupados podem estar em melhores condições socioeconômicas. Pois a medida ISEI é construída com a combinação das variáveis – renda, escolaridade e situação ocupacional.

Quanto à posição no mercado de trabalho, os resultados evidenciam que há uma maior probabilidade de os migrantes de retorno estarem ocupados nos setores de trabalho por conta própria ou na condição de empregador face a ser empregado. Esse fato pode sinalizar a disposição, criatividade ou simplesmente alternativas encontradas para a geração de emprego e renda. Dentre as atividades desenvolvidas pelos retornados de Portugal ou EUA à MG, localizamos vendedores ambulantes, representantes comerciais, professores particulares e outras atividades que, basicamente, dependem de dedicação, flexibilidade e gerenciamento dos riscos e do tempo.

A afirmativa de que a experiência migratória, considerada tanto como capital humano quanto uma *proxy* de capital social, representa um diferencial positivo para a inserção produtiva do MIR se confirma parcialmente. Isto porque, como exposto, sinalizamos uma

desvantagem para os MIR no aspecto da empregabilidade. Por conseguinte, os resultados trazem novas inquietações e reforçam a complexidade do fenômeno, requerendo mais estudos e aprofundamentos. Os desafios são múltiplos para aquele que retorna, sobretudo reinserir-se no meio social e garantir empregabilidade e renda. Essa perspectiva se refere, basicamente, ao primeiro momento, pois, num segundo momento, a experiência migratória pode se apresentar positiva. Por meio da análise dos relatos feitos pelos próprios migrantes, averiguamos que a maioria demonstra ter condição de esperar e escolher um melhor posto de trabalho em função dos próprios ganhos, materiais e não-materiais, no processo migratório. Esse aspecto, também, pode ser reforçado pelo fato de haver uma maior procura por posto de trabalho, conforme explicitado na análise dos microdados do Censo Demográfico 2010.

Particularmente, com relação ao efeito do destino da emigração (EUA ou países da Europa, por exemplo) identificamos que, de fato, há diferenças dentro do grupo de MIR, pois, dependendo do país de procedência do indivíduo, evidenciam-se assimetrias relacionadas à situação de mercado de trabalho, à posição ocupacional e à renda.

Observamos, com base nas estimações estatísticas, que ocorre uma variação do nível de significância da variável de destino da emigração que, sensivelmente, assume poder de explicação caracteristicamente pontual em determinada dimensão a ser estudada. Por exemplo, no aspecto da empregabilidade ela é significativa a 1%, destacando que retornar da Espanha, em relação a retornar dos EUA, diminui a probabilidade de o MIR estar empregado. No entanto, apesar da predominância dessa tendência favorável aos retornados dos EUA, as *dummies* de destino referentes a Portugal, Reino Unido e Japão não foram significantes, nesse aspecto.

Já para o fator da posição ocupacional essa medida se mostra com forte poder de explicação, evidenciando que se diminui a probabilidade de o retornado de Portugal ou Itália estar no trabalho por conta própria ou na condição de empregador, em relação a ser empregado quando comparado àquele retornado dos Estados Unidos. As demais se apresentam sem significância.

Com base nos achados somente com o grupo MIR, podemos concluir que a segunda proposição deste estudo se confirma – o local de destino influencia na forma de inserção dos migrantes de retorno (se empregado ou desempregado, se empregador ou empregado ou trabalhador por conta própria), bem como nos resultados da inserção, no que diz respeito aos rendimentos percebidos. E o efeito é, em geral, positivo para aqueles que tiveram como destino os EUA, do que outros países de imigração. Ou seja, há assimetrias dentro do grupo de MIR que reforçam a tese de que a experiência migratória em países de

economias centrais (observando os EUA como referência) comparada à experiência daquele que emigrou para países de economias periféricas impacta positivamente a situação socioeconômica do retornado na origem. Esse resultado encontra ressonância em outros estudos que também apresentam evidências de assimetrias relacionadas a esse aspecto (YENDAW, 2013; SABAR, 2013).

Quanto à terceira proposição, nosso estudo traz a contribuição pautando-se na análise sobre a importância dos laços sociais na situação de mercado do MIR. A atenção volta-se para o tempo de residência no país de origem após retorno e apoia-se naqueles estudos que destacam fatores que potencializam ou desfavorecem o MIR na origem. Portanto, testamos o impacto positivo dos laços sociais, tendo como medida “tempo de retorno (residência na UF)”; “participar de grupo religioso predominante” e “densidade de retornados”. Apesar de a característica instrumental das *proxies* de capital social ter um pequeno peso explicativo, verificamos que, em geral, elas se mostraram com forte poder de explicação no aspecto da empregabilidade. E, de fato, vale novamente destacar que mais tempo de moradia na UF eleva a probabilidade de uma melhor situação de empregabilidade no mercado de trabalho, pois, há evidências de que quanto mais tempo de residência na UF maior é a probabilidade de o retornado estar empregado, em relação a estar desempregado. Além disto, integrar-se às comunidades religiosas predominantes, católica ou protestante, apresenta um aumento positivo na razão da probabilidade de estar empregado e na razão da probabilidade de estar na posição de empregador.

Essa probabilidade favorável nos permite pensar que certamente as interações sociais são necessárias para o fortalecimento dos laços sociais e para o reconhecimento da dinâmica do mercado de trabalho. O argumento é que o retornado com maior tempo de residência à localidade está em melhor condição no mercado de trabalho quando comparado àquele que tem menos de um ano. É singularmente também importante estar inserido em um grupo religioso em relação a não ter uma religião. Particularmente, esses resultados complementam aqueles estudos que analisam o efeito do tempo de permanência no país da imigração sobre a situação socioeconômica após o retorno (SIQUEIRA, 2009; YENDAW, 2013).

Quanto aos resultados das análises de contexto, consideramos que a quarta proposição foi parcialmente confirmada, destacando que a variável teste (somente com retornados) “proporção de MIR nas microrregiões mineiras” apresentou coeficiente significativo a 10% apenas na análise da probabilidade de ser empregador em relação a ser empregado. Nos demais cenários o coeficiente exponencial não teve poder de explicação. No

entanto, a variável estrutural “PIB” impacta significativamente e serve como um fator de controle favorável no desenho da modelagem. Nesse sentido, consideramos pertinente o debate em torno das dificuldades encontradas pelos migrantes de retorno quanto ao processo de readaptação na origem, em todos os aspectos, individual e coletivo. Faz-se necessário pensar numa estrutura que favoreça o acolhimento inicial para o reestabelecimento dos laços sociais, bem como para o acesso a informações e conhecimento dos mecanismos do mercado de trabalho para se conseguir emprego, retomar estudos ou construir seu próprio posto de trabalho, reforçando que a melhora do capital social requer tempo de investimento. E quanto mais tempo na localidade mais o MIR alcança melhores resultados. Se implementadas políticas adequadas a esse fim, mais promissora é a otimização dos recursos e capitais desse grupo e dos demais cidadãos, no território.

Na análise dessas variáveis no âmbito da amostra geral, vale destacar que a ocorrência de maior concentração de migrantes de retorno em determinadas microrregiões possui um forte poder explicativo (significante a 1%) na situação de mercado de trabalho quanto à renda, empregabilidade e posição ocupacional. No entanto, conforme debate anterior, na análise somente com os migrantes de retorno, ela perde esse poder e outros fatores sobressaem, como, por exemplo, o tempo de residência na UF e o efeito do país de destino da emigração. Potencialmente, o fator da densidade da presença de migrantes de retorno na microrregião pode direcionar para a necessidade de novos desenhos de estudos e proposição de políticas voltadas às atividades produtivas e ao fomento de geração de emprego e renda, tanto para os migrantes internacionais de retorno quanto para os demais residentes.

Por fim, para um melhor entendimento do efeito da experiência migratória consideramos também importante avaliar o tempo da experiência migratória. Acercando-se dos estudos de Siqueira (2009), Rivera-Sanches (2013), dentre outros abordados nesta tese, indagamos sobre qual o tempo de emigração ideal, para que não seja muito longo e tampouco muito curto, sendo proposto como ideal um tempo de emigração em torno de 4 anos. Em resposta, verificamos que essa medida é crucial e está associada à trajetória e possibilidades de alcance de objetivos. Porém, há outras situações que, em função das redes sociais aliadas à cultura migratória, trazem novas possibilidades para alguns migrantes de retorno considerados documentados por possuírem *green card*, cidadania ou visto de turista, pois isso se apresenta como um fator que facilita o deslocamento entre fronteiras. Nesses casos, portanto, vislumbra-se o processo emigratório e de retorno ao mercado de trabalho na origem de forma menos custosa, tanto no aspecto emocional quanto econômico. Trabalhar no exterior, ganhar dinheiro, investir na origem, poder visitar o lar, tudo isso torna-se mais administrável – “se

você falar se eu quero nessa mão muitos dólares ou ter meu documento, eu falo que prefiro o *green card* [...] sinto mais confiante sabendo que eu posso voltar pra casa e se nada der certo aqui eu posso voltar pra lá”. (José, após 17 anos nos EUA).

Certamente, é imperativo uma maior atenção aos aspectos múltiplos do processo migratório (qualitativo e quantitativo), pois, além dos fatores discutidos neste estudo, outros mecanismos de mercado podem ser inibidores da potencialização e otimização das diversas formas de capitais adquiridos pelos migrantes de retorno, mesmo incluindo as perdas e dificuldades de todo o processo. Nessa lógica, argumentamos que é possível o efeito da experiência migratória ser minimizado ou potencializado pelo contexto social na origem, reforçando a necessidade de desenvolver políticas públicas e outros estudos sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, M. C. D. Emigração e empreendedorismo: combinação interessante para o desenvolvimento do território. **Revista Perspectivas Contemporâneas.**, v. 9, n. 2, p. 1-15, 2014. Disponível em: <<http://revista.grupointegrado.br>> Acesso em: 02 jan. 2016.
- ANÍCIO, L. M. **O imigrante internacional de retorno e sua inserção no mercado de trabalho:** Um estudo entre as Microrregiões Teófilo Otoni e Poços de Caldas. 2011. 148f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- ASSIS, G. D. O. Entre dois lugares: as experiências afetivas de mulheres imigrantes. In: PISCITELLI, A.; ASSIS, G. D. O.; OLIVAR, J. M. N. (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro:** mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil. Campinas, SP: UNICAMP/PAGU – Núcleo de Estudos de Gênero, 2011. p. 321-362. (Coleção Encontros).
- ASSIS, G. D. O.; SASAKI, E. M. Novos migrantes do e para o Brasil: um balanço da produção bibliográfica. In: GARCIA, M. G. (Ed.). **Migrações internacionais:** contribuições para políticas. Brasília: CNPD, 2001. p. 615-669.
- BALDASSAR, L. Transnational families and aged care: The mobility of care and the migrancy of ageing. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 33, n. 2, p. 275-297, 2007.
- BALLESTEROS, A. G.; BLASCO, B. C. J.; PEÑAS, M. M. M. Emigración de retorno y crisis en España. **Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, n. 18, p. 491, 2014.
- BECK, U. **Cosmopolitan Vision.** Cambridge: Polity Press, 2006.
- BIELBLY, W.; BARON, J. Men and Women at Work: Sex Segregation and Stratification. In: GRUSKY, D. B. (Ed.). **Social Stratification:** Classe, Race, and Gender in Sociological Perspective, 1994. p. 606-632.
- BILAC, E. D. Gênero, família e migrações internacionais. In: PATARRA, N. (Coord.). **Emigração e imigrações internacionais no Brasil contemporâneo.** São Paulo: Funap, 1995. p. 65-77.
- BLAU, P.; DUNCAN, O. **The American Occupational Structure.** New York: Wiley, 1967.
- BORJAS, G. Self-selection and the earnings of immigrants. **American Economic Review**, v. 77, p. 531-553, 1987.
- BORJAS, G.; BRATSBERG, B. Who Leaves? The outmigration of the Foreign-Born. **The Review of Economics and Statistics**, v. 78, n. 1, p. 165-176, 1996.
- BOTEGA, T. **A interface entre migração internacional e mobilidade social:** um estudo com migrantes retornados em Goiás. 2015. 125f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Pesquisa e Pós-Graduação sobre as Américas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007. (Coleção estudos, 20/dirigida por J. Guinsburg)

BOURDIEU, P. **Las formas de capital**. Lima, Perú: Editorial Piedra Azul, Heraclio Sánchez Jesús María, 1999.

BRASIL. Senado Federal. **Lei 13.445, de 24 de maio de 2017**. Brasília, 2017. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2017/lei-13445-24-maio-2017-784925-publicacaooriginal-152812-pl.html>>. Acesso em: 27 set. 2017.

BRUSCHINI, C. LOMBARDI, M. R. Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. In: MARUANI, M. e HIRATA, H. (Org.). **As novas fronteiras da desigualdade**: homens e mulheres no mercado de trabalho. São Paulo: SENAC, 2003.

BYRON, M.; CONDON, S. A Comparative Study of Caribbean Return Migration from Britain and France: Towards a Context-Dependent Explanation. **Transactions of the Institute of British Geographers, New Series**, v. 21, n. 1, p. 91-104, 1996.

CARDOSO, M. G. **De volta para a casa**: a inserção dos retornados à cidade de Criciúma/SC (1995-2009). 2011. 133f. Dissertação (Mestrado em História do Tempo Presente) – Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

CASSARINO, J.-P. Theorising return migration: The conceptual approach to return migrants revisited. **IJMS: International Journal on Multicultural Societies**, v. 6, n. 2, p. 253-279, 2004.

CASSARINO, J.-P. The Conditions of Modern Return Migrants - Editorial Introduction. **IJMS: International Journal on Multicultural Societies**, v. 10, n. 2, p. 95-105, 2008.

CATANIO, P. A. G. **Dekassegui no Yumê-Ji (O caminho que o dekassegui sonhou)**. Cultura e subjetividade no movimento de kassegui. 2000. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2000.

CERASE, F. P. Expectations and Reality: A Case Study of Return Migration from the United State to the Southern Italy. **International Migration Review**, v. 8, n. 2, p. 245-262, 1974.

CHISWICK, B. R. Jacob Mincer, experience and the distribution of earnings. In: GROSSBARD, S. (Ed.). **Jacob Mincer A Pioneer of Modern Labor Economics**. Berlim: Springer, 2006. p.109-126.

COLEMAN, J. S. The Rational Reconstruction of Society: 1992 Presidential Address. **American Sociological Review**, v. 58, n. 1, p. 1-15, 1993.

CONNELL, J. et al. Return migrant status and employment in Finland. **International Journal of Manpower**, v. 30, n. 5, p. 489-506, 2009.

CONSTANT, A.; MASSEY, D. S. Return Migration by German Guestworkers: Neoclassical versus New Economic Theories. **International Migration**, v. 40, n. 4, p. 5-38, 2002.

DAVIS, K.; MOORE, W. E. Some Principles of Stratification. In: GRUSKY, D. B. (Ed.). **Social Stratification: Classe, Race, and Gender in Sociological Perspective**. Boulder, CO: Westview Press, [1945] 2008. p. 30-33.

- DE BRITO, D. J. M.; ROSSI, M. C. T.; SILVA, M. V. A. E. Abordagem hierárquico espacial dos fatores que afetam a participação no mercado de trabalho brasileiro. In: XLIII Encontro Nacional de Economia [Proceedings of the 43rd Brazilian Economics Meeting]. 2016. **Anais...** ANPEC-Associação Nacional dos Centros de Pós-graduação em Economia [Brazilian Association of Graduate Programs in Economics].
- DEBIAGGI, S. D. Homens e mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In: DEBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. J. (Ed.). **Psicologia, e/imigração e cultura**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 135-164.
- DEBIAGGI, S. D.; ASSIS, G. De Criciúma para o mundo: os novos fluxos da população brasileira: gêneros e rearranjos familiares. In: MARTES, A. C. B.; FLEISCHER, S. (Ed.). **Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. p. 199-230.
- DOMINGUES, D. T. **Dos Estados Unidos da América para Governador Valadares: conexões e desconexões**. 2008. 121f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.
- DURAND, J. Los inmigrantes también emigran: la migración de retorno como corolario del proceso. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana - REMHU**, v. 14, n. 26-27, p. 167-189, 2006.
- DUSTMANN, C. Return migration, wage differentials, and the optimal migration duration. **European Economic Review**, v. 47, n. 2, p. 353-369, 2003.
- DUSTMANN, C; KIRCHKAMP, O. The optimal migration duration and activity choice after re-migration. **Journal of Development Economics**, v. 67, n. 2, p. 351-72, 2002.
- ERICKSON, B. Good Networks and Good Jobs: The Value of Social Capital to Employers and Employees. In: LIN, N.; COOK, K.; BURT, R. S. (Ed.). **Social Capital: Theory and Research**. New York: Aldine De Gruyter, 2001. p. 127-158.
- ESTEVES, L. L. **Entre duas pátrias, o mito do retorno**. Memória e imaginário de mulheres portuguesas em São Paulo. 2000. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica – PUC-SP, São Paulo, 2000.
- FAZITO, D. Análise de redes sociais e migração: dois aspectos fundamentais do retorno. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 25, n. 72, p. 89-100, 2010.
- FEATHERMAN, D.; HAUSER, R. Prestige or Socioeconomic Scales in Study of Occupational Achievement? In: GRUSKY, D. B. (Ed.). **Social Stratification: Classe, Race, and Gender in Sociological Perspective**. Boulder: Westview Press, 1994. p. 271-272.
- FERNANDES, D. C. **Estratificação educacional, origem socioeconômica e raça no Brasil: as barreiras da cor**. Brasília: IPEA, 2004. Disponível em: <pea.gov.br/SobreIpea/40anos/profissionais/monografiadaniele.doc>. Acesso em: 01 nov. 2015.
- FERNANDES, D.; CASTRO, M. D. C. G. Migração e crise: o retorno dos imigrantes brasileiros em Portugal. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana – REMHU**, Brasília, v. 21, n. 41, p. 99-116, 2013.

FERNANDES, D.; NUNAN, C.; CARVALHO, M. O fenômeno da migração internacional de retorno como consequência da Crise Mundial. **Revista de Estudos Demográficos**, v. 49, p. 69-98, 2010.

FUSCO, W.; SOUCHAUD, S. De volta para casa: a distribuição dos brasileiros retornados do exterior. **Confins: Revista Franco-Brasileira de Geografia**, v. 9, 2010. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/confins/6469?gathStatIcon=true&lang=fr>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

GANZEBOOM, H. B.; DE GRAAF, P. M.; TREIMAN, D. J. A standard international socio-economic index of occupational status. **Social science research**, v. 21, n. 1, p. 1-56, 1992.

GANZEBOOM, H. B.; TREIMAN, D. J. Internationally comparable measures of occupational status for the 1988 International Standard Classification of Occupations. **Social science research**, v. 25, n. 3, p. 201-239, 1996.

GARRIDO, A. A.; OLMOS, J. C. C. Retornados en Andalucía (España): una aproximación a los casos de Bélgica y la Argentina. **Anthropologica**, v. 23, n. 23, p. 99-126, 2005.

GILL, J. Hierarchical linear models. In: KEMPF-LEONARD, K. (Ed.). **Encyclopedia of social measurement**. New York: Academic Press, 2003.

GRANOVETTER, M. Ação econômica e estrutura social: o problema da imersão. **RAE eletrônica**, v. 6, 2007. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/rae-eletronica/vol6-num1-2007/acao-economica-estrutura-social-problema-imersao>>. Acesso em: 01 nov. 2015.

GRANOVETTER, M. The Strength of Weak Ties. **American Journal of Sociology**, v. 78, p. 1360-1380, 1973.

GRINBERG, L.; GRINBERG, R. **Psychanalyse du migrant et de l'exile**. Lyon: Cesura Ed., 1986. 292 p.

HALLER, A.; PORTES, A. Status attainment process. **Sociology of Education**, v. 46. p. 51-91, 1969.

HALLER, A.; SARAIVA, H. Ascription and Status Transmission in Brazil. In: SCOVILLE, J. (Ed.). **Status Influences in Third World Labor Markets: caste, gender and custom**. New York: Walter de Gruyter, 1991. p. 65-93.

HARRIS, J.R.; TODARO, M.P. Migration, Unemployment and Development: A Two-Sector Analysis, **American Economic Review**, v. 60, n.1, p. 126-142, 1970.

HASENBALG, C.; SILVA, N. V. Origens e destinos – desigualdades sociais ao longo da vida. Rio de Janeiro, Topbooks, 2003.

HAUSER, R.; WARREN, J. [1997]. Socioeconomic indexes for occupations: a review, update and critique. In: GRUSKY, D. B. (Ed.). **Social Stratification: Classe, Race, and Gender in Sociological Perspective**. [1997] 2008. p. 213-218).

HECKMAN, James. Sample selection bias as a specification error. **Econometrica**, v. 47, n. 1, p. 153-162, 1979.

- HIRANO, F. Y. Caminho para casa: o retorno do Dekasseguis. 2005. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Demografia, Unicamp, Campinas, 2005.
- HIRATA, H.; KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França, Japão. In: COSTA, A. O. *et al.* (Org.). **Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- HOX, J. **Multilevel Analysis: Techniques and Applications**. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 2002.
- IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012.
- IBGE. **Censo Demográfico 2010: Resultados gerais da Amostra**. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/resultados_gerais_amostra/resultados_gerais_amostra_tab_uf_microdados.shtm>. Acesso em: 02 jan. 2016.
- ILAHI, N. Return Migration and Occupational Change. **Review of Development Economics**, v. 3, n. 2, p. 170-186, 1999.
- JIMÉNEZ, C. E. *et al.* El Estudio del Retorno: Aproximación Bibliográfica. **Migraciones y Exilios**, n. 3, p. 141-168, 2002.
- KALLEBERG, A. L. Nonstandard employment relations and labour market inequality: cross-national patterns. In: GRUSKY, D. B. (Ed.). **Social Stratification: Class, Race, and Gender in Sociological Perspective**. 3 ed., 2006.
- LEVITT, P. Social Remittances: Migration Driven Local-Level Forms of Cultural Diffusion. **The International Migration Review**, v. 32, n. 4, p. 926-948, 1998. Disponível em: <www.jstor.org/stable/2547666>. Acesso em: 10 jul. 2017.
- LEVITT, P.; LAMBA-NIEVES, D. Social Remittances Revisited. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 37, n. 1, p. 1-22, 2011.
- LINDLEY, D. V.; SMITH, A. F. M. Bayes estimates for the linear model. **Journal of the Royal Statistical Society**, v. 34, n. 1, p. 1-41, 1972.
- MARUANI, M. HIRATA, H. (Org.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: SENAC, 2003. pp. 287-298.
- MCCORMICK, B.; WAHBA, J. Overseas work experience, savings and entrepreneurship amongst return migrants to LDCs. **Scottish journal of political economy**, v. 48, n. 2, p. 164-178, 2001.
- MEL, S.; MCKENZIE, D.; WOODRUFF, C. Who are the Microenterprise Owners? Evidence from Sri Lanka on Tokman versus De Soto. In: LERNER, J.; SCHOAR, A. (Org.). **International Differences in Entrepreneurship**. University of Chicago Press. May. 2010. p. 63-87. Disponível em: <<http://papers.nber.org/books/lern08-2>>. Acesso em: 01 jul. 2017.
- MERTON, R. K. **On Theoretical Sociology: Five Essays, Old and New**. New York: The Free Press, 1967.

- MERTON, R. K. **Sociologia: teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1970. 758p.
- MINCER, J. A. Age and Experience Profiles of earnings. In: MINCER, J. A. (Ed.). **Schooling, experience, and earnings**. Cambridge: National Bureau of Economic Research, 1974. p.64-82.
- MOROKVASIC, M. Birds of passage are also women. **IMR - International Migration Review**, v. 18, n. 4, p. 886-907, 1984.
- MUSCHKIN, C. Consequences of return migrant status for employment in Puerto Rico. **IMR - International Migration Review**, v. 27, n. 1, p. 79-102, 1993.
- NUNAN, C. D. S. **As vagas atlânticas e a onda de retorno: movimentos migratórios de Portugal para o Brasil no início do século XXI**. 2012. Tese (Doutorado) – Geografia: Tratamento da Informação Espacial, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.
- NUNAN, C. D. S. **De volta para casa: a reinserção do migrante internacional retornando no mercado formal de trabalho**. 2006. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.
- OLIVEIRA, A. T. Um panorama da migração internacional a partir do Censo Demográfico de 2010. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana – REMHU**, v. 21, n. 40, p. 195-210, 2013.
- OLIVEIRA, A. T. **Nova lei brasileira de migração: avanços, desafios e ameaças**. **Revista Brasileira e Estudos Populacionais**, v. 34, n. 1, p. 171-179, 2017.
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982017000100171>
Acesso em: 27 out. 2017.
- OSBORNE, J. W. Advantages of hierarchical linear modeling. **Practical Assessment, Research, and Evaluation**, v. 7, n. 1, p. 1-3, 2000.
- PARSONS, T. Equality and Inequality. In: Modern Society, or Social Stratification Revisited. **Sociological Inquiry**, v. 40, n. 2, p. 13-72, 1970.
- PATARRA, N. L.; BAENINGER, R. Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteiras. **Revista Brasileira de Ciências Sociais – RBCS**, São Paulo, v. 21, n. 60, p. 83-102, 2006.
- PEREIRA, S.; SIQUEIRA, S. Migração, retorno e circularidade: evidência da Europa e Estados Unidos. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana – REMHU**, v. 21, n. 41, p. 117-138, 2013.
- PERES, R. G. O que importa é o que acontece com a sua família: um diálogo entre família e migração. **PerCursos**, v. 15, n. 28, p. 146-165, 2014.
- PERES, R. G. **Diferenciais por sexo no retorno migratório: o fluxo Criciúma-Estados Unidos-Criciúma**. 2006. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Demografia, Unicamp, Campinas, 2006.

PESSAR, P. R. On the homefront and in the workplace: integrating immigrant women into feminist discourse. **Anthropological Quarterly**, Washington D.C, v. 68, n. 1, p. 37-47, 1995.

PIORE, M. **Birds of passage: migrant labor and industrial societies**. New York: Cambridge University Press, 1979.

PIRACHA, M.; VADEAN, F. Return migration and occupational choice: Evidence from Albania. **World Development**, v. 38, n. 8, p. 1141-1155, 2010.

PORTES, A. Economic sociology and sociology of immigration: a conceptual overview. In: PORTES, A. (Org.). **The economic sociology of immigration: essays on networks, ethnicity and entrepreneurship**. New York: Russell Sage Foundation, 1995. p. 1-41.

PORTES, A. Immigration theory for a new century: some problems and opportunities. In: HIRSCHMAN, C.; KASINITZ, P.; DeWIND, J. (Org.). **The handbook of international migration: the american experience**. NY: Russell Sage Foundation, 1999.

PORTES, A. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 33, p. 133-158, set. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292000000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2017.

RABE-HESKETH, S.; SKRONDAL, A.; PICKLES, A. GLLAMM manual. **U.C: Berkeley Division of Biostatistics Working paper Series**. Working Paper 160, p. 1-140, 2004.

RAUDENBUSH, S. W.; BRYK, A. S. **Hierarchical linear models: Applications and data analysis methods**. 2.ed. Newbury Park: CA: Sage, 2002.

RAVENSTEIN, E. G. As leis da migração. In: MOURA, H. A.(Coord.). **Migrações internas: textos escolhidos**. Fortaleza: Etene, [1885] 1980. p.19-88.

RIBEIRO, A. C. B. M. **Autosseleção de imigrantes de retorno: evidências para o Brasil de 2000 a 2010**. 2013. 80f. Dissertação (Mestrado em Economia do Desenvolvimento) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

RICHMOND , A. H. **Immigration and ethnic conflict**. London: Macmillan Press, 1988.

RIGOTTI, J. I. R. Dados censitários de análise das migrações no Brasil: avanços e lacunas. In: CUNHA, J. M. P. (Org.). **Mobilidade Espacial da População: desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp, 2011. 184p.

RIGOTTI, J. I. R. **Técnicas de mensuração das migrações, a partir de dados censitários: aplicação aos casos de Minas Gerais e São Paulo**. 1999. 142f. Tese (Doutorado em Demografia) – Cedeplar, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

RIVERA-SÁNCHEZ, L. Migración de retorno y experiencias de reinserción en la zona metropolitana de la ciudad de México. **Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana – REMHU**, v. 21, n. 41, p. 55-76, 2013.

SABAR, G. Africa – Israel – Africa return-migration experiences of african labour migrants. **Migration Letters**, v. 10, n. 1, p. 57-70, 2013. Disponível em: <<http://www.tplondon.com>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

SANTOS JÚNIOR, E. R.; MENEZES-FILHO, N.; FERREIRA, P. C. Migração, seleção e diferenças regionais de renda no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, v. 35, n. 3, p. 299-331, 2005.

SANTOS, J. A. F. A interação estrutural entre a desigualdade de raça e de gênero no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 24, n. 70, p. 37-60, 2009.

SASAKI, E. M.; ASSIS, G. D. O. **Teoria das migrações internacionais**. Caxambu: ABEP – Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 2000.

SAYAD, A. O Retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia – Revista do Migrante**, São Paulo, edição especial, jan. 2000.

SCHULTZ, T. W. **O capital humano: investimentos em educação e pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SCHULTZ, T. W. **O valor econômico da educação**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, [1963] 1973.

SILVA, N. V. Os rendimentos pessoais, in HASENBALG, C.; SILVA N. V. (Ed.), **Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida**. Rio de Janeiro, Topbooks, 2003, p. 431-456.

SILVA, R. V.; FERNANDES, D. M. Os brasileiros que retornam de Portugal: atividades laborais antes, durante e depois da emigração. **Espaço Aberto, PPGG – UFRJ**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 63-80, 2014a.

SILVA, R. V.; FERNANDES, D. M. Perfil de alguns imigrantes brasileiros retornados de Portugal que vivem em Rondônia. **Revista Presença Geográfica**, v. 1, n. 1, 2014b.

SIQUEIRA, S. **Migrantes e empreendedorismo na microrregião de Governador Valadares: sonhos e frustrações no retorno**. 2006. 198f. Tese (Doutorado em Sociologia e Política) – Sociologia e Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

SIQUEIRA, S. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno: Brasil/ Estados Unidos**. Belo Horizonte: Ed. Argumentum, 2009.

SIQUEIRA, S.; BRANDES, L. A. Migração e Retorno: implicações psicológicas da experiência migratória. In: DIAS, L. D. O.; LUCENA, A. F. (Ed.). **Migrações internacionais e políticas públicas: Goianos/as no mundo**. Goiânia: Espaço Acadêmico/Ediotra PUC-GO, 2015. v. 1, p. 173-190.

SIQUEIRA, S.; SANTOS, M. A. Crise econômica e retorno dos emigrantes da microrregião de Governador Valadares. **Travessia – Revista do Migrante**, n. 70, p. 27-47, 2012.

SNIJDERS, T. A.; BOSKER, R. J. **An introduction to basic and advanced multilevel modeling**. London, Thousand Oaks, California, New Delhi: Sage, 1999. 266p.

SOARES, S. S. D. O perfil da discriminação no mercado de trabalho – homens negros, mulheres brancas e mulheres negras. **IPEA – Texto para discussão 769**, 2000.

SOARES, W. Da associação entre os retornados internacionais e os intermediários da rede migratória valadarense. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana – REMHU**, Brasília, v. 17, n. 32, p. 47-59, 2009.

SOARES, W. **Da metáfora à substância**: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Governador Valadares e Ipatinga. 2002. 344f. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SOUSA, L. G. **Redes Sociais, Mercado e Cultura Migratória** – Um estudo sobre fatores associados à mobilidade populacional na microrregião de Governador Valadares no Século XXI. 2016. Tese (Doutorado em Demografia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SOUSA, L. G.; FAZITO, D. Um estudo sobre os aspectos da dinâmica migratória internacional entre a microrregião de Governador Valadares e os Estados Unidos, 2000-2010. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 33, p. 567-590, 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 01 jun. 2016.

TREIMAN, D. J. Occupational prestige in comparative perspective. In: GRUSKI, D. B. (Ed.). **Social Stratification: Class, Race, and Gender in Sociological Perspective**. Boulder: Westview Press, [1970] 1994. p. 208-211.

VILELA, E. M. **Imigração internacional e estratificação no mercado de trabalho brasileiro**. 2008. 166f. Tese (Doutorado) – Departamento de Sociologia e Política, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

VILELA, E. M.; COLLARES, A. C. M.; NORONHA, C. L. A. Migração e Trabalho no Brasil: Fatores étnico-nacionais e raciais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 30, n. 87, 2012.

VILELA, E. M.; COLLARES, A. C. Origens e destinos sociais: pode a escola quebrar essa ligação? **Teoria & Sociedade**, v. 17, n. 2, p. 62-91, 2009.

VILELA, E. M.; LOPES, L. B. F. **Balço da produção acadêmica sobre migração internacional no Brasil**. São Paulo: BIB, 2011.

VILELA, E. M.; MONSMA, K. M. Migração interestadual e desigualdade racial: evidência do Estado de São Paulo. **Sociologias**, Porto Alegre, RS, v. 17, n. 40, p. 256-291, set.-dez., 2015.

WOLTMAN, H. *et al.* An introduction to hierarchical linear modeling. **Tutorials in Quantitative Methods for Psychology**, v. 8, n. 1, p. 52-69, 2012.

YENDAW, E. Does international migration represent a mechanism for status enhancement or status loss? A study of international return migrants to Ghana. **Journal of International Business and Economics**, v. 1, n. 1, p. 1-19, 2013. Disponível em: <<http://jibe-net.com/vol-1-no-1-december-2013-abstract-1-jibe>>. Acesso em: 02 jan. 2016.

YENDAW, E.; TANLE, A.; KUMI-KYEREME, A. Socio-economic status of international return migrants to the Berekum Municipality, Ghana. **International Journal of Business and Social Science**, v. 4, n. 10, p. 272-284, 2013. Disponível em: <http://www.ijbssnet.com/journals/Vol_4_No_10_Special_Issue_August_2013/33.pdf>. Acesso em: 02 jan. 2016.

APÊNDICE A – Tabelas completas com os resultados das análises estatísticas referentes a renda, empregabilidade e posição ocupacional com base nos microdados do Censo Demográfico 2010

Tabela A1 – Estimação GLLAMM com a amostra total para análise da probabilidade de o brasileiro retornado estar empregado ou não no mercado de trabalho do Estado de Minas Gerais

Empregado	exp(b)	Std. Err.	z	P> z	Categoria base: desempregado	
					[95% Conf. Interval]	
Retornado	0,5067217	0,0600241	-5,74	0,000	0,401735	0,6391448
Migint2	0,6496789	0,0326121	-8,59	0,000	0,5888041	0,7168474
Urban	0,4690701	0,0227234	-15,63	0,000	0,426582	0,51579
metropol	0,8344309	0,028212	-5,35	0,000	0,7809287	0,8915985
Idadcen	1,029539	0,0013244	22,63	0,000	1,026947	1,032138
Sexo	2,072999	0,0348341	43,38	0,000	2,005838	2,14241
Branc	1,165604	0,0163007	10,96	0,000	1,134089	1,197994
Casad	1,447617	0,0260776	20,53	0,000	1,397397	1,499641
posicao_domicilio	1,39675	0,0278369	16,77	0,000	1,343243	1,452389
Medinc	1,135206	0,0222867	6,46	0,000	1,092355	1,179739
Supinc	1,385172	0,0337943	13,36	0,000	1,320495	1,453017
Supcom	2,488733	0,1341631	16,91	0,000	2,239193	2,766082
CatolicoProtestante	1,117716	0,0508678	2,45	0,014	1,022334	1,221997
Outrasrelig	1,018405	0,0344738	0,54	0,590	0,9530307	1,088265
Txmir	1,003163	0,0042653	0,74	0,458	0,994838	1,011558
pibpcap_mic	1,000015	1,95e-06	7,90	0,000	1,000012	1,000019
cons	1,114442	0,6500648	41,33	0,000	9,940448	1,249421
Observações	917.252	---	---	---	---	---

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012). Nota: Erro padrão ajustado para 66 microrregiões (*clusters*). Peso utilizado.

Tabela A2 – Resultado do GLLAMM para a análise da probabilidade de o brasileiro retornado ao Estado de Minas Gerais estar empregado ou desempregado, somente com a amostra dos MIR

empregado	exp(b)	Std. Err.	z	P> z	Categoria base: desempregado	
					[95% Conf. Interval.]	
Dest1Port	0,8928703	0,2474794	-0,41	0,683	0,5186309	1,537157
Dest2Esp	0,446579	0,1253169	-2,87	0,004	0,2576548	0,7740311
Dest3ReinoUnido	1,056342	0,2709591	0,21	0,831	0,6389477	1,7464
Dest4Jap	0,402324	0,2469603	-1,48	0,138	0,1208034	1,339901
Dest5Italia	1,547364	0,3618951	1,87	0,062	0,9783961	2,447204
Dest6Outros	0,6144381	0,1635677	-1,83	0,067	0,3646551	1,035318
urban	0,5782469	0,2301483	-1,38	0,169	0,265049	1,261538
metropol	0,8109083	0,1633942	-1,04	0,298	0,5463345	1,203607
Idadcen	1,000549	0,0076972	0,07	0,943	0,9855757	1,015749
sexo	1,400539	0,1960756	2,41	0,016	1,064454	1,842737
branc	1,106631	0,1547492	0,72	0,469	0,8413413	1,45557
casad	2,061123	0,5152556	2,89	0,004	1,26274	3,364294
posicao_domicilio	1,552254	0,2115181	3,23	0,001	1,18843	2,027458
Medinc	1,710501	0,5285382	1,74	0,082	0,9334805	3,134305
Supinc	1,048098	0,2997926	0,16	0,870	0,5983131	1,836011
Supcom	1,254776	0,3023285	0,94	0,346	0,7824845	2,012132
Tresid2	2,133522	0,3469525	4,66	0,000	1,551226	2,934399
Tresid4	4,221728	1,058884	5,74	0,000	2,582224	6,902185
Tresid5mais	5,091502	1,09677	7,56	0,000	3,338005	7,766132
CatolicoProtestante	1,375067	0,2571788	1,70	0,089	0,9530671	1,98392
Outrasrelig	1,021796	0,4192977	0,05	0,958	0,4571624	2,283799
Txmir	0,9884321	0,0176425	-0,65	0,514	0,9544513	1,023623
pibpcap_mic	0,9999511	0,0000152	-3,20	0,001	0,9999212	0,999981
_cons	6,956115	4,306101	3,13	0,002	2,067476	2,340416
Observações	2.469	---	---	---	---	---

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012). Nota: Erro padrão robusto ajustado para 62 microrregiões (*clusters*). Peso utilizado.

Tabela A3 – GLLAMM – Resultado para a análise da probabilidade de o migrante internacional de retorno estar ocupado em trabalho por conta própria ou na condição de empregador, envolvendo todos os grupos da amostra

Posição Ocupacional	exp (b)	Std. Err.	z	P>z	Categoria base: empregado	
					[95% Conf. Interval]	
Conta própria						
Retornado	2,083775	0,261834	5,84	0,000	1,6289	2,665677
Migint2	0,982127	0,035883	-0,49	0,622	0,914257	1,055035
urban	0,563386	0,028745	-11,25	0,000	0,509773	0,622637
metropol	1,008373	0,016425	0,51	0,609	0,976689	1,041086
posicao_domicilio	0,962603	0,008662	-4,24	0,000	0,945775	0,979731
Idadcen	1,036483	0,000533	69,67	0,000	1,035439	1,037529
Medinc	1,153242	0,043371	3,79	0,000	1,071294	1,241459
Supinc	0,948576	0,032473	-1,54	0,123	0,887019	1,014405
Supcom	0,77203	0,027033	-7,39	0,000	0,720823	0,826874
sexo	1,618209	0,060103	12,96	0,000	1,504594	1,740403
branc	1,505205	0,057298	10,74	0,000	1,396991	1,621802
casad	1,13766	0,017794	8,25	0,000	1,103313	1,173076
CatolicoProtestante	0,901447	0,021482	-4,35	0,000	0,860311	0,944549
Outrasrelig	1,261672	0,045754	6,41	0,000	1,17511	1,354612
Txmir	1,008959	0,002526	3,56	0,000	1,00402	1,013922
pibpcap_mic	0,999993	8,61E-07	-8,11	0,000	0,999991	0,999995
_cons	0,364549	0,02079	-17,69	0,000	0,3259951	0,407662
Empregador						
Retornado	3,165633	0,2305836	15,82	0,000	2,744475	3,65142
Migint2	1,027087	0,0427737	0,64	0,521	0,9465821	1,114438
urban	1,828223	0,13368	8,25	0,000	1,584124	2,109936
metropol	0,8242412	0,0433326	-3,68	0,000	0,74354	0,9137014
posicao_domicilio	1,183664	0,0238521	8,37	0,000	1,137826	1,231349
Idadcen	1,039695	0,0009619	42,08	0,000	1,037811	1,041582
Medinc	2,261263	0,1817219	10,15	0,000	1,931728	2,647014
Supinc	3,603222	0,1708835	27,03	0,000	3,283391	3,954207
Supcom	4,805722	0,1754067	43,01	0,000	4,47394	5,162108
sexo	1,958527	0,0428058	30,76	0,000	1,876401	2,044248
branc	2,539997	0,0765787	30,92	0,000	2,394253	2,694611
casad	1,737155	0,0505437	18,98	0,000	1,640863	1,839098
CatolicoProtestante	0,8957269	0,0343683	-2,87	0,004	0,8308368	0,9656851
Outrasrelig	1,187418	0,077744	2,62	0,009	1,044414	1,350002
Txmir	1,007299	0,0150925	0,49	0,627	0,9781487	1,037319
pibpcap_mic	0,9999914	2,58e-06	-3,33	0,001	0,9999864	0,9999965
_cons	0,0025278	0,0002639	-57,29	0,000	0,0020601	0,0031017
Observações	830.543	---	---	---	---	---

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012). Nota: Erro padrão ajustado para 66 microrregiões (*clusters*). Peso utilizado.

Tabela A4 – GLLAMM – Resultado para a análise da probabilidade de o migrante internacional de retorno estar ocupado em trabalho por conta própria ou na condição de empregador, somente com a amostra dos retornados, comparando os destinos da emigração em relação aos EUA

Posição ocupacional	exp(b)	Std. Err.	z	P>z	(Continuação)	
					Categoria base: empregado [95% Conf. Interval]	
Conta própria						
Dest1Port	0,4266947	0,0518402	-7,01	0,000	0,3362812	0,541417
Dest2Esp	0,791743	0,3869217	-0,48	0,633	0,3038124	2,063,303
Dest3ReinoUnido	0,8893873	0,1982185	-0,53	0,599	0,5746229	1,376572
Dest4Jap	1,011794	0,3682966	0,03	0,974	0,4957373	2,065059
Dest5Italia	0,6315465	0,1427564	-2,03	0,042	0,4055062	0,9835878
Dest6Outros	0,7694433	0,1520143	-1,33	0,185	0,5224081	1,133296
urban	0,3748539	0,070886	-5,19	0,000	0,25876	0,5430339
metropol	0,6763539	0,0593177	-4,46	0,000	0,5695368	0,8032045
Idadcen	1,028473	0,0056325	5,13	0,000	1,017492	1,039572
sexo	1,627206	0,2048501	3,87	0,000	1,271406	2,082576
branc	0,9880191	0,1127128	-0,11	0,916	0,790061	1,235578
casad	1,226541	0,1228064	2,04	0,041	100,799	1,492478
posicao_domicilio	0,8843053	0,1074139	-1,01	0,311	0,6969623	1,122006
Medinc	1,421,203	0,1984878	2,52	0,012	1,080,875	1,868686
Supinc	0,769514	0,1394872	-1,45	0,148	0,5394138	1,097769
Supcom	0,4020751	0,115183	-3,18	0,001	0,2293307	0,70494
Tresid2	0,9903881	0,1681581	-0,06	0,955	0,7100351	1,381437
Tresid4	0,7469099	0,1297779	-1,68	0,093	0,5313361	1,049947
Tresid5mais	0,950704	0,1578463	-0,30	0,761	0,6866248	1,316,349
CatolicoProtestante	0,9355011	0,1405637	-0,44	0,657	0,6968624	1,255861
Outrasrelig	2,014,448	0,4334052	3,26	0,001	1,321,361	3,071077
Txmir	0,983355	0,0124975	-1,32	0,187	0,9591628	1,008157
Pibpcap_mic	0,9999635	6,48e-06	-5,63	0,000	0,9999508	0,9999762
_cons	4,263364	1,739079	3,55	0,000	1,916623	9,483486
Empregador						
Dest1Port	0,2012981	0,0820437	-3,93	0,000	0,0905551	0,4474727
Dest2Esp	0,7032177	0,2707561	-0,91	0,360	0,3306407	1,495627
Dest3ReinoUnido	1,319916	0,2311989	1,58	0,113	0,9363719	1,860563
Dest4Jap	1,294153	0,49551	0,67	0,501	0,6110469	2,740923
Dest5Italia	0,3755606	0,1440656	-2,55	0,011	0,1770752	0,7965303
Dest6Outros	0,4499725	0,1965934	-1,83	0,068	0,1911153	1,059441
urban	0,7245968	0,3207104	-0,73	0,467	0,3043338	1,725213
metropol	0,8943769	0,1434086	-0,70	0,486	0,653183	1,224634
Idadcen	1,011286	0,0100024	1,13	0,257	0,99187	1,031081
sexo	1,116892	0,1846504	0,67	0,504	0,8077675	1,544317
branc	1,756753	0,2694824	3,67	0,000	1,300,583	2,372921
casad	1,493,673	0,2514417	2,38	0,017	1,073,906	2,077519
posicao_domicilio	1,156,438	0,1792006	0,94	0,348	0,8535343	1,566837

Tabela A4 – GLLAMM – Resultado para a análise da probabilidade de o migrante internacional de retorno estar ocupado em trabalho por conta própria ou na condição de empregador, somente com a amostra dos retornados, comparando os destinos da emigração em relação aos EUA

(Continua)

Posição ocupacional	exp(b)	Std. Err.	z	P>z	Categoria base: empregado	
					[95% Conf. Interval]	
Medinc	0,8423188	0,2421372	-0,60	0,551	0,4794969	1,479678
Supinc	0,9748847	0,3546288	-0,07	0,944	0,4778769	1,988797
Supcom	0,4127047	,2157339	-1,69	0,090	0,1481457	1,149713
Tresid2	1,116805	0,5686643	0,22	0,828	0,4116756	3,029699
Tresid4	1,201805	0,5722486	0,39	0,699	0,4726369	3,055907
Tresid5mais	1,353456	0,5003841	0,82	0,413	0,6557641	2,793448
CatolicoProtestante	1,476836	0,332566	1,73	0,083	0,9498427	2,296216
Outrasrelig	0,6508233	0,3005154	-0,93	0,352	0,2632836	1,608801
Txmir	0,9526141	0,0272462	-1,70	0,090	0,9006818	1,007541
Pibpcap_mic	0,9999909	0,0000107	-0,85	0,393	0,99997	1,000012
_cons	0,1268688	0,0654762	-4,00	0,000	0,0461376	0,3488626
Observações	2.175	---	---	---	---	---
Microrregiões	62	---	---	---	---	---

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012). Notas: 1) Erro padrão ajustado para 62 microrregiões (*clusters*). Peso utilizado.

TABELA A5 – Resultado para o Modelo Hierárquico do Logaritmo da Renda, com todos os grupos – brasileiros retornados do exterior, não migrantes e migrantes interestaduais

Inren	Coef.	Robust Std. Err.	Z	P>z	[95% Conf. Interval.]	
Retornado	0,095781	0,028008	3,42	0,001	0,040887	0,150675
Migint2	0,040971	0,008060	5,08	0,000	0,025173	0,056769
urban	0,104727	0,021349	4,91	0,000	0,062884	0,146570
metropol	0,025409	0,034468	0,74	0,461	-0,042148	0,092966
posicao_domicilio	0,152204	0,008648	17,60	0,000	0,135255	0,169153
Idadcen	0,008301	0,000968	8,57	0,000	0,006403	0,010199
Idad2	-0,000367	0,000020	-18,50	0,000	-0,000406	-0,000328
Medinc	0,190497	0,006759	28,18	0,000	0,177249	0,203745
Supinc	0,356017	0,007536	47,24	0,000	0,341246	0,370788
Supcom	0,840639	0,044180	19,03	0,000	0,754049	0,927229
sexo	0,458017	0,012895	35,52	0,000	0,432744	0,483290
branc	0,119261	0,013500	8,83	0,000	0,092802	0,145720
casad	0,136303	0,006573	20,74	0,000	0,123420	0,149187
Inhtrab	0,304295	0,014188	21,45	0,000	0,276486	0,332103
CatolicoProtestante	-0,011072	0,005239	-2,11	0,035	-0,021340	-0,000804
Outrasrelig	0,048167	0,011696	4,12	0,000	0,025242	0,071091
isei	0,013462	0,000218	61,82	0,000	0,013035	0,013888
propemp	-2,431050	0,374748	-6,49	0,000	-3,165542	-1,696558
Txmir	0,002388	0,004504	0,53	0,596	-0,006440	0,011217
pibpcap_mic	0,000014	0,000004	3,26	0,001	0,000006	0,000022
_cons	6,338709	0,400838	15,81	0,000	5,553081	7,124338
Observações	767.545					
Microrregiões	66					

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012). Erro padrão ajustado para 66 microrregiões (*clusters*). Peso utilizado.

Tabela A6 – Resultado para o Modelo Hierárquico do Logaritmo da Renda, somente para os migrantes internacionais de retorno, comparando os destinos da emigração em relação aos EUA

Inren	Coef.	Robust Std. Err.	z	P>z	[95% Conf. nterval.]	
Dest1Port	-0,1704999	0,0435381	-3,92	0,000	-0,2558331	-0,0851667
Dest2Esp	-0,1166509	0,0864068	-1,35	0,177	-0,2860052	0,0527034
Dest3ReinoUnido	-0,1366808	0,1092316	-1,25	0,211	-0,3507708	0,0774091
Dest4Jap	-0,0698164	0,1032206	-0,68	0,499	-0,2721251	0,1324923
Dest5Italia	-0,2364057	0,0976125	-2,42	0,015	-0,4277226	-0,0450888
Dest6Outros	0,0846252	0,0725687	1,17	0,244	-0,0576068	0,2268572
urban	-0,0704343	0,1019164	-0,69	0,49	-0,2701868	0,1293182
metropol	0,0759502	0,1271766	0,6	0,55	-0,1733113	0,3252118
Tresid2	0,0024065	0,0488104	0,05	0,961	-0,09326	0,0980731
Tresid4	0,0091356	0,0559281	0,16	0,87	-0,1004814	0,1187526
Tresid5mais	0,066617	0,050383	1,32	0,186	-0,0321318	0,1653658
posicao_domicilio	0,2356251	0,0496792	4,74	0,000	0,1382555	0,3329946
Idadcen	0,0127417	0,0043178	2,95	0,003	0,0042789	0,0212046
Idad2	-0,0004188	0,0002027	-2,07	0,039	-0,0008161	-0,0000215
Medinc	0,2925283	0,0664219	4,4	0,000	0,1623438	0,4227128
Supinc	0,3218519	0,0437746	7,35	0,000	0,2360552	0,4076486
Supcom	0,8330502	0,161197	5,17	0,000	0,5171099	1,148,991
sexo	0,5865577	0,081281	7,22	0,000	0,42725	0,7458654
branc	0,0963458	0,0475358	2,03	0,043	0,0031774	0,1895142
casad	0,2254469	0,0548631	4,11	0,000	0,1179172	0,3329766
Inhtrab	0,3813118	0,0548356	6,95	0,000	0,273836	0,4887877
CatolicoProtestante	-0,0201071	0,0486479	-0,41	0,679	-0,1154552	0,0752409
Outrasrelig	-0,0702959	0,0849185	-0,83	0,408	-0,236733	0,0961413
Isei	0,0148147	0,0018146	8,16	0,000	0,0112582	0,0183712
propemp	-3,334,493	1,346,889	-2,48	0,013	-5,974,346	-0,6946393
Txmir	-0,0189354	0,0118832	-1,59	0,111	-0,042226	0,0043551
pibpcap_mic	0,00000217	0,00000592	0,37	0,714	-0,00000944	0,0000138
_cons	719,376	0,9938069	7,24	0,000	5,245,934	9,141,586
Observações	2,009					
Microrregiões	62					

Fonte: Censo Demográfico 2010 (IBGE, 2012). Erro padrão ajustado para 62 microrregiões (*clusters*). Peso utilizado.

ANEXOS

Formulário 1 – Região GV



Nº _____

Aplicador _____

Data: ____/____/2014

I – Dados Iniciais

1. Cidade em que reside: _____ Rua _____ Nº _____
 Bairro _____ Telefone: _____

II – Dados sobre a experiência de emigrar

Para qual país você emigrou a primeira vez? Qual foi o ano de chegada? Qual o ano de retorno para o Brasil? Qual tipo de trabalho que você executava? E para qual cidade você foi? (Se emigrou mais de uma vez indicar nas linhas seguintes).

2. Quantas vezes?	3. País	4. Ano de chegada	5. Ano de retorno	6. Tempo (em meses)	7. Tipo trabalho	8. Cidade no país de destino
1ª vez						
2ª vez						
3ª vez						
4ª vez						

Qual o motivo de ter emigrado e retornado?

	9. Motivo de emigrar	10. Motivo do retorno para o Brasil
1ª vez		
2ª vez		
3ª vez		
4ª vez		

13. Conhecia alguém em Portugal? () sim. 12. Quem? (relação de parentesco): _____
 14. Recebeu ajuda de alguém quando chegou? () sim () Não
 15. Que tipo de ajuda? _____

Qual tipo de documento utilizou para entrar em Portugal, e no retorno. Quanto custou a viagem e quem financiou

15. Documento de entrada	1ª vez	2ª vez	3ª vez	4ª vez	16. Ao retornar	17. Custo da viagem (euros)	18. Quem financiou a viagem?
Passaporte (turista)							
Visto de residência							
Visto de permanência							
Visto de trabalho							
Visto de estudante							
Cidadania Européia							
Outros: citar:							

19. Quando retornou para o Brasil quais eram seus planos?

1ª vez	
2ª vez	
3ª vez	
4ª vez	

Quando você emigrou pela primeira vez, sua situação no Brasil era:

20. Em relação ao trabalho (marcar com X apenas uma Alternativa)		21. Em relação à moradia: (marcar com X apenas uma Alternativa)		22. Possuía carro ou moto?	
1. empregado com carteira assinada		1. casa própria (paga)		1. Sim	
2. empregado sem carteira assinada		2. casa própria (financiada)			
3. trabalhava por conta própria		3. aluguel			
4. desempregado		4. cedida			
5. estudante		5. Residia com pais ou parentes		2. Não	
6. proprietário		6. outros: citar			
7. outros: citar					

23. Na atividade que você tinha no Brasil **antes de emigrar** qual era sua renda mensal? (Salários mínimos. Exemplo: menos de 1SM; 2,5 SM. SALÁRIO MÍNIMO ATUAL R\$680,00). _____

24. Qual tipo de trabalho você fazia em Portugal? _____

25. Como conseguiu o seu primeiro trabalho em Portugal?

1. Já foi com emprego arranjado por amigos ou parentes antes de chegar.
2. Fez contato com conhecidos para conseguir trabalho.
3. procurou em jornais e instituições de ajuda
4. outros. Citar _____

26. Em seu primeiro trabalho em Portugal, trabalhou para:

1. Brasileiros
2. Emigrantes de outras nacionalidades
3. Portugueses
4. Por conta própria

Em relação ao seu trabalho em Portugal:

27. Quantas horas você trabalhava por dia?	28. Qual sua renda mensal? (Euros)	29. Quantas horas por dia você dormia?

30. Em média quanto era possível poupar por mês (em Euros). Antes da Crise _____
Depois da crise: _____

31. Enquanto estava em Portugal você enviava dinheiro para o Brasil?

1. sim. Com que frequência? Mensal trimestral semestral raramente
2. não (PASSAR PARA QUESTÃO 35)

32. Qual a finalidade deste envio de dinheiro para o Brasil?

1. despesas da família
2. despesas e poupança
3. pagamento de dívidas
4. presentear
5. outros. Citar: _____

33. Quanto você enviava por mês (em média) em euros: _____

Quais os bens que você adquiriu no Brasil resultado do **dinheiro que ganhou em Portugal?**

Tipo	46. Quantidade
1. Lote	
2. Casa ou apartamento	
3. Sítio	
4. Chácara	
5. Fazenda	
6. carro ou moto	
7. Empresa ou negócio	
8. Nenhum	
9. Outros: Citar	

ATENÇÃO: Apenas os que responderam a alternativa 07 deverão responder as questões do item III. As outras alternativas seguir para o item IV.

III - Características do Empreendimento

47. Qual o tipo de atividade da sua empresa?

1. () comércio. Citar _____
 2. () indústria. Citar _____
 3. () serviço. Citar _____
 4. () agronegócio. Citar _____

48. Quais as razões que o levaram a escolher este tipo de negócio? _____

49. Você encontrou alguma dificuldade para tornar-se empreendedor no Brasil?

1. () não
 2. () sim – qual? _____

50. Você fez algum tipo de pesquisa de mercado antes de iniciar esse negócio?

1. () não
 2. () sim – qual? _____

51. Procurou alguma orientação especializada para iniciar seu negócio?

1. () não
 2. () sim – qual? _____

52. Quanto tempo **sua** empresa exerce esta atividade? _____

53. Qual foi o capital inicial do seu empreendimento (em reais)? _____

54. Quanto tempo foi necessário permanecer no estrangeiro para montar o seu negócio? _____

55. Qual a situação do seu empreendimento com relação a legalização?

1. () Totalmente legalizado (Tem toda a documentação exigida por lei)
 2. () Parcialmente legalizada (Faltam alguns documentos)
 3. () Não regularizada (Ainda não providenciou a documentação)
 4. () Outros. Citar: _____

56. Contrata mão-de-obra?

1. () sim (COMPLETAR O QUADRO A SEGUIR)
 2. () não (PASSAR PARA QUESTÃO 63)

57. Quantos empregados possui?	58. Qual a forma de contrato	59. Salário pago (em média R\$622,00)
	1. () CLT 2. () contrato verbal 3. () outra forma. Qual? 4. () misto (CLT e outros) 5. () produção/comissão	

60. Em média qual o lucro líquido da empresa? _____ reais.

61. Quanto sua empresa paga de impostos diretos por mês? _____ reais.

62. Como você considera a situação de sua empresa hoje?

- 1 () em fase de crescimento com boas perspectivas
 2 () um empreendimento sólido com boas perspectivas
 3 () em fase de retraimento com poucas perspectivas
 4 () outros. Citar: _____

63. Em relação ao seu empreendimento você considera que:

- 1 () sem emigrar não seria possível se estabelecer como empreendedor
 2 () a emigração apenas possibilitou estabelecer-se como empreendedor em um tempo menor
 3 () o fato de ter emigrado foi indiferente para estabelecer-se como empreendedor
 4 () outros. Citar: _____

64. Quais são seus planos em relação a sua empresa para os próximos dois anos?

IV – Dados pessoais

65. Sexo: 1. () Masculino

2. () Feminino

66. Naturalidade: _____

67. Em Portugal você fez algum curso?

1. () não

2. () sim? Qual? _____

Qual sua situação antes de emigrar e atualmente em relação a:

	68. Antes de ir para Portugal	69. Atualmente
Série, grau e curso		
Estado civil		
Idade (quando emigrou pela primeira vez)		

70. Caso tenha mudado seu estado civil isso ocorreu:

1. () antes de emigrar

2. () durante a emigração

3. () após seu retorno para o Brasil

4. () outros. Citar: _____

5. () não se aplica

OBSERVAÇÕES: (anotar todas as informações que julgar importante para a pesquisa no verso desta folha)



DATA:	/ /2013
NÚMERO	
APLICADOR	

Perfil de Saúde dos Imigrantes Brasileiros Retornados a Governador Valadares



**University of Massachusetts Boston
2013**

Eu estou buscando voluntários para responder a uma pesquisa sobre condições de vida e saúde após o retorno para Governador Valadares. Este é um trabalho da Universidade de Massachusetts Boston. Este questionário levará aproximadamente 30 minutos.

Esta pesquisa visa melhor entender **o que os trabalhadores imigrantes brasileiros que viveram nos Estados Unidos durante os anos 2000 acham do seu retorno a Governador Valadares**. Este questionário contém perguntas sobre a sua saúde e experiência em Valadares depois que você regressou. Suas respostas serão totalmente confidenciais. Seu nome ou qualquer outro tipo de identificação pessoal (número de documentos, telefone, endereço, etc.) não serão escritos ou utilizados. **Você não necessita responder a este questionário - ele é totalmente voluntário**. Além disso você não precisa responder nenhuma pergunta com a qual não se sinta confortável.

Você deseja participar da pesquisa?

1. Sim
2. Não ⇒ **Favor Marcar** Masculino Feminino
3. Depois, em outra ocasião: Data/horário: _____

SEÇÃO I: DADOS DEMOGRÁFICOS

1. Qual é a sua idade? _____ anos
2. Onde você nasceu?
3. Qual sua situação antes de emigrar e atualmente em relação a:

	Antes de ir para os EUA	Atualmente
Nível Educacional (série, grau e curso)		
Idade (quando emigrou pela primeira vez)		

4. Você fala inglês:
 1. Muito bem
 2. Bem
 3. Regular
 4. Um pouco
 5. Muito pouco
5. Você lê inglês:
 1. Muito bem
 2. Bem
 3. Regular
 4. Um pouco
 5. Muito pouco
6. Você compreende inglês:
 1. Muito bem
 2. Bem
 3. Regular
 4. Um pouco
 5. Muito pouco

SEÇÃO II: INFORMAÇÃO sobre o RETORNO a GOVERNADOR VALADARES

7. Quantos anos você morou nos EUA? _____ # anos _____ # meses
8. Quantas vezes você emigrou para os EUA desde o ano 2000? Qual foi o ano de chegada nos EUA? Qual o ano de retorno para o Brasil? Qual tipo de trabalho que você executava? E para quais cidades você foi?

Quantas vezes emigrou?	Ano de chegada	Ano de retorno	Tempo (em meses)	Tipo de trabalho nos EUA	Cidades
1ª vez					
2ª vez					
3ª vez					
4ª vez					

9. Qual a maior dificuldade que você encontrou em sua estadia como emigrante nos EUA?

10. Quando você regressou a Governador Valadares? _____ ano _____ mes

11. Por que você regressou?

Motivo do Retorno para Governador Valadares	
1ª vez	
2ª vez	
3ª vez	
4ª vez	

12. Quando retornou para o Brasil quais eram seus planos (trabalho, familiares, negócios/financeiros)?

1ª vez	
2ª vez	
3ª vez	
4ª vez	

13. Em uma escala de 1 a 10 onde 1 significa muito ruim e 10 muito boa, como você classifica, pensando nos aspectos relacionados ao **lazer, amigos, trabalho, e renda sua vida nos EUA**? Marque na escala abaixo.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Muito ruim									Muito boa

14. E hoje em Valadares, como você classifica pensando nos aspectos relacionados ao **lazer, amigos, trabalho, e renda sua vida sua vida**? Marque na escala abaixo.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Muito ruim									Muito boa

15. Quais foram as maiores dificuldades encontradas no retorno para Valadares? _____

16. Como você classifica sua experiência de retornar?

a. () uma experiência que não valeu a pena. Por que? _____

b. () um experiência que valeu a pena. Por que? _____

c. () indiferente. Por que? _____

SEÇÃO III: CONDIÇÕES DE EMPREGO DEPOIS DO RETORNO PARA GOVERNADOR VALADARES

17. Atualmente você está trabalhando?

1. Sim
2. Não

18. Você trabalhou nos últimos 12 meses?

1. Sim
2. Não

19. Você está trabalhando (trabalhou) em um ou mais de um emprego?

1. Um
2. Mais de 1
↳ 3a. Quantos? _____

“Agora eu gostaria de te perguntar sobre o seu trabalho PRINCIPAL...”

☝ Trabalho principal é aquele em que o trabalhador trabalha (trabalhava) o maior número de horas semanais. Se o número de horas for igual, então pergunte sobre o trabalho mais importante para o entrevistado!

20. Qual é o seu trabalho (principal)? (Se necessário: Que tipo de trabalho você faz ?)

☝: Tente conseguir a resposta mais específica possível:
 Construção (*Pergunte que tipo - Pintor? Carpinteiro? Ajudante?*)
 Escritório (*Pergunte que tipo de escritório*)
 Comércio (*Mercearia?, Padaria?, Vendas de que produtos?*)
Nesta questão queremos O QUE eles fazem, NÃO onde trabalham:
 "Trabalho em um hospital" (*Pergunte que trabalho – ajudante de enfermagem? Administração?*)
 "Trabalho em um escritório" (*Pergunte que trabalho – Digitando? Contador?*)

20a. Há quanto tempo você está neste trabalho? _____ anos e _____ meses

21. Quantas horas geralmente você trabalha por semana neste trabalho?

_____ N° de horas por semana ⇒ **Pule para a pergunta 22**

☝: Se o entrevistado não consegue responder de jeito nenhum porque as horas de trabalho variam, PERGUNTE:

21a. Qual é o número mínimo e máximo de horas que você geralmente trabalha por semana?

Mín: _____ horas/semana

Max: _____ horas/semana

22. Quantos dias por semana você geralmente trabalha neste emprego? 1 2 3 4 5 6 7

23. Em que tipo de negócio ou atividade este trabalho se enquadra? _____

←: Dê dicas: é uma Fábrica? Comércio? Construção?

24. Você trabalha por conta própria ou para outra pessoa?

1. Conta própria
2. Outra pessoa

25. Quanto você ganha por mês? _____ Reais

SEÇÃO IV: CONDIÇÕES de TRABALHO após REGRESSO a GOVERNADOR VALADARES

26. Comparado com as suas experiências de trabalho nos EUA, você acha que seu(s) ambiente(s) de trabalho em Governador Valadares é/são?

1. Melhor(es)
2. Pior(es)
3. Não sabe

←: Dê dicas para a comparação: colegas de trabalho, apoio de supervisores, salário, etc

27. Comparado com o(s) seu(s) trabalho nos EUA, você ganha em Governador Valadares?

1. Mais
2. Menos
3. Quase o mesmo

28. Com que frequência acontecem/aconteceram acidentes no(s) seu(s) ambiente(s) de trabalho em Governador Valadares?

1. Nunca
2. Quase nunca
3. Às vezes
4. Quase sempre
5. Sempre

29. Tem algum aspecto do seu trabalho atual em Governador Valadares que você acha que pode afetar sua saúde e segurança de alguma forma, ou que seja perigoso?

1. Sim
2. Não

☝: Se necessário, dê exemplos tipo: exposição a produtos químicos, trabalho com ferramentas ou equipamentos perigosos, longas jornadas de trabalho, ventilação pobre, etc.

29a. Em caso afirmativo, por favor explique:

SEÇÃO IV: PROBLEMAS DE SAÚDE / DOENÇAS / LESÕES

30. Você vivenciou algum dos seguintes itens **no(s) seu(s) trabalho(s) nos EUA?** (*Marque todas as corretas*)

1. Dor nas costas
2. Dor muscular nos braços
3. Dor muscular nas pernas
4. Dor no pescoço
5. Dor nos ombros
6. Dor nos pulsos
7. Dor nas mãos/dedos
8. Dor nos pés
9. Visão forçada ou olhos doloridos
10. Dor de estômago, acidez estomacal, refluxo, indigestão
11. Problemas de pele / manchas
12. Problemas circulatórios
13. Problemas respiratórios
14. Períodos de extremo cansaço ou exaustão
15. Irritabilidade
16. Dificuldade para dormir
17. Dor-de-cabeça
18. Períodos de depressão

31. **De forma geral**, como você descreveria sua saúde depois do regresso a Valadares?

1. Muito boa
2. Boa
3. Regular
2. Debilitada (fraca)
3. Muito debilitada (muito fraca)

32. Agora eu gostaria de perguntar sobre problemas de saúde, lesões, ou doenças que você **possa ter tido no trabalho depois do retorno a Governador Valadares**, mesmo que nunca tenha procurado um médico devido a isso. Desde que regressou a Valadares, você teve algum problema de saúde, lesão, ou doença que você acha que aconteceu devido ao seu trabalho?

1. Sim
2. Não
3. Não se lembra

33. Levando em consideração a lista da questão 30, qual ou quais problemas de saúde, lesão(ões), ou doença(s) você teve no trabalho ou devido ao trabalho?

SEÇÃO V: FATORES SÓCIO-ECONÔMICOS

34. Você é a pessoa que mais contribui para a renda familiar?

1. Sim
2. Não

35. Quem é a pessoa que mais contribui? _____

36. A sua renda familiar atual é suficiente para suprir as necessidades do lar?

1. Sim
2. Não

37. Quantas pessoas moram em sua residência incluindo você, todos os adultos e crianças? # _____

38. Onde você e sua família moram?

1. Casa
2. Apartamento
3. Quarto
2. Outro: _____

39. Você é dono da propriedade onde mora?

1. Sim, sou o proprietário
2. Não, eu alugo
3. Outro: _____

Este é o fim de nossa pesquisa. Você tem alguma pergunta ou comentário que gostaria de fazer sobre as perguntas que fiz?

Muito obrigado por ter participado da nossa pesquisa!

 : Não esqueça de anotar a data do fim da pesquisa!

NOTAS DO ENTREVISTADOR:

Local: _____

Comentários: _____

